

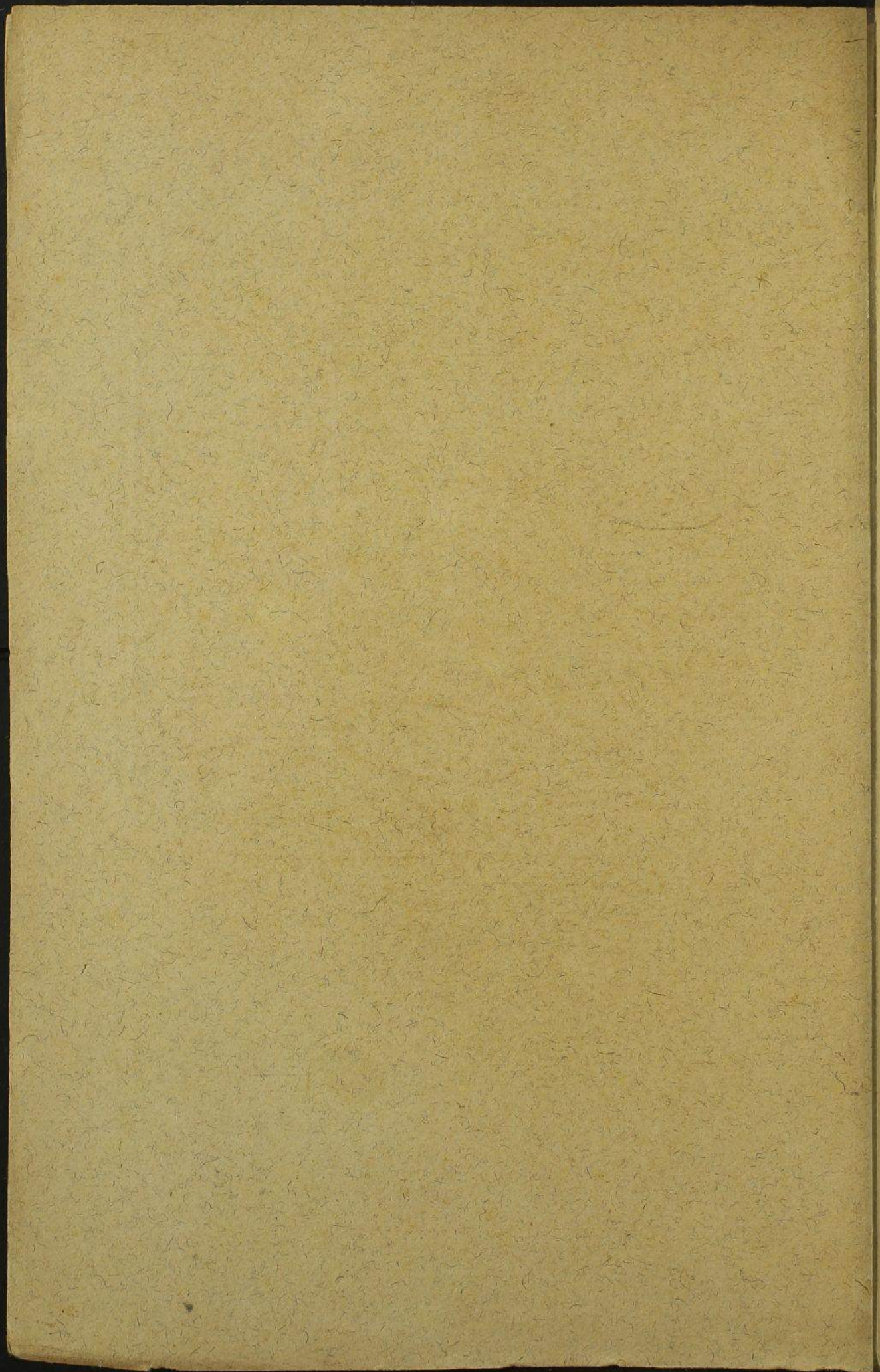
JOÃO DO RIO

(Da Academia Brasileira)

OS DIAS PASSAM...



PORTO — 1912 — Livraria Char-  
dron, de Lello & Irmão, editores.  
Rua das Carmelitas, 144



P  
160

Os dias passam...

*Wissas*  
1812.



JOÃO DO RIO

JOÃO DO RIO

(Da Academia Brasileira)

Os dias passam...

*João do Rio*  
*19/X/1912*  
*Salvador*



PORTO

Livraria Chardron, de Lello & Irmão,  
editores — Rua das Carmelitas, 144

1912

De JOÃO DO RIO

---

*Religiões no Rio.*  
*Alma Encantadora das Ruas.*  
*Momento Litterario.*  
*Fados e Canções de Portugal.*  
*Dentro da Noite* (contos).  
*Portugal d'Agora.*  
*Psychologia Urbana* (conferencias).  
*Vida Vertiginosa.*  
*Jornal de Verão* (chronica de Petropolis).  
*Cinematographo* (chronica)  
*Frivola-City* (dialogos).  
*A Profissão de Jacques Pedreira* (romance).  
A traducção das obras em prosa de Oscar Wilde: *Salomé*, *Intenções*, *Retracto de Dorian Gray*, *Theatro*.

---

O «accordo» assignado no Rio de Janeiro em 9 de Setembro de 1889, entre o Brasil e Portugal, assegurou o direito de propriedade litteraria e artistica em ambos os paizes.

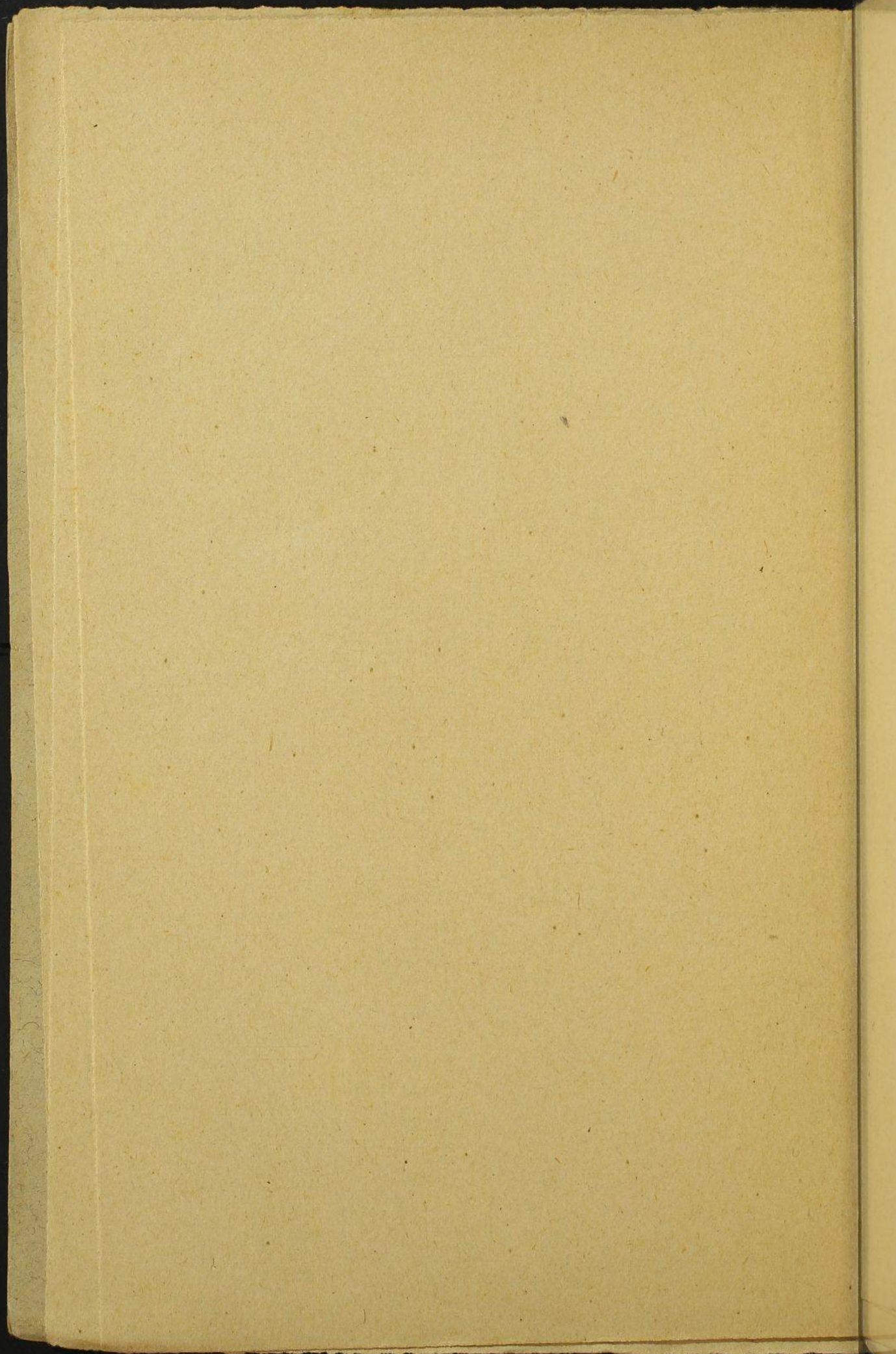
---

A presente edição está devidamente registada nas Bibliothecas nacionaes, de Lisboa e Rio de Janeiro.

---

PORTO — IMPRENSA MODERNA

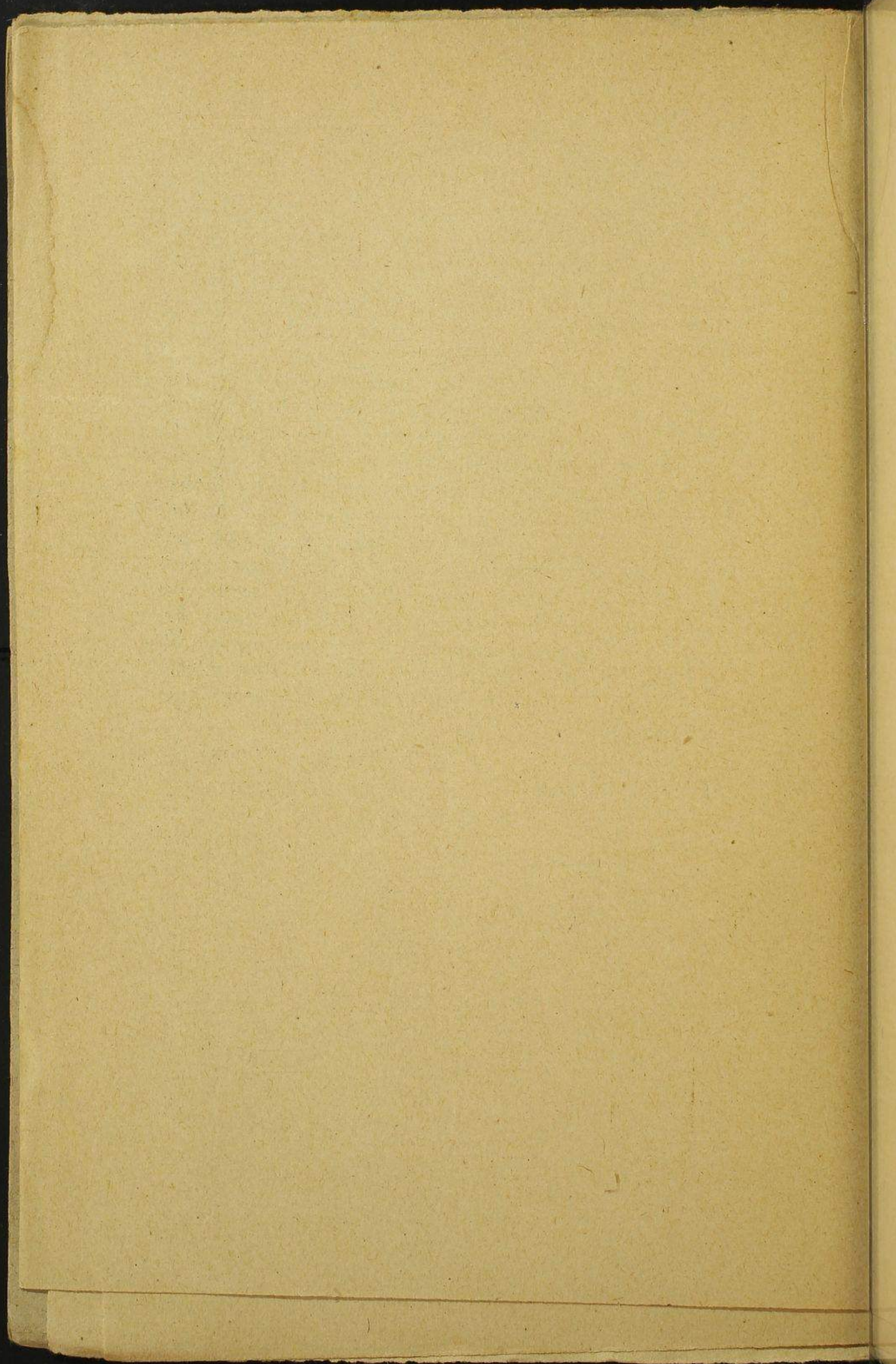
A CANDIDO DE CAMPOS





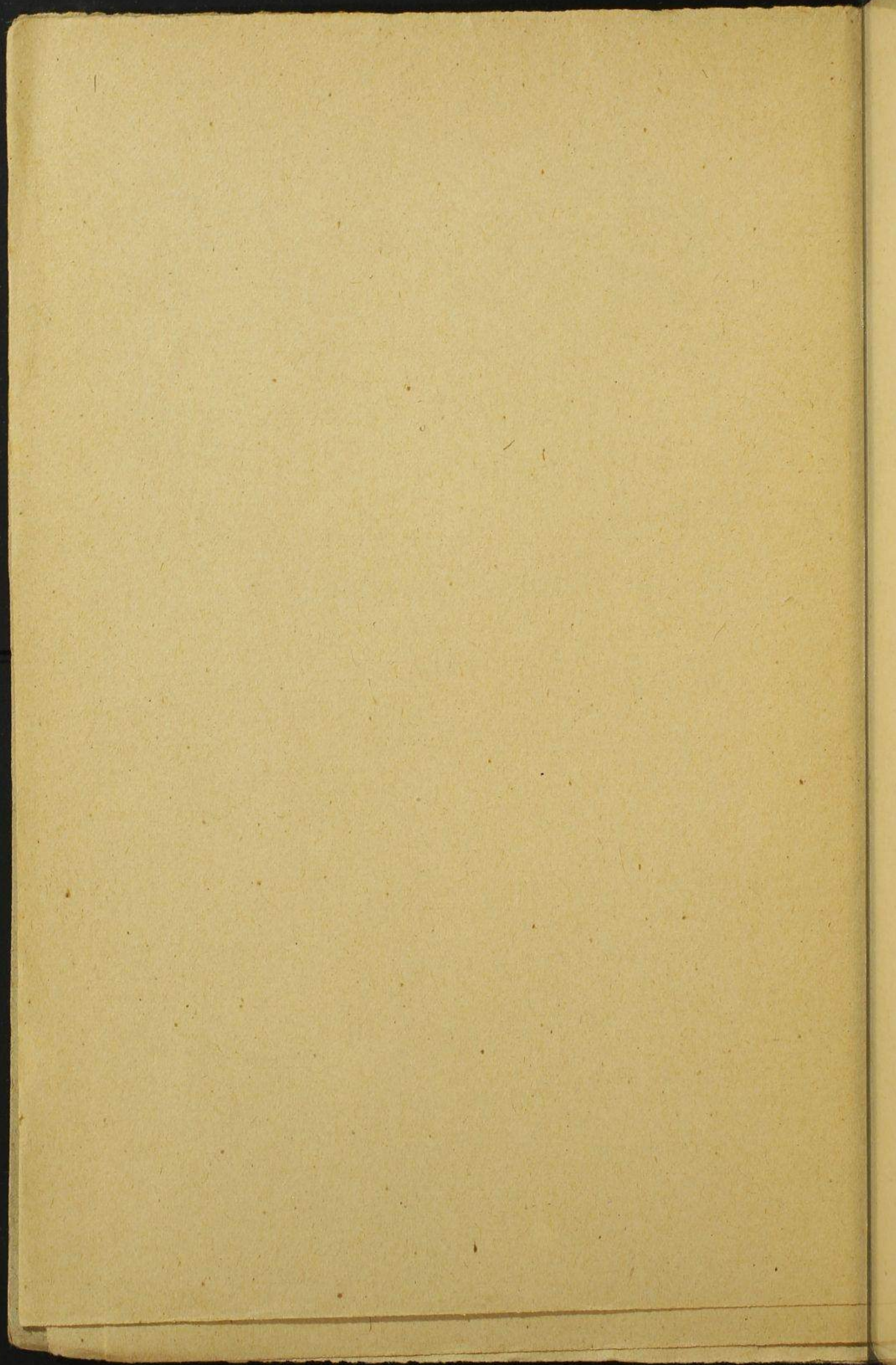
EN SE RENSOUDRANT. — A: OÙ  
REGARDES TU DONC ? JE TE VOIS  
IMMOBILE DEPUIS LONG-TEMPS. — B:  
C'EST TOUJOURS LA MEME CHOSE, TOU-  
JOURS NOUVELLE POUR MOI ! *L'interet  
que suscite une chose me la fait  
poursuivre si loin que je finis par  
arriver au fond et par m'apercevoir  
qu'elle ne valait pas la peine que  
je me donne. A la fin de toutes ces  
experiences, il y a une espèce de  
tristesse et de stupeur. Ceci m'arri-  
ve en petit jusq'à trois fois par jour.*

Nietzche — AURORA.



P  
160

**O que ensinam os dias...**



## O que ensinam os dias...

— Está um dia lindo !

É depois do almoço. O homem está aborrecido. Tantos negócios não realizados, quantas complicações intimas que é preciso encobrir no sorriso da sociabilidade ! E, de repente, um certo aspecto da natureza urbana reflecte de modo imprevisto a belleza gloriosa do dia. Normalmente o homem por alli passa, em horas do mesmo sol, e, entretanto, só de vez em quando tem a doce sensação de alegria calma e perfeita. Aquellas mesmas casas, aquelle mesmo céu, o macadam da rua em varias occasiões, sob o mesmo firmamento sem nuvens, deram-lhe sensações de melancholia e desse tedio atroz que se denomina o «spleen» da luz.

Porque então a alegria subita ? Será dos seus nervos ? Mas se nada de pessoal lhe mo-

tivou a exclamação? Se os negocios andam com tropeços e a vida se lhe affigura um calvario a subir sem cruz, mas de collarinho e gravata?

O homem não pensa muito tempo. Está alegre, aproveita essa alegria, aliás admirado de que os seus conhecidos pareçam tambem anormalmente alegres. E' preciso aproveitar. E no dia seguinte o mesmo sitio dá-lhe apprehensões sinistras, para semanas depois dar-lhe, por um tempo horrivel de chuva, pretensões de bem estar e de conforço luxuoso.

— Excellente, um coupé-automovel para ir jantar por ahi bem aconchegado com flores e vinhos delicados!

E o homem gasta o que não pode e realisa o seu desejo. Está ao cabo de certo tempo convencido de que é doença, e não ha quem não o considere neurasthenico.

— Cansaço dos nervos...

— Acaba no hospicio...

Ora, precisamente, o homem não pensa que é apenas um inconsciente reflexo da physionomia, da alma do dia. Os dias succedem-se e não se parecem, diz a experiencia popular. Os dias em toda a parte apresentam uma physionomia. Asseguram poetas que os dias são rosarios de horas. As horas são apenas os natalicios do dia, e como elles morrem depressa e passam do não pensar da treva para a innocen-

cia das manhãs, da pureza das primeiras horas para o calor do meio dia, da violencia da luz para a invencivel neurasthenia dos occasos — os dias são fantasistas irrequietos. Apesar de irmãos não se parecem. Apesar de iguaes no tempo, divergem de instinctos. Apesar de marcados por signaes fixos, têm almas que se contradizem. A luz é a sua veste, mas quem vê fatos não vê corações, de modo que ha dias esplendorosos que parecem viuvras quarentonas à caminho do cemiterio, e dias de nuvens pardacentas com os quaes temos vontade de valsar e tomar champagne, quer seja no campo, quer seja nas cidades.

No campo a annotação animal do phenomeno é de certo mais difficil. Por um dia de neve, a alegria está na propria neve e é ir muito longe na psychologia affirmar a alegria da neve como é extravagante notar o ar jocundo das florestas amazonenses por um temporal terrivel. Nas cidades, porém, é uma verdade cheia de exemplos.

Ha dias essencialmente politicos. Na vespera seria impossivel prognosticar qualquer coisa de especial no genero. E, entretanto, o homem no bond, em vez de conversar com o companheiro de banco dos seus negocios, conversa da situação.

— Este paiz está perdido.

— A' beira de um abysmo, meu caro. E

como esses dominadores espalham os dinheiros publicos !

— Infamia. Uma sucia !

E durante o almoço é a politica, e depois do almoço sabe-se que na Camara dois deputados quasi se atracaram, e só se falla de politica nos cafés, nos restaurants, nos theatros. Quando uma pessoa recolhe, ainda ha quem lhe diga, ao ouvido, mysteriosamente:

— Estamos por um triz. A revolução rebenta !

E o homem que se deitou agoniado, ouvindo já tiroteios e vendo sangue derramado numa luta fratricida, acorda no dia seguinte — com vontade de comprar um bilhete de loteria, ou de arranjar dez mil negocios inlembraveis na vespera. E' o dia financeiro, o dia cavador, um dia Rotschild, Chauchard, Leygues, Rockfeller, um dia Leopoldo de Bulhões. Se dermos uma moeda a qualquer criança, para comprar confeitos, a criança dirá, com os instinctos de um avaro:

— Vou guardar no cofre !

Se encontramos algum conhecido, logo falla-mos de negocios e meio de ganhar dinheiro, emquanto o conhecido pensa a mesma coisa. Se conversamos com uma senhora, ella impiedosamente deplora a carestia e a roubalheira das criadas; se palestramos com uma dessas raparigas a que por uma ironia cruel chamam de alegres a palestra tem qualquer coisa de



uma entrevista no ex-celebre pinhal d'Azambuja. E quando voltamos para casa, se no bond ha conhecidos no ultimo banco, vamos para o primeiro, fingindo não os vêr — para tentar economisar o tostão sagrado.

Assim, ha dias maritaes, dias casados no civil e no religioso, dias burquezes sem ideal, que á hora do angelus parecem honrados negociantes em caminho do lar com os embrulhos dos doces enfiados no guarda-chuva; dias caducos, dias impertinentes como cincoenta tias velhas — (porquê as tias velhas, virgens, são muitissimo peiores que as sogras), dias meninas solteiras, dias «jeunes-filles» em que os sujeitos enfeitam o estylo e os mais desbocados hesitam em reticencias, para cahir nos grandes dias descarados, que os ha de todos os moldes, desde os descarados elegantes com ares de gigolos pilastras do Maxim's, até os que têm cara de esbornias no Leme; ha os dias cocolles, os dias dorminhocos, os dias poeticos, os dias idiotas... Pensaê numa cidade.

Ha, na cidade, um milhão de homens e nenhum se parece, e cada um tem a sua alma, os seus instinctos. Assim os dias. Elles passam breve, e cada um tem os seus instinctos, a sua alma. Ha coisa mais patente do que o dia do amor numa cidade — o dia D. Juan e Elvira, o dia Romeu e Julieta, o dia paraizo?

Um pobre sêr sâe tranquillo e logo que dá

na rua começa a dar com mulheres bonitas. Parece que as feias ficaram todas em casa, de proposito. E' uma deliciosa maravilha, um desdobrar de bellezas, de olhos que arrebatam, de boccas humidas, de braços que pedem o longo enleamento de outros braços. Quantas vezes esse perigosissimo animal chamado vulgarmente cidadão não exclama involuntariamente:

— Caramba! Hoje é o dia das mulheres bonitas!

Mas é de reparar que ellas todas estão leves, com essa alegre chamma que rejuvenescia o proprio Anacreonte pelas noites de invernia; é de reparar que nós tambem andamos com menos peso, os nossos pensamentos são côr de rosa e sorrimos ao mundo; é de reparar que nesse dia todas as mulheres são mais «coquettes», mais desejosas de admiração, e parecem vir ou ir, com o busto quente do abraço, para o extase, e que por mais feio que seja o feio homem encontra sempre um sorriso a encorajal-o. E' o dia helenico, o dia deliciosamente dourado — mesmo que chova a cantaros...

Uma creatura, embuida de theorias de reacção, querendo impôr o «self-controle» e o livre arbitrio, ao descobrir essa influencia fatal de cada dia, procurará contrarial-a e ser alegre quando o dia é de enterro e ser lugubre quando o dia é de riso. Mas fica apenas excepção para confirmar a regra, cansa-me immenso — porque

nada mais fátigante do que não ser como os outros, principalmente quando os outros são a enorme maioria — e perde um ensinamento divino.

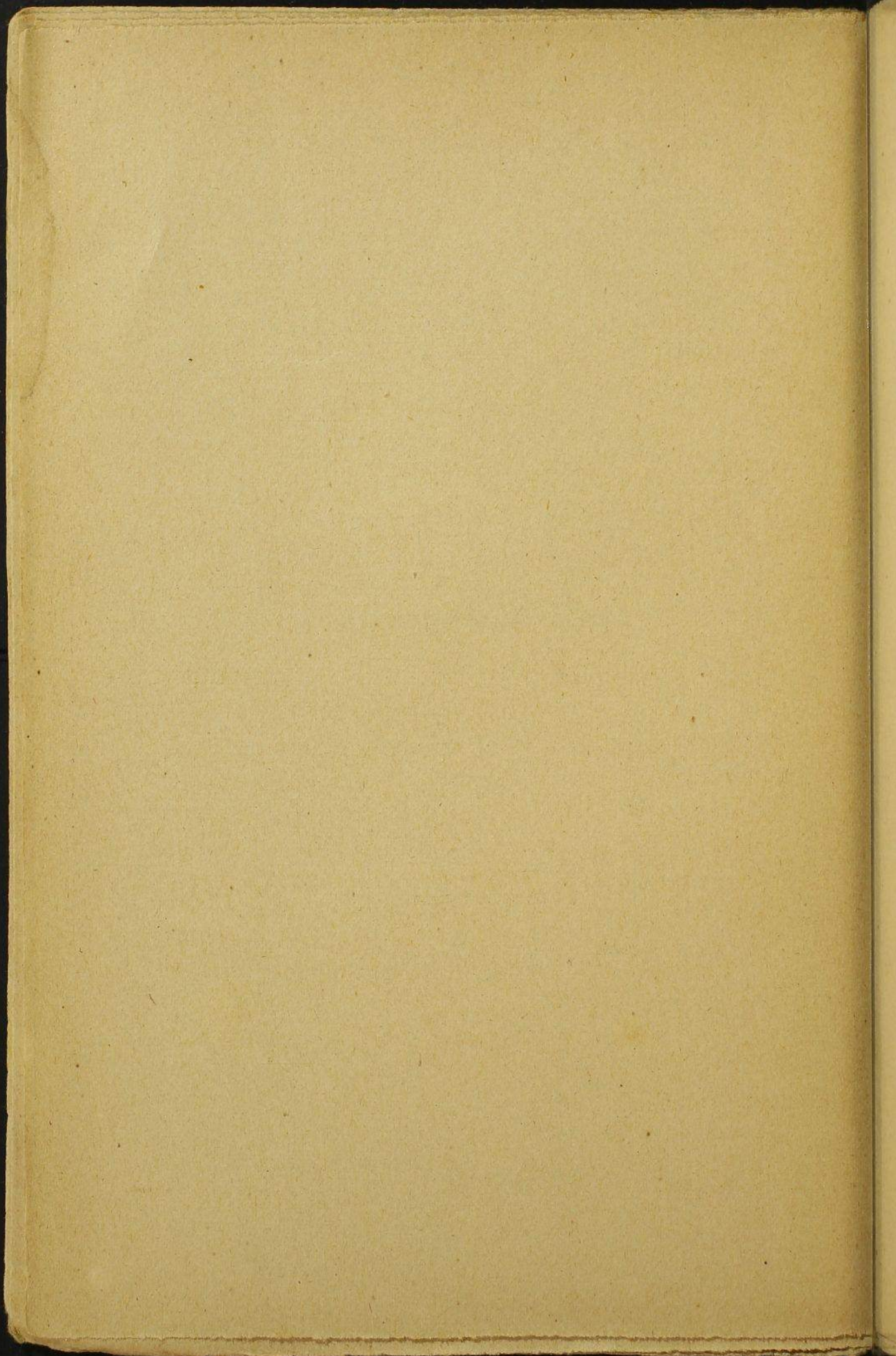
Se os dias são assim, assim o quiz a mysteriosa harmonia que é a vida, assim se resolveu na symphonia interminavel da existencia. O dia é o exemplo do homem. O homem no dia aprende a contentar-se e a aproveitar. Se conta com muitos dias de vida, em primeiro logar dá graças aos deuses pelo ensinamento e pede-lhes que afastem o que deve ser o seu ultimo. Depois vai accumulando os dias de interesse e os dias de desabaço, os dias de crueldade e os dias de amor, e vê então que fundamentalmente não ha nada melhor na terra do que assistir sempre á passagem dos dias, aproveitando os máos para experiencia e os bons para gozo proprio.

Por infelicidade, a nossa vida é breve. Os dias são muito mais breves. Por desgraça nem toda a vida é de rosas. Os dias tambem não. Por inclemencia dos deuses, somos feitos de coisas desagradaveis e de raras qualidades apreciaveis. Os dias tambem. Por crueldade do desconhecido, cada um na terra por mais perfeito ou mais imperfeito tem de cumprir, na terra, uma serie de obrigações fataes.

Os dias impalpaveis são prégados pelas horas na morte e descrevem a fatal parabola inexoravelmente. E' da intima *affinidade* entre os phe-

*nomenos da natureza e as nossas almas que vêm o consolo, a calma, a resignação. Os gregos animavam a natureza. Estavam com a verdade. Muitos seculos depois, o homem, que não mudou, apesar do progresso vertiginoso, olha o espaço e tem prazer em sentir seu irmão e seu exemplo, o ether inteiro. Homero, dizia: — «A Aurora com os seus dedos côr de rosa...» Nada mais bello. Nós dizemos: — «o dia 23 com o seu çato côr de cinza; ou: com a sua casaca branca o dia 11.» Vem a dar no mesmo. Conhecem-se as almas e obedece o homem ás impulsões do dia. Só assim os jovens sentem-se velhos de conhecimentos e experiencias; só assim os velhos sentem-se florir de juventude no encontro sempre outro da ronda dos dias, dias azues e dias negros, dias de negocios, dias de tolice, dias consoladores de amor, esses que esperamos sempre e chegam sem prevenir e acabam quando menos esperavamos...*

**Dias de fantasia**



## O avesso da vida

---

EXTRAVAGANTE CONFERENCIA PELO JORNALISTA  
PANTALEÃO

O conferente entra. Muita gente. Cumprimenta varios senhores, que só vieram fazer acto de presença, pigarreia, estende o braço:

— Minhas senhoras e meus senhores. Boa tarde. Nesta hora que vossencias quizeram tornar duplamente interessante dando-me o prazer de vêr-vos e a honra de ouvir-me, muita gente deve estar enganada, digo mal, laborando em erro quanto ao assumpto da minha conferencia. *No avesso da vida!* Que significa esse titulo rebarbativo? Realmente. Avesso da vida é assim uma especie de reverso na medalha. O avesso pregado no lado em que as coisas não são tão bonitas como do outro. Onde será esse avesso? Na correcção? Nas delegacias? Nos albergues? Nas caixas de theatro? Nas cozinhas

dos restaurants? Mas então é uma conferencia muito grande, ameaçando não acabar mais!

Tinham os embirrados carradas de razão. Não faria jámais uma conferencia tão detalhada, mesmo porque pareceria o visconde d'Avenel, que tratou em volumes do caso, e longe de mim o desprazer de ter na platéa um litterato cheio de erudição para gritar:

— O senhor é um plagiador! D'Avenel falla das *gargotes* de Paris e o senhor com sem-vergonhismo ousa fallar do G. Lobo. Isto é o que se chama copiar com desfaçatez.

Não! cem vezes não, excellentissimas senhoras. Não é esse precisamente o meu assumpto.

Tenho que a vida tem avesso, como todos nós. Mas para sentir esse avesso de um modo rapido e para vêr tambem como os operadores são piedosos, não é preciso correr todas as classes sociaes e todas as variedades de commercio. Basta ficar e ouvir, ouvir e tomar notas e depois fallar com o coração nas mãos.

Que é afinal o avesso da vida, hoje em dia?  
O avesso, meus senhores, é o jornal...

A multidão faz um oh! prolongado. Ninguem sabe si de admiração si achando a pilheria forte. Um cavalheiro de sobretudo sahe, deitando um olhar furibundo ao conferente.

Sou redactor platonista ha vinte annos...



---

Alguns ah! de commiseração na platéa excitam a attenção.

Sim, vinte annos de soffrimento, de muda angustia, de resignada cavação! fallo como a experiencia. De manhã, depois de lavar o rosto e ás vezes de tomar banho — relevem-me os detalhes de asseio imprescindivel — accendo um cigarro, o primeiro dos cento e noventa que fumo da minha e das outras carteiras que se acercam inadvertidas. E o primeiro documento que tenho do reverso da vida é a data de cartas anonymas que sou obrigado a ler. Parecerá incrivel a vossencias, neste momento confortavelmente a ouvir um homem de espirito, que haja individuos com pachorra e visgo d'alma sufficientes para escrever a uma sociedade coisas horriveis de fulano, de cicrano, de beltrano. E' que nunca abriram a correspondencia do chefe de policia, a dos cavalheiros que têm esposas bonitas, a das esposas que se julgam felizes, a dos homens em evidencia... Como o jornal é de facto a preocupação geral, esses cachorros, com perdão dos pobres bichos, canalisam para o jornal o grosso da injuria anonyma, com a esperanza de que venha a sahir. Quem sabe? Um dia um commendador, a quem eu contava a propria vida, exclamou:

— Mas, diabo, andas a seguir-me!

— Não tenho tempo.

— Então quem te foi contar?

— Estas...

E passei-lhe um rôr de cartinhas em que vinham por miudo as suas ultimas transacções commerciaes infelizes, uma senhora que tomara por conta mais o marido para os lados do Estácio, o estado nervoso da esposa... Sabemos de tudo isso porque nos vêm contar. Ha cartas que até asseguram a naturalidade com que vieram ao mundo senhores incapazes de incommodar padre e pretor antes de crescer muito. E ás vezes nem depois de homens...

Duas senhoras levantam-se. Ha um sussurro na platéa. Um sujeito parece nervoso e olha o conferente com olhar de desafio.

Depois, em carta e em pessoa, chegam os interesses. Os interesses! Tudo é interesse neste baixo mundo. Em carta os elogiados hypothecam o seu coração, consideram que o jornal foi feito para cumprir um dever redemptor e a obra immortal da justiça, beijam-nos as mãos. Em carta chovem os pedidos. Pensam vossencias que a partida do Godofredo foi concurrida? Qual! Ninguem! Godofredo horas antes redigiu uma noticia na regra, com todos os matadores e juntou um cartãosinho com estas palavras: «Godofredo despede-se gratissimo dos queridos amigos e pede a ultima fineza da noticia junta.»

Pensam os jovens litteratos que as revistas têm reclamo sem que o redactor o faça e venha em seguida pedir-lhe a publicação? Muitos conheço eu que mandam com o cartão fatal, entrelinhados em que são vivamente elogiados pela propria letra.

Um cavalheiro de cabelleira boceja, levanta-se e sae com insolencia. Ha risos. O conferente aproveita para tomar um copo dagua e verifica que em vez de agua ha no copo Kummel russo. Range os dentes.

Estou convencido de que certas verdades não se dizem. Ao contrario. As verdades nunca devem ser ditas porque offendem até mesmo as pessoas obrigadas a nellas acreditarem. No jornal nunca as digo. Quando um sujeito é honesto, passa a patife e dos patifes noticia a absolvição unanime...

Oh! oh! oh! Um juiz levanta-se indignado. Uma advogada solta uma grande gargalhada. O conferente continúa heroico.

Mas ainda assim ou precisamente assim é que o jornal mostra que cataventos somos nós e que pobres diabos loucos pela lisonja. O jornal é esplendido para os artistas, para os particulares, para os politicos, emquanto os trata bem. Isto é, esplendido para a parte que elogia. Como porém artistas, particulares, politicos têm

inimigos, para esses inimigos o jornal é inepto, explorador e vendido, mesmo que nada lhes tenha feito. Só haveria um meio: elogiar os inimigos, para voltar a ser intelligente. Porque elogiar a todos seria realmente idiota e perdia de importancia. Varia-se, pois. E por isso é que no Rio ha sujeitos que mudam semanalmente de jornal, porque uma das exigencias do leitor — (exigencia extravagante!) — é que o jornal seja sempre da sua opinião ou mais: civilista exaltado quando elle é calmo; hermista prudente quando o leitor já passou á primeira phalange dos não preparados. Ultimamente...

Alguns senhores amigos tosem. Nada de alluções politicas — quer dizer a tosse. Cada um trate da sua vida. A verdadeira e sã politica é filha da esperteza e do interesse, como já não dizia Augusto Conte... O conferente emenda a mão, perdão, a lingua...

Sentado pois na cadeira de platonista de jornal, tem-se como o cinematographo do avesso da vida, o outro lado do que o jornal dá noutro dia. O notavel economista vem conversar no gabinete reservado, a distincta e eminente cantora está sem vintem e levou beijos de varios redactores, as companhias theatraes são sempre boas com pedidos afflictos e desesperados dos empregarios; os discursos dos deputados são preciosos quando elles amigos da casa vêm em

pessoa emendar os resumos. E as queixas? São alcoolicos, sujos, tresvariados que se queixam, são interessados em obras futuras — ha noticias sobre cebolas que podem dar casas ao missivista por intermedio do ministerio do Interior! — são ingenuos desesperados. E a lista dos malucos, que diariamente entram pela redacção a dentro pedindo coisas extravagantes! Notem, não são sujeitos apenas por nós considerados como tal. São malucos de verdade. Ainda hoje entra-me um velho que parecia o Tolstoi.

— Sou surdo como uma porta, e quero que me responda num papel.

Escrevi: — Que deseja?

O velho poz os oculos, leu, e respondeu com calma:

— Vim buscar 20 contos para matar todas as formigas.

Era furioso!

Hilaridade geral. O conferente, contente, bebe o Kummel pensando que é agua. O Kummel logo depois obriga-o a mostrar que nem todos os liquidos têm o mesmo effeito.

Afinal não ha quem não tenha as suas formigas a matar. Somos todos eguaes, como já dizia o meu gerente, que falleceu riquissimo.

Ora, chegando assim pelas formigas á sciencia economica, podemos ter explicações da

taxa cambial, dos 2<sup>o</sup>/<sub>o</sub> ouro, das libras a 16 ou a 15 mil réis.

Na platéa, os espectadores, começam a se entreolhar receosos da lucidez de espirito do conferente. O conferente bebe mais agua.

Sim, mas sem ler os jornaes, sem ler os jornaes. Porque tudo, ouviram? tudo quanto são nos jornaes, quem lhes diz é um velho platonista com 23 annos de banca, muito mais moço que o Guanabarino aliás, tudo é mentira, um exagero, o exterior dos cinematographos. Acredito tão pouco em jornal que, no dia em que sahiu o meu anniversario, achei caçoada até nos assentamentos da igreja. Qual! era impossivel. O jornal dizendo exactamente, pondo o avesso do lado direito?

Eu, porém, chego á peroração.

Bravo! Bravo! Muito bem.

Vejo que estavam esperando. A verdade dóe. Vocês estão troçando porque o jornal não existiria si não fossem vocês; vocês riem porque são vocês, com as vaidades, os interesses, as loucuras, as vesanias, que fazem o avesso do jornal; vocês riem porque são uns refinados...

A hilaridade rebenta. A platéa percebeu do que se tratava. Muitos vão sahindo.

Esperem! E' que tenho a grande phrase final, o fecho de ouro: No avesso da vida vê-se

---

a verdade enforcada e em grandes letras este conselho prudente: menti-vos uns aos outros até o dia do juizo final.

Tenho dito. E á vossa saude !

Emborca o resto do Kummel. O conferente é carregado por dois continuos. O publico sae rindo. A' porta, não ha protestos. A conferencia foi gratis. Um cavalheiro resume.

— Decididamente é o fim das conferencias. Que decadencia !

Vê passar um garoto de jornaes. Chama, compra, abre, passa os olhos. E lê a seguinte noticia: «O nosso prezado collega Pantaleão fez hoje uma deliciosa conferencia sobre o Avesso da Vida. Esteve scintillante. A platêa muita vez o applaudiu com calor. Quanta philosophia naquella ironia !...» E o cavalheiro caminhando torna a resumir:

— Sim, afinal elle disse verdades com certa graça. E' ironista. Muito interessante. Mui-tissimo. As conferencias parece vão ser esplendidas este inverno...

## O leão do Mercado

---

Antonio Antunes de Figueiredo Praxedes é socio da Sociedade Protectora dos Animaes do Rio de Janeiro; membro correspondente de todas as sociedades congeneres do mundo, frequentador de circos, do jardim zoologico, do matadouro. E', além disso, um homem magro, de roupa no fio, que parece não ter vintem e não ter amizades, prendas que sem a primeira são impossiveis quando ao infeliz falta a qualidade propulsora da vida: — saber lisongear.

Muita vez vi Antonio Antunes de Figueiredo Praxedes por estas ruas d'arrabalde a fazer festas a matilhas de cães. Muita vez o vi, no tempo em que o Rio era mais quente, mais estreito e menos Pinheiro Machado, invectivar conductores de bonde por esbordoar as pobres pilécas exhaustas, e chegou a parecer-me equivocada a



sua magra figura certa madrugada em que o vi lado a lado com um burro veneravel da limpeza publica, creio que ambos a puxarem a mesma carroça.

Ora uma vez, no Jardim Zoologico, estava eu defronte de um animal odiento e torpe que se chama raposa, quando appareceu Antonio Antunes de Figueiredo Praxedes. Cumprimentamo-nos.

— Tambem gosta de animaes? fez elle.

— Não, senhor. De animaes nem dos passarinhos nas gaiolas.

— Ah! Então porque vem aqui?

Não admirei a pergunta, tanto mais quanto sentia o apetite de tambem fazer algumas.

— Cavalheiro, ando a fazer um livro que me fará immortal.

— Sériamente?

— Dou-lhe a minha palavra. Esse livro tratará apenas de animaes.

— E' um tratado geral de zoologia?

— Não, senhor.

— E' um livro de fabulas?

— O mundo não tem mais espaço para fabulas. E' ao contrario um livro que contradiz as fabulas. Tenho por fim demonstrar que si o homem é tão infinitamente ruim, apenas seguiu o exemplo dos animaes fazendo um cháos de todas as qualidades delles e mais as proprias. Quer ter a prova?

Neste momento estamos deante da gaiola da raposa. Ficou assentado desde os contadores anteriores a Phedro, que a raposa é um bicho esperto, manhoso, subtil. Como vê, pela maneira por que ella ruge e arregala o olho e mostra o dente, a raposa é um bicho profundamente estúpido, sem subtileza, sem espertesa, sem vêr dois palmos adeante do nariz.

Antonio Antunes de Figueiredo Praxedes sorriu como um iniciado.

— O cidadão não deixa de ter razão. Mas vindo a nós...

— A nós?...

— E' um modo de fallar. Vindo aos animaes com vontade de desmoralisal-os, acabará por se convencer de que elles são muitissimo melhores do que os homens, do que as mulheres e do que os santos. O animal é francamente o animal. O homem é o enredo, o embuste, a torpeza, a covardia, tudo, e talvez algumas qualidades boas.

O que a especie humana faz de bom foi pelos animaes ensinado e nunca nenhum delles, por não ter tão desenvolvido o instincto da imitação, se julgou o rei da terra. A's acções mais generosas dos homens contraponho-lhe volumes de altruismo dos cachorros; aos amores maternos mais tocantes cito-lhe ternuras de passarinhos, devidamente registradas, da gente sentir o coração partido. E a doce resignação dos animaes domesticos?

— Esse descarado parasitismo.

— Ainda é um ensinamento, talvez mau mas, conforme a interpretação, — sublime ás vezes. Veja o boi.

— E', o boi.

— Veja o cavallo...

— E o burro então ?

— O animal intelligente a que comparam toda a gente que o não é !

Na sua crise de proselytismo, Antonio Antunes de Figueiredo Praxedes, varias vezes depois do encontro do jardim veio procurar-me. Até forneceu para a obra que me tornará immortal um extraordinario capitulo sobre os cogno-  
mes animaes e os seus portadores, em que se estendia sobre personalidades politicas com uma violencia só permittida aos que não vivem sinão com os bichos. A pouco e pouco entretanto fui a saber-lhe da vida. E assim vim a conhecer que o pobre Praxedes tinha a paixão dos animaes por medo aos homens. Esta especie a que elle pertencia fizera-lhe partidas de toda a sorte: roubado, saqueado, humilhado, enganado, insultado, trahido, calumniado, sem coragem para fazer o mesmo e assim ser util utensilio do aparelho magistral que se chama Civilisação, Praxedes dera para os animaes. A paixão em breve tornou-se molestia. Queria que se fundasse um asylo para os burros aposentados; sonhava na cidade, um bosque es-

plendido para todos os passáros urbanos, imaginou uma lei prohibitiva da matança de bois, aves e mais bichos commummente comidos, com indemnisações para o Rio Grande do Sul por causa da exportação do xarque; andou com uma subscripção para fundar o cemiterio dos cães — nossos leaes amigos. Estava positivamente maluco, como nós para elle estamos irrevogavelmente loucos furiosos.

Os ultimos acontecimentos tiraram-lhe por inteiro a razão. Como não o visse ha já cerca de cinco mezes, fiquei pasmo de encontral-o ainda solto, impunemente, pelas ruas. Elle entretanto não leve o menor receio em approximar-se.

— Toque lá.

— Caro Praxedes! fiz olhando de esguelha, a vêr se descobria um guarda civil que me salvasse desse amigo dos animaes.

— Andava mesmo com vontade de encontral-o! Tenho a revelar-lhe um segredo, um grande segredo.

— Qual é?

— Os animaes fallam.

Com os malucos usa-se o que se usa nos salões: nada de contrarial-os, nada de admirações! Disse pois, natural:

— Em que lingua?

— Na nossa.

— Quem sabe lá? E já têm cargos de eleição?

— Na nossa, digo mal. Os que me responderam responderam-me em portuguez.

— Do Pinheiro ou do Passos de Miranda?

— Nem tão popular como o primeiro nem tão empolado como o segundo. Assim como o Seabra.

— Ah! bem. São oradores. E, quaes foram esses bichos? Papagaios de certo?

— Não; foram um pato do Passeio Publico e o leão, o leão do Mercado.

— Aquelle que esteve na Maison Moderne?

— Esse. Sou agora seu creado de quarto. Não tem segredos para mim.

— Homem feliz! E que te disse o pato?

— O pato logo que me via, approximava-se. Dava-lhe pão. Elle comia, comia. Depois olhava-me aborrecido. Um dia disse: «Vae-te que me aborreces». «Eu?» «Sim, quando não quero mais pão, és insupportavel». Nunca mais voltei.

— Era franqueza de mais.

— Não acha? Bem mostrava o que era. O leão, porém, é sempre o rei dos animaes. Não imagina a sua calma grandeza. Como visse varias pessoas entrar na jaula, sentarem-se na sua anca, darem-lhe mesmo palmadas, um dia, á noite, de fóra das grades saudei-o: «Senhor veneravel das florestas e dos areaes, que coragem a vossa resignação! Só os muito grandes podem não dar assim importancia ás imperti-

nencias dos insignificantes». O leão bocejou: — «Praxedes, trata-me por você. Nada de estylo celeste. Que queres, entretanto, que eu faça, Praxedes? Desde que fui agarrado e preso, o melhor é não me ralar. De vez em quando um rugido para conservar o prestigio decorativo, apenas. Estou enojado do mundo. Algumas vezes tenho vontade de tirar a vida a algum; mas como de fóra ha muitos e eu arrisco a vida propria querendo acabar com a alheia, reflecto e deixo. Anda d'ahi; a noite está humida. Vem para dentro desta jaula.»

— Foste?

— Não hesitei. Entrei e fiquei de lado. O leão, amavelmente, disse bocejando ainda mais: «Senta-te. Sei que és um pateta, muito grande amigo dos animaes. Ora isso é uma fantasia tua, porque o homem nem amigo de si mesmo é. Si o homem prezasse o proprio eu, não andaria a puxar a besta com essa violencia de ambição que o faz trabalhar incessantemente apenas para morrer mais depressa. Tu és um doente.» Sentei-me desolado. Então o leão foi amigo: «E's doente porque és excepção. Mas eu tambem já não sou leão. Preso fico logo susceptivel de acabar fazendo pelotiquices. E' a corrupção ambiente.»

— O leão disse-te isso?

— Disse mais. Indagou: «Acreditas que os ursos cheguem a dansar sinão por medo ao

páo e amor ao estomago? Julgas que qualquer dos outros bichos da cidade não seria capaz de tudo fazer para ficar na cidade, sendo explorado a pensar que explora? Ainda ha pouco chegaram leões para a Exposição. Estão fazendo successo e causam-me inveja! A domesticidade é das decadencias. Só houve carros puxados por leões nas tremendas quedas das patrias, quedas a que nem os leões escapavam. Eu ainda acabo puxando o carro de Pinheiro Machado quando se festejar a sua primeira volta de Campos ou de Nictheroy.

— O leão lê jornaes?

— Todos os dias. Mas desconfia de todos e dorme após lê-los.

Quiz soltal-o. Achou inutil. «Não estou para levar alguma bala. Elles vêem-me de longe, querem fingir de corajosos e matam-me, pensando que os vou tragar. Depois, olha que não é desagradavel de todo dormir sem cuidados.»

— Esse teu leão é abaixo da critica.

— Estou a escrever-lhe as memorias.

— Então elle não escreve?...

— Só de ouvido, como os jornalistas. Coisas delle, fica nervoso e não sáe nada.

Depois, Antonio Antunes de Figueiredo Praxedes consultou o relógio.

— Bem; vou indo. Tenho ainda de comprar um purgante que o proprietario encommendou.

— Para o proprietario?

— Não; para o leão. Como estou feliz! o cavalheiro não imagina! Nada como os animaes! Sabe o que me disse outro dia:— E' verdade que vocês appellidam tudo. Esse nome com que me baptisaram é atroz. Eu sou um grande leão cordato, mas não gosto do nome. Preferia antes Brasil.

— Mas Brasil já houve. Era cavallo.

— Não importa. Herdo-lhe o nome, e emquanto não me atrellam de todo á *charrete* do general, saberei usar do nome. Espirito, hein? um espirito leonino!

E deitou a correr caminho do purgante.

Evidentemente, se Antonio Antunes de Figueiredo Praxedes não fosse louco, inteiramente doido e bem conhecido em toda a cidade, eu acreditaria que á minha custa, o homem quizera fazer um apologo, como no bom tempo em que os homens já com medo de complicações, punham na bocca dos animaes phrases de senso. Mas nunca Praxedes poderia comparar o Brasil ao leão do mercado!

E' romantismo de mais e no fundo apenas o pobre começa a soffrer de allucinações auditivas.



## O presidente ideal

(EXTRACTO DE UMA REUNIÃO DEFINITIVA)

No Grande Centro Republicano, os representantes de todas as classes sociaes e mais algumas, re-unem-se para ouvir o notavel chefe Dr. Pedreira do Gouveia numa palpitante conferencia preparatoria sobre o presidente ideal da nação. A entrada não é franca, com receio dos capangas, personagens politicos de approximação um tanto grave. A mesa do Centro endereçou convites pessoases. Apesar disso são raros os que se conhecem. A differença das classes é tão grande, infelizmente, neste vale de lagrimas, que alguns operarios são tomados por bachareis, e alguns bachareis evitados por suspeitos. Faz um calor de rachar. Estão todos serios. O problema é grave. O presidente (do Centro), que já mandou tres ferozes gallos de briga ao valoroso chefe José Gomes Pinheiro Machado e mais dois frangos tambem de briga ao Dr. Angelo sem conseguir um emprego de muita res-

*ponsabilidade como o de Chefe Geral da Conservação dos Cabides no vestiário «up-to-date» do Paço do Senado, toca a campainha, commovido. Commovidissimo. Silencio profundo. Ouvem-se apenas varias moscas a voar.*

O PRESIDENTE:— Meus senhores, ao abrir esta sessão de graves consequencias para o paiz e o nosso sentir de republicanos historicos, a equipolencia dos poderes obriga-me a pedir-lhes o mutuo respeito que nem sempre a Camara tem e que o Senado tem apenas porque o Sr. general Pinheiro (*olhar especial para o copeiro de S. Ex.<sup>a</sup>, guarda geral dos pratos quebrados do Estado, que foi assistir á reunião incognito*) sabe manter devidamente a ordem.

TODOS (*olhar significativo para o copeiro incognito.*) Muito bem! Muito bem!

O PRESIDENTE:— Escusado será dizer-lhes o fim da reunião. O eminente Dr. Pedreira de Gouveia vae fazer uma conferencia sobre o presidente ideal. Meus senhores, declaro aberta a sessão. Tem a palavra o Dr. Pedreira.

UMA VOZ:— Pela ordem.

O PRESIDENTE:— Que temos?

UMA VOZ:— Pedi a palavra a V. Ex.<sup>a</sup> para dizer que a conferencia é antes uma consulta medica.

O PRESIDENTE:— Seja. Tem a palavra...

O DR. PEDREIRA:— (*na tribuna, com o lenço na mão, gesto amplo.*) Meus senhores. Este

paiz está á beira de um abysmo. Esta republica, como bem têm dito varios republicanos historicos como nós, do tempo da propaganda, não é a republica sonhada. Quando nós nos batiamos contra a guarda-negra, imaginavamos a republica uma vasta familia, onde todos tivessem o seu logar de paz e amor. E entretanto que vemos nós? A ambição, a torpeza, a ignominia, meia duzia de meninos com pretensões, o thesouro aberto á gula insaciavel de meia duzia, apenas, a confusão, a balburdia e nós no ostracismo, cobertos de impostos.

O PRESIDENTE: — Bravo! Muito bem!

O DR. PEDREIRA: — E isto porquê? Façam o obsequio de me dizer porquê? Porque os presidentes que até hoje temos tido são homens de vistas estreitas, sem a comprehensão do que é a republica, dados a luxos, a rodinhas estreitas, sustentando os jornaes ignobilmente! Já não ha opinião neste paiz. Está tudo vendido. E teriamos deixado de existir por certo (*demorada pausa com o olhar no copeiro incognito*) si um homem sem ambições, heroico e bom como os medievos, não sustentasse esta caranguejola.

O REPRESENTANTE DA SOCIEDADE AUXILIO MUTUO DAS COSTUREIRAS: — Caranguejola, é forte!

Todos: — Bravo! Apoiado!

O DR. PEDREIRA: — Sim! Caranguejola! Não sustentasse essa caranguejola, impedindo

os presidentes de mais dilates e protegendo os sinceros amigos da patria. (*Voz em suspiro.*) Quero fallar do eminente senador general Pigneiro Machado, cujas obras, cujas obras... cujas obras... em favor do paiz... não precisam ser recordadas.

UM SUJEITO: — (*que é da numerosissima classe dos sem profissão e espera ser influencia eleitoral.*) Diz muito bem V. Ex.<sup>a</sup> As grandes obras não são recordadas, são vistas.

O DR. PEDREIRA: — Discute-se agora a candidatura presidencial. Nós estamos num regime de paz e amor. O Sr. presidente, amigo do nosso chefe, é um democrata, e passeia a pé.

UM MEMBRO DA S. P. DOS ANIMAES: — Posto que tambem ande a Daumont com quatro cavallos em vez de dois.

O LEITOR DO «SECULO»: — E tenha um secretario que não chegou de Minas e obriga todos os creados a usarem casaca e cara raspada!

O CREADO DE RESTAURANT: — (*com uma barbinha de metter inveja ao marechal Pires Ferreira.*) Desaforo!

VOZES: — Não pode! Não pode!

*Tumulto. Dois bachareis de «pince-nez» estão furiosos. Todos gritam. O membro da S. P. A. quasi apanha de um carroceiro. Campainhas. O presidente afflictissimo brada: «Ordem! ordem! Ordem e progresso é o*

*nosso lemma!* Mas ninguém o attende. A reunião inteira discute a democracia da cara raspada ou barbada.

O DR. PEDREIRA (*fora do sério*): — Basta! Caramba! Acabam ou não com a chiadeira?

UM DISTINCTÍSSIMO N. N.: — Como não ber-rar? Cara raspada é um distintivo nosso, da sublime arte de Talma, já disse...

O VIGARIO X (*amigo do Rapadura*): — Perdão. Cara assim é a dos ministros de Deus.

UM DISTINCTÍSSIMO N. N.: — Não se metta commigo não, hein? Eu sou bom no tombo.

VOZES (*essas vozes são em numero incalculavel pela agitação febril da reunião*): — Não pode! Não pode!

O PRESIDENTE: — Mas senhores; isto aqui é uma reunião politica ou o... botequim da mãe Joanna? Ponham os olhos no exterior e vejam que nos olham.

UM SUJEITO: — Ponham os olhos ou ponham-se no olho da rua!

Todos: — Muito bem!

O PRESIDENTE: — Aproveito o relativo silencio para manter a palavra ao preclaro republico Dr. Pedreira.

O DR. PEDREIRA: — Sr. presidente, os meus eminentes correligionarios não me deixaram acabar. Eu estava com o presidente a pé e ia explical-o de carro.

UM MEMBRO DA S. P. A. :— Porque não toma um automovel?

O DR. PEDREIRA (*continua fingindo não dar importância, como o grande orador J. J. Seabra*):— A opposição é systematica contra os homens de real valor. Eu devo lembrar que o carro é o do Estado e que quanto mais cavallos melhor. Todos nós mais ou menos somos cavallos desse carro.

UM SUJEITO:— Varro a testada!

O VIGARIO X (*seraphico*):— Comtanto que haja milho para não se perder a força...

*Gargalhadas escandalosas. Soam os tympanos.  
O copeiro incognito de S. Ex.<sup>a</sup> ri desbragadamente.*

O DR. PEDREIRA:— Foi uma força de expressão mas eu sustento, e sustento não podendo deixar de assegurar que me apraz o carro como me apraz o passeio a pé. O Sr. presidente é uma larga promessa.

TODOS (*atenção commovida*):— Sim? Com effeito?

O DR. PEDREIRA:— A quem puder servir, serve mesmo. E mesmo os que saem do seu governo...

UMA VOZ:— Perdão, mesmo os que saem?

O DR. PEDREIRA:— O Sr. presidente manda para a Europa. E a questão das minas? E

a questão dos passes? Mas, meus senhores, não vim aqui para relesmente bajular a alta figura do homem superior que rege os nossos destinos. Venho, dada a ampla liberdade que elle nos permite, conversar um pouco sobre candidaturas e nessa reunião de classes, indagar: qual o presidente ideal das classes? Sim. Como diz o purissimo Dr. Lauro Sodré, veterano da opposição paraense e um dos proceres da Republica, cada um cumpre o seu dever. Já é tempo. Cumpramos os nossos, correndo ás urnas. Mas antes é assentar nas qualidades do candidato.

Meus senhores, qual o candidato que lhes convém?

O MEMBRO DA S. P. A. :— Para mim, precisamos de um homem energico, que saiba manter a paz e a tranquillidade publica, estabelecendo uma dependencia do ministerio da agricultura: a protecção dos animaes.

O DR. PEDREIRA:— Para a qual V. Ex.<sup>a</sup> está indicado naturalmente director.

TODOS:— Fóra! Fóra! (*campainhas*).

O JORNALISTA:— Sr. presidente, na doce frança do doce arvoredos...

O COPEIRO (*para o jornalista*):— Quem é?

O BACHAREL:— Um jornalista politico.

O JORNALISTA:— Sopra a ventania das candidaturas. Eu presto os meus humildes serviços ao vencedor exclusivamente por elle mas tendo

o projecto de reforma da instrucção, accitaria, apenas para pôl-o em execução, o cargo de ministro do interior...

O CARROCEIRO: — E você falla grosso porque o que eu queria era um presidente que me botasse no lugar de chefe tambem.

O OPERARIO DANDY: — O presidente ideal é aquelle que se preoccupar com a crise social.

O DISTINCTISSIMO N. N.: — E' o que nos entregar o Municipal com a subvenção e o direito de escolha dos artistas nacionaes.

O BACHAREL: — Qual crise social, qual theatro! Tenho que o presidente deve ser um typo de pureza, indifferente aos empenhos, amigo dos seus amigos...

TODOS: — Bravo! Bravo!

O FUNCIONARIO PUBLICO: — O homem cujo lemma fôr: salvemos o funcionalismo augmentando-lhe os vencimentos!

O PRESIDENTE: — Um homem que saiba recompensar as dedicações!

UM OPERARIO: — Um homem que nos dê quatro horas de trabalho por dia.

UM CAPITALISTA (*é sabida a importancia dos capitalistas nas candidaturas*): — Um homem que se não metta com operarios, corrija as greves e nos dê concessões!

O DR. PEDREIRA: — Sim, meus senhores. A phrase aqui do Sr. conde exprime e resume o nosso ideal...



OS OPERARIOS: — Alto lá!

O DR. PEDREIRA: — Quanto á ultima parte. Nós todos, republicanos da propaganda, enraigados democratas, querendo o bem do povo, almejamos um presidente, que sendo amigo do seu amigo, conserve as instituições, favoreça os homens intelligentes, reintegre os immaculados ideaes de 89. E' patente a vontade do povo. Precisamos trabalhar desinteressadamente para o progresso da patria. Mas para isso é preciso que tenhamos empregos!

TODOS: — Claro! E' claro!

*Entardece e não ha luz. Os animos estão enthusiasmados na salvação da patria.*

O DR. PEDREIRA: — E' preciso trabalhar por um presidente que nos aproveite, e ninguem duvidará do manifesto que vou redigir em nome de todas as classes sociaes, traçando o desejo do presidente ideal!

TODOS: — Viva o presidente ideal! Viva!

O PRESIDENTE: — Declaro encerrada a sessão.

TODOS: — Muito bem! Muito bem!

*Grande confusão enthusiasitica.*

UM SUJEITO (ao copeiro de S. Ex.<sup>a</sup>): — Afinal o presidente ideal é o que fizer o que cada um deseja para se encher.

O COPEIRO DE S. Ex.<sup>a</sup>:— O distincto correlligionario exagera e deturpa. O presidente ideal é pelo menos nos dois primeiros annos o que meu amo fingir que elegeu...

## Chegada de um estrangeiro ao Rio

---

Um príncipe egypcio com quem me dava em Paris, depois de tel-o encontrado na curiosa devassidão dos hotéis do Cairo, aprazia-se em contar uma anedota cheia de philosophia.

— O meu amigo Omar-bey, dizia o príncipe, ia por uma estrada quando lhe saltaram á frente: «Já todo o teu dinheiro para aqui! Já! Já ou me obrigarás a fazer o que nunca fiz na minha vida...» Omar-bey deu todo o dinheiro, mas não conteve a curiosidade: «Que ia você fazer, honrado ladrão? De certo assassinar-me?» «Não, senhor, respondeu o homem, ia trabalhar...»

O príncipe, depois da anedota, prolongava os paradoxos sobre o horrivel trabalho. Trabalhar é realmente uma coisa séria para os desoccupados, que chegam aos maiores excessos

de trabalho para não o fazer. Eu estou numa quadra da vida em que já prefiro não agir, mas seria incapaz de dar a bolsa como Omarbey ou de atacar um homem, só para não tornar a trabalhar.

Ao contrario. Quando deixei a Europa, uma pequena «vila» de S. Remo, onde a vida é doce e barata, para o repouso de uma febril e atroz peregrinação pela podridão das cidades da India, o meu desejo era examinar com olhos de vêr uma sociedade que ainda não tivesse sido pintada: — «algo nuevo», um aspecto inédito. Vim para a America do Sul, sciente de que o «algo nuevo», o aspecto inédito estavam nesse pedaço de planeta, a que todos os livros de propaganda não conseguiram deflorar. Para onde iria eu? Comprara uma passagem completa. Podia saltar em qualquer porto ou ir até ao fim. Buenos Aires? Montevideo? Pernambuco? Bahia? Como o bando transatlantico fallava excessivamente de Buenos Aires, logo me desgostei, porque não era meu fim, deixando S. Remo, a horas de Milão e a horas de Paris, ir contemplar montras de chapéus e elegancias boulevardières noutro hemispherio. Talvez andasse errado. Entretanto, não saltei em Pernambuco. Fazia immenso calor. O mar estava tremendo. Negros em pirogas esguias, pareciam genios do elemento, com o dorso quasi nú e facalhões á cinta. Os passageiros fallavam de tubarões. O comman-

dante fallava de variola. Custei mesmo a saltar na Bahia, para não ficar aliás, não porque aquelle estranho panorama, o exotismo das ruas baixas, deixassem de attrahir, mas exactamente pelas noticias de epidemia que a bordo fervilhavam.

Foi a Bahia que me decidiu a ficar no Rio. O transatlantico chegava á noite, uma escura noite côr de tinta. Em volta ao paquete o movimento de embarcações, entre gritos, silvos e ordens sopradas em porta-voz, dava a illusão pouco tranquilla de uma abordagem de piratas amaveis. A invasão das dependencias de bordo por cavalheiros gritadores, a maioria com um olhar infantil, quasi todos com aneis nos dedos, alargava essa impressão num sorriso de curiosidade. As auctoridades e o serviço imprevisto dos funcionarios da policia, vincavam na alma do mais indifferente a necessidade de descer. O viajante tem uma ficha da civilisação do porto em que pára, pelo aspecto da auctoridade primeira. E' definitivo. O homemsinho que tomava conta de uma das escadas, fumando um charuto, suando, dando ordens e lastimando-se amavelmente do seu immenso trabalho — o que não o impedia de prestar varios favores aos passageiros, um dos quaes e principal era desembarcar — parecia um ministro. Era o ministro da segurança ou da allandega. Tamanha auctoridade, cujo grau até hoje ignoro, não

deixava de despedir os viajantes estendendo-lhes a mão. De cinco em cinco minutos, fazia exclamações appellando para os jornaes, para a imprensa, que certo ainda não lhe fizera inteira justiça.

— E os jornaes, bradava elle, não vêem isso !

— Isso o quê ? interroguei a um negociante de vinhos portuguezes, possuidor de um tremendo ventre e de um immenso patriotismo duplo luso-brasileiro.

— Ora, o immenso trabalho d'elle, a falta de pessoal.

— Mas que tem a imprensa com isso ?

— A imprensa tem com tudo. Vou cumprimental-o a vêr se passo agora as minhas malas.

Era bem um typo de brasileiro aquelle funcionario com a sua fanfarronice, a ausencia democratica de respeito pelas posições, a levianidade, o amor ao barulho ?

Não sabia. Mas como um guarda barbudo no Tejo dera-me uma impressão de melancholia, esse deu-me a sensação de um paiz de sarabanda, pittoresco á farta, onde se poderia estudar como a composição de uma raça nova.

Saltei com as malas ás 9 horas da noite para uma lancha de que até hoje ignoro o verdadeiro dono. Por que ia eu alli ? Por acaso. Quiz vêr qual era o dono para agradecer e pedir desculpa. Mas todos pareciam legitimos donos. Fui amavel com todos. Ao chegarmos ao cáes

não nos conhecíamos. Quasi perdi a minha valise. Um homem meio nú, de camisola de meia, descalço, calça arregaçada, mostrando a tibia potente e cabelluda entre o povo de ociosos e de viajantes, arrebatara-a.

— Para onde vamos, patrão ?

— Espere, deixe vir o resto da bagagem.

Outros nedios, bem dispostos e tão nús como o primeiro, insistiam para que eu tomasse um bote. Olhei, na semi-penumbra o desdobramento dos squares, a linha dos carros de praça e os meus olhos viram, ao lado de automoveis, uma especie de conducção que até aquelle momento só tinham visto em gravuras cantando os feitos do dandy d'Orsay, em Londres ou as elegancias de Paris, em 1854. Os meus olhos viram os lilburys.

Acerquei-me de um. O cocheiro tinha uma bota descalça. Agitou-se entre a bota, as redeas e o chicote alguns segundos.

— Para onde vamos, V. senhoria ?

— Internacional, Santa Thereza, disse eu com a «adresse» que recebera a bordo.

— Ah ! isso é lá em cima. O burro não sóbe. Vou leval-o á estação dos bonds.

— E' muito longe ? fiz com o vago receio do viajante solitario.

— Uma hora de viagem. E' bonito.

— E outros hoteis por aqui perto ?

— O Avenida. V. Ex.<sup>a</sup> fica bem...

O melhor é para quem chega a uma cidade, morar, a principio, num ponto bem central. Sempre fiz assim em Benares como em Tokio, em Nova York, como em Berlim. Accedi... O carro, cheirando mal, partiu. Devia datar de 1854, pelo menos. Era um tilbury saído de uma exposição retrospectiva de carruagens.

Curiosamente olhava as ruas, que me pareciam novas em folha, collocadas entre velhas viellas. Não demorou muito que meus olhos dessem num boulevard illuminado como para uma festa. Era a Avenida Central. Estava quasi deserta, e os transeuntes, deixando as calçadas, andavam pelo meio da rua, calmos e tristes, forçando o tilbureiro a assobios, toques de busina — porque esse tilbury tinha uma d'automovel — e a um som soprado entre dentes, que jámais ouvira, e que só é possível graphar exactamente assim: «psssiu...» O som parecia um appello, porque os transeuntes voltavam-se.

A viagem foi de minutos. Estavamos defronte do hotel, de excellente apparencia americana. Apenas ninguem veio receber-me no movimento dos «tramways» e do povo.

Saltei, dei com uma porção de pequenos negocios, desde o engraxante ao vendedor de fructas, com as fructas expostas ao ar. Uma orchestra ambulante batia um pedaço de opera. Vendedores de jornaes gritavam. A illuminação era a de um dia.



Afinal, descobri a porta do hotel. Tinha um porteiro sentado, com um anel de brilhantes e bigodes torcidos.

— Deseja ?

— Um quarto.

— Faz obsequio de subir.

Eu olhava a gaiola do ascensor immovel. O porteiro informou:

— Não funciona. Quebrou a mola agorinha. Amanhã concertam.

Subi. No primeiro andar, dei numa peça que me parecia escriptorio, mas onde alguns senhores commodamente sentados, olharam para a minha pessoa, com evidente indiferença.

— Era possível um quarto ?

— Ah ! quer um commodo ? Em que andar ?

— O melhor, quero o melhor quarto.

— Está occupado.

— Então, o que fica sendo o melhor vasio.

Tivemos que subir o segundo pavimento. Deram-me um immenso quarto, quasi tão nú como os carregadores do cáes. Havia uma cama perdida, um lavatorio, um guarda-roupa, duas cadeiras, uma pequena mesa. Mais nada. O creado mostrava uma falta de interesse commovedora. Parecia estar a fazer-me um enorme favor, com pouca vontade, aliás. Devia ser rico. Como o porteiro, como os gerentes, como o funcionario da policia, como o tilbureiro, como toda a gente. Lembrei-me do tilbureiro que ficára á espera.

— Ah ! mande subir as malas e pergunte ao tilbureiro quanto devo.

O creado desceu. Cheguei á janella e os meus olhos dominaram um espectáculo magnifico, a fulguração da Avenida. Aquella rua era uma apothese permanente e era um symbolo. Mesmo, não conhecendo o paiz, os costumes, a sua vida, sentia-se como um gigante creança que de subito deixasse a selvageria e o berço das tradições para lançar-se como um desafio á corrente geral da civilisação. O que eu vira era tão curioso que me deu vontade de sair logo, de circular, de sentir o character da cidade. Lavei o rosto e as mãos, esperando as malas. Pentei-me esperando o creado. Voltei á janella, olhei o esplendor, esperando ainda. Por fim toquei a campainha. Uma, duas, tres vezes. Abri a porta raivoso. Dois homens tão nús como os catraeiros e o quarto traziam as malas.

— Emfim !

— Ah ! subir com tudo isso...

— Bom, entrem.

— O tilbury custou cinco mil réis. Os carregadores pedem tres para trazer as malas.

— Hein ?

Eu pagava quasi doze francos por aquillo que devia no maximo custar uns tres. Estava realmente no paiz dos millionarios. Paguei. Não tinha remedio. E tornei a descer, metti-me na rua a circular. Estava na capital de que

se começa a fallar, no novo, no novo de hontem para os europeus como eu.

Apanharia a sua verdadeira feição, conseguiria dar a impressão exacta dessa cidade. desse paiz, desse momento? Dobrei a primeira rua, a pé. Ninguém sabe a confusa mistura de sentimentos de um viajante ao aportar a uma cidade... Quando voltei ao hotel, eram tres da manhã. Cheguei ainda á janella. A Avenida era um deserto com a mesma illuminação de apothese.

Lembrava um salão de baile, á espera dos convidados. Os convidados não faltariam, porque as primeiras levas já deviam estar na sala de espera. E eu que não perdera o goso de trabalhar sentia que estaria em breve vendo o trabalho de eclosão de uma terra nova para o progresso...

## As palavras do elephante amestrado

---

Na Biblia, livro de Job, XII, 7, lê-se:

— Interroga os animaes; elles te instruirão.

Os fabulistas, fazendo os animaes fallarem, outra pretensão não têm. E Taine já disse que, salvo as ideas abstractas, nós nos encontramos por completo nos animaes. Dahi o crescente desenvolvimento da zoophilia, á proporção que os homens vão ficando mais idiotas e menos serios.

Eu propriamente não penso no livro de Job nem na Sociedade Protectora dos Animaes, quando encontro um animal de outra especie: mas tenho por elles sympathias e antipathias como teria pelos homens, si elles merecessem tanta consideração. Assim aborreço os passari-nhos, desses que parecem patetinhas romanticos contentes com a gaiola; aborreço o gallo, desde

o gallo de terreiro até o velho gallo de esporão liquidante da politica, e tenho um terror panico do rato e da barata. Em compensação, o boi é um animal respeitavel e lyrico. E ao lado do boi, da vacca, do camelo, do burro, da girafa e do veado — esse nos seus costumes é um bandido da peor especie, o apache das florestas — o meu enternecimento, o meu respeito collocam como primeiro, o elephante.

Não sei. Desde petiz, lia, n'uma velha selecta, historias de bondades e pandegas de elephantes. Eram da *Nova Floresta* do archangelico anecdotista Bernardes, o padre. Fiquei com uma boa impressão dos elephantes e lembra-me que guardava gravuras coloridas do grande animal. Devia ser agradavel ter um amigo elephante. Depois estudei e vi elephantes e conversei com alguns. Tenho por elles um respeito religioso, um respeito que talvez tivessem os vedas no tempo em que o elephante era a montaria do Deus da chuva e vencia os sabios, *rishayas*, no *Ramayana*, e no *Pacatantra*.

O elephante é um dos raros gigantes da vida actual. Deante de um elephante tem-se como a recordação do tempo em que a terra era immensa, o mar immenso e os seres vivos tambem immensos. Mas o elephante é consciente das suas proporções, da sua força, e podendo ser feroz e indomavel como varios habitantes da floresta, é superiormente sociavel e serviçal.

Apenas é sociavel como um deus bondoso e presta serviços ao homem, no fundo divertidissimo com a especie humana. Os deuses antigos viravam bichos ás vezes. Para mim, Indra anda pelo mundo disfarçada em elephante.

Já de certo notaram no sem-geito *bon enfant* dos elephantes? Mas, a apostar que não repararam na ironia, na troça, na complacencia alegre dos seus pequenos olhos? O elephante é actualmente o maior *humorista* da criação.

Dei-me muito com os elephantes do Jardim das Plantas, e esses faziam tantas pilherias, brincavam tanto com os frequentadores a troco de bolos e guloseimas, que não podia deixar de lembrar-me de Swift e de Wells. Um delles parecia rir e divertia-se positivamente com as *partidas* pregadas aos seus visitantes, na hora em que mais dispostos estão a dar recepção — que é de manhã.

E os elephantes sabios? Esses fazem aquelles exercicios todos com evidente troça. Os olhinhos parecem dizer:

— Patetas! E vocês que levaram tanto tempo a arranjar isso, tendo mãos e ideas abstractas! Aqui estou eu que não sei tratar as mulheres e as creanças com delicadeza, e faço quanto quero, apezar de um corpo que, como o corpo do Chaby, não se presta ás *souplesses* da vida! Vejam isso e gozem, que eu afinal não lhes quero mal...

Ah! os elephantes, que grandes mestres do *humour* bondoso! Que observadores da insignificancia da vida! Uma terra que tem elephantes é no poder dos deuses maior: possui a ironia e a despreocupação amavel. Pois a terra que tem elephantes bem no seu seio tem o *Naga*, que em sanskritto é arvore, montanha, e elephante, e o caminho septentrional da lua denominado *airavatapa Oba...*

Assim, logo que annunciaram Topsy, estrellada de music-hall, no S. José, fui applaudil-o á noite, e pela manhã resolvi ir cumprimental-o. Miss Philadelphia, a amestradora, dormia na sua pensão, e, só, o cornaca deu-me licença.

Topsy é um sympathico civilisado, nada cabotino. A' hora em que entrei estava com a tromba voltada para o nascente, como que aspirando a luz. Na India dizem que o elephante faz a sua oração, quando está nessa posição. Deixei que terminasse. Elle voltou-se logo, porém.

— Naga! fiz eu.

— Quem és tu? indagou o elephante em inglez. Ah! já sei, deves ser um jornalista. Só os jornalistas acordam tão cedo. Então que ha de novo?

— Naga!...

— Pareces commovido. Queres de certo uma interview? As melhores interviews são aquellas que não são feitas. Podias cortar as

declarações dos ultimos estrangeiros. Deixa esse ar timido. Enternece-me a timidez. Com que então és jornalista ?

— Yess !

— Como deves ganhar pouco ! Coitado !

— Obrigado.

— Pois, meu caro, estou muito alegrado com a minha estadia aqui. E' uma cidade, como dizem os japonezes e os argentinos: *hermosa*. Tenho passeado pelas principaes ruas, sempre acompanhado de grande massa de admiradores.

— E' verdade.

— Note você no seu caderno que tanto os homens temem e sentem a sua inferioridade deante dos grandes animaes, que nas cidades lhes dispensam a attenção que se dá aos soberanos. Entrei no Rio como os rajahs em Paris.

— Muitas conquistas ?

— Meu caro, sou mais ou menos casto, receoso de um mal que entre os homens é a causa maior da degeneração. Mas conheço o effeito que causei nas cocottes. Por isso, exagero as doçuras e os carinhos para com a pequena Philadelphia. A sensação, quando me deito por cima da petiza; os deliquios quando, com a minha tromba, que é nariz, braço e mão, envolvo o corpinho flexivel dessa menina inoffensiva ! *Elles raffolent de moi, p'tit !*

— Falla francez ?



— Todas as linguas, menos o esperanto, que é universal.

— E custou muito a aprendel-as ?

— Não, porque me reservo o direito de não responder. Olhe, eu era, na India, um elephante familiar. Servi, a principio, na caçada de tigres, depois empreguei-me de carregador de lenha num trapiche do Ganges.

— Trabalhos leves...

— Estive em seguida calceteiro. Calcei varias estradas.

— Que é isso para quem é no *Ramayana* chamado o nivelador das florestas ? Aqui ha homens que mandam calçar e ganham um dinheirão com isso.

— Mandam calçar varias vezes ?

— Não: fazem-se pagar como tal.

— Sempre pandegos os homens !

Neste momento vieram os tratadores, para fazer a *toilette* de Topsy. O admiravel elephante disse-me:

— Gostaria mais de me limpar eu mesmo com areia, como fazia na India. Mas a Philadelphia não gosta, de modo que pachorrentamente aturo estes hygienistas. Não te incomodam ?

— Absolutamente.

— Porque se incommodassem, dava-lhes umas trombadas.

— *Merci.*

— Sinto que tens sympathia pelos elephantes?

— Veneração.

— Pois já não é moda. Veneração não se tem por ninguem.

— Topsy ficou assim de certo depois dos duros trabalhos de calceteiro...

— Oh! não; sabes que é commum na India, em todo o imperio de Eduardo...

— Já morreu.

— Morreu Eduardo? E eu que ignorava. Tambem não leio as gazetas ha varios mezes.

— Em todo o imperio?...

— Sim, em todo o imperio da India, os elephantes empregam-se nesses serviços. Mas dei-xei-os tambem, por um muito mais interessante, posto que tambem lá vulgar: o de ama secca.

— Ama secca?

— Sim, fui cinco annos ama secca de uma familia que tinha dez filhos.

— E não acabou maluco?

— Não. Ao demais, tinha ainda de cuidar dos grandes, carregal-os, livral-os de perigos — porque o animal sente os perigos que o homem não vê. Quando a Philadelphia comprou-me para ensinar-me a beber e a andar de automovel, estava familiarisado e aprendi num instante. Já tomára varias bebedeiras e quebrára em Calcuttlá cinco ou seis machinas-automoveis.

— Que vinho prefere?

— Champagne. Champagne ou soda. São as duas bebidas agradáveis.

— Muito bem dito.

— Vocês também têm uma que não é má.

— Qual?

— Capilé.

— E' verdade, e as suas impressões sobre o Rio?

— As minhas impressões? olhe, quer saber? por mim, não deixaria mais esta cidade. Primeiro, porque enfastia-me a vida errante do palco e dos music-hall. Segundo, porque fui muito bem recebido. A' minha chegada só faltou o rajah.

— Aqui não ha rajahs, ha presidentes.

— Pode dizer isso nos jornaes. Agora, em particular ao amigo dos elephantes, *to the elephant's friend*; terceiro, porque nunca, em nenhuma outra parte, estaria tão bem.

— Ora esta!

— Palavra. Disse a minha paixão de ama secca. Viu os meus cuidados com a Philadelphia?

— Exacto.

— Sabe o amor que os elephantes em geral têm pelas creanças. O vosso Manoel Bernardes...

— O propagandista ou o classico?

— O classico, narra a respeito anedotas verídicas.

— Dahi?

— Dahi, meu caro, eu sentir com o meu instincto divino que em nenhuma outra cidade os homens são tão creanças como aqui. Não é uma *crèche*, não é uma *nursery*, mas é bem um jardim da infancia, um colossal jardim da infancia cheio de jardimzinhos.

O meu sonho actual seria...

— Seria?

— Oh! um nada no infinito, seria tomar conta do Pavilhão Mourisco e lá montar um pequeno jardim da infancia para homens de quarenta annos.

Era, entretanto, a hora do almoço. Topsy, estrella de music-hall, olhou-me com ironia carinhosa.

— E' servido?

— Obrigado.

— Então até mais ver.

— Até.

E sahi. Sahi sem reflexões. Bossuet disse no tratado *Do conhecimento de Deus*:

«Parece que Deus quiz dar-nos nos animaes a imagem da reflexão e da finura, e mais a da virtude e a da piedade...»

## As delicias do poder

(«FILM D'ART» QUE TAMBEM SE PODE DENOMINAR  
A PRIMEIRA NOITE DE UM MINISTRO)

---

*O ministro começa a ser ministro. E' o seu primeiro dia de homem que pode uma porção de coisas, e pode nomear e pode atrapalhar, e pode dar dinheiro a ganhar — pode emfim! Já um automovel pára á porta, o dia inteiro.*

*O ministro e os secretarios na sala entretanto começam por verificar que não podem trabalhar, não podem jantar e não podem absolutamente fazer nada. S. Ex.<sup>a</sup> está sentado no divan, sem coragem. Em torno do divan ha dez pessoas. De minuto a minuto ouve-se campainha surda. E' a porta a abrir-se. Mais um. Mais um que vem. O creado estende vagamente vagos cartões. Vagamente entram caras.*

O POLITICO INTIMO: — Com que então ministro, seu Juca?

S. EXCELLENCIA: — E' verdade, Manduca.

O CHEFE DE SECÇÃO: — Vejo que vossencias são muito amigos.

O POLITICO INTIMO: — Desde o collegio, não é, Juca?

S. EXCELLENCIA: — Creio que da Academia...

O POLITICO INTIMO (*com auctoridade*): — Não, do collegio. Uma vez até iamos para o collegio e o Juca que sempre foi muito peralta... (*volta-se inteiramente para o chefe de secção que lhe bebe as palavras.*)

O DEPUTADO DO ESTADO: — Você dá-se bem aqui?

S. EXCELLENCIA: — Mais ou menos.

O DEPUTADO: — Quem não se dá muito bem lá na nossa capital é o coronel Eleuterio. Está soffrendo de umas affrontações damnadas... Se fosse possivel transferil-o para aqui...

O ELEITOR DA REGIÃO EM QUE S. Ex.<sup>a</sup> É INFLUENCIA: — Vosmicê agora, seu Juca, vae poder fazer uma porção de beneficios lá para as terrinhas. O coronel Passarinho já disse que a estrada de ferro estava na sua vontade. Eu queria é que a estação da bicha fosse na minha fazenda, defronte da porteira grande.

O QUADRAGESIMO PEDINTE: — V. Ex.<sup>a</sup> está realmente bem disposto.

S. EXCELLENCIA (*sem ouvir*): — Obrigado.

O QUADRAGESIMO: — A ultima vez que tive o prazer de lhe apertar a mão...

O SECRETARIO DE S. Ex.<sup>a</sup>: — Em que epoca?

O QUADRAGESIMO: — Ha dois mezes.

O SECRETARIO: — S. Ex.<sup>a</sup> estava na fazenda.

O HOMEM QUE INFLUIU PARA S. EX.<sup>a</sup> SER MINISTRO: — Bem, adeus, meu caro Juca.

S. EXCELLENCIA: — Muito obrigado pela tua visita.

O HOMEM: — Oh! Um dever gostosamente cumprido. Vou agora ao presidente.

*Movimento. Todos de pé. Alguns acompanham o homem, inclusive o chefe de secção, que não logrou chegar ao fim das anedotas menineiras de Sua Excellencia. Cumprimentos. Reitero as minhas felicitações! «Amigo devotado». — «Sempre creado! de V. Excellencia». Ao mesmo tempo entram outros, entram, vão entrando. O ministro estende a mão, dizendo sem differença: «muito obrigado». Parece dia de pezames á familia rica. Está tudo com cara de condolencias e o ministro com vontade de despedir aquella gente toda, lembrando que só o logar de rei é conveniente pois não atura cacetes...*

O AMANUENSE EM COMMISSÃO: — Devo lembrar a V. Ex.<sup>a</sup> que sou o Pantaleão Gomide, recommendado do deputado Guedes. A minha demora não é senão a de depor a seus pés a insignificancia dos meus fracos prestimos. O senador Gomensoro e o conde Altamira fazem-me portador destas duas cartas.

S. EXCELLENCIA: — Obrigado, obrigado... estou sciente.

O AMANUENSE: — V. Ex.<sup>a</sup> não desejaria lê-las ?

O CHEFE DE FAMILIA (*com 7 filhos*): — A minha demora...

O AMANUENSE: — Perdão...

O SECRETARIO (*intervindo*): — O senhor deseja ?...

UM POLITICO (*à janella*): — Excellente casa arranjou o Dr. Pedreira.

O AMANUENSE (*com o mais lindo passo de dança do Club Ophelia*): — Com effeito ! (*Encaminha-se para o politico como para a salvação. Perto, num desbafo*): Mas que cynicos ! Como esta cambada pede !

O CHEFE DE FAMILIA (*com 8 filhos*): — Eu sou seu conterraneo. A caipóra...

S. EXCELLENCIA: — Havemos de vêr, havemos de vêr...

O CHEFE DE FAMILIA (*com 8<sup>1</sup>/<sub>2</sub> filhos*): — E' que eu tenho 18 pessoas em casa para dar de comer !

S. EXCELLENCIA: — Não tem duvida, arranjamos tudo isso.

O CHEFE DE FAMILIA (*com 10 filhos*): — Deus o abençoará.

O CENTESIMO PRETENDENTE: — V. Ex.<sup>a</sup> está um pouco rouco. Será da janella ?

O SECRETARIO: — Esta sala não é a do Municipal.

O CENTESIMO: — Ah ! Perdão...



*Entretanto continuam a entrar creaturas. A campainha surdamente não pára. E' como uma fita cinematographica. Entra um padre. Entram três cavalheiros de guarda chuva. Entram dois senhores de casaca, com o ar de fina flôr. Apparece uma família inteira: o marido, a esposa, duas crianças uma creada. S. Ex.<sup>a</sup> levanta-se como movido por uma mola. Toda gente faz o mesmo. Os secretarios entreolham-se.*

A ESPOSA (*resolvida, gorda e com pó de arroz*): — Doutor. Aceite os meus sinceros cumprimentos. O Totonio não queria que eu viesse. Mas eu fiz questão. Ah! não, o Dr. ministro e sem levar um abraço meu! Isso nunca! Sabe como sou grata aos favores que tem feito a meu marido.

O MARIDO: — Peço desculpa de vir incomodar. Dodó, falle com o seu doutor.

DODÓ: — Eu quero balas, papae.

O SECRETARIO: — Não desejarão vir um pouco até cá dentro?

*A família marcha, a esposa á frente, como a commandar um batalhão. Com aquella não será possível resistir! Os tres elegantes descalçam as luvas. Entra o celebre argentario Clodomiro em companhia no notavel Serpa, negociante administrativo. O segundo é o homem mais amavel deste mundo e trata todos por você, tu, meu nêgo, candongas, e outras coisas ainda mais intimas.*

1.º ELEGANTE: — Vamos á secca da Rejane. V. Ex.<sup>a</sup> com os afazeres...

2.º ELEGANTE: — Que têm os afazeres? O Alcebiades outro dia conversando com o redactor mundano de um jornal de que me não lembra o nome, propoz o curso.

3.º ELEGANTE: — Ah! nós marchamos. Veja o Auto de Sá, depois que é secretario, como se fez podre de chic. O menino parece composto de vaselina concreta á base de violeta. Ah! Excellencia, se o Sr. nos dêsse um logarsinho na expansão do Brasil na Europa...

SERPA: — Então as candongas como vão? E o nosso ministro? Está bem disposto, o diabo! Parece um pecego. Estou aqui, estou ferrando-lhe um beijo!

1.º ELEGANTE (*para o ouvido do secretario*): — Uma dentada na fazenda nacional, é que é...

TODOS: — Oh! oh! este Serpa! E' adoravel!

CLODOMIRO (*que tem um negocio dependente no valor de muitos mil contos*): — Vim apenas cumprimental-o. Sabe a minha admiração antiga. (*Com auctoridade*;) Foi uma escolha acertada.

O SECRETARIO (*mostrando o relógio*): — Onze horas, excellencia. Devo prevenil-o de que ainda tem de redigir varios decretos.

2.º ELEGANTE: — Os importunos disparam!

S. EXCELLENCIA (*quasi desmaiado de rai-va*): — Oh! sim... porque? não.

*Outro movimento geral. Despedidas. A campanha continua a tocar, a tocar sem parar. Na antecâmara ha uma porção de gente. O jornalista, forçando a porta...*

O JORNALISTA: — Caramba! Já disse que não vinha pedir nada.

S. EXCELLENCIA: — Oh! você, Antonio.

O JORNALISTA: — E sem querer aborrecel-o mais. Como deve ter tido cacetes hoje!

Todos (*riso amarello*): — E' mesmo! E' mesmo!

O SECRETARIO: — Escuta. Mande fazer a lista das pessoas que vieram hoje. Mande fazer dez listas.

O JORNALISTA: — Dez?

O SECRETARIO: — Para distribuires por todos os jornaes. Esses sujeitos vendo o nome nas folhas talvez não voltem mais.

O JORNALISTA: — E' o contrario. Voltam então todo o dia...

O SECRETARIO (*á porta por conta propria*): — S. Ex.<sup>a</sup> não recebe mais hoje. Está indisposto. Diga que deixem os cartões.

*São 11 e 15. Estão sós o Ministro, o Jornalista e os dois secretarios.*

S. EXCELLENCIA: — Uff! E' de mais! Duzentos e cincoenta pedidos! Seiscentas visitas! Ai!

O JORNALISTA: — Que trabalhão !

S. EXCELLENCIA: — Ah ! meninos, meninos, e se eu renunciasse ?

OS TRES: — Hein ? Não faça tal !

O JORNALISTA: — E o nosso futuro ?

O SECRETARIO: — E a patria ?

O PORTEIRO *mettendo a cabeça pela porta*: — Dá licença ?

O SECRETARIO: — Que é ? Já não disse que não se recebe ?

O PORTEIRO: — E' um homem com recado urgente do presidente da Republica.

S. EXCELLENCIA: — Do Presidente ?

O JORNALISTA: — Do Presidente ?

OS DOIS SECRETARIOS: — Do Presidente ?

S. EXCELLENCIA: — Mande entrar.

*Abre-se a porta. Aparece um sujeito de cavagnac.*

O SUJEITO: — Eu sabia bem que V. Excellencia não resistiria ao presidente. E' um truc. Peço desculpa. Tinha necessidade, sem falta hoje, de entregar-lhe esta cartinha em mão propria. E' para um logar, um logar que eu ambiciono...

*Na sala, o ministro e os seus amigos olham sem vêr, enquanto pela porta espiam varias caras e a campainha continúa a retinir surdamente...*

## Entrevista

---

A nova sensacional foi sabida á tarde. Um reporter por acaso encontrara um tilbureiro indiscreto, e o tilbureiro sem mysterio dissera o acontecimento. O reporter voara ao jornal. Do jornal tres ou quatro indiscretos foram espalhar o caso em outra redacção. De modo que, quinze minutos depois, já a cidade estava infestada de rumores surdos e admirativos.

Eu resolvera sair apenas ao escurecer e, antes de chegar á primeira esquina, um sujeito travou-me do braço:

— Sabe quem chegou?

— Impossivel. Não adivinho nunca.

— Tente.

— E' superior ás minhas forças.

— Pois bem. Acaba de chegar Jesus Christo.

Noutra época, em paiz diverso, homem de

tempera differente teria o mau gosto de apresentar-se e perder tempo com phrases inuteis. Eu não. Si Jesus apparecera de subito, em plena semana santa, depois das viagens de tantas notabilidades e das conferencias de Julio Maria, era claro e certo ter apparecido por motivo importante. Dei um abraço ao informador.

— E onde se hospedou ?

— Isso é que eu não sei. Talvez fosse para Petropolis, talvez esteja nos Estrangeiros.

Chamei um automovel e corri ao centro de más comidas e grande espalhafato onde pernoita e come o escol da população em transito. No peristylo, por entre alguns *gentlemen* de botoeira florida, uma nuvem de reporters tomava notas com o gerente, entre exclamações e phrases admirativas.—Espantoso! A appareção de Christo! Quantas salas tomou? Que me diz? Tem um quarto só no terceiro edificio? E a decoraçào? Nenhuma! Philosópho incorrigivel! Com quem veio? O gerente parecia aturdido e os hospedes tinham todos o ar digno de quando se é por acaso companheiro de casa de um sêr de fama:— a Réjane, o conselheiro Ruy, o caçetissimo Doumer. Acerquei-me do gerente.

— Jesus Christo ?

— Nos seus aposentos.

— Tenha a bondade de levar-lhe este cartão.

— Tenho ordem de não receber nem o Cardal.

— Leve sempre.

E fiquei á espera, meio nervoso. Afinal era uma entrevista importante. Com qual dos Christos iria eu fallar? Com o Christo de Renan, com o Christo de Bosc, com o dos Evangelhos ou com o Catholico? O grande homem estaria com as mesmas ideias? Teria o Brasil agora que arcar com a predilecção do filho de Deus?

Insensivelmente, preparando a phrase e a commoção para quando o visse, fui caminhando, perdi-me numa varanda, entrei noutro predio, marchei por um corredor deserto, encontrei um pateo, novo predio, e ia subir quando o gerente appareceu.

— Diz que pode entrar. E' um homem muito chão. Quarto 535.

Subi a quatro e quatro, corri pelo corredor e achei-me deante do 535. A porta abriu-se e appareceu um cavalheiro, formoso, de barba castanha, enfiado num elegante veston de cheviote azul. Tinha os cabellos anelados e parecido ao mesmo tempo com a tela de Leonardo de Vinci e com a physionomia de Alphonse Daudet.

— Queira ter a bondade.

— E' ao Salvador do Mundo?... indaguei sem forças, com os olhos jámais fartos de vê-lo.

O cavalheiro esboçou um sorriso modesto.

— Exaggero, meu caro. Apenas com um modesto artifice dessa incompletissima salvação. Sente-se, descance. Este hotel cansa. O gerente

queria dar-me um apartamento da frente, em que já estiveram presidentes da Republica. Achei excessivo e pedi este quarto. Eu nunca tive luxo. Sente-se.

Entramos no quarto. Elle, um velho grave fumando um charuto, e eu. Uma luz suave parecia tornar imponderaveis todos os objectos. Elle sentou-se, abriu uma carteira de prata, tirou um largo cigarro turco e disse, recostando-se:

— Fiz uma excepção para o senhor que creio jornalista, em primeiro logar por não querer passar para o jornalista por mysterioso e theatral, em segundo porque os jornalistas são sempre sympathicos. Si houvesse imprensa na época que esta semana commemora, eu não teria soffrido o quanto soffri, e haveria mais abundancia de detalhes historicos.

— Muito obrigado. Jesus vem abençoar o paiz apenas com a sua passagem divina?

— Não sei si abençoar. Eu venho vêr a semana santa. Falla-se tanto desse pedaço de terra, discute-se tanto e ha tantas photographias espalhadas, que eu resolvi com Pedro...

— Pedro?

— Sim, o meu velho apostolo.

— Ah! V. Ex.<sup>a</sup> é que é o Pedro?

— Para o servir, retrucou o velho.

Não! Decididamente eu sonhava. Esfreguei os olhos, tornei a esfregal-os.



— Então só pela semana santa ?

— Apenas. Dizem que é interessantissimo. Amanhã vou visitar as egrejas. Dizem que nem sempre ha o maior respeito por parte dos visitantes e que nem todos os sacerdotes elevam a alma á altura dos officios que cantam. Mas esses detalhes encantam-me. Deve comprehender que vinte seculos a observar me tenham desilludido um pouco do mal da precipitação.

Apalpei a cadeira, olhei bem Jesus, vi o apostolo Pedro gravemente atirado á leitura do seu livro. Em que mão diabolica estava eu? Seria mesmo o Messias ou conversaria eu com o intrujão habitual em todas as religiões? Quiz certificar-me.

— O divino mestre...

— Perdão. Não me chame de mestre. Agora, tanta gente é mestre que eu me envergonharia, assim ignorante, de ser um sabio mesmo divino, — adjectivo que V. emprega para todas as comediantes e cantadeiras de proxima chegada. Trate-me por Jesus apenas.

— Jesus sabe que nós estamos numa crise tremenda ?

— Sei, não ha Gaz e ha *grève*. Questão de dinheiro, meu filho. O dinheiro é tudo, e sempre fez tudo no mundo. Já um poeta escreveu que o oiro anda á roda dos seculos como os astros e vive e respira no homem. Lembra-me de ter com um exemplo lapidar, expulsado os

vendilhões do templo. Elles sahiram, espalharam-se, multiplicaram-se, e hoje são presidentes dos *trusts*, impondo por toda a parte o poder do dinheiro que corroe a alma e apodrece a bondade. Tudo voltará ao que era. As coisas andam tão de vagar.

— Mas não só a *grève*.

— Varias questões politicas? Os *casos*? Tenho lido nos jornaes. Ambição, pretensão, desconfiança, orgulho, mentira, cobiça. São os homens. Os homens não variam. Ou antes, variam, mas muito lentamente...

— Não só, Jesus. Talvez uma crise social e moral. Será para bem, será para mal?

— E' difficil dizer. Em toda parte os homens andam mais ou menos tortos e pela simples razão de que são os enlouquecidos dos instinctos. Em lugar de serem elles a dominal-os, são os instinctos que os arrastam. Estou certamente a repetir velhas sandices, mas como quando reformei a moral bastaram-me cinco ou seis ideias, ao assimilar o scepticismo moderno sou lamentavel.

— Ao contrario.

— Sim, meu caro. Imagine que ainda não li Darwin, não descompuz Spencer e ignoro todos os peccados sem perdão... Mas, como ia dizendo, apesar de arrastados pelos instinctos, graças á sua violencia, os homens conseguem tudo, e a vida é a lucta delirante para o trium-

pho. Só lhes falta uma coisa: o consolo. O consolo, porém, é uma questão de ponto de vista e de estado d'alma. Consolo ás vezes não têm nem mesmo os que o querem dar.

— Vejo que Jesus está desanimado...

— Oh! não. Ao contrario. Com muito menos qualquer outro, si voltasse ao mundo, estaria a impar de orgulho. Eu não. Vejo as coisas claramente, sem fantasias.

Vinte seculos em cima, depois de ter morrido na cruz, fazem a gente vêr muita coisa e perder os enthusiasmos da mocidade. Mas, percebo agora que está a fazer uma *interview*. Tenho medo das *interviews* desde a de Pilatos, que aliás pretendia fazer um interrogatorio.

— Jesus comprehende o quanto ha de sensacional, agora, pela semana santa na publicação das suas opiniões sobre o estado das coisas, da politica, dos potentados, dos costumes e do catholicismo. A sua opinião sobre a litteratura do Cardeal ou a attitude de Pio X...

O filho de Deus sorriu com o doce sorriso de perdão que sempre teve para com os maiores peccadores. O meu cynismo inconsciente não o revoltava. Na cadeira de balanço Pedro deixou a brochura e olhou-me com asco raivoso. Eu esperei o raio. O raio não veio. Jesus puxou mais a cadeira, em tom confidencial:

— Jornalista, eu acredito na imprensa e não quero que esta crença seja mal paga como

a pagou Iskariote. Escute. Si o recebi, foi de caso pensado. Preciso absolutamente que diga aos seus collegas e a toda a gente que Jesus não está aqui. Não é que eu tema ataques, desastres ou pedidos de dinheiro e de curas. Curas, em cada canto ha quem faça o seu milagre. Já sou inutil para curar. Dinheiro nunca tive. Ataques são-me indifferentes. Mas a minha viagem é mysteriosa, a minha viagem foi obra do velho Pedro. O apostolo quiz mostrar-me a maneira nova de erguer a fé na sua cidade e nós estamos aqui para esse fim.

— Pedro vem então mostrar a Jesus como no Rio agitado vae renascer a religião de perdão, de bondade, de paz, de pureza e de resignação e de mansuetude?

— Exacto, meu filho.

— E como, doce Jesus?

Jesus olhou Pedro, curvou-se, passou a mão dê neve pela barba fina, teve aquelle olhar interior da tela de Da Vinci, e, sorrindo:

— Como? Pois ainda não sabe? Por um outro Messias, pelas conferencias scientificas do padre Julio Maria...

Abri os olhos, arregalei-os. Abri os braços, quiz fallar.

— E' isso, os processos são novos, não se admire. Estou convencido. Foi assim, filho, que eu percebi como seria desenxabido si voltasse outra vez. Porque si voltasse talvez me

---

encarcerassem como contraproducente. Agora sou apenas *globe trotter*, faço viagens de instrução com o meu secretario o velho Pedro. Em Paris já passei até por argentino. Diga-me cá: os cinematographos d'aqui são bons?

E Jesus de Nazareth, rabbi da Judéa, puxou com melancholia o punho do veston.

## A correspondencia de Plinio o Joven

---

O administrador do Correio, para mostrar a lastimavel situação em que ás vezes se encontram os funcionarios daquella repartição, mandou-me hontem seis grandes envolucros de grosso papel de linho, dirigidos a diversas pessoas — todas moradoras no mesmo logar. Esse logar eram os Campos Elyseos. As cartas voltavam de Paris e tinham em longos caractéres romanos, nomes latinos. Não havia lá d'essa gente.

— Por Jupiter ! deve ser pilheria ! disse para as paredes da sala.

E abri o primeiro, o segundo, o terceiro envolucro, cheio de pasmo — porque em pasmo se transformára a minha duvida de facecia.

Os envolucros continham cartas, cartas de Plinio o Joven, o mais elegante dos escriptores

do tempo de Trajano. E eis o que diziam, si a minha traducção não fôr por demais falha.

Verão o leitor attento e o politico profundo a que ponto nos conduz a vertigem da propaganda:

*De Plinius a Calvina:*

«Ao saltar de um paquete da Mala Real, o meu primeiro cuidado foi escrever-lhe um cartão postal com a vista de uma pedra sem elegancia que aqui chamam Pão de Assucar. Hoje — os laços que nos unem, esse dever me impõem — mando-lhe pelo River Plate um cheque de seis mil sestercios e preparo-me para vêr mais esta colonia romana. Preparo-me com saudade porque recordo a cada instante a sua figura suave e entristeço de não a ter a meu lado. Mas si não veiu, a culpa não foi minha. E eu temo de leve magoar quem esta culpa teve. Hei de escrever por todos os correios. Vale».

*De Plinius a Vaconius Romanus:*

«Ficarás de certo admirado que estas minhas linhas parlam de um paiz desconhecido até bem pouco tempo. E' uma das caracteristicas da época a descoberta de paizes. Todos os dias descobre-se um paiz novo. Has-de lembrar ha dez annos a Scandinavia com as tragedias do viking Ibsen, as taes que puzeram maluco

o nosso respeitavel e preclaro Seneca. Depois tivemos o Japão, os heroes do Japão, as victorias do Japão. Estava preparando a viagem para o Japão — preparando demoradamente porque sou de natural indolente, — quando ouvi falar no Brasil. Brasil? outra terra? Sim, grande paiz, grande cidade, Rio de Janeiro... Mas tenho de ir ao Japão!

Não vale a pena — porque os japonezes vão todos plantar arroz ás margens do Nilo desse paiz. Então o Brasil tem um Nilo? A curiosidade faz o homem caminhar. A propaganda inventou o *globe-trotter*. Fiquei hesitante. Mas recebendo de Paris ha dois mezes um supplemento do *Figaro*, vi figuras tão interessantes que parti. Esse supplemento devia ter custado, porque o louvor custa caro e eu sempre me lembro que tive de sustentar a Marcial algum tempo só por me chamar de rival de Cicero, incontestavelmente peor do que eu, — na opinião de alguns amigos mais dedicados.

Ao chegar a Paris, soube que se encarregava de descobrir o Brasil na Gallia, o cidadão Turot, membro do conselho governador desta cidade e indo deixar-lhe o meu cartão verifiquei uma longa e enorme canôa de clientes no alrio. Eram artistas, pintores, mimicos, architectos, vadios, jornalistas, engenheiros, mulheres, que desejavam cartas de recommendação para o Rio. Por ahi tive a certeza que Turot é mais importante



no Rio, do que eu em Roma no tempo de Trajano.

Não lhe pedi também uma carta por simples dignidade, mas a propaganda tinha produzido o seu effeito e eu vim. Si não fosse a propaganda, nem os phenicios teriam descoberto a Hespanha nem nós romanos teriamos sido senhores do mundo — inutilmente é certo, porque de tudo aquillo hoje só resta a perecível memoria.

Emfim, estou no Rio, numa detestavel hospedaria intitulada *Stranger's Hotel*. A hospedaria está cheia de estrangeiros que vêm em virtude da fallada propaganda. Ha cincoenta barbaços do Norte, chamados americanos mas descendentes de germanos, que Tacito gostaria de vêr. Ha quarenta e cinco damas jornalistas e litteratas dispostas a escrever volumes por conta do erario nacional, ha gente de todos os paizes, d'Africa, d'Europa e d'Asia. Os creados que servem mal, não tomam banho. Para um homem, que descobriu como todo o senhor romano, muito antes dos inglezes, o verdadeiro asseio — é desagradavel. Temo, entretanto, que sejam de propaganda má estes meus ultimos periodos, e páro. Vale.»

*De Plinius a Pompeius Saturninos:*

«Sempre curioso Pompeius ! Entregaram-me muito a proposito o teu telegramma passado

desses tristonhos Campos Elyseos. Eu chegara do Moulin Rouge, sitio meio suburreco, onde em companhia de algumas hetairas, e bebendo licores aperfeiçoados, vi dançar uma bayadeira egypcia, como num festim da nossa Roma. Isso predispunha-me a escrever um ensaio sobre a pouca novidade da vida, e o teu telegramma deu-me o appetite de esboçal-o.

Recordas nitidamente o que faziamos em Roma, logo depois que o bandido de Domiciano morreu com horror de si mesmo? Tens bem vivos os nossos costumes? Pois os nossos costumes são quasi os destes barbaros, mil e novecentos annos depois.

Em questões de espirito e de arte — a eloquencia está em decadencia. Para compensar, como em Roma os poetas convidavam o publico para ouvir a leitura das suas obras, os poetas daqui convidam para ouvir conferencias. O publico vai, mas como o publico romano que eu tanto censurava, conversa, estabelece a conquista amorosa, não ouve bem o orador e bate palmas no fim. Politicamente, o Senado e a Camara — *inanem umbram et sine honore nomen!* — estão sujeitos ao governador e não ha opinião que não venha com o visto do palacio. Socialmente, tens em primeiro logar a canalha explorada por uma série de regulos agitadores cheios de ousadia que insultam a todo o mundo e passam largamente á custa dos desprotegidos, sem-

pre os mesmos: gente suja que moureja sem entendimento e quer dos governos pão e divertimento. Vem em seguida a classe media, que sempre foi cliente dos ricos e dos ricos sempre inveja teve. E, finalmente, os ricos que viajam, gosam, têm creados, tal qual como em Roma sem grandeza. Fui outro dia á velha villa do general Pinheiro Machado, uma especie de Pompeu sem *Pharsale* que é de uma extraordinaria importancia aqui. A antecamara do general tinha mais clientes avidos de empregos e de sorrisos que a porta de um senador amigo de tyranos, nos mais despejados tempos da nossa Roma.

Naturalmente lembras-te do nosso Plauto e da troça que em quasi todas as suas comedias fazia ao bajulador, a Gnatho? Pois bem. Nesta cidade, ha tantos Gnathos que o verbo mais em moda é o verbo *engrossar*, e *engrossadores* chamam-se uns aos outros em cada becco.

Quanto ao capitulo da sensualidade, devo dizer-te que se tomares um livro de Catullus ficarás informado. Não se inventou nada mais de novo. Apenas, dizem — que ha uma volta a amizades de sexo identico, como o era permittido na Achaia e o attestam as obras do purissimo Platão.

Para dar a impressão da falta de novidade, as discussões são de identica essencia, as vaidades parecidas, as honras iguaes mais ou menos, a perfidia, a ambição, os triumphos, os mesmos.

Imagina que um dos assumptos mais palpitantes é a reforma da orthographia! Sabes o que me lembrou? Meu tio, que nos ultimos annos do imperio de Nero, assás tyranno para impedir qualquer outro genero de estudo mais livre e mais elevado — compoz oito livros *sobre as difficuldades da grammatica!* Discute-se ainda a grammatica com afinco e furia, e a proposito da letra *h* houve quasi um conflicto espiritual.

Poderia ainda fallar-te das religiões. Mas eu temo que ahi a comparação naufrague, e desde o tempo em que Trajano me mandou punir os inoffensivos christãos para que elles depois acabassem com o nosso imperio — acho o assumpto muito grave. Fica para depois. Approxima-se a hora anti-alba, que nos relogios d'agora chama-se cinco da manhã. Vale.»

*De Plinius a Tacitus:*

«Sim, meu caro amigo, o seu admirador continúa a ser o mesmo homem cheio de curiosidade e de indolencia activa. O meu espirito, que deixou a propaganda arrastal-o do simples inferno a esta passeiata, gosa com isso.

E' quanto basta. Que se ha-de fazer? Ainda hontem fui á Camara. A Camara funciona numa ex-cadeia. Levaram-me para a tribuna dos diplomatas. Porquê? Sentei-me e olhei. Olhei e verifiquei a inutilidade dos velhos como

representantes da patria. Havia alguns mal ajambrados, esquecidos nos bancos, mas os dominadores eram rapazes e talvez meninos. O presidente olhou-me como a um velho camarada e eu fiquei contente por vê-lo assim tão novo presidente quando a mim aconteceu ser consul mais moço que Cicero. Vi que a maioria delles tinha nomes estrangeiros. Antes da propaganda, haveria por cá estrangeiros? O orador da grande maioria, que é toda a Camara, tem mesmo um nome escossez.

Mas não é para contar estas coisas de observação geral que eu traço estas linhas, e sim para lhe dar o parabem. Não imagina como é conhecido aqui. Toda a gente falla do seu nome — posto que me pareça não o ter lido. Ainda na sessão da Camara, fallando um dos paes da patria, de alguns bandos de selvagens escravizados, ergueu a sua voz e disse: — A politica daquellas regiões malditas pedia a penna de um Tacito para esvurmar-lhe o horror!

Graças aos Deuses, a Immortalidade acompanha-o, mesmo aqui. Vale.»

*De Plinius a Pomponius Saturninus:*

«Na minha carta de hontem esqueci inteiramente as novidades da urbs.

São poucas. Ha automoveis, genero de conducção a gazolina, que quasi me arruina. Pa-

guei por quatro horas hontem 450 cestercios. Ha a Avenida Central, uma especie de galeria de fachadas de todos os estylos. Entrei numa casa que me parecia um templo de Isis e era um estabelecimento de tecidos.

Ha as bellezas naturaes: o Sumaré, o Corcovado, a Pedra de Itapuca, e um homem que veste muitos colletes e dá pelo nome de Deputado Heredia. E só. Vale.»

*De Plinius a Calvina:*

«E' falso inteiramente que eu tenha descido a fazer farinha de trigo até alta hora da noite, minha cara amiga. Ha evidentemente equivoco. Foi de certo Pomponius, que sabe bem o seu francez para traduzir *Moulin*, quem te deu a nova que eu passara no Moinho Vermelho. Os moinhos, entretanto, servem agora apenas para levar pelos ares a saude e o dinheiro de uma pessoa — são logares de diversão. Fui lá assistir, em bonecas de cêra, á reconstituição da vida de uma romana. E fiquei tão saudoso da tua belleza, tão encantado com as bonecas — que só de lá sahi, após ter comprado uma de cabellos louros, feita em Paris — mas que parecia a viva esculptura da mulher que só no mundo me preocupa.

Mostra esta carta a Pomponius e elle mesmo desfará o erro. Vale.»

## A Grande Letra

---

Eu respeito o *H*. Nesta época em que Crookes descobriu o quarto estado da materia, Richet synthetisou os phenomenos metaphysicos, Röntgen tornou conhecidas as propriedades dos raios *X*, e Charpentier e Blondlot puzeram em evidencia os raios *N*, nesta época em que tudo se explica pela theoria do ether universal na imposição de um mundo mysterioso de sensações — é impossivel não amar e não respeitar a radio-actividade estranha da letra *H*. Todas as coisas que o homem creou para exprimir uma vontade, um desejo ou um aspecto participam das qualidades da criação, nascem como o homem de um desejo inexprimivel de Deus, absorvem as influencias ambientes, atiram-se á vida, soffrem o phenomeno da concorrência, e morrem ou triumpham, dominam ou são dominadas,

resistem ao combate ou arrastam o carro dos victoriosos — as obras de arte, as obras de guerra, as obras de industria e de sciencia. As letras são os primeiros signaes de que o homem desejava deixar a sua historia e contar a sua fortuna. Um desses signaes, traçado custosamente no Egypto ou na Phenicia, pouco tempo depois de inventado para preencher uma necessidade, era tratado com um filho cujas opiniões se respeitam, e, passados seculos, as gerações que o recebiam modificado, acceitavam-no, representasse ou não uma tyrannia. Foi de certo por isso que Nigidus provou serem as palavras signaes naturaes e não de convenção, com o exemplo do *vós* para fóra e do *nós* para dentro, e que muito antes de Nigidus um preclaro philosopho assegurava o immenso logar-commum de que a letra é a mais natural das tyrannias inventadas pelo proprio homem.

Ha letras dignas, ha letras honestas, ha letras bellas, como as ha ridiculas, idiotas, immoraes e horriveis. Já um poeta nephelibata ganhou celebridade dando a côr das vogaes e teimando em vestir o grave *U* de verde. O factó é que não só as vogaes como as consoantes têm côr, têm ideias, têm opiniões, têm historia e até mesmo um temperamento e a predilecção especial por certas partes do globo.

O *A* por exemplo é uma letra leal, clara, definitiva. Com ella se escreve Adão, a obra



mais leal de Jehovah, e ar e agua, os mais democraticas elementos da vitalidade. Na composição das syllabas o *A* aclara; quando começa as palavras irradia boa vontade. Seria custoso aos philologos encontrar uma palavra de sentimento réles, um termo cacologico a começar pela lettra *A*, e entretanto é com a lettra *A* que se escreve amor, que se escreve amizade e pela qual começam os nomes de Adonis, a belleza maravillhada, e Aristides, a pureza feita homem.

Se quizermos conhecer o opposto, da franqueza, se nos antepara logo a seguinte vogal *E*. *E*' um rabisco enigmatico, é o risco donde sahiram o signal de interrogação e todas as affirmações que deixam duvidas, desde Eva até os Evangelhos. E talvez por isso enigma comece por *E*, comece por *E* esphinge, em *E* se inicie espanto. Todas as letras têm uma moral especial quando dirigem, um valor inicial de commando, e outro sentimento relativo quando se accomodam nas palavras. Tal como os homens que são uns quando mandam e outros quando se confundem na turba, sujeitos aos governos do consciente e do inconsciente.

Que se se dirá da lettra *N* senão que muito antes da descoberta dos raios, grosseiramente visiveis nas pinturas de Moysés espalhadas pelo mundo — o *N* representava o entendimento? *E*' tal o seu valor que um classico portuguez, resolvido como todos esses senhores a decidir

de tudo, mesmo do que não entendia, escolheu para sobrenome de Adão a palavra nascimento. E não podia ser outro: Adão do Nascimento, obra leal do entendimento summo em traducção livre; nato terrestre em versão mais approximada, se é que Adão em hebreu significa: da terra. Que se dirá da lettra *U*, tendo logo a seguir a lettra *V*, senão que até no alphabeto o doloroso caso de hermaphroditismo foi uma verdade possível até bem pouco, ou então que a palpitante operação dos monstros thoraco-xiphopagos foi realisada intellectualmente nas lettras, pouco depois da descoberta do Brasil Oh! as lettras! a grave complicação das lettras, o tyrannico character das lettras, desde a esthetica primitiva do *Y* até a mathematica incoercivel do *X* e a capa geometrica do *K*! Como atacar assim, de subito, esse mundo simples que rege o mundo inteiro e serve para nos dar imagens de coisas inacreditaveis, de coisas deliciosas, até mesmo das coisas inenarraveis dos appellidos dos jornaes?

Essas lettras pelo seu fundo de utilidade ficarão, hão-de ficar, trabalhando mais algumas, especializando-se umas, generalizando-se outras. O *H*, porém, tem os seus dias contados. Rumas de homens praticos atiram-se contra o seu valor, temperamentos sem a comprehensão do inutil se arregimentam em hostes aguerridas contra a sua admiravel inutilidade. E o *H* erecto e heril, parece indifferente á futura extincção.

Por que extinguir o *H*, Deus misericordioso? O *H* é a unica lettra do alphabeto verdadeiramente aristocratica e verdadeiramente esplendida. Quando esta lettra, que é a origem primordial do sustenido na musica, surgiu para exprimir um som guttural da Phenicia, já vinha do Egypto, era um signal hieratico redondo com um risco no meio. Conquistador, exprimindo a rudez da voz, logo fez um esforço e deixou a curva, quebrando em dois. Era uma prova de soberania que se accentuou no grego, no eolo-dorico, através dos seculos. O *H* começou sobranceiramente por querer ficar de pé e em certas taboas de cera da idade-media chegou o excesso a perder a horizontal ligadora e a ficar apenas duas perpendiculares, dois fustes, tremendo e grave entre as palavras.

Qual a outra lettra que assim tornasse altiva e forte o seu physico, que assim erguesse aos astros a imponencia aguda do seu gesto?

O *H* acompanhou a aristocratisação do homem. Quando comprehendeu que os seculos mercantilizados já muito bem podiam passar sem a sua imagem começou a fulgurar como os fidalgos, começou a tyrannisar como os soberanos. O burguez adora o sangue de raça e até hoje tolera os reis. O *H* resolveu ser o soberano que toda a gente acha por costume indispensavel e o titular que serve de ornamento no conjuncto, o *H* tornou-se o parasita admiravel. Talvez por

isso toda a antiguidade não discrepava no seu emprego, talvez por isso o modesto Aulo Gellius dizia: «O *H*, que seria talvez mais justo olhar como uma aspiração...» e Fidus Optatus, sujeito feliz possuidor dos originaes de Virgilio assegurava que aquelles lindos versos

*Vestibulam ante ipsum, primoque in limine Pyrrhus.  
Exultat telis et luce coruseus athena.*

Virgilio, que traçara, a principio, *athena* sem *H*, logo se arrependera e accrescentara por cima, com o seu proprio punho, a lettra imperiosa. Esse erro remediado do cantor de Aleixo é o caso typico da obcessão do *H* entre os poetas da antiguidade. Esses vates podiam errar na fabula, podiam, por exemplo, não acertar no numero de filhos de Niobe, porque Homero conta doze, Euripedes quatorze, Sapho dezoito, Bacchylido e Pindaro vinte, e outros, para compensar, já mais modernos — apenas três. Mas não esqueciam o *H* e contra o uso a principio de toda a Grecia seguiram os atticos, que até a primeira lettra de *ichtyos* aspiravam.

Nós aspiramos evidentemente coisas mais praticas e o resultado é que o *H* mudo ou aspirado vae ser forçado a desapparecer.

E' lamentavel. *H* é a lettra inicial da vida. Com ella se escreve homem, humanidade, honra. Em todas as coisas tremendas o *H* dá força,

dá vigor. Apparece em elephante, apparece em hospedaria, apparece em hallucinação e até no atroz sentimento que se chama hesitação. Em todas as palavras suaves surge como o supremo encanto e com elle se escreve harmonia, com elle se vê honesta, com elle se acampanha o tempo na palavra hora.

Todos os nomes dos grandes na historia quando não têm *A*, como Affonso XIII e Affonso Penna, quando não têm *A* e *H* como Affonso Henriques, têm o *H* fatal, e basta recordar que Helena foi a causa da destruição de Troya, Hesiodo escreveu a vida dos deuses e sem Hemerio a grammatica nacional seria menos, muito menos do que é mesmo tendo Alfredo Gomes...

Todos os pequenos factos da terra obedecem a mysteriosas impulsões do ambiente. A destruição do *H* é uma demonstração do feroz egoismo da época, abandonando a tradição e a humanidade, tratando do eu estreito e desprezando o proximo.

Mas será impossivel! Oh! sim, totalmente impossivel! Já o *H* desappareceu do tempo do verbo *he* para ficar com os substantivos e os adjectivos que lhe concederam. Como escrever amanhã hera sem a graça do *H*, inverno sem a hispida imagem do *H*, horizonte sem a vastidão suave do *H*? Como amanhã comprehender hydrogeneo na annotação chimica se lhe arrancam o *H*?

E' de certo impossivel ! Teremos de vêr surgir um outro Gubius Bassus para nos dar a origem das palavras, teremos talvez — oh inclemencia do ceu ! — mais grammaticos, mais rhetoricos, mais Candidos de Figueiredo, levaremos mais tempo a reflectir no inicio dos trabalhos da Academia, esse codigo civil das lettras patrias. E para quê ? Para que o *H* tenha as manifestações de um grande exilado, para que o *H* seja sempre fallado, fatalmente, inexoravelmente, emquanto houver na vida parasitas esplendidas como elle é nas lettras, emquanto a esthetica prometter que seja bello e agradavel, na vida, na arte e na harmonia secreta de todas as coisas — o que é inutil mas formoso !

Ha campanhas clamorantes. Esta é mais do que isso — é desesperadora.

Eu respeito o *H*. N'esta época em que Röntgen tornou conhecidas as propriedades dos raios *X* e Charpentier e Blondlot puzeram em evidencia os raios *N*, é impossivel não respeitar o *H*.

Porque afinal o *H* guarda ainda uma verdade imperecivel, porque o *H* é hoje no alphabeto o symbolo da maioria importante da especie humana, o que apparece em toda a parte, julga-se indispensavel e não vale nada...

E isso é tremendamente philosophico.

## A reportagem de S. Pedro

---

Era manhã. As trévas da noite a passar fundiam-se no palor da alba, de modo que a manhã tristemente abria em cinza, com ameaças de chuva nas nuvens densas. Nas cercanias da morada dos mortos era quasi o socego do completo silencio. Passavam de vez em quando carros electricos, ainda com luzes, passavam rolando desconsolados carroções com as lanternas ainda tremeluzindo, e de tempo em tempo uma corneta tocava ao longe. Como estava lindo o cemiterio! como estava anormalmente de encantar! Era uma symphonia de marmores e de verdes, era um mundo de anjinhos feitos com mau gosto entre ramos d'arvores quietas; e por toda a parte, nos carneiros, nos monumentos, pelo chão raso, restos de velas e ramos e palmas semi-murchas lembravam o final de um ban-

quiete orgiaco. De um banquete ou de um convescote, mesmo porque pelo chão da rua ainda havia papeis engordurados e fragmentos de guloseimas.

O homem trabalhador e humilde, ainda com somno, já áquella hora vinha beirando o cemiterio caminho da faina. E philosophava:

— Que grande dia de sentimento tiveram os felizes mortos! Uma indigestão de cera, de flores, de mangericão, de tolices e uma sobremeza quasi ampla de lagrimas! Ah! mortos felizes. Cada vivo parente que os veiu visitar, esmagando uma lagrima, se já não os trahiou depois da morte, se não os trahiou mesmo em vida, aborreceu-os, arreliou-os tanto que os bemaventurados sorrirão monologando: «Ah! como somos felizes por não vos poder mais prestar serviços, livres do involucro de egoismo e ingratidão da vida!» Mortos tranquillos! Já ninguem lhes espia a vida, já ninguem se rala com o seu esforço, calumniando-os em proporção aos triumphos, já ninguem os infama, os os denigre, os insulta. Descançados mortos! Oh! o tempo distante em que podiam prestar serviços para criar serpentes, como vae longe... Hoje, eil-os ahi, debaixo da terra, lama e osso, que serão poeira, mortos satisfeitos, mortos que não trabalham mais!...

O homem trabalhador não parecia Hamlet porque caminhava depressa e porque talvez ti-



vesse medo de caveiras — coisa assás impressionante menos para os medicos, principaes fornecedores do genero. E, de repente, o homem parou. Via, positivamente via, um velho de barbas brancas, tentando saltar a grade, de dentro para fóra. E estava vestido com uma frescura que nem ás senhoras mais ousadas é permittido. Apenas alpercatas, um baculo, um sacco e uma estamenha surrada amarrada á cintura por uma corda. A estamenha prendera-se aos ganchos da grade alta. O velho, agarrado a um varão, forcejava por livrar-se, mas antes dava á madrugada e ao homem trabalhador o espectaculo de uma nudez tão velha que não excitaria a curiosidade nem mesmo dos má-linguas desta cidade.

— O' velho, que é lá isso? Fez rindo o homem trabalhador.

— Ora, ajude-me a sahir e deixe de rir. Sou um ancião!

— Que salta muros!

— E' boa. Como queria você que não saltasse? Tenho apenas esta roupa e os árbitros da elegancia ainda não consentem que se passeie assim pelas ruas.

— Mas pareces frade.

— Sou mais.

— Cardeal?

— Mais.

— Papa?

— Upa !

O homem a essa réplica trepou tambem, retirou do espigão de ferro a ponta da estamemha e saltaram ambos na rua.

— Ficas abençoado por toda a vida, disse o velho pondo o sacco debaixo do braço.

— Fico apenas cumplice de um crime, se não te levo á delegacia.

— Para quê ?

— Para explicares a entrada no cemiterio.

— Ora que pobre de espirito ! Estou vendo que te verei no ceu.

— Antes fosse. Talvez estivesse indicado para um alto cargo. Mas basta de conversa. Segue !

O velho encostou-se de vagar ás grades.

— Decididamente, meu filho, não tens faro. Sherlock Holmes e as suas lições foram inuteis ao mundo. Pois não vês logo que não posso ir para o xadrez ? Quem pensas tu que eu seja ? Não respondes ? Pois vou dizer-te: eu sou S. Pedro...

O homem que trabalha, socialista e irreligioso (os homens que trabalham são de facto os unicos homens socialistas e irreligiosos) ia soltar uma gargalhada. Mas uma luz viva de subito aureolou o velho, e o velho boamente, continuou sem ser interrompido.

— Certo já me reconheceste. Tenho retratos em abundancia por este vale de acções inde-

corosas. Em moço, ha quasi dois mil annos, tinha outro typo. Mas a legenda transformou-me. Do Pedro que era pedra e sobre a qual o Menino deu a honra de edificar a egreja, resta apenas este mulambo velho que estás vendo, porteiro do ceu, *concierge* do paraizo.

— Oh !

— E' o que conto. Uma decadencia relativa para os mortaes, mas para nós outros o verdadeiro bem. Eu, maior do que o Papa na terra, sou quem abre a porta aos recémchegados no ceu...

— Mas porque o vejo assim aqui ?

— Porque sempre as creaturas divinas de gerarchia visitam a terra. Jesus mesmo reappareceu. Eu reappareço sempre. Acostumei-me de tal maneira, que dou passeios de tempos a tempos quando me chamam acontecimentos graves.

— Que me diz ?

— Olhe, ao Rio a pedido de S. Sebastião venho quasi sempre, e só não vou a Paris a pedido de Santa Genoveva porque aquella terra faz-me mal ao estomago. Hontem estive aqui, e hoje, já outra vez...

— A apostar que veiu por causa das eleições ?

— Oh ! menino...

— E' que nunca o escandalo chegou a tal ponto ! S. Pedro não imagina os horrores.

— Que lhes podia fazer? Ameaçal-os com o inferno?

— Vem então a negocio de candidaturas?

— Tambem não.

— Pois ha ahi coisas tremendas. O Pinheiro, o Rosa e Silva.

— Não! Não me falles dessa gente!

— Não atino então. A menos que S. Pedro não venha auxiliar a criação da Escola Dramatica?

S. Pedro sorriu:

— Já ha disso aqui?

— Ainda não, mas haverá.

— E agradavel?

— Segundo asseguram...

— Pois não acertaste. Vim, accedendo a um pedido colectivo dos finados que estão no ceu, vêr como os vivos se portavam para com elles. Como não deves saber, ha lentes poderosissimas nos quatro pontôs do ceu, para que os bemaventurados possam vêr sem saudade como morrem as saudades no paiz onde passaram. Nesses dias a concorrência é enorme. Vêem todos mal, porque todos querem vêr e edificar-se, com a torpeza hypocrita da terra. Vae d'ahi, eu lembrei-me de vir até cá. «Meninos, é facil. Hoje não entra ninguem e eu posso lá ir a fazer uma reportagem.» Elles não chegaram a pedir, mas estavam tão satisfeitos que tomei do sacco e descí.

— Quanta coisa devia ter visto S. Pedro!

— Procurei vêr apenas o agradável. Sou o contrario dos reporters, sou optimista. E com esse optimismo louvei a limpeza das necropoles, a concorrência sentida, apesar da chuva e das eleições, tomei nota das tumbas em que havia muito choro — afinal parei numa em que havia cartões de visita.

— Ah!

— Pensei commigo: como são fetichistas! Ou talvez sejam espiritas. O cartão de visita!... Emfim! Fiz uma lista dos nomes pachorrentamente e abalei para o ceu. Ah! meu filho, não imaginas que recepção! Era uma alegria, um perguntar! E eu só a dar boas noticias, boas noticias, noticias boas. Por fim encontro o bem-aventurado dos cartões na tumba. — «E tu, nada perguntas?» — «Para quê? Ha muito tempo que não se lembram de mim...» — «Pois é um engano, lembram-se! Encontrei um maço de cartões sobre a tua pedra. Até parecia salva. Ouve lá que vou ler a lista dos teus amigos.» Desdobrei o papel, comecei de ler...

— E elle?

— Elle, que foi um soldado honrado e sofreu muito, elle disse: «S. Pedro, não queira brincar. Meus amigos esses? Pois se não conheço nenhum!...» E por mais que eu insistisse sempre respondeu desconhecer os visitantes.

— E' que, S. Pedro, os visitantes atiravam no que não viam...

— Mas o aborrecimento! Todos os outros bemaventurados quizeram cartões, disseram que eu só fizera serviço completo para o outro, e tanto quizilaram e tanto a duvida n'alma me puzeram, que tomei uma resolução desesperada e vim de novo revistar as sepulturas. Venho desse trabalho.

— Com resultado?

— Nenhum. Só na mesma é que encontrei mais cartões. Não me explicarás tu isso, meu filho?

O homem socialista e irreligioso teve pena da immensa e doce ingenuidade de S. Pedro.

— Meu santo, é que os homens chegaram ao ponto de degradação moral tão grande que para bajular o vivo em ameaça de subir, já não sabendo o que fazer, deixam os bilhetes de visita na cova dos parentes do vivo para que o vivo os leia. O morto era o meio de chegar ao vivo.

— Mas eu não vou dizer lá em cima isso.

— Certo. O melhor é dizer que houve engano...

— E vou mentir.

— Para o bem, S. Pedro. Pelo menos no ceu os homens não corarão de vergonha!

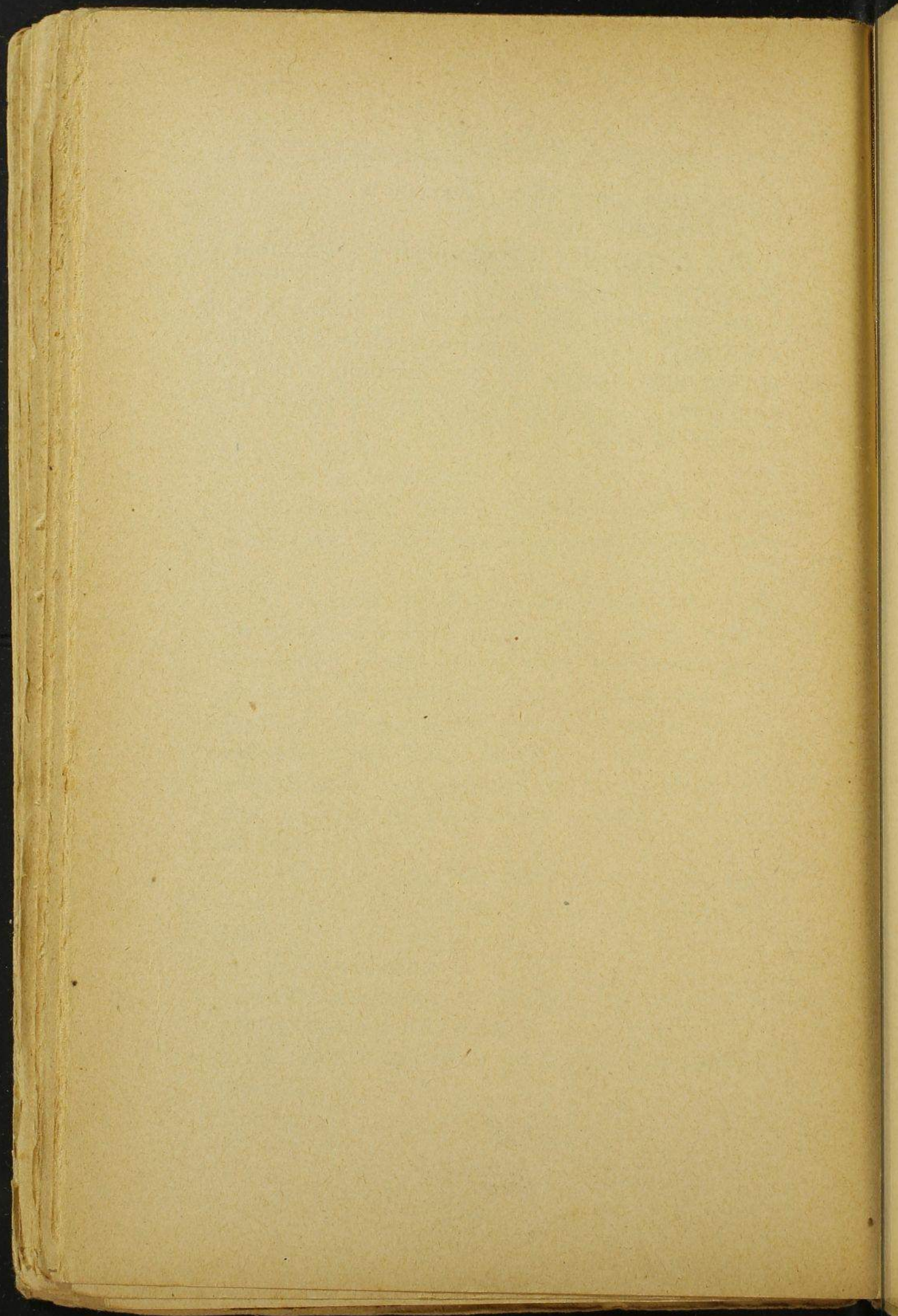
S. Pedro apoiou-se ao baculo, sorriu tristemente.

---

— Adeus, meu filho. Abençôo-te.

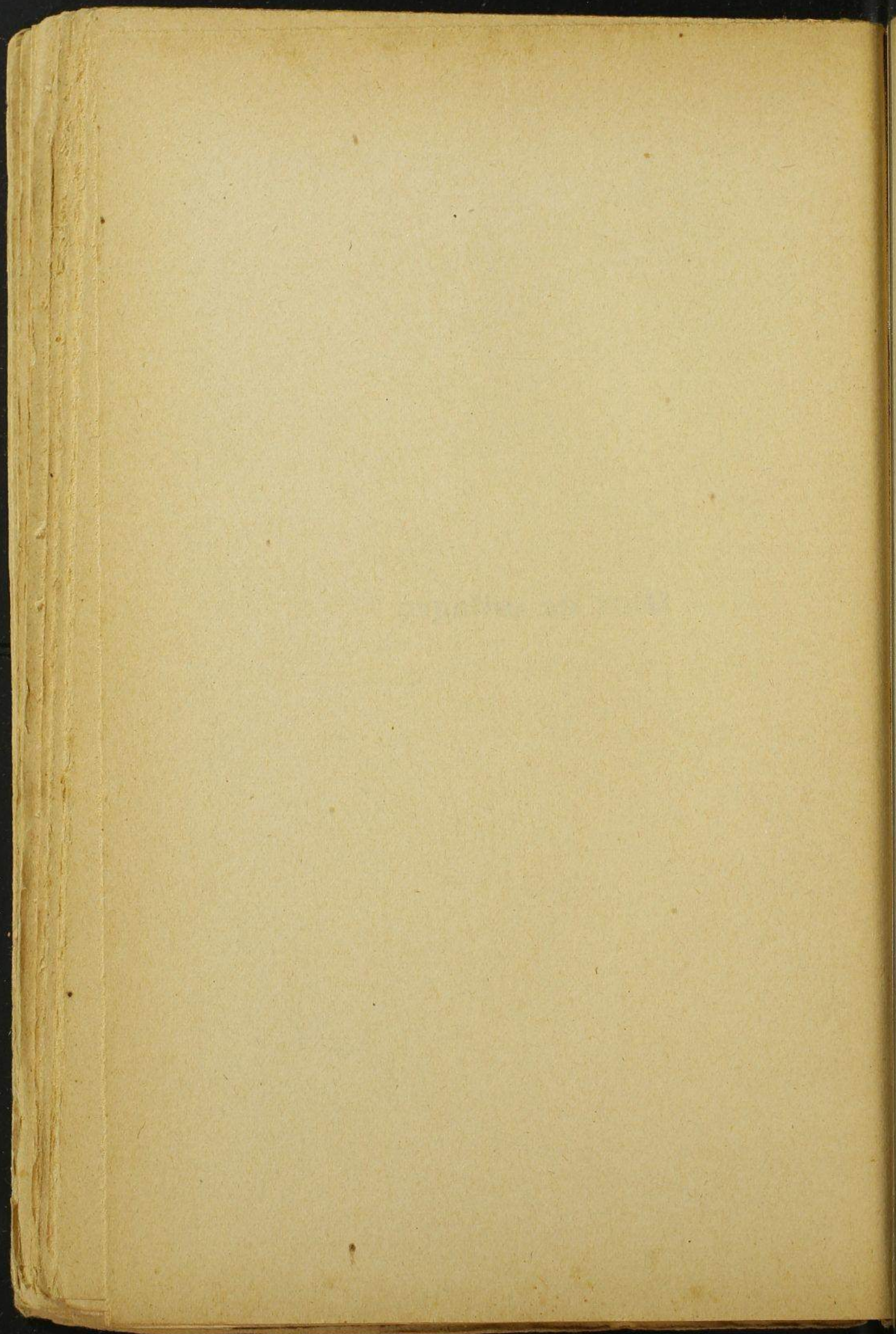
— Obrigado, santo.

E o homem que trabalha deitou a caminhar de pressa para chegar a tempo, elle que tinha dignidade; enquanto na nevoa da manhã a figura de S. Pedro ia desapparecendo até ficar apenas uma branda luz que oscillou, ardeu e alou para os espaços — como envergonhada do lameiro da terra.





**Dias de milagre**



ex  
va  
ob  
qu  
re  
pr  
ge  
lo  
m  
ca  
o  
le  
qu  
ge

# O JUBILEU DE CONGONHAS

(NOTÍCIAS SENSITIVAS)

---

## À caminho

---

Na Central o movimento é pequeno para o expresso de Minas. A luz electrica morre na vastidão do hall, creando trechos de sombra, obscuridades complacentes, donde de vez em quando surgem, agitando lanternas verdes ou vermelhas, empregados de boné. O leito é comprado em separado da passagem, e por traz do guichet o funcionario exige uma serie de informações breves. Felizmente breves. Seguimos pela plataforma. O trem vai partir. O carro de primeira é admiravelmente illuminado, o carro-dormitorio jaz em treva e tem um porteiro velho, um porteiro de oculos, com os queixos desencontrados, que se oppõe á passagem de toda a gente.

Installamo-nos. E' provavel que nesse trem

só viagem mineiros. O typo do mineiro é dos mais característicos na vasta collecção dos typos brasileiros, todo elle feito de musculos, secco, como que talhado em couro. Os gestos, sejam elles civilisados ou sejam do sertão, são espaçados e curtos, o caminhar firme, a physionomia fechada. Um d'elles sorri porque eu attendo em fechar-lhe a porta do comboio.

— Para onde vae? indaga.

— Para Congonhas.

— Vae vêr a festa? Ah! é muito interessante. Começou no dia oito, mas o forte é nos ultimos dias.

Basta-me esta informação. O expresso, entretanto, cortando o vento, vae a engulir os suburbios, os primeiros escuros, os outros gritantes de luz, numa grande velocidade. De repente pára. E' a primeira estação. Uma pequena demora, e continua para parar pouco depois. Como? Um trem expresso esse? Mas ha outras muitas estações e esse expresso excepcional, antes um trem noctambulo e sem pressa, vae parando, parando. Enervados com a viagem, os passageiros levantam-se a cada estação, vão arejar á plataforma, ha o classico assobio, e de novo, barulhando, bufando, a machina parte arrastando os vagon.

Em Mendes, resolvo deitar-me. Ha pouca gente no inconfortavel carro-leito. A poeira entra por todas as janellas. Deito-me, um leito

baixo, sem o horror de outro leito por cima graças á attenção do chefe, que me conhece, que já me viu e até assegura os meus conhecimentos no dominio da feitiçaria e dos mundos invisiveis. Ingenuo chefe que acredita no conhecimento de alguém!

A noite, quente no Rio, esfriou sensivelmente.

As vidraças do vagon estão foscas da aragem, embaciadas e algidas. E' triste viajar só. Mesmo quando se vae a um proximo lugar, a partida, o isolamento feroz de uma locomotiva em marcha, tudo entenece e tudo consegue commover. Na noite escura, a machina parece triturar kilometros num galope de besta-fera e a gente pensa no que estarão fazendo conhecidos amigos, julga os theatros cheios, sente a nostalgia dessa luxuria que nas ruas do Rio faz da vida urbana uma perpetua trepidação.

Deito-me, limpo com o lenço o embaciado dos vidros e vou vendo a paisagem sob a paz do ceu. Oh! a vastidão do ceu no campo, o vago, lento e grave palpitar das estrellas, e toda a quietude, toda a tranquillidade das hervas e das arvores, á espera do sol! A lua é apenas um disco.

Mas como é differente a lua! Parece feita de ouro côr de rosa, parece um bordado no velludo do firmamento! E por monte e valle o trem continúa a galopar, como se disten-

desse aos nossos olhos a fita interminável de um cinematographo, em que as arvores e os campos guardassem o mysterio das fantasmagorias, só de quando em quando cortadas de casinhotos, onde vivem roceiros isolados, ou do estrejamento luminoso das pequenas cidades agora, quasi todas illuminadas a lampadas electricas, mas desertas e somnolentas.

Numa das estações salto para tomar café, um detestavel café, e estou sorvendo a bebida quando vejo um desses meninos que se fazem «reporters» humildes, passam despercebidos e depois de sufficientemente sugados, ou morrem de tuberculose, para ter missas e ternuras posthumas, ou resolvem emigrar para o lar, na provincia.

O pobresinho está magro. Os seus dois olhos de criança ardem com febre e elle sorri nos labios sem côr.

— Oh ! você por aqui ?

— E' verdade. Vou para a fazenda. Mamã mandou chamar-me. Já escarrei sangue.

O trem apita.

— Vamos, digo, tomando-lhe o braço.

— Não; eu vou na frente, na segunda. E' mais barato.

E corre a rir. Pobresito !

Recolho outra vez, e outra vez a fita do cinematographo mostra-me o pedaço de lua de ouro côr de rosa e a paisagem de sonho toda pulverisada de estrellas.

Subimos a serra, gozando o recorte bizarro das montanhas nos horizontes fundos, mais azues no escuro azul da noite, galgando por todas essas cidades importantes: Juiz de Fóra, Barbacena, Palmyra, Sitio, até que a noite se vai aos poucos tornando de perola na manhã que nasce entre brumas. E' o dia. Foi impossivel dormir. Tenho palpitações fortissimas e uma vaga emoção de quem caminha para o milagre.

De repente o trem pára. E' a estação de Carandahy. A temperatura desceu muito. Sinto frio, apesar do sobretudo. E o carro dormitorio é todo acordado por gritos, exclamações, gargalhadas, imprecações. Os empregados correm a conter as portas. Acompanho-os.

São os romeiros, uma leva de oitenta e cinco romeiros, de pés nus, mulheres, crianças, rapazes, homens armados de um pequeno cacete, que tomaram o vagon de primeira classe.

— Não pode! não pode! tentam os empregados, resistindo.

— Uê! Pensa que a gente é de pau? O agente vendeu passagem de segunda, mas desde hontem de manhã que se está esperando alli, sem encontrar logar. Então é mesmo agora, senão não se chega lá!

— Entra, gente!

— Entra!

Um cavalheiro, que parece engenheiro, sur-

ge indignado com a invasão:— que horror! Eu acho-a interessantissima, e o trem corre para Lafayette levando o pessoal revoltado aos gritos e aos berros.

Oh! o homem simples em festa! O brasileiro é triste, é sempre triste, é sempre lamentavelmente triste, mas na cidade ou no matto, a sua alegria torna-se estrepitosa quando se encarapita em qualquer conducção rapida. E' curioso.

Nas festas religiosas e na porneia carnavalesca, nos domingos ruidosos, haveis de vêr a gentalha nos bondes perder a cabeça, gritar, apupar.

No campo, o roceiro toma o trem desde que vae para a sua festa, rapidamente, grita, atira vaias aos burros e aos bois da estrada, assobia os cavalleiros. Eu tinha a impressão de seguir para o escandalo de Copacabana, com um pessoal muito mais doce e muito mais puro.

— Olha o burro! Fóra o dialho! Eh! burro!

— O' tolo! ó seu tolo!

— Aguenta mano, que eu tambem sustenho!

Nessa algazarra, nesse alarido que se perdia na nevoa algida da manhã, entramos a «gare» de Lafayette. O pessoal precipitou-se. Precipitei-me tambem. Outro comboio de bitola estreita esperava fumegando e repleto, totalmente cheio. E chegava gente, vinha gente, surgia gente, de todos os cantos, num formigamento.



Pendi-me de um dos estribos. Tinha quinze pessoas, dando um logarsinho a mais uma trempe que subia do outro lado; dois caboclos moços e sadios com duas trouxas, uma cabocla com um filho de mama e uma pequena donzella, que parecia timida. Um caixeiro viajante, cheio de importancia, preveniu-me que o comboio sacolejava e ficou quieto. Um velho mineiro olhou-me, indagou se eu era da cidade e deu-me o seu logar.

O carro rodou. Havia creaturas até no tejadilho. Como se arranjavam elles? Agarrados em qualquer logar, rindo, gritando, faziam d'aquelle trem um inferno de riso, de exclamações, de barulhos. Era um alalá de tragedia grega acordando os campos, e os nossos olhos, olhando a paisagem, viam fitas e fitas de gente, com a trouxa ás costas, caminhando.

— E aquelles?

— São fieis tambem. Vêm a pé.

— De onde?

— De outras cidades. Ha gente que vem até de Goyaz e do sertão da Bahia.

Dois minutos depois o trem parava no Jubileu, uma pequena estação, e a onda precipitava-se para outro «rail». Nesse «rail» havia uina pequena machina ligada a tres bondes e a um carro fechado. Todos corriam ao carro fechado, a comprar passagens que se vendiam pelas portinholas. No meio daquelle milhar de

peças simples não havia um capadocio com vontade de prejudicar o negocio alheio e viajar gratis. Os gritos da gente afogueada e com pressa eram um temporal de vozes em torno ás portinholas, um pandemonio de sons:— ó moço, quanto custa? O' moço, dá uma de ida e volta? O' moço, quer berganhar esta de ida por uma de ida e volta?

E as notas choviam, depois de alisadas, de verificadas. De repente, um silencio.

— Esta nota é falsa!

Era um cavalheiro bem apessoado, de «mac-farlane», bigode torcido e anneis de brilhante. Não se commoveu.

— Posso afirmar que é verdadeira!

Em torno logo se disse:

— Qual! o moço não é capaz disso! Não!

— Nota falsa eu não conheço!

— De quanto é? indagou uma voz.

— De cincoenta.

— Eu tróco.

Foi neste momento que lobriguei dentro do carro fechado, de luvas cinza e com a sua face sympathica, o Dr. Bias Fortes.

Mandei-lhe o meu cartão e immediatamente o illustre mineiro, com a hospitalidade habitual, mandou-me entrar, fez-me sentar, tirou da sua frasqueira um pouco de café quente, serviu-me, bebeu depois sem lavar o calix de metal.

O Dr. Bias Fortes é a propria bonhomia.

Olhava aquella gente aos berros com um evidente prazer.

— E' a primeira vez que vem a Congonhas?

— Eu venho todos os annos, diz-nos elle.

A primeira vez que vim, engatinhava. Meu pae vinha a cavallo com cargueiros e demorava-se oito dias. Minha mãe veio uma vez por promessa, a pé. Quasi morre.

O Dr. Bias Fortes é um crente. Todos os annos, sexta-feira ultima da festa do Bom Jesus, vae acompanhado de sua esposa ao Santuario, confessa-se, communga e volta no dia seguinte com a alma alliviada.

Todos os encarregados da pequena estrada de ferro vendem bilhetes, bilhetes aliás excessivamente caros.

O Sr. Joaquim Baeta Neves, um perfeito cavalheiro, descendente de uma grande familia mineira, mostra-me quanto fizeram: cerca de dois contos.

E o trem parte. A viagem é curta. O rail parece acompanhar o pequeno rio Maranhão.

Pela linha, nas ribanceiras, nos pequenos atalhos, firmando-se como cabritos em monticulos e escarpas, os peregrinos marcham a pé, marcham por todos os lados. O trem vae cheio, e eu conto dez, vinte, cem, duzentos, quasi todos de trouxa á cabeça ou ás costas, presas ao cacetete donde pendem as botas de couro novo.

E é interessante vêr que as mulheres assim

como os homens vão também de pés nus, posto que algumas usem chapéus com fitas, gazes e flores, e um chale azul cahindo do braço em duas dobras certas. O clamor sobe aos ceus numa furia de alegria. O ceu é todo de azul e de ouro.

O sol reverbera, queimando com os seus raios a montanha. E de repente, a uma curva, surge todo branco, tomando a montanha do sopé ao alto, como fortaleza ou castello antigo — o povoado de Congonhas. A alegria do trem morre. Ha um apito. A machina tem um ultimo arranco e pára. Todos se precipitam. Com elles, dou numa estreita rua empedrada, cheia de povo surdo, austero, sem rumor, uma multidão hecteroclitica, que sobe e desce incessantemente sob o ceu causticante. Estou na grande feira e numa das tendas que no Brasil o Bom Jesus resolveu levantar á sua gloria, apparecendo e irradiando o Milagre.

## Da estação ao Santuario

---

Então foi a vertigem. Um outro mundo, um outro paiz surgiam aos meus olhos, confundindo a alegria e o soluço, a passeiata tãful e o arrastar de todas as miserias no mesmo ambito. O arraial não tem ruas, tem ingremes ladeiras por onde grimparam em filas irregulares os casinhotos todos caiados de branco, d'arthrosos uns, com uma reverberação de gypse outros. A população permanente é talvez de mil quinhentas pessoas, todas á vontade numa daquellas negras lombrigas pendidas do templo ao trilho da locomotiva, ou emmaranhadas umas nas outras como os fios de um tear que o tecido parasse em meio.

A irmandade do Santuario construiu entretanto ruas e ruas de casas para os romeiros do Jubileu ao alto do Monte, e, em baixo, homens

praticos construíram outras tantas para alugar durante a festa por preços assombrosos. De fóra o arraial é como uma fortaleza, prestes a rebater ataques de selvagens. Dentro, com a população adventícia, quinze vezes accrescida, dá a impressão violenta e inconfundível dessas cidades em ruina fundadas pelos portuguezes na India.

Quantas ruas ha? Quantos caminhos? Quantos espaços entre habitações? Guio-me apenas pelos templos, o do Rosario ao longe, o da Matriz lá ao fundo, o de São José bem na entrada principal e lá no alto, séde de todas as forças do povoado, méta de todos os ideaes, o do bom Senhor de Mattosinhos.

— Quantas pessoas hoje? indago a um rapaz amigo.

— Quinze mil, pelo menos.

A rua por onde caminho e que tem uma ponte sobre o rio Maranhão a separar o povoado em dois districtos, o de Ouro Preto e o de Redondo — está negra de gente, gente que sóbe, gente que desce, gente parada. Todas as casinholas têm cartazes dizendo-se hoteis. A' beira das casas, quando as casas são altas, barracas com uma simples cobertura de aniagem, onde sujeitos se esbofam vendendo arreios, sellins, ouros, joias falsas, fitas, pannos, camelotages ignobeis, bradando em torno de rodas de buzios, chamando a ambição para os

trombones do dado. Numa depressão de terreno um circo de cavallinhos, mais adeante uma barraca theatral. Os typos são diversissimos. Ha matutos vestidos de panno mineiro, de pés nús acostumados a longas caminhadas, com a correinha apertada á barriga ausente, a face sem côr; ha adolescentes, caboclos ou brancos, de roupas de vêr a Deus de sarja preta, sapatos de couro de carneiro, os casacos apertados nos hombros; ha homens que se percebe de cidade a aproveitar o momento para o ganho no commercio, com os dentes chumbados a ouro e uma nevrose de gestos gananciosos a se dispersarem de encontro á indifferença da compra; ha italianos colonos perfeitamente absorvidos pelo meio, mais brasileiros que muito brasileiro, fumando cachimbadas de rio-novo e tratando os outros de mecê; ha gringos vorazes armando tendas de mecê; ha mendigos esqualidos e leprosos, ha sujeitos formados, de pedra no annular, ha principalmente uma infinidade de mariolas do Rio de Janeiro, tratantes de passo gigante, que á noticia de uma facil exploração partiram levando o vicio, a rusga, a ladroeira e a canalhice para o arraial longinquo. Esse borbotão de homens de fatos quasi sempre escuros, é alegrado pela infinita e ardente tonalidade das vestes femininas: mulheres italianas de lenço vermelho á cabeça e grandes saias de panno azul, brasileirinhas ingenuas vestidas de chitas, chi-

tas azues, rosas, amarellas, rubras, brancas com risquinhas; burguezinhas das cidades proximas de chapeu e laçarotes, mocetonas a carregar no braço grandes chales amarellos e azues; velhas embiocadas em pannos côr de pinho, caboclas e negras conduzindo a gomme dura das saias brancas num passo reverente. Toda essa polychromia violenta ondula como uma série de colxas, do alto do monte á beira da ponte, por todos os caminhos, sob uma poeira corrosiva e atroz.

Mergulhamos na multidão de vagar. De guarda-sol aberto, sentadas em pedras, ha familias de romeiros olhando gravemente; das janellas das casas pendem bustos curiosos, na ponte, conversando com dois cafagestes, pelos traços e pela pintura do rosto percebo duas fufias réles da suburra carioca. E para a turba que anda, anda, anda teimosamente como um immenso e innarravel fóco de formigas em movimento, para baixo e para cima, os homens de negocio bradam sem cessar: — olha a bella peça de panno! Quarenta e cinco mil réis! Quem dá mais? Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe tres! Sellins! Vende-se um basto de primeira qualidade! Está valendo vinte, está valendo trinta! Aguenta negrada! Anneis, anneis de ouro e correntes legitimas, de Sabará, meus senhores. Quanto pensa que lhe vou vender este relógio? Por quinze mil réis, não? Pois não! Queimo-o



por doze. Olha espelhinho para mulher torta, olha sapato para fazer pé pequeno!

Flautas infantis, gaitinhas tocadas pelos turcos, se multiplicam na venda de objectos de armarinho, agitam ainda a furia dos pregões, pregões que se tonalisam ás vezes de supplicas de mendigos descendo no dorso de cavallos os membros putridos.

Quando falham as tendas dos vendedores seguem-se em tila, feitos de palhas e de folhas seccas, os bolequins ao ar livre. Toda Congonhas vende e arranja dinheiro na semana do Jubileu para o resto do anno. Não ha familia que não tenha lucro, e esses restaurantes em que se amontoam pedaços de linguiça frita, pratos de feijão comervas e cuias de farinha de milho, ladeiam outros alpendres, onde se vende a tostão a tigela um café com gosto de tacho velho, brôas de milho, bolos de arroz, pães de polvilho. Ha muito cobre, os nickeis chovem nos balcões e numa dessas quitandas, porque chamam assim os nacionaes, vejo um forte rapaz de peito largo embevecido no sorriso de uma rapariga.

— Aquelles estão se namorando.

— Ainda meus parentes. Estão vendo se casam.

Seus parentes! Todo mundo em Minas é mais ou menos parente. Ha familias, velhas de duzentos annos naquella região e hoje multipli-

cadadas por todo o Estado. Essa noção do parentesco da familia mineira surge logo que se conversa na terra tão evidente como a indiferença que o matuto tem pelos gosos phisicos. Aquellas comidas só não são melhores porque ao sertanejo tanto faz comer bem ou mal, considerando o prato uma necessidade inferior. E' a raça endurecida, a raça feita de aço e de couro secco, descendente dos tremendos conquistadores das bandeiras antigas...

Nós vamos subindo entretanto e dando no jardim onde se veneram os Passos do Senhor, tomamos pela direita para ir ter á egreja. Acabou a missa. Damos no adro. Está cheio de gente, que deixa a egreja. O adro é em forma de elypse, com quatro estatuas, em pedra de sabão azul: a dos prophetas Abidias e Amás, á direita e á esquerda Nahum e Naliachuch. Dentro da elypse ha um terraço com outras quatro estatuas que representam Jonas, Daniel, Ozéas e Joel. As estatuas são detestaveis, olhando o povaréo com o olhar zangado, por cima de um nariz enorme.

— Está vendo as esculpturas? indaga o amigo. Foram feitas por um aleijado que não tinha uma das mãos. Creio mesmo que não linha as duas.

— E' provavel...

Trabalhava com o buril amarrado aos braços comidos de morphéa e chamava-se Antonio Francisco. Talvez um milagre.

— Talvez.

Entramos a egreja, escura e abafada. Ha ao fundo um tinir de dinheiro metal cahindo nas bandejas. Olho o tecto. Lá estão o Anjo annunciando á Sant'Anna a vinda de Maria, e mais adeante S. Joaquim e Sant'Anna contemplando o berço da que viria a ser a Virgem Mãe. No abside do tecto representa a sepultura de Christo. O altar maior, ladeado de quadros historiando a vida do maior propheta, todo obra de talha, confuso e sem estylo definido, guarda a imagem do Bom Jesus e o Santuario do Senhor Morto. Não podemos chegar até o Santuario. O calor suffoca. A turba não dá espaço. Ha homens que andam de joelhos, ha mulheres de braços erguidos. Os olhos dos crentes fuzilam para nós e o meu amigo diz:

— Elles acreditam que ha outro Bom Jesus vivo aqui por dentro. Já fizeram raspar a calça de uma das paredes, dizendo que os padres o encarceravam. E' a devoção, meu caro, a devoção que faz o milagre e arrasta gente de todo o Brasil para vir aqui cumprir promessas.

Mas ha abaixo do adro um rumor. Indago o que pode ser.

— Talvez algum gatuno, ou algum jogador que não pagou o perdido. O povo faz-lhe justiça. E' verdade que o chefe de policia, o Raphael de Magalhães, mandou-nos para cá o Lopes, o famoso Lopes, que não os deixa pôr

o pé em ramo verde! Qual! Monsenhor está indignado com a jogatina lá de baixo.

— Em compensação, aqui a Fé irradia.

O rumor porém augmentava. Sahimos machinalmente. Em baixo do adro, aqueitando em fogueiras o café, havia uma serie de quitandeiros, vendedores de velas, a vela que é o corpo de Deus na cera, a alma no pavio e o esplendor na luz — de catitas de cera, de cabeças, de pernas e de outros membros tambem de cera, turcos com armarinhos ambulantes, mascates de joias mostrando os artefactos d'oiro de Diamantina tão parecidos com os do Porto e os de Portugal antigo, vendedores de orações, de imagens, de anneis electricos, do a b c em honra ao Senhor Bom Jesus escripto em torno de uma oleographia pantafaçada pelo padre Severiano de Rezende. E no meio daquelle vozear estranho no largo pateo ensombrado de arvores, a figura magra e nervosa do Cearense — o Cearense, «camelot» escandaloso e querido das avenidas do Rio, — entre os demais bufarinheiros erguia nos dois dedos da sinistra uma pequena placa de metal amarello, bradando:

— Meus senhores, é a verdadeira Veronica, é a unica Veronica, é a imagem sagrada!

Ajoelhae, senhores, se tendes fé, ajoelhae!

A voz tomara vibrações de metal. Os homens simples de chapéu entre as mãos cravavam um olhar entre-desconfiado e assustado, nos dois

dedos do pobre vendedor, no ultimo recurso da venda. E de repente, a um grito mais forte, um velho de barbas mathusalenicás cahiu de joelhos e todos os simples daquelle formigueiro de crença abateram de chofre na terra, mudos, desesperados.

Do alto ceu azul, o sol entornava sobre a montanha o fogo liquido da luz.

Por todos os lados onde os olhos pudessem abranger vinha gente, ia gente. E lentamente, num cavallo, magro, surdo de certo, todo amarrado aos arreios, com a face em pustulas, um mendigo entrou por entre os crentes cantando numa indifferente melopéa de soluços:

Uma esmolinha  
Uma esmola pro móde  
Dooó... Senhor Bom-Jesus  
Uma esmolinha...

## Os 7 passos

---

Naquella balburdia, digo ao amigo informante:

— Mas, francamente, até agora commovidissimo com este estranho espectáculo, ignoro a sua causa e a sua origem. Porque a festa, porque o jubileu? Que fez aqui o Senhor Bom Jesus para o levantamento de um templo e esta extraordinaria romaria?

— E' toda uma historia...

— Que vás contar.

— O culto do Senhor Bom Jesus foi trazido de Portugal pelos conquistadores de diamantes. Minas, com todo o seu progresso, os seus filhos a triumphar na politica republicana, é como nenhum outro Estado o guarda das tradições e o thesouro das idéas e dos sentimentos passados. E' em Minas, entre os mineiros, tão patriotas

que não só são brasileiros e mineiros, mas particularisam o seu amor ao sólo a ponto de serem bairristas, é em Minas, meu caro, que a religião dos antigos descobridores, a fé, o amor, os amplos e austeros sentimentos de honra e de virtude dos navegantes luzos mais se accentuam hoje. O primeiro bispado do Brasil devia ter sido o de Marianna, tão viva era a fé, legado portuguez, em Minas. Hoje, quando as crenças esfarellam-se, Minas é dos Estados mais catholicos. Esta festa é um legado — do culto do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos em Portugal. Eguaes á imagem que ainda agora admirámos, diz uma relação lida por mim, ha duas mais, uma na cidade da Conceição de Serro, outra em S. Miguel de Piracicaba. O artista que as fez era portuguez e as duas imagens vieram ao mesmo tempo.

— Então ha em Minas muitos templos dedicados ao Senhor Bom Jesus de Mattosinhos?

— São innumerados em Minas os templos dedicados ao Senhor Bom Jesus, e, uns mais outros menos, todos têm a contar legendas maravilhosas e grandes milagres do seu Orago.

E' que Bom Jesus marca assim com o seu favor a terra de Minas como na Europa marca a de Portugal...

Iamos descendo uma das ladeiras para começar a visita dos Passos pelo jardim do Santuario, e o informante, limpando de vez em

quando o suor da fronte, fallava com volubildade.

— Este por exemplo data do seculo XVIII. Entre os mineirantes de Congonhas do Campo, assim chamada por haver em torno muita herva desse nome, havia um tal Feliciano Mendes, vindo como muitos outros tentar fortuna. A doença prostrara-o e Feliciano ia voltar a Portugal e fazer-se frade. O mal aggravou-se. Feliciano fez um voto ao Senhor Bom Jesus, e logo de prompto bom ficou. Então, o portuguez resolveu dedicar-se inteiramente ao seu salvador e em fevereiro de 1757 começou a dar ordem ao seu trabalho, ficando uma cruz á beira da estrada no alto do morro do Maranhão, com um nicho ao lado, onde irradiava a imagem do Protector. Os viajantes que iam e vinham de Redondo rezavam ahi o terço. Para que as coisas fossem direitas requereu o consentimento das auctoridades ecclesiasticas e civis e começou a pedir esmolas, depois de em documento, dedicar-se por completo ao Bom Jesus. Tres annos depois já se rezavam missas aqui, e os milagres com as promessas começaram a apparecer. E' este o simples começo da egreja actual: um ermitão dedicado ao Senhor, pedindo esmolas por caminhos invios.

— Não foi então um grande milagre?

— Foi um milagre sem espalhafato, um suave milagre. A festa do Jubileu tambem assim



surgiu simplesmente. Numa serie de breves, concedendo graças no anno de 1779, Pio VI, sendo seu secretario Innocencio Couto, concedeu todas as indulgencias applicaveis ás almas do Purgatorio a quem fizesse a novena de visitas e actos prescritos uma vez por anno sómente. Dahi nasceu o grande jubileu, que a devoção popular firmou. Tudo isso se fez depois á custa das esmolas que os fieis vinham trazer, esmolas enormes para aquella época de vida tão barata, tão barata que segundo a «Relação chronologica do Santuario», escripta por monsenhor Engracia, o toucinho comprava-se aos pannos por não ter preço a retalho, um alqueire de farinha vendia-se por 200 réis, o bacalhau 3\$000 por arroba, e uma duzia de gallinhas 1\$200...

Tinhamos descido a ingreme ladeira e entravamos no jardim onde estão os Passos.

O obsequioso informante fez-me entrar em primeiro logar. Havia pouca gente, á sombra das arvores vetustas. Os romeiros guardam-se para a noite. A visita dos Passos é como um trecho da Semana Santa encastado no Jubileu. O meu amigo comprara uma ventarola reclamo de uma empresa de aguas mineraes, e, abanando-se, continuava.

— Vou mostrar-lhe os Passos, que se fizeram depois da ponte, e custaram muito dinheiro. Quer saber quanto? Decidiram a construcção dos Passos e a esculptura das estatuas ao mesmo

tempo. O jubileu, a principio em maio, passara definitivamente para setembro em virtude das chuvas abundantes do quinto mez do anno em Minas. Antonio Francisco, o tal artista dos Prophetas, recebeu 437\$400 pelas estatuas. Pouco tempo depois mais estatuas e mais 422\$000. Um anno passa, e Antonio Francisco recebe mais 534\$000. Não inclua nessa somma a construcção dos Passos, a encarnação das estatuas, que sem lustro era paga naquelle tempo a 20\$000 por figura. Esses Passos foram durante muito tempo uma constante despeza eventual da irmandade. Comecemos. O verdadeiro crente, só depois de vêr os Passos entra no templo lá ao alto.

Uma especie de caixão de pedra terminada em abobada redonda, sem janella, sem buraco por onde entre luz, está deante de nós. E' um *Passo*. Ha sete. O primeiro representa a Ceia do Senhor. E' escuro, ha poeira, uma humidade de sub-solo, e nós deparamos com a reproducção da fatal ceia que toda a gente reproduz. Jesus rompe o pão que será a sua carne, S. João recosta-se ao seu peito, o horrivel Iscariote segura uma bolsa. Ha quinze figuras numa sala de quatro metros toda de pedra, calçada de pedra, forrada de pedra.

Que impressão senti eu? Fosse do meu estado de nervos, aguçados por aquellas horas de travessia pelo fervor religioso, chicoteados

pelos desencontrados sentimentos da multidão que cada vez mais me empolga, fosse pelo subito deparar de uma sala escura com todos aquelles bonecos cheios de historias, o effeito foi violento, foi extra real. E' um facto que a fé verdadeira e pura dispensa imagens; é outro facto que para sentir, para vibrar, para venerar, a multidão dispensa o trabalho da arte que é a idealisação da vida — e ahi temos todas as nossas egrejas em que as imagens com pretensões á reproducção de semblantes e de attitudes divinas ou são de um *chiquet* irritante ou estumecem aos nossos olhos afflictos elefantiasis mal esculpidas. Mas deante desses *catitas* que o povo simples venera, mas que os padres queimam quando o bicho dá e que nós devemos julgar a encarnação dos ideaes mais alevantados, uma impressão de pezadello se impõe, se enthronisa na nossa alma, enterra lá as garras aduncas da ironia, crava o despeito. E' a obra sabia de Satanaz, o mais vivo de todos os obreiros do invisivel e o mais sabio dos malvados. Já um grande catholico disse: «A fealdade, a atechinia, o inartistico tornam-se fatalmente para os que os commettem um sacrilegio». Esse morphetico Antonio trabalhou inconscientemente num sacrilegio. Essas figuras dos Passos causam allucinações. O nariz de Iscariote, a attitude enxaropada de S. João causam uma sensação morbida, que me faz apressar a visita, sahir, procurar a luz.

Ha outros, porém, o segundo do lado esquerdo, o «Horto», com cinco figuras, tres marmanjões a dormir, o Rabbi de joelhos e um grande anjo dando-lhe a beber, num calix, de certo a resignada amargura da encarnação na estatua; o terceiro á direita, a «Prisão» com oito figuras, em que Pedro, á vista de Jesus, corta a orelha a Malco; o quarto á esquerda com quatorze figuras e duas divisões em que se reproduzem a «Flagellação» e a «Coroação de espinhos», o quinto á esquerda em que Jesus, acompanhado de duas senhoras que deviam ser Maria e Veronica, sustém nos hombros a cruz; o sexto em que se dá para um bando de monstruosidades com figuras de gente, a «Crucificação».

Iam comnosco tres ou quatro raparigas que ajoelhavam em cada Passo, um petiz do lugar, indifferente por muito vêr aquella apotheose surda, e um velho de barba rala que desfiava um rosario.

Que pensariam elles de tudo aquillo?

Que diriam ao vêr lá em cima no templo um outro Christo, pelo menos supportavel?

A fealdade, o horror macabro daquelles narizes enormes que em todos os povos é o indicio carnal das sensualidades e das luxurias, não os alterraria? Era possivel que todos imaginassem a doce figura da Veronica com aquella face de coruja velha, e a Virgem Mãe, que a imaginação faz feita num lyrio de raios de luar, assim

reluzente sob a poeira, assim de atôa physionomia ?

— Basta ! disse ao informante, é feio de mais.

— E' uma opinião geral. O proprio monsenhor Julio Engracia, juiz do Santuario, transcrevendo descripções de romeiros illustres, com elles concorda.

Mas de novo nós estavamos no espigão do morro, onde assenta o templo, e sob a luz canicular entravamos na turba de fieis, de romeiros, de bufarinheiros. Um espectaculo inedito parava o movimento da multidão. Quatro homens de velas accesas na mão conduziam, cantando melopéas tristes, um caixão. Já tinham dado volta em torno do Santuario. A' porta principal, pararam, descancando o caixão. De dentro saltou um homem magro, tomou uma das velas, entrou na igreja, subiu os degraus do altar-mór, cahiu de joelhos. E' promessa ! dizem, é promessa !

E' um homem lá da Bahia. Estava com a vela na mão, agarrou-se com o Senhor Bom Jesus e o Bom Jesus acudiu-lhe. E' promessa.

O homem voltou dez minutos depois. A turba calou-se. Nem um dos seus traços indicava que era observado e que o sentisse. Engrejou a tocha, tornou a deitar-se, os quatro carregadores suspenderam o caixão, deram mais uma volta cantando, e pela ladeirã abaixo desceram todos.

— Comovido, hein ?

— Regularmente ! E' um dos aspectos mais curiosos do Jubileu. Venha d'ahi. Vou mostrar-lhe a sala dos milagres e algumas physionomias de crentes.

E arrastou-me para a esquerda, enquanto a turba de novo se movia entre o pregão violento dos vendedores.

## Milagres e promessas

---

A sala dos milagres (assim pomposamente denominada por ser uma especie de salão permanente da exposição de promessas) é um espaço aquadrilatado, de tecto baixo, bem em frente á face esquerda do templo. Ha sempre a palmihal-a uma turba simples, que pede informações, leva promessas ou admira os objectos expostos. Logo á porta um padre novo, bem disposto e talvez bello, pediu-me para furar um cartão. Tratava-se das obras de uma egreja. Metti a mão no bolso; dei uma nota. Como numa recepção de embaixada ou numa festa de caridade dirigida pelas senhoras de escól, o padre curvou-se, agradeceu, sorriu:

— Encheu o cartão! Graças!

E logo, amabilissimo:

— Vem vêr os milagres? Oh! isto está uma

confusão! uma balburdia! Levei aqui mezes a classificar, limpar. Tive que inutilisar muitos.

Abandonou o pedido aos fieis, com uma boa graça cheia de elegancia. O seu sorriso tinha qualquer coisa de sceptico, do scepticismo mundano que sabe esconder a fé ardente.

— São exquisitos. São de gente simples os milagres.

Foi-nos levando apontando ora um, ora outro quadro. Para ler algumas legendas ao alto, trepava mesmo numa cadeira e dizia-as lá de cima. Eu ia tomando nota de uma ou outra e pasmado, com o espirito retorcido no ambiente estranho.

A extravagancia do milagre e da promessa vivem naquella sala! Não se encontra alli a fulguração divina, nem a fé nos acorrenta mais forte deante do prodigio. Talvez se dê o contrario. As paredes estão forradas de muletas, de mãos de cera, de pés e de pernas ulceradas, com cartões explicativos, como no museu Grevin. No altar que fica ao centro ha verdadeiras cargas de cabeças e braços de cera, de peças de fazenda, de cuias, de cordões das mais exquisitas offerendas. A religião como que se apaga para nos dar uma impressão mixta de armarinho, de casa de cera e de aula de medicina.

Mas o estranho não está nesse acumulo de banalidade: está nas paredes, nos quadros, nas telas explicativas. A sala não devia ser cha-



mada «dos milagres», mas dos «recibos illustrados».

Sim ! dos recibos illustrados. Longe de mim, deante da plethora secular daquella fé, o mau gosto de uma ironia. Mas é que, desde o começo da egreja, ha mais de um seculo, todo homem que viu realisado o seu pedido ao Senhor Bom Jesus de Congonhas, julgou-se na obrigação de mandar um quadro reproduzindo a scena da promessa, ou a propria photographia.

Assim, o capellão Domingos, em 1758, fez uma promessa por estar soffrendo de depravação do sangue. O Senhor attendeu-o, e Domingos mandou um quadrinho em que apparece em menores, deitado em uma cama. Sob a reproducção da scena, a legenda contando tudo. Um outro trava sério conflicto. O contendor saca do revólver, a dois metros de distancia. Que fazer ? Apegar-se com o Senhor Bom Jesus. O Senhor desvia a pontaria, e o quadro representa dois bonecos, um de pistola em punho, outro de braços abertos, não sei se gritando — «Senhor Deus !» ou se baqueando desmaiado. Um pae, em extremo amoroso, chega á sua casa e encontra a filha a vomitar sangue. Agarra-a ao collo, afflicto. A esposa cae de joelhos. Um outro quadro reproduz a scena, com o seguinte trecho de legenda: «Ao Senhor Bom Jesus, por ter permittido que se fosse buscar o medico antes da criança morrer.» E' pouco ? Natural-

mente a criança ficou boa, e os medicos, no conceito do pae, nada fizeram — o que talvez não deixe de ser verdade. Mas ha um attestado, um recibo modernissimo: a photographia do Sr. Avelino Nogueira, sympathico e bem disposto. Porque mandou o Sr. Avelino a sua physionomia? Porque, na occasião em que lhe faziam uma operação de strabismo, apegou-se com o Bom Jesus de Congonhas, e a operação teve bom resultado.

Certo, o bom resultado da operação não chega a ser um milagre. Que é o milagre entretanto? E' um effeito superior ás forças da natureza e vae da opinião pessoal de cada um sentir-se amparado pelas obras da maravilha e o poder invisivel de Deus. A crença no milagre é mesmo a derradeira poesia da humanidade, cada vez mais arida, mais positiva, mais mercantil. Acreditar que Deus operou uma das suas obras, por intermedio de um medico, no nosso humilde organismo; que Deus nos fechou uma chaga ou nos salvou de um trambolhão e de um tiro, ao simples appello: «Aqui, meu Senhor!», como um chefe de policia exemplar, — é ter a doce sensação da sua protecção constante, é tornar o milagre, não um facto anormal, mas a propria essencia da vida.

Em Congonhas só se encontra a vida tal qual ella é habitualmente, nessa exposição de recibos de milagres, illustrados por artistas,

que lembram a penitenciaria e os crimes dos mattoides reproduzidos por Lombroso.

Os meus olhos não se fartavam de vêr. Aqui uma senhora amarella, deitada numa cama simples, agradecia a Jesus de a ter salvo de um parto laborioso; alli uma elegante cavalgata, de catrambias, numa ponte arrebetada, attestava que o Senhor tinha tirado a companhia sã e salva do accidente; acolá a reproducção de um incêndio violento, com um cidadão bem ao meio da fogueira, attestava o milagre de ter o fogueteiro da festa escapado, sem um arranhão, do incendio dos seus fogos; mais adeante um homem deitado, com um anjo ao lado, agradecia a Deus não ter ido para a companhia dos anjos naquelle agudo momento. Era um kaleidoscopio infinito do egoismo e da crença dos homens, uma fixação atroz das miserias do corpo e da alma humana, exteriorisadas alli com a castidade da confissão ou a impudencia publica dos instinctos satisfeitos; era o estudo retrospectivo, era o mergulho em dois seculos de credice dos sertões e das cidades, pintados por artistas que hoje, hontem ou em tempos remotos pareciam o mesmo, inhabil e degenerado, eguaes ás proprias origens das promessas e dos quadros, como se, na evolução das coisas e das ideias, só aquelle sentimento se crystalisasse no mesmo fatal numero de faces, sempre as mesmas e sempre lamentaveis.

O padre amavel tinha a todo o instante de attender a perguntas dos fieis. Eram homens, eram mulheres, eram creanças: a maioria de physionomia fechada, outros a mostrar o sacrificio e o esforço.

— Senhor padre, eu botei a minha promessa lá no altar. E' lá mesmo?

— Pode deixar.

— Padre João, eu quero deixar dinheiro.

— Vá á secretaria.

Ah! os fieis que fazem promessas! Naquella sala entravam senhoras bem vestidas, mas descalças, vindas de longe, a pé, por promessa; outras com os vestidos empoeirados de ter subido de joelhos; caipiras do interior de S. Paulo com velas accesas na mão ou cabeças mal esculpidas debaixo do braço; pequenas procissões de cinco e seis raparigas, escoltadas por homens de face austera; moças com o cabello cortado, levando numa salva de prata as proprias tranças negras, amarradas com fitas; matutos do sertão, que vieram da Bahia ou dos limites de Goyaz esmolando numa saccòla, a offerecer, cheias de dinheiro, bolsas de esmolos; senhoras que levam bordados, rendas, trabalhos de agulha; sujeitos com potes, figuras, quadros, armas, rebenques, tudo quanto a imaginação pode conceber de heteroclito, de variado, tudo quanto se possa sonhar de possivel e de impossivel para a encarnação de um voto. Apenas,

entre os mil quadros, só havia um com flores bordadas a seda frouxa, e nenhum dos fieis levava sequer uma flor natural.

Junto do padre João, abusei e interroguei um rapazola com um leve buço, que trazia uma peça de panno mineiro.

— Que promessa fez você?

O rapazola sorriu. Nem se podia adivinhar! Elle tinha 24 annos e nem um pello no rosto. Ora, homem sem barba não é homem. Então fez uma promessa ao Senhor Bom Jesus de Congonhas, que se tivesse barba pelo jubileu, iria á festa levar um córte. E o Senhor deu-lhe o buço em menos de seis mezes.

Era ingenuo e era puro. Quiz interrogar outros... Impossivel! A sala estava repleta, e o padre João não podia mais com as informações.

— Sr. padre, esta cabeça?...

— E' vasia ou cheia?

— E' cheia.

— Então na secretaria. Cabeças, braços... tudo o que fôr de cera cheia.

E voltando-se para mim:

— Como seria melhor que essas promessas fossem em dinheiro! Não se imagina o dinheiro que os fieis gastam em cera artefactada! Nós derretemos arrobas e arrobas, que depois não valem um vigessimo do valor por que foram pagas.

— Na secretaria então ha mais promessas?

— São as de valor que lá ficam: tecidos caros, objectos custosos, as promessas em dinheiro.

— Ha muitas?

— Ha não só das pessoas que mandam, como das que vêm trazer, pessoalmente, contos de réis, alguns para serem distribuidos em esmo-las. Ainda hoje acabam de offerecer seiscentos mil réis. Monsenhor Engracia distribue todos os dias, durante o jubileu, sessenta a oitenta kilos de nickeis aos mendigos. E' exactamente a hora da distribuição. Porque não vai vêr?

Era um meio de se esquivar para attender a outras pessoas. Sahi com o meu amigo a vêr os mendigos.

— Quanto faz o Santuario com promessas por anno?

— Já fez duzentos contos. O anno passado, entretanto, só fez cincoenta, e este anno talvez não chegue a isso. Os impostos grandes, a crise do café na zona de Matta, tudo isso diminue a receita.

— Mas promessa de dinheiro... Francamente, eu teria escrupulo de offerecer a Jesus dinheiro.

O meu amigo sorriu.

— Eu sou de opinião contraria. Tudo se offerece a Deus. Lembra-te de Ernesto Hello: — «Tendo Deus feito a ordem natural como a sobrenatural, sua accção é igualmente sensivel,

---

egualmente manifesta, igualmente providencial nos dois casos. O ouro que é a força, o incenso que é a adoração, a myrrha que é a penitencia, foram offertados a Jesus-Christo pela expressa vontade de Deus...» Offertemos ouro, que é a força!

E fomos vêr os mendigos e os leprosos — cerca de trezentos — á espera da distribuição dos kilos de nickeis e do milagre que o Senhor Bom Jesus faz nesse suave canto da terra mineira.

## Os mendigos

---

— Este anno ha como nunca mendigos...

— Já tenho visto.

Com effeito, eu vira pelas ruas esmolando, amarrados ao dorso de cavallos, ou á beira das ruas mendigos, alguns mesmo conhecidos exploradores do Rio e de S. Paulo, commovendo as almas sensiveis com um defeito physico mas perfeitamente bem de saúde. Mas não vira nem nunca mais verei de certo um quadro tão impressionador como esse grande concilio de farrapentos, ulcerosos, morpheticos, pustulosos e sujos sêres, que de subito se me deparou.

O Santuario dá tambem aos fundos da egreja, do lado esquerdo, umas casas para os peregrinos.

As casas, grandes e enormes armazens, sem sub-divisões, apenas illuminadas pela luz das



portas escassas, são habitadas por quarenta, sessenta e mais familias de romeiros, que fazem as divisões com lençoes amarrados em estacas, accendem fogueiras para cosinhar e ahi vivem, dormem, comem, nesses allucinantes phalansterios durante uma semana.

Pois, ao sahir da egreja, da base ao alto da rua estreita formada pelos barracões entaipados das estranhas communas fundidas na crença do milagre, formiga, estorce-se, canta, soluça, roga, ri, cata a piolheira, expõe as chagas, um verdadeiro batalhão de mendigos. Começa pelas mulheres. Sentam-se todas em fileiras ao longo do parapeito ou do muro. As filas têm todas o mesmo numero de miseraveis. Um mysterioso sentimento de disciplina como que as arregimentou em companhias militares, em baterias do horror. São muitas, mas são raras as que pedem, estendem a mão. Em geral as da quarta fila estão como alheiadas, as encostadas ao muro, com a cabeça nos joelhos, pouca attenção prestam, e só as das primeiras filas lastimam-se e estendem as mãos torcidas, sujas, ou comidas de lepra.

A mendicidade tem aspectos muito variados. Ha o explorador que só causa raiva, ha o grotesco, o alcoviteiro, o gatuno, o defeituoso, o que se serve dos proprios males para viver numa exhibição indecente, a creança explorada por malandros, a mulher avida da porta das egrejas.

Nada, porém, mais pavoroso, mais angustiador que o escancaramento daquella podridão. Donde vinham essas mulheres, bando nomada de esquecidas de Deus? por onde tinham andado e soffrido e penado para desistir assim do proprio corpo, para embotar todos os sentimentos da alma, e empurrar o esqueleto de roldão com a traparia, a fome, a nausea, pelas estradas asperas do sertão? Mulheres! tudo que o mundo tem de mais suave, de mais delicado, sêres em que os sentimentos subtis do pudor e da belleza mais fortemente vibram... Para a penitencia das vaidades urbanas e dos orgulhos vãos que espectáculo dilacerante, o fervilhar da vermina humana, o apodrecimento em plena vida dessa tropega e crispante praga de laseiras, abatida alli na poeira corrosiva, sob o mosqueiro, na inclemencia do sol! Essas mulheres com carapinhas côr de barro, opthalmias purulentas bisturinando-lhes os olhos, elephantiasis nas pernas, ulceras de côres violaceas, não têm, não tiveram nunca senão o sentimento do relho, da inclemencia do knout das desgraças. Que idade apparentam? Ha negras velhas, ha caboclas pergaminhadas, ha brancas com a côr lamentavel como se entre a derme e a epiderme tivessem passado uma lixa amarella. E não pensam. E' allucinante pensal-o; mas não pensam, de certo, nunca tiveram uma ideia, uma vontade, um desejo, uma ambição. Jazem na

poeira — manada do soffrimento á porta de Deus, á espera do indeciso, de um lenitivo das penas que já não sentem. Vejo na quarta fila, de cocoras, uma rapariga quasi menina, com os cabellos empastados de lama secca, mas com as linhas enxutas e finas da puberdade a sobresahirem sob a traparia. Ri. E' a unica que ri, um riso vago, um riso infantil e ao mesmo tempo atroz de inconsciencia cynica e talvez lubrica. Atiro-lhe uma moeda, eu que ainda não tive forças de dar uma esmola, tão apertado tenho o coração. Ella apanha-a e entrega a uma cabocla cega ao lado.

— E' para você.

— Ah!

— Que tem você tão moça, para estar ahi?

— Mecê sabe, morphéa.

E' horrivel. Agarro a mão do meu amigo a tremer. Elle está calmo, ou pelo menos apparenta uma grande placidez d'alma.

— Pois não viste logo aquelles olhos, aquelle riso lubrico? E' a morphea, a morphea que causa a exasperação sensual, a loucura da carne, o desejo desesperado...

Fomos andando então pela dantesca ruella, ao clamor dos mendigos, na poeira suffocante. Os mendigos homens agitavam-se. Havia-os sentados, de cocoras, deitados, caminhando. As fileiras desorganisavam-se á passagem de certos romeiros que a certeza da esmola pare-

ciam dar. Era uma galeria cinematographica, era uma fita macabra de cinematographo colorido e trepidante, em que se juntasse, para o maximo horror, toda a serie macabra da miseria, da molestia, e da sanie. Os homens exhibem o pús como um ladrão de estrada um revólver: — ou dá ou vê, ou sente vomitos, ou apavora-te. As chagas, as ulceras, as dermatoses assustadoras são o seu meio de ataque á bolsa, o seu meio de sustento, o processo de resistir sobre a face da terra. São mais de tresentos. Quando um romeiro aponta, estabelecem de prompto um reconhecimento. Parte o primeiro mostrando a mão esburacada, empurrando nos nossos olhos a mão fetida.

— Pelo amor de Deus!

Logo surge outro do lado opposto que supplica:

— Pelo Senhor Bom Jesus.

Dada a esmola, na agitação de choréa geral da ruella, o peregrino esbarra a cada instante com leprosos, homens de bocca arrebetada, paralyticos, côxos, chagados, e como por acaso elles mostram logo o seu lucrativo horror com um olhar de verruma e uma vaga phrase de pedido. Mas ha principalmente morpheticos, morpheticos negros, caboclos, mulatos, brancos, morpheticos mostrando entumescimentos violaceos da face e das mãos ou extraordinarias pallidezes cadavericas, morpheticos que nos dão

a impressão de vistos através de uma lente de aumento mas que se desagregam, se esfalelam, sem orelhas uns, comidos outros das phalanges, perdidos os narizes de mais outros. E esses não se levantam, estendem de longe o braço e regougam vagamente o pedido. Mas a propria caridade, que no commum dos mortaes nasce do espanto e do medo de males eguaes, tem preferencias, tem como que sympathias. Havia apodrecidos sympathicos, havia outros antipathicos. Os romeiros não davam quasi nunca as moedas de cobre aos morpheticos — porque esses são os mais desgraçados, os desterrados da terra, aquelles de que se foge sempre. Em compensação, o leproso que dizia a oração contra a peste tinha em torno um punhado de homens simples, e o cego, um cego com as pupillas rasgadas, a face toda costurada de gilvazes como se tivesse escapado de um escalpelamento de selvagens — que cantava, tinha mesmo uma affluencia excessiva, que obrigava os cavalleiros a parar os cavallos, soltar pedidos de licença com voz morosa. O leproso da oração contra a peste já repetira muito a murmuração. Era quasi machinalmente que dizia:

— A estrella do ceu que a seus peitos nutriu o Senhor, extinguindo a mortal peste que havia plantado o primeiro pae do genero humano. Digne-se agora mesmo a Estrella impedir os

influxos dos astros, que por suas disposições malignas costumam ferir ao povo com pestíferas chagas.

— Amen ! susurrava o bando ulcerado.

— Attendei-nos, Senhora, porque o vosso filho, que vos honra, nada vos nega. E vós, Senhor Jesus, salvae-nos, deferindo as supplicas da vossa mãe Virgem.

— Amen ! tornavam os apodrecidos.

Do outro lado, o cego, de face monstruosa, armado de uma viola cheia de laçarotes, condoía ainda mais a sympathia rustica. Havia moças tristes a ouvil-o, havia matutos graves, sem dizer palavra. A toada era mesmo de cortar a alma, uma toada cheia de lagrimas, em que as lagrimas pareciam chorar os olhos vasados do infeliz:

“Pelo Senhor do Monte  
Pelo Senhor do Monte  
Deste arraialsinho!  
Dai uma esmolinha  
Dai uma esmolinha  
Ao pobresinho...”

O meu dedicado guia consultou o relógio.

— Vae chegar Monsenhor. Não conhece! Monsenhor Julio Engracia, juiz do Santuario; é uma figura curiosa de fidalgo e de sacerdote. O seu gesto brusco, as suas phrases directas e sem ambages, ás vezes mesmo inconvenientes

á hypocrisia social, os exercicios venatorios a que se entrega com predilecção, a hospitalidade larga, lembram bem o sangue da sua raça, quatro vezes secular de morgados lusos. A caridade, a molestia de dar, a primeira das qualidades do sacerdote, é nelle um excesso. Contam a esse respeito factos de uma graça tocante. O ultimo foi pela semana santa. Monsenhor ganhara seiscentos mil réis para fazer a semana santa em certa cidade. Chegou e recebeu logo.

A' volta foi preciso pedir para a passagem. Os pobres tinham-lhe levado tudo em menos de tres dias. Dizem os amigos que Monsenhor tem uma bondade incorrigivel.

Exactamente, neste momento, eu vi lá em baixo, na parte das mulheres, uma figura brusca, de larga fronte e largo riso, de corpo musculoso e magro, embrulhado numa velha sotaina.

Era Monsenhor, talvez o mais dedicado dos juizes do Santuario, seguido de dois serventuarios que se curvavam ao peso de dois saccos. E Monsenhor mettia a mão nos saccos e dava, e moedas rolavam e moedas cobriam chagas, e moedas cahiam sobre a fome dos miseraveis, e moedas de cobre, moedas de nickel, ao gesto largo do padre, entravam como sementes nos sulcos daquella vermina feia á face da terra, bemaventurada talvez no ceu.

Então um clamor levantou-se, um grito só torceu as gargantas daquelles destroços huma-

nos inexoravelmente perdidos, um alarme de esperança arregalou os olhos amortecidos dos brutos da dôr e da chaga. E eu vi que todos, paralyticos, ophtalmicos, morpheticos, leprosos, syphiliticos, elephantisiacos, se precipitaram, num impeto sagrado para a figura do padre, emquanto, abandonado, só, ao sol, envolto na poeira, apenas o cego dos olhos em sangue continuava sem vêr, a dedilhar na viola a supplica perpetua.

“Pelo Senhor do Monte  
Pelo Senhor do Monte  
Deste arraialsinho...”



## A feira

---

— O palhaço é bonito?

E' sim senhor!

— O palhaço quem é?

E' ladrão de mulhé!

— O palhaço morreu?

Não morreu não senhor!

De volta dos mendigos, havíamos abordado á mesa de um dos muitissimos hoteis, o meu amigo com excellente appetite, eu sem fome alguma. Fôra uma difficuldade para arranjar um quarto, um leito. Havia muita gente dormindo ao rêlento, sob a paz das estrellas. Os hoteleiros eram gentis, affaveis, familias que transformavam a casa por oito dias em pensão; os preços eram como os do Rio e toda aquella constante freguezia pagava a cem réis canequi-

nhas de café, como se estivesse num botequim da cidade. A impressão para os meus nervos excitados fôra até então desnorteadora, chocada de grandes paineis allucinantes. Não podia dormir e sentia a necessidade de vêr, de vêr mais na grande feira milagrosa do padroeiro de Minas.

— Pois vamos dar um passeio vagaroso á tarde, fumando um charuto, dizia-me o gracioso informante.

E era o que estavamos fazendo, tranquillamente, retomando os nossos nervos, e conseguindo aplacar o nervosismo das ideas, pelas ruas ingremes do arraial. A tarde morria com essa especial e inedita belleza dos ocasos mineiros, achamalotando o espaço de amortecimentos vaporosos de uma grande luz. O firmamento era todo inteiro como tecido de madreporas e de diluencias de perola. Pelas lombadas da montanha, á beira do rio, sombras azues surgiam, erguiam, estendiam-se, como se escorregassem do espigão do morro, e o ar de subito puro, a poeira de repente cahida, davam á paisagem um grato recolhimento pastoral, trazendo á memoria a bucolica de Virgilio e os seus dois hexametros scenarisantes da noite em começo.

“Et jam summa procul villarum culmina fumant  
Majores que cadunt altis de montibus umbræ.”

Entretanto a massa dos romeiros continuava a se mover constantemente, morro acima, morro abaixo, sempre silenciosa, sempre triste, enquanto os bufarinheiros, os mercadores de toda a especie, como atacados da hysteria, da raiva da venda, berravam prègões furiosamente. E essa era afinal a maior impressão do Jubileu: a da feira. Gente de aldeias distantes leva o anno a fazer economias para comprar tudo quanto precisa durante as festas do arraial; familias de sitios longinquos partem para o Jubileu como em certo dia do anno familias do nosso suburbio para a rua do Ouvidor: vão pagar promessas, fazer compras, passeiar, e vêr gente.

Vêr gente! Principalmente vêr gente. Congonhas é durante oito dias o augmento colossal de uma grande rua da civilisação: Ha mendigos, ha crentes, ha padres, ha bandos de cavalleiros, ha gatunos, ha policia, roubos, passadores de notas falsas, soldados, «camelots», mercadores de toda a sorte, industriaes, namoros, contractos de casamento, estrangeiros, companhias equestres, amadores dramaticos, jogadores, roleteiros e tambem gente da peor especie, até por uma fatalidade toda importada do Rio. No nosso perambular tinhamos sabido de varias coisas edificantes. O cearense, «camelot» carioca, recorrera á magia, lera a «buena-dicha» e embrulhado n'um lençol branco, dissera-se, com grande espanto dos assistentes, enviado do

Além. Estava fazendo um dinheirão, o Sr. João Apostolo dos Anneis electricos distribuiu com grande exito a imagem do Senhor de Congonhas encimada por um reclamo a um hotel de Quatis, restaurador da Saúde e unico na America do Sul; um outro cavalheiro tivera grande lucro vendendo em papeisinhos cinza de capim mellado com o rotulo de cinzas do grande monge de Tibagy.

Essas coisas eram contadas a rir. Eu estava triste. Se em toda a parte do mundo ha desses exploradores da credulidade, a extrema credulidade é a innocencia da alma e a virgindade do espirito, e ninguem podia achar motivo de pilheria a compra de figas, de imagens reclusos ou de cinza de capim mellado, se a fé, que tudo salva, a dignificava. Um tabaréu daquelles, a que o gesto de sagui dos saltimbancos impingia uma das baboseiras explorativas, podia com ella fazer prodigios de energia, de confiança e de fé. A credence é o começo da crença. A força dos amuletos está nos fluidos de quem os possue. Uma pedra da estrada cura, quando quem a topa tem a força incomensuravel e divina de crêr!

Se os malandrins escalavam o monte até o adro, se da estação ao templo havia mais de cem hoteis e talvez mais de quinhentas barracas — o aspecto original estava na parte de baixo, onde se agrupavam uma série de ven-

dedores de industrias mineiras e a grande venda de cavallos.

Quantas tendas havia para a venda de arreios, de facas, de pannos, de sapatos, de joias? De sellins ha uma variedade: sela sertaneja, basto, socadinho, silhão. São magnificos, fortes, bem trabalhados. Vão de Prados, da Lagoa Dourada, das Dores do Campo, e Bomfim. As obras trançadas de couro crú, as esporas, algumas com relevo, de metal, de prata, as facas, aquella quantidade fantastica de facas de todos os feitios com bainha de couro, são industria de Cachoeira do Campo, do Itabira, do Matto Dentro, de Conquista. Os calçados, excellente calçado manufacturado a primor, de varias especies de couro, já lembram cidades de maior movimento: Barbacena, Juiz de Fóra, Queluz, Ouro Preto. A grande venda é do importante cortume de José Sans, de Itabira do Campo, cortume que até foi premiado com a medalha de ouro na exposição de S. Luiz. Os tecidos são de toda a parte, dessa Minas patriarchal que nos guarda tão vivamente a tradição. E a tradição nos cortes de panno affirma a resistencia, a belleza e a perfeição, porque são feitos em teares antigos, á mão, e tão fortes que ao puxal-os, ao experimentar-lhes o tecido, todo elle mineiro desde a lã dos carneiros até o seu ultimo preparo, sente a gente a vontade de perguntar: mas quando acabará rasgando um panno d'estes?

Entre as barracas de facas, de arreios, de pannos, de sapatos, a bagaçaria de armarinho dos syrios e armenios ambulantes, que eram como nuvens, vindos de S. Paulo e do Rio de Janeiro, por entre botequins, tendas de promessas de cera, *camelots* e bufarinheiros exóticos — a vida pratica, o *bazarismo* a que todo o Sêr humano cede, o estomago, a exploração e a crença, sobresaem as casas dos violeiros e dos vendedores de joias — a viola, que é a alma do sertão: a joia, prazer maior dos antigos descobridores de diamantes. Sem a viola, sem o ideal da cantiga ao som desse instrumento feito de soluços, de queixas e de ais, não ha sertanejo sem a industria das joias, o trabalho do ouro, original, guardando vivos no interior do Brasil os processos e a arte do cinzel portuguez — Minas não seria como realmente é o pedaço miraculoso de um paiz em que os deuses puzeram abaixo da fertilidade do solo e da amenidade do clima, todo um thesouro incommensuravel de ouro e de pedrarias.

Foi exactamente ahi que o guia me apresentou ao Dr. Campolina, figura tão grandemente sympathica e de tão agradavel conversar. O Dr. Campolina já foi deputado federal e estadual. E' em Queluz, pela sua bondade, o seu alto valor moral, uma influencia politica. Ultimamente mesmo, os adversarios o reconhecem, apesar de não eleito, foi eleito pela verdadeira maioria.

Mas o varão mineiro é daquelles de «antes quebrar que torcer» e continúa a resistir. E' elle que me falla com mais amor das industrias mineiras e conta com o seu patriotismo:— Está a vêr este panno mineiro? Depois de formar-me, só voltei ao Rio para a Camara. Fui com as roupas tecidas na minha terra e estava na Camara, sem pensar que seria chamado a tomar assento, quando um amigo levantou-se:— Sr. presidente, achando-se na casa o deputado Dr. Campolina, recentemente reconhecido... Imagine o meu primeiro momento! Ir tomar assento de roupa de panno de Minas. Mas depois, não sei, a minha consciencia satisfez-me. Eu cumprira um dever.

A feira tem essa face da industria mineira realmente curiosa. A importancia das transacções pode ser calculada em mil contos de réis, cifra evidentemente importante para os cinco dias de maior movimento. Durante o passeio, a tomar notas, ouvindo as informações do guia e do amabilissimo Sr. Baeta Neves, irmão do Sr. Augusto Affonso Baeta Neves, superintendente dos serviços do Santuario na ausencia do padre Engracia, entre os pregões violentos, as discussões, o bater das mãos nas taboas firmando quantias, a troca de cavallos, a aquisição de arreios e de facas não dei por mim que a noite se fechara.

Já passara o palhaço do circo acompanhado

da pequenada a gritar nas sombras, em cima de um velho cairel, já começava a iluminação, já uma phylarmonica soltava pelos ares a alegria de um dobrado. Era a noite, era a alegria, era a derradeira visão desse dia empolgante.

Congonhas não tem iluminação propria. Durante as festas os bufarinheiros que bordam as ruas dos dois lados accendem lampeões, lanternas, bicos de acetylene em frente ás barracas, de modo que todo o arraial toma as estranhas proporções de um Goya formidavel, feito de largos pannos de treva e de epilepsias de luzes amarellas, brancas, azues, verdes. Então quinze mil pessoas, tristes ao sol e sob a poeira, acordam repentinamente para a alegria, as pocilgas de jogo multiplicam-se, e as bancas surgem como cogumellos em plena rua, as charangas tocam, os risos estralejam e o divertimento agita o seu guizo de prazer do alto do templo ás margens tranquillias do Maranhão.

— Mas o que é isto ?

— Isto é uma noite em Congonhas. Começamos.

— E' divertido ?

— Curioso. E' preciso passal-a em claro, como fazem muitos romeiros. Você parte amanhã ?

— Com certeza.

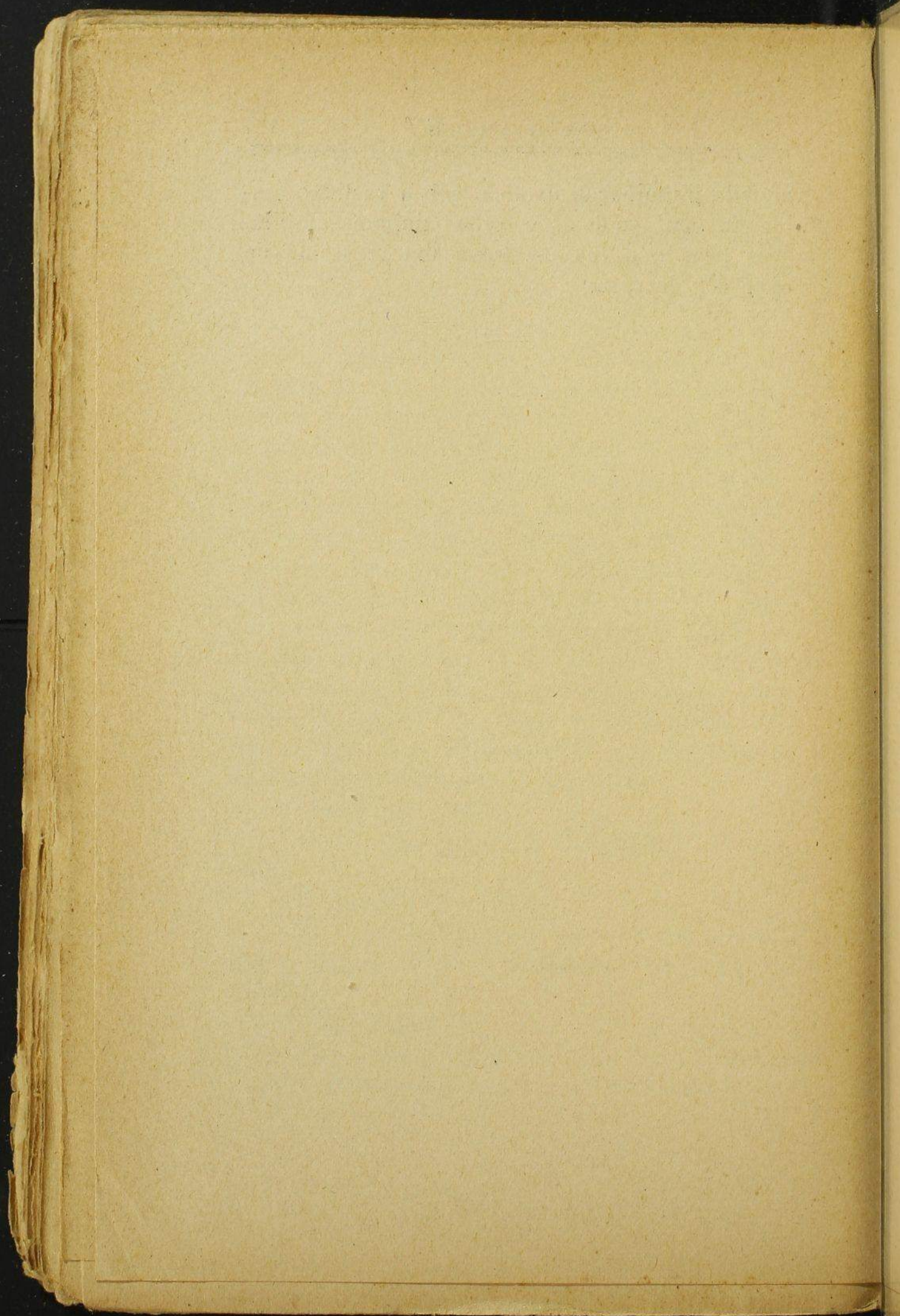
— Pois gaste o seu dia inteiro. Veja a noite.

— E começamos a subir os dois outra vez

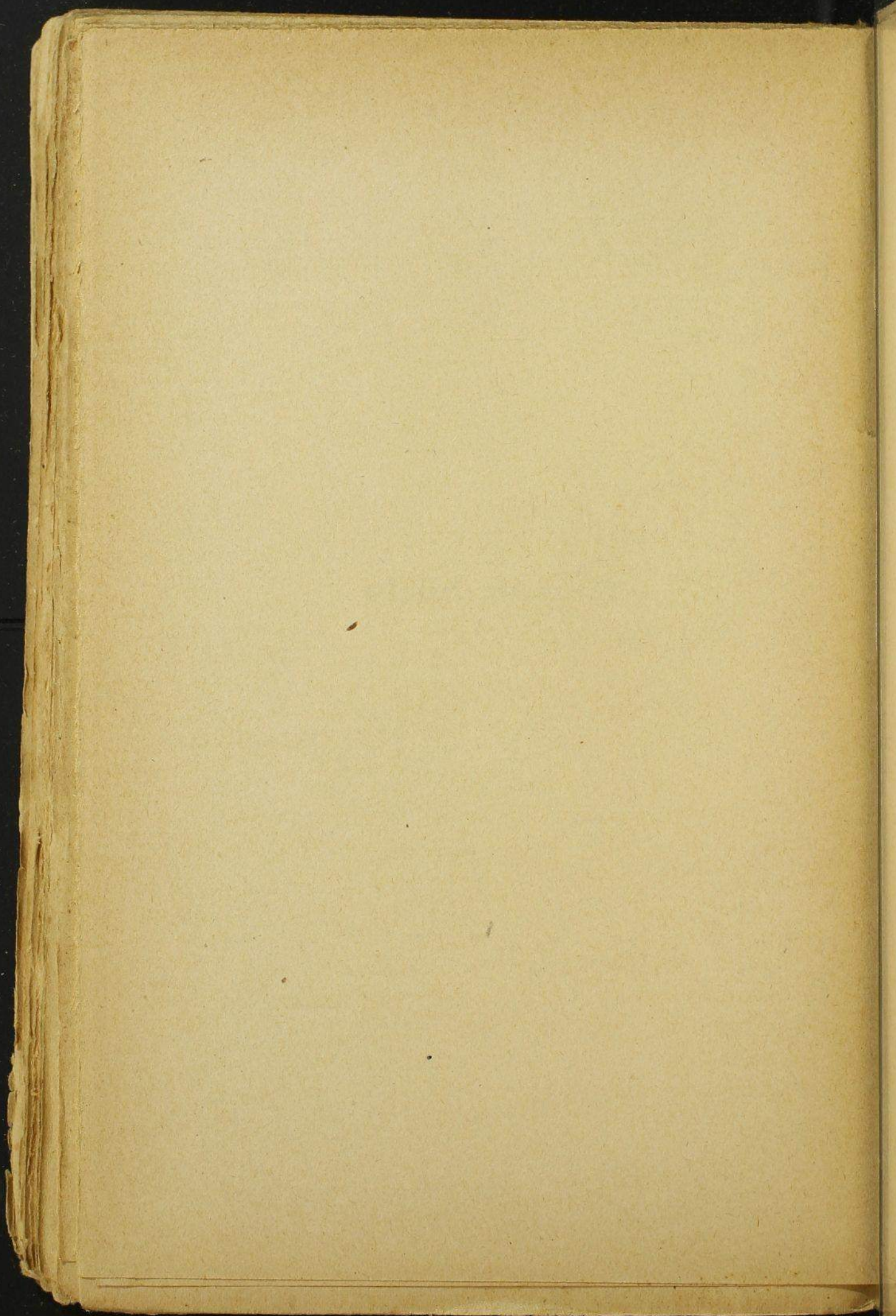


---

aquella iluminação exotica, sob a vastidão ampla do ceu, onde as estrellas tinham scintillações frias e a lua mostrava um crescente de ouro côr de rosa.



**Dias de burla**



## OS EXPLORADORES DO ESPIRITISMO

(NOTAS DE REPORTAGEM LOCAL)

---

*Como nasceu a ideia destas observações — Um salão de S. Christovão — Occultismo — Spiritismo — Metapsychismo — Todo o Rio é spirita. — As crenças da população. — Molestias e curandeiros. — As causas. — A flora estranha do falso spiritismo.*

---

— Quaes são os problemas a resolver na chave dos grandes mysterios? Demonstrar de modo certo e absoluto a existencia de Deus e della dar uma ideia satisfatória para todos os espiritos. Estabelecer a existencia de uma verdadeira religião de maneira a tornal-a incontestavel. Indicar a razão de ser de todos os mysterios da religião unica, verdadeira e universal. Tornar as objecções da philosophia argumentos favoraveis á religião verdadeira.

Marcar o limite entre a religião e a superstição e dar a razão dos milagres e dos prodígios. E' o que diz, textualmente, Eliphaz Levi.

— Mas o senhor cita um mystificador das Sciencias Occultas, segundo Henoch, Abrahão, Hermés e Salomão. A questão é de crença.

— Para mim, a questão é outra. Deixo de parte, tanto os occultistas como o spiritismo-religião. Ha nisso uma grande parte scientifica que me interessa.

Era num salão modesto de S. Christovão. Estava alli reunida, numa exquisita harmonia, a crença no Invisivel com todas as suas opiniões. Havia o dono da casa, hesitante entre a religião spirita, a indagação scientifica e o devaneio occultista; havia uma senhora gorda, médium; havia um principe russo que pretendia tocar piano sob a influencia de Chopin; havia homens que contavam sonhos e curas, prognosticos e maravilhosos casos de imposições de mãos e de influencias da medicina philosophal; havia medicos psychopatas, engenheiros membros de sociedades londrinas de alta psychologia. Toda essa gente estava aquecida pelo ultimo artigo de Lombroso sobre a velha e cançada Eusapia Paladino. Os jornaes tinham fallado, Lombroso mais uma vez affirmara ao mundo a influencia do invisivel! E naquella babel de opiniões desconstradas mas ligadas pelo traço do Além, os cavalheiros discutiam, as senhoras davam a

sua opinião, as creanças, dois pequenos de menos de dez annos, ouviam somnolentas...

Eu tinha sido levado a essa reunião por um amigo rico e viajado que estivera na India, conhecia uma infinidade de centros esotericos, inclusive o centro do «Kama-Loka», mundo dos desejos e da paixão dos gostos terrestres não satisfeitos, fôra um dos cornacas ironicos do conde Sarak nas sessões curiosas da Pensão Verdi, e estudara o Invisível com os occultistas, os religiosos spiritas, os scientists, os medicos psychistas. Exactamente naquelle momento, a sociedade tinha acabado de fazer uma experiencia com a senhora gorda, o engenheiro e o espirito de Euclides para resolver um problema de mathematica. O problema fôra resolvido. Euclides estivera de uma condescendencia scientifica na verdade notavel e de repente a discussão rebentara.

— Francamente, disse ao meu sabio amigo, é enervante !

Elle sorriu e levou-me para um canto de janella.

— Presentemente, meu caro, o spiritismo, rotulo geral de todas as preoccupações com o Além, é a força vital do pensamento da cidade. Tudo é spiritismo, tudo é o desejo do mysterio. Antigamente fazia-se isso com um pouco de cuidado, escondendo da policia as reuniões. Hoje faz-se tudo ás claras. Em cada canto de rua

encontra-se um centro spirita, em cada becco ha um medico espontaneo receitando, em cada travessa uma multidão avida de milagres roja aos pés de um irmão com qualidades especiaes. Não se trata apenas de uma seita com mais ou menos partidarios, trata-se da cidade inteira. Aqui, neste salão, você encontra os religiosos propriamente, os scientistas, os que se divertem, os occultistas. No fundo elles se confundem numa unica verdade — o milagre — que Charles Richet chama scientificamente a metapsychica. Mas, ha a multidão, a base dos innumerados salões como este; ha o povo, e o povo na sua enorme ignorancia é o gado proprio a toda a sorte de explorações e de embuste. Para se estudar o spiritismo, o estado morbido da cidade pelo milagre seria preciso, além de um interrogatorio a pessoas calmas e entendidas, além de uma demorada visita aos centros de religião, uma peregrinação por quanta tenda de milagre escancara por ahi as portas.

Tem você lido os jornaes ultimamente? Vêm contando quasi todo o dia os escandalos do baixo spiritismo, as trapaçes, as baboseiras, explorações, os defloramentos, uma série de casos em que a policia tem de intervir. Entretanto, apesar disso, os centros continuam cada vez mais concorridos. E porquê? Porque o espirito humano, como lá diz o Eliphaz, tem a vertigem do mysterio, porque nós somos, pela



herança, pela raça, pelo ambiente em que nos desenvolvemos, os forçados do Invisível. Os proprios jornaes, ao passo que fazem troça dos mediuns falsificadores — e nada mais difficil do que encontrar um medium verdadeiro — dão noticia das casas mal assombradas, das predicções realisadas, e fazem um barulhão com as opiniões importantes a proposito das coisas mais velhas como essa da Eusapia Paladino, que o velho Lombroso acha mesmo capaz de uma série de coisas, mas de quem o Jules Bois desconfia ha muito. Tudo isso accende, aquece, anima, incendeia a alma popular, e, se eu gosto de ouvir fallar spiritos, o povo não precisa nem que elles fallem. Basta-lhe a certeza de que ha um homem capaz de cural-os ou de consolal-os a troco de uma pequena somma.

O spiritismo é antes de tudo uma crença popular. Agarre você um homem do povo, de cerebro resistente e mal de saude. Tenho feito a observação em centenas.

— Está doente ?

— Sim, senhor. Mas vou melhor. Estou-me tratando com umas aguas.

Ainda outro dia encontrei um pobre rapaz, dono de um botequim réles da rua do Senhor dos Passos. O mal de Brioux, a syphilis, estragou-o completamente. Ha dois annos soffre, mas soffre cruelmente dôres nos ossos, uma perpetua cephalalgia, e tem na garganta uma

chaga que não o deixa comer sem um doloroso esforço.

— Está curando isso ?

— Sim, senhor.

— Com que medico ?

— Não é medico, não, senhor. E' um spirita, meu conhecido. Tenho umas aguas e umas rezas.

Assustado e apiedado, quiz forçal-o a ir a um medico, escrevi um cartão de recommendação, interessei-me. Não foi possível. O proximo cadaver tinha um terror violento dos medicos e das pharmacias, entregava-se aos spiritas de alma e corpo e arruinava-se não só phisica mas monetariamente, julgando-se muito melhor. E' um problema gravissimo a resolver, e que se torna cada vez mais horrivel, sempre que se dá a possibilidade de uma cura facil pela suggestão, pela imposição das mãos. Nenhum desses pobres diabos sabe o que vem a ser o hypnotismo, a suggestão, o spiritismo e todos esses nomes bonitos com que nos divertimos nas sciencias bellas. Mas acreditam, acreditam, têm a tremenda fé no milagre.

Depois, não é só o milagre do contacto com o que se não vê. Ha tambem para alliciar o exercito dos fieis masculinos as mulheres, o grande elemento das crenças mais loucas. Na baixa classe muitos homens não se ralam com isso, querem descanso e vão ás sociedades spi-

ritas como quem vae á pharmacia, só quando se acham doentes. Mas as mulheres estão lá, estão sempre lá. O marido briga? O espirito resolverá. O amante espanca-a? O spiritismo fal-o-á voltar ás boas. Os filhos estão doentes? As almas, com agua, arranjam tudo. O spiritismo é o ideal, é a esperança, é a paz, é a saude, e é principalmente um centro onde ellas se elevam — ellas as mulheres de homens rudes que as tratam como saccos de filhos e creadas sujas — a esphas superiores. Dahi um estado de inconsciencia do perigo que se desdobra em loucura. Ainda ha tempos, como membro de uma sociedade de caridade spirita, *Os Invisiveis*, abri uma carta da volumosa correspondencia que diariamente a associação recebe. Era uma carta de mulher. Dizia apenas isso: «Meu marido, João Pedro, 44 annos, está doente. Espero em nome de Deus que o curem. Tem apenas uma chaga na perna e está mudo.» Apenas! Era macabro, não? *Os Invisiveis* têm relações com os invisiveis do outro mundo. Nada mais facil do que tratar de uma chaga apenas com o auxilio de Deus. Como esta, ha uma infinidade de cartas. O spiritismo popular, o spiritismo alma da cidade tem tudo a seu favor: os caracteres da raça, o desejo natural do homem pelo mysterio, a mulher, e o velho Deus, o Deus que continúa nos oratorios e preside tudo para não causar desconfianças. **Tambem,**

se fôr até ao Hospicio, verificará que a loucura tem augmentado estranhamente e com uma causa principal: o spiritismo... Oh! enervante esta sessão! Mas, meu caro, uma sessão curiosa apenas e inoffensiva.

Eu ficára calado no canto da janella, sem dizer palavra, ouvindo as suas phrases tumultuosas e rapidas. No salão, tratava-se muito seriamente de chamar á palestra o espirito de Casimiro de Abreu.

— Fallará elle em prosa ou verso?

— Em prosa. Trata-se de indagar a sua opinião sobre os poetas actuaes. E' á inspiração da mesa que nós vamos assistir...

Neste momento, o russo chopiniano approxiou-se para cerrar as janellas, emquanto a luz empallidecia no salão.

— Quer ficar?

— Não, prefiro sahir.

Sahimos pela porta ao lado sem despertar a attenção dos assistentes, que se preparavam para a invocação do bardo romantico. E na outra sala não me contive.

— Mas realmente o mal é tão grande?

— Se lh'o affirmo eu, eu que vi, eu que sei!

— E pode-se ir a essas casas?

— Mas naturalmente. Ha casas de spiritas para *rendez-vous* de gente barata; ha spiritas vendendo aguas e orações estabelecidos com um verdadeiro commercio; ha casas de spiritismo

em que a gente vae para as manifestações mais carnaes da vida, ha spiritas anarchistas soprando as grèves; ha spiritismo-feiticeiro, uma confusão de gatunice, de luxuria, de vesanias de cio, de crimes, desconcertante, macabra, sordida. Quer vir você vê-las commigo? Eu sou um apreciador dessas manifestações da religião. Posso conduzil-o aos tabernaculos da horda de velhacos sob a qual chora e se estorce a canalha, a pobre gente. Aceita?

Eu estava nervoso, cheio de curiosidade, um pouco aterrado com aquella série de informações á queima-roupa. Não tive duvida. Estendi a mão.

— Aceito.

— Então, amanhã, ás nove da manhã.

— De dia claro?

— Sim, uma sessão matinal, com trechos de Suburra e complicações amorosas: o spiritismo secretario dos amantes. E' o menos perigoso.

— Está dito.

E foi assim, dessa conversação precipitada num salão de experiencias occultistas, que nasceu o estudo desta série de informações. Eram nove da noite, e um engenheiro em S. Christovão fazia fallar a alma de Casimiro de Abreu.

*Curandeiros — O Soares da rua Senador Eusebio — O Ferri das Moças — A Sinhá — Julio Serpa com 14 mil receitas por anno — Manuel Alves — Juca Pedreira — Em Nichtheroy: o Garcia, o Cesar, o Monteiro, o Pedro, o Juca Vianna, o José Agra — Juca Breves, a meta da feitiçaria — Mediuus e feiticeiros.*

---

Quantos curandeiros, quantas arranjadoras de casos illicitos havia, porém, explorando o spiritismo? O spiritismo era a grande coberta de um desbriado exercito de malandros de mistura com a gente séria e honesta. Desde que a policia, pelo seu silencio, se confessava impotente para refreiar a traficancia, desde que a mentalidade da populaça nos dava esse triste espectaculo do seu valor, nós outros já não sabiamos bem onde o ladrão e onde o pobre de espirito, sempre que encontravamos o rotulo «Caridade.» E caridade é um rotulo encontrado ás parelhas em cada quarteirão de rua, dando

para comprar casas, para desencaminhar meninas, para matar impunemente, para roubar os idiotas e até mesmo para acobertar as entrevistas amorosas. Assim, quando nos vinham dizer: — «Não deixe de ir vêr o capitão Soares, á rua Senador Eusebio, 69, sobrado, consultas das 7 da manhã ás 2 da tarde» — a sensação era a de quem lê um *puff* de medico charlatão, mas nós iamos, e sahiamos sem saber bem quanto de verdade e quanto de pantomimice davam o composto do medium. De resto, seria elle extraordinario? Não, não era, não havia nenhum extraordinario! Mas, ao sahir da casa do Soares, nós iamos á casa do Vicente Ferri, á rua Souza Neves n.º 46. Esse tem propriamente escriptorio, como qualquer facultativo, e dá consultas apenas duas horas, das 9 ás 11 da manhã.

— Que cura o Ferri?

— O Ferri trata a syphilis e assumptos amorosos. Coisas amorosas, porém, não ha para as tratar como a Sinhá, da rua Senhor dos Passos n.º 2, 1.º andar; a Anna, da rua do Rezende n.º 71, ou a Maria, uma mulherzinha de cabellos grisalhos, que «pinta o sete.» A Sinhá recebe o espirito de Chapot e está «amarrando» um reporter com uma rapariga. A Anna ainda ha bem pouco tempo conseguiu separar um marido da esposa e dos filhos. Pessoal engraçado!

E nós iamos. Na casa da Maria, a casa

é simplesmente hospedaria. As sessões fazem-se na sala de jantar ás terças e quintas das oito ás dez da noite. Na sala da frente morava a Amelia, uma ladra *entoleuse*, amante de um soldado de cavallaria chamado Rodrigues. Tudo isso spiritisava ás terças, a Amelia antes de ir á procura dos typos faceis de roubar, o Rôdrigues e os outros occupantes dos quartos em fileira. Mas se a Maria precisava dos quartos e do aluguel irregular eu encontrava mediuns que sem espalhafato davam por anno milhares de receitas. Assim um senhor chamado Julio Serpa, á rua do Chichorro n.º 84, dando consultas á noite, só nos tresentos e sessenta e cinco dias do anno passado receitou para quatorze mil pessoas!

Esses dados positivos, sem um exaggero, tinham da maravilha e dos contos fantasticos. Quatorze mil pessoas só com um spirita da rua do Chichorro! Era pensar no numero de mediuns que por ahi já se encontravam, dar a terça parte dos consultantes do Sr. Serpa para cada um e ter a certeza de que toda a cidade, quasi toda a população se abebera dessa baixa cren-dice e prefere as rezas, os defumadores e as receitas inspiradas ao medico formado. E nem todos desses concorrentes á medicina são traficantes. Ha tambem os bons e os ingenuos no meio da torpe exploração. Assim fomos encontrar na sua casa, á rua João Mattos n.º 25,



um popular curandeiro spirita, o Manuel Alves. Esse homem já residiu em Bomsucesso, e com os seus setenta invernos é procuradissimo. A scena com elle foi tocante.

— Desejamos uma consulta.

— Qual! o Sr. acredita mesmo nessas coisas?

— Como não acreditar!

— Se acredita, entre.

Entrámos. A sala tinha como ornato apenas o retrato de Allan Kardec. Manuel Alves murmurou a prece, pegou de um lapis, concentrou-se e escreveu: «O irmão presente tem um irmão que se encosta a elle. E' preciso pedir a Deus por esse irmão que o deixará em paz e socego.» Era simples e ingenuo. O curandeiro receitou em seguida. Mas eu estava sensibilizado pela sua humildade natural e pela sua crença. Tentei dar-lhe dinheiro. Manuel Alves afastou a minha mão, tirou da estante um folheto e leu alto, para que o ouvíssemos, este trecho:

«Os espiritos do Senhor, que são as virtudes dos ceus, como um immenso exercito que se move desde que para isso recebeu ordens, se estendem sobre toda a superficie da terra; semelhantes ás estrellas que cahem do ceu, elles vêm esclarecer o caminho e abrir os olhos aos cegos.

«Eu vos digo, em verdade, são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas em sentido verdadeiro, para dissipar

as trévas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

«As grandes vozes do ceu retumbam como o som da trombeta e os córos dos anjos a ellas se unem.

«Homens, nós vos convidamos ao divino concerto; que vossas mãos tomem a lyra, que vossas vozes se ouçam e que em um hymno sagrado se entendam e vibrem de um extremo a outro do universo.

«Homens, irmãos, a quem amamos, nós estamos junto de vós; amae-vos igualmente uns aos outros e dizei do fundo dos vossos corações, fazendo a vontade ao Pae que está no ceu: «Senhor! Senhor! e vós podereis partilhar da gloria dos ceus.»

Esta simplicidade pura era logo submergida na alluvião de phariseus estupidos.

O meu informante divertia-se com a minha perturbação. Da casa do Manuel Alves levou-me a casa do Juca Pedreira. O Juca Pedreira era simplesmente espantoso.

— Eu faço um circulo, disse-me elle, e metto aqui todos os espiritos.

— Palavra?

— E todos os demonios.

— Serio?

— E tambem os anjos da guarda, porque cada pessoa tem um anjo da guarda. D'ahi o meu poder de bem e de mal. Quando quero

fazer mal a um typo, prendo-lhe o anjo da guarda e solto os espiritos malignos.

— E os diabos ?

— Os diabos só para os casos muito graves. Olhe, por exemplo, neste circulo que o senhor está vendo eu tenho agora dez mil espiritos. Faço delles o que quizer. Até mesmo o espirito de Cezar.

— Qual delles ?

— O Cezar de Roma, vem aqui e obedece-me. Que deseja ?

— Eu nada. Descreio da vida de além-tumulo e acho o Sr. Juca um grande maluco ou talvez coisa peor.

Juca nem pestanejou.

— E' que o senhor não tem talento sufficiente nem estudo para comprehender o spiritismo. Diga-me cá: sabe lêr ?

— Não.

— E' por isso ! O poeta Bocage, que foi o homem mais intelligente e o mais incredulo que o mundo conheceu, acabou por acreditar na vida eterna, e disse:

*Rasga os meus versos e crê na eternidade !*

O cynico era de desnortear. O meu informante quiz mostrar-me, entretanto, o cumulo da negociata do spiritismo feiticeiro e levou-me á Nichtheroy, á casa do famigerado coronel

Breves. Nichtheroy está coalhada de spiritas de tal cathegoria. Ha o Pedro, da rua Visconde do Rio Branco, 83; o Garcia, da rua Visconde do Uruguay, esquina da rua de S. Diogo, que suspendeu agora as sessões, «temporariamente, por conselho de seu guia protector»; a Cecilia, no logar denominado Porto do Meyer; o Juca Vianna, na rua de S. Lourenço, 54; o José Agra, na Engenhoca; o Cesar, no Fonseca; o Monteiro, na rua General Castrioto, proximo ao Matadouro; que sei eu? em cada canto ha uma tenda de exploração impudente.

Juca Breves, porém, o coronel, o medico José Pinto Breves, velho de oitenta annos, é nesse genero a meta, o grande chefe do Bazar do invisivel. Esse coronel medico era filho do caboclo da Praia Grande, o formidavel feiticeiro. Hoje não é um homem, é bem o symbolo representativo de um estado d'alma nacional. Juca Breves! Estas quatro syllabas aterrorisam, põem sustos e esperanças em todas as almas. E' o negociante do mysterio, o proprietario das Forças Occultas. Uma senhora a que fallámos no caminho disse-nos:

— Juca Breves é honesto. Quando não pode fazer o trabalho restitue o dinheiro. Mas todas as joias que os senhores estão vendo no meu corpo são devidas a um breve de abundancia que elle me vendeu.

Como não temer o homem tremendo? Sal-

támos tremulos. A casa fica no meio de um terreiro abundante de bicharada, na rua S. Lourenço, 135. Entra-se. As sessões são no andar de baixo. Quando entrámos, o velho arregalou para nós o seu olho baço.

— Vêm consultar?

— Este meu amigo, doente.

— Sentem-se.

Breves abriu um livro, pensou um pouco e começou a fallar. Que tinha eu? O coração, o figado, os nervos, o pé, os ossos, tudo isso em petição de miseria, cerca de trinta molestias, mais um espirito mau. Quem me faz mal? É uma senhora, uma senhora cujo nome começa pela letra M. Pode ser Maria, Marianna, e todos os nomes que começam por M. Breves cura pela medicina, pelo spiritismo e pela feitiçaria. Para tantas doenças não é muito tres systemas de cura.

Nós olhámos o oratorio, a bandeja cheia de nickeis, pernas e braços de cera. O estranho homem accrescentou que a filha, em estado somnambulico, é que escrevia as receitas.

— E diga: fico bom?

— Completamente. Agora para não recahir é preciso o fechamento do corpo.

Para o fechamento são precisas vinte missas, sendo dez para as almas captivas e dez para as almas dos afflictos. A cura radical, o fechamento do corpo e um breve de segurança — tudo isso,

Breves, coronel, medico, octogenario e feiticeiro dava-me por duzentos mil réis.

— E em quanto tempo?

— Em tres dias.

Era barato. Breves fez um gesto como quem diz: resolva! e passou a outro a exposição do seu extraordinario poder.

Spiritismo! Feitiçaria! Que mundo! Afinal mediuns e feiticeiros acabavam na venda da força occulta, tentando produzir phenomenos insolitos e incompreendidos!

Era exactamente isso que impressionava o povo e o fazia feliz nos tentaculos do polvo. E entretanto todos nós sentiamos, deante do Breves como deante do Ferraz ou do Abalo, que seria preciso da parte dos spiritas serios uma enorme batalha contra a indecente traficancia, e a exposição clara dos manuaes.

«Longe de fazer reviver a feitiçaria, o Spiritismo a aniquila, despojando-a do seu pretendido poder sobrenatural, de suas formulas, engrimanços, amuletos e talismans e reduzindo ao seu justo valor os phenomenos que ella produzia, encerrando-os no circulo das leis naturaes.

A semelhança que certas pessoas julgam descobrir, provém do erro em que estão ácerca do poder do medium sobre os espiritos; repugna á sua razão crêr que um individuo qualquer possa, á vontade, fazer vir o espirito de tal ou tal personagem mais ou menos illustre; nisto

---

elles estão perfeitamente na verdade, e se, antes de lançarem a pedra no spiritismo, elles se tivessem dado ao trabalho de estudal-o, veriam que elle diz positivamente que os *espíritos não estão sujeitos aos caprichos de alguém e que ninguém pode, á vontade, constrangel-os a responder ao seu chamado*; ahi está a differença entre os mediuns e os feiticeiros.»

— Para quê? indagou o meu amigo. A vida sempre foi assim, e para cada creatura que confunde mediuns e feiticeiros, dizer-lhe que tal não ha é positivamente matar-lhe a illusão, o maior bem do mundo.

*Uma porção de mediuns — Para ser medium  
— As especies — No baixo spiritismo — A  
razão porque são apenas advinhos e curado-  
res — A diversão da cidade — Em cada pon-  
to — Peregrinação de oito dias — O Manuel  
de Catumby — O Arthur cartomante — Pe-  
dro o occultista — Final de dia.*

---

— Não acredites, disse-me o sabio informante, que apenas possa arranjar as amostras matinaes de um medium de pandegas e de um medium de resas, absolutamente ignorantes. Ha tantos que seria impossivel enumeral-os. A faculdade de corresponder com o outro mundo é o que se chama propriamente a faculdade medianimica e quasi toda a gente a tem. Apenas para ser medium a serio, a partir da Federação Espirita, onde ha sinceridade e pureza, são precisas varias qualidades: vida regular, castidade, sobriedade, jejum, egualdade de humor, consciencia, altruismo.

— As condições de um sacerdote digno ?



— Quando a natureza não ajuda. Allan Kardec dividiu esses senhores em varias especies. Ha os mediuns de effeitos physicos, os mediuns auditivos, os mediuns videntes, mediuns fallantes, os pneumatographos, os sensitivos, os somnambulos, os psychographos, os mediuns curadores. No baixo spiritismo, a maioria desses ganhadores não entende absolutamente dessa coisa. O medium psychographo abundantissimo é intelligente. Na ralé, quasi toda ella governada por esses pandegos, ha sempre um pateta medium fallante, encarregado de reproduzir a mesma scena interminavelmente para os irmãos proprietarios e os mediuns curadores, os mediuns adivinhos. E é natural. O spiritismo torna-se uma industria secreta. Ninguem vae lá para confabular com os espiritos. Vae-se para ficar bom mais tempo neste mundo; vae-se para amar melhor na terra a carne do seu semelhante.

Dahi o numero inacreditavel de mediuns curadores e mediuns adivinhos. Os charlatães, meu caro, são a obra da multidão.

Gravemente concordei.

— De modo que cada sujeito é em perspectiva ou jornalista ou medium curador nesta terra?

— Mais ou menos. Dahi o fatal fechamento desse pessoal dentro de casa. Não são só as familias burguezas a dar sessões de spiritismo, é o povo. Ha sessões como bailes improvisados.

A verdadeira diversão da época é a conversa com o Além-tumulo.

— E toda a gente acreditar que era o cinematographo !

O meu amigo sorriu.

— Mas eu digo coisas velhas. Queres vêr, porém, a serie infindavel dos mediuns que infestam a cidade? Toma esta lista e, se puderes, percorre metade das casas. E um conselho: sempre de accordo, crente fervoroso...

Tomei a lista. Vinha-me um desejo demoniaco, um desejo de negar e dizer coisas desagradaveis aos curandeiros. E comecei a percorrel-os. Fui ao Bittencourt, barbeiro que abandonou a profissão capillar pela de curandeiro spirita e recebe os clientes na propria loja, á rua dos Voluntarios da Patria, n.º 2. Bittencourt era um homem quanto possivel ingenuo, não fazendo questão das esmolas. Entrei, em S. Christovão, na casa do Luiz Barão, situada á rua Amelia n.º 6, no grupo de Santa Rita de Cassia na rua Esperança, no do Barroso na rua de S. Januario, n.º 143.

Em todas essas casas havia a pergunta classica:

— O senhor quer curar-se ?

— Eu não tenho nada ! respondia rindo.

— Engana-se. Os espiritos perseguem-no.

Extenuado, deixei para o dia seguinte as visitas. Fui ao Cruz, um spirita de rezas e

passes da mesma força do famoso Perna de Pau da Piedade, na rua D. Clara, esquina da estrada Real de Santa Cruz, vê-lo dizer que eu tinha um tumor no figado curavel com o seu fluido digital.

E de D. Clara vim dar á rua do Lavradio n.º 113, em pleno centro, a ouvir o gostoso Augusto, para correr ao Vivi — um medium curador chamado Vivi! — numa Avenida da travessa Onze de Maio. Em todas essas casas eu encontrei gente, em todas essas casas eu vi mulheres, homens, gente pobre e gente bem posta. Muita vez sahindo de uma ia encontrar, em outras, caras já vistas nas primeiras, que me cumprimentavam, sorriam, pareciam dizer:

— Este é dos nossos!

Essa gente fazia *naturalmente* a consulta como se entrasse num armazem de praça pública.

A sensação do perigo, a sensação peccaminosa do prohibido, desaparecera por inteiro. As almas do outro mundo entravam decididas na vida amorosa e na saude dos consultantes: os exploradores spiritas eram ás vezes mais esquerdos nas suas opiniões de interpretes do «irmão do espaço.» E, para cumulo do enervamento, sempre que eu sahia de uma casa, um consultante ou fiel apontava-me na vizinhança mais uma, mais duas, mais cinco casas do genero!

— O senhor já foi a casa do Barroso e Matoso?

— Alguma firma commercial?

— Não, um centro mantido pelos lucros das receitas homœopathicas. Fica alli na rua José Bonifacio, 30. Todos os dias, das oito da manhã até quasi ao meio dia é uma romaria extraordinaria. Homens, mulheres, creanças, brancos, negros. Vem gente até de S. Paulo!

E se eu me atrevia a ir a essa sociedade, logo encontrava quem me apontasse a «Luz e Amor» e outros centros onde a mesma coisa se praticava. O suburbio estava cheio, a proximidade das fabricas alastrava-se de spiritismo e de anarchismo, a cidade pululava de mediuns curadores.

Que achado e que profissão! Vi o Lulú Gommensoro em Santa Thereza, rodeado de velas, dizer que me curava do coração com tres gotas de agua benta, sem pestanejar; aguntei os passes do Sr. Atahyde Pereira que me dizia atacado de uma tísica da laringe; aturei o bondoso Serapião Pimenta em Todos os Santos, dizendo que Allan Kardec — Hypollito Rivail — havia de voltar á vida terrena talvez no Brasil. E em todos os centros a mesma gente hypnotisada, a mesma gente roída de molestias e de desejos terrenos, numa enervante egualdade!

Afinal furiosamente calmo, reservei a ultima noite dessa peregrinação solitaria, a visitar tres

mediuns notaveis nessa bambochata criminosa: o Manuel de Catumby, o Arthur do Becco da Moeda n.º 2 e o Sr. Pedro Leitão, á praça da Republica n.º 111.

O Manuel é um ilheu de vinte e cinco annos, magro, de cabelleira crescida e bigodes pretos. E' o spirita mais conhecido de todo o bairro. Mora na rua Carolina Reydner n.º 17.

Manuel fez-nos entrar para a sala vasta, toda ornada de lithographias. Na saleta contigua, um oratorio vellado por cortinas rendadas estava illuminado por uma lamparina de azeite.

— Hoje não é dia de sessão, mas felizmente o irmão encontra aqui um irmão que é medium perfeito para attendel-o no que deseja.

Eu estava disposto a mentir, a vêr os effeitos das minhas frias pilherias. Rapidamente contei-lhe que passava as noites sem poder dormir, incommodado desde certo namoro com uma senhora com quem não casara. Manoel foi buscar o seu urso amestrado, o tal medium, um sêr insignificante. O medium sentou-se, collocou o cotovello sobre o joelho e a cabeça sobre a mão espalmada e concentrou-se.

— Concentremo-nos, irmão!

De repente estremeceu. Sacudidelas bruscas agitavam-no. E começou a fallar lentamente:

— Perseguem-no muitos espiritos maus... Inimigos visiveis e invisiveis. Tudo por causa das mulheres! Bailes, pandegas, maxixes.

Deve deixar de andar com as badernas com que anda... Até já o quizeram matar. Mas não puderam, porque eu não quiz. Eu sou o unico amigo invisivel...

A voz sumira-se. De subito, porém, começou a berrar.

— E' meu ! hei-de vencer ! Não vence porque elle tem fé. E' por isso que eu tenho encontrado difficuldade !

Eram os meus inimigos discutindo com o meu protector no corpo do medium ! Manuel ahi esticou o dedo:

— E has-de continuar a encontral-as !

— E' meu ! E' meu ! Não o deixo ! Hei-de perturbal-o em todos os logares.

— Elle perdôa-te. Deixa-o !

— E', eu perdôo, rapazes !

A voz do perseguidor sumiu-se. Uma mulher nutrida entrou com uma garrafa e um copo cheio de agua, fez beber ao medium, poz um pouco de liquido para nós.

— Beba; é agua fluida...

O Manuel estendeu a mão, sentiu uma nota minha e discorreu sobre a influencia dos espiritos. Para esse felizardo tudo se explica facilmente pelos espiritos: desgraças, desastres = espiritos maus; sorte grande, prazeres, fortuna = espiritos bons.

Sahi, atirei-me num bond a imaginar a rajada de desespero que num cerebro inculto de

infeliz poderia occasionar tal theoria. Mas não era tempo para philosophar. Anoitecia. Ainda tinha dois.

Fui primeiro ao cartomante. Devia ser interessante. Adivinho e spirita! Uma mulata gorda e baixa veio abrir.

— O Arthur está?

— O' Perfeita! ganiu ella. Perfeita era uma pequena enfezada, que appareceu logo acompanhada de dois cachorros felpudos.

— Seu Arthur está occupado. Tenha a bondade de esperar um bocadinho.

Sentámo-nos numa cadeira do corredor. Junto á parede, em um cabide, dois gorros de marinheiros. E passeando de um para outro lado Perfeita, seguida dos dois cães, a fallar.

— Passa dahi! Esses diabos não me deixam! O Sr. não imagina como eu gosto de cachorros... E o Sr.?

— Eu muito, mas longe, bem distante.

Nisto, a porta da sala abriu-se. Os dois marinheiros sahiram gingando os corpos grossos. Um era moço, branco e imberbe; o outro athletico e retinto.

— Pode entrar! disse-nos um mulato já usado, aflautando a voz.

Entrámos. Arthur tomou de um baralho, baralhou dois minutos, mandou-nos tirar trinta e cinco cartas.

— O Sr. é casado,

— Exactamente. Mas não foi para isso que eu vim aqui. Eu quero é tratar de minha saúde.

— Bem. O Sr. deixa o nome e a residência, que amanhã fallo com o irmão do espaço para lhe receitar o medicamento.

— Quem é esse irmão do espaço?

— E' um espirito bom.

— Quanto custa o seu trabalho?

— O meu trabalho não custa nada, porque o irmão do espaço não quer dinheiro, quer unicamente que o Sr. não se esqueça de rezar por alma d'elle. Para ganhar a vida boto as cartas. Se tiver alguém recommende-me.

— Ah! muito bem. E que me diz de Allan Kardec e da Eusapia Paladino?

— O Sr. está debochando? Allan Kardec como Ferreira de Menezes foi um grande espirito.

Mas ainda faltava um! Deitámos para a praça da Republica n.º 111, subimos uma escada ingreme e estreita, illuminada baçamente por um lampeão de kerosene. Ao alto, num espaço acanhadiço, com quatro cadeiras, era a sala de espera. Batemos com a bengala no soalho. Apareceu uma dama de côr de rosa, sorrindo.

— Que deseja? Uma consulta? Tenha a bondade de esperar. Houve um susurro no interior, abriu-se a porta da sala da frente e appareceu na semi-escuridão o vulto do medico spirita Pedro Leitão.



— Pode entrar.

Entrámos. A porta tornou a fechar-se á chave. Ficámos em tréva completa e em silencio. O barulho dos tramwais, dos automoveis, dos carros, os gritos dos vendedores ambulantes, dos garotos dos jornaes, todos os rumores da rua chegavam-nos surda, mysteriosamente.

— O irmão deseja consultar?

— Perfeitamente.

Ouvimos o sacudir da caixa de phosphoros, o riscar, e Pedro Leitão surgiu num halo accendendo tres velas de um candelabro sobre uma velha mesa de lustroso oleado.

— Não costume dar sessões publicas de sciencias occultas, começou o curador. O tratamento por mim applicado é o spiritismo ou a medicina homœopathica. Antes, porém, estudo o doente para saber quaes são os seus soffrimentos, phisicos ou moraes. A cura é infallivel, conforme declaro nos meus annuncios. Não os leu? Pois eu tenho-os á mão aqui, na *Gazeta*.

Ergueu-se. Pegou de uma folha, mostrou-me.

“SPIRITA, somnambula desvenda com clareza todos os segredos e mysterios da vida humana, fazendo desaparecer os atrazos, embaraços e rivalidades, por mais difficéis que sejam; trabalhos scientificos e garantidos, das 10 ás 4 horas da tarde e das 6 ás 8 da noite; na praça da Republica n.º 111, sobrado.”

Circumvagámos os olhos pelas paredes da sala. Não havia um quadro. Era apenas um gabinete de consulta, forrado graciosamente de papel pintado de cores claras e suaves.

— Quer que o examine ?

— Dispensó o exame. Sei do que soffro.

— Eu é que não sei...

— Posso dizer o que é.

— Aceito.

— Tenho um excesso de bilis.

— As sciencias occultas não estão ao alcance de qualquer. Posso dizer-lhe, porém, que com o seu auxilio...

— Pois francamente, não acredito no occultismo nem na homœopathia.

— Não precisa acreditar. Basta ter fé na minha infallibilidade.

— Tambem não tenho.

Pedro, o occultista, sorriu.

— Então, não se pode fazer nada.

Levantei-me, estendi-lhe a mão. O medico fitou-me acanhado.

— E a consulta ?

— Quanto ?

— Cinco mil réis.

— Cinco só ? Mas se eu não aproveitei nada dessa consulta !

— Mas se eu trabalhei ?

— Trabalhou, Chama isso trabalhar ? Não pago,

Pedro o occultista teve um impeto, reteve-se.  
— O Sr. está com uma carga de espiritos  
maus, inclusive o espirito damnado de Augusto  
Comte, que ha meio seculo persegue a humani-  
dade! Mas não ha-de vencer senão os fracos  
e os desequilibrados. Adeus, senhor!

E violentamente deu-me com a porta na cara.

*O sujeito exquisito — Angelo Torterolli — Apostolado da Caridade Christã — Associação Cosmopolita Regeneradora — Uma sessão impagavel — Spiritismo para cocottes. Amor amorinhos — O que ellas dizem — Fallam até os espiritos de Pai João e do Feiticeiro Dias — Uma cantiga — A caridade de Torterolli — A theoria do claro escuro da vida.*

---

O homem de blusa, com o sacco ás costas e o chapéu molle um tanto sujo ia á nossa frente.

— Palavra que estou conhecendo este exquisito cavalheiro.

— Talvez já o tivesse visto de cartola. Ha casos de baixo spiritismo verdadeiramente dolorosos. A suggestão actua de tal modo nos espiritos fracos que eu conheço alguns homens de tratamento com a coragem de sahir para a rua de pés nús e trouxa ao hombro para pagar os peccados. O spiritismo tem esse alarmante lado da fé tambem. Mas quem vae adiante de nós é apenas o Angelo Torterolli.

Era exactamente o Torterolli! o Torterolli, um dos primeiros spiritas do Rio, quasi o decano do movimento, medium com qualidades extraordinarias e no resto um temperamento escorregadio, polyprofissional, escandaloso, teimoso. O Torterolli! Era elle mesmo com a sua barbinha capra, o olho pisco e fugidio, a bocca como que talhada por um pontaço de rifle. O seu passo meudo e apressado batia na calçada a sola de um sapato grosso. Que seria agora Torterolli? O meu amigo explicou-me.

— O Torterolli continúa no Apostolado da Caridade Secreta.

— Pensei que acabara.

— Nunca, Torterolli não acaba nunca. E' por secções: repete-se. E ahi tem V. um enigma, a face esphyngetica do baixo spiritismo. E' sincero nas suas telices ou explora? Ninguem sabe se o Torterolli é sincero, apezar de todas as babozeiras e dos excessos pouco moraes constantes das partes policiaes. Torterolli é espontaneo, Torterolli é a onda da crença... Quer lá ir hoje?

— Onde?

— Ao Apostolado da Caridade Secreta, fundado em 1876.

— Vamos.

Com effeito, á noite, o meu amigo deu comigo no sobrado da rua do Regente 29. E' ahi que funciona a Associação Cosmopolita Re-

geradora — porque o professor Angelo Tererolli, numa ultima crise de amor pela humanidade, cosmopolitou a regeneração e é o campeão formidavel do nobre ideal.

Quando entrámos na pequena sala da frente, o professor explicava aos assistentes como os espiritos atravessavam as crateras dos vulcões sem se queimarem. Estava exactamente no Vesuvio. Os espiritos atravessavam de modo curioso. E a razão era simples: o perespirito, os corpos odicos, o turbilhão vital, vocês sabem? Quem não sabe? Assim a alma de Silva Jardim escapara deixando lá dentro a carcassa terrena.

Depois, luminoso e claro, o professor deixou os vulcões e narrou uma pagina de amores da sua mocidade. Era ainda lição.

Os espiritos têm sexo?

Allan Kardec responde:

«Como vós o entendeis, não, pois os sexos dependem da organização. Ha entre elles amor e sympathia, mas fundados na semelhança de sentimentos.»

O espirito que animou o corpo de um homem póde, em nova existencia, animar o de uma mulher, e vice-versa?

Sim; são os mesmos espiritos que animam os homens e as mulheres.

Quando se está no Estado de espirito, prefere-se ser incarnado no corpo de um homem ou no de uma mulher?

Isso importa pouco ao espirito; é conforme as provações por que tem de passar.

Os espiritos incarnam-se homens ou mulheres, porque não têm sexo; como devem progredir em tudo, cada sexo, cada posição social, lhes offerece provações e deveres especiaes, e occasião de adquirirem experiencia. Aquelle que fosse sempre homem, não saberia senão o que compete aos homens.

O professor em vidas anteriores já fôra mulher e homem varias vezes. Mas ha a apparição de espiritos mulheres que chegam a amar rapazes cá deste mundo. Como explicar? Nós tambem somos obsedados e evoluimos na prisão de argilla. Para mostrar a evolução, Torterolli aponta a sua conducta actual.

Emquanto Angelo discorria, olhavamo a sala. Pelas paredes vários retratos, dois estandartes da Associação, um dos quaes com os dizeres: Apostolado da Caridade Secreta, molduras baratas encaixilhando as physionomias de D. Pedro II e da Imperatriz — porque Torterolli é monarchista. No portal da entrada um lampeão de kerozene de luz vermelha e uma lampada pequena de acetylene branca e tremula. Torterolli, sentado á mesa, tendo á esquerda um créoulo que lhe auxiliava os trabalhos e á direita uma senhora edosa parecendo muito interessada, tirava de vez em quando o velho relogio de prata da algibeira da blusa, dava-lhe

corda, passava a mão pelos cabellos já brancos, visivelmente impaciente. Occupavam as cadeiras da pequena sala cerca de trinta pessoas. Na primeira fila algumas cocottes de chapéus de pluma cochichavam sem curiosidade pelas etapas evolutivas da vida torterolliana; uma ex-corista vestida de vermelho com a physionomia de quem estava impressionada não desviava a vista do professor; e ao lado da ex-corista uma negra de carapinha limpava com o lenço sujo os olhos rasos d'agua. Era a carpideira do discurso inicial.

Felizmente, Torterolli acabava convidando os assistentes que fossem mediuns a tomar parte nos trabalhos scientificos. O creoulo ao lado disse tambem algumas palavras, reiterando o convite e levantou-se. Immediatamente, as cocotes, a ex-corista, a creoula de carapinha e um homem comprido tomaram collocação em torno da mesa; mas, depois dos preparativos preliminares, a abundante mèsse de mediuns voltou á posição antiga, deixando só a ex-corista, vestida de vermelho.

— Como te chamas? indagou sacerdotalmente Torterolli.

— Alice, respondeu a mulher.

Mas já estava concentrada, porque, após a resposta, começou logo de alisar a mesa com convulsões e uma agitação inenarravel. Depois teve um arranco, gaguejou alguma coisa. Era



o espirito que do instrumento se apossára para a palestra.

— Como te chamas?

— Horacio.

Seria Horacio Flaccus, o primeiro e o mais perfeito engrossador da poesia? Não, não era! Era um Horacio qualquer? Uma das companheiras exclamou, batendo com o pé no soalho:

— Já sei quem é! E' o pae d'ella.

— O nosso irmão do espaço deseja alguma coisa? indagou Torterolli. Não diz nada? Tem receio?

— Não, senhor, respondeu Horacio, desejo conversar com a minha filha Alice.

— Mas o irmão está com Alice!

— Estou, mas quando ella acordar não se lembra mais dô que se passou. Desejo, pois, que lhe transmittam as minhas palavras.

E quando nós pensámos em ouvir coisas interessantes do pae da corista, Horacio não disse mais nada.

Alice levantou-se. Estava com os olhos vermelhos, o rosto livido e mantinha-se de pé difficilmente, como se tivesse levado uma pranchada na nuca.

— A senhora é de uma concentração perfeita.

— Pois é a primeira vez que trabalho de medium!

— Não parece; é perfeita.

— E' mesmo. Uma vez na Bahia achei-me sem saber como numa sessão spirita...

— Bom signal, sem saber como.

— E desde essa época tenho fé. Mas espirito nunca encarnei...

Eu estava com uma vontade de communicar a D. Alice o recado do pae, imaginando a noite que a pobre rapariga passaria ao saber da nova da estreia, mas Torterolli dirigia-se a uma das cocottes de chapéu emplumado.

— A irmã Aurora não quer?

— Não, hoje não estou em condições de receber o espirito.

O professor, porém, acabou convencendo-a. Meu Deus! A materia estava sempre disposta a receber os fluidos invisiveis! Que ideia era aquella? A irmã Aurora então teve um muchinho e foi sentar-se na cadeira fatal, para dalli a minutos reproduzir os gestos convulsivos da corista. Se, porém, a corista na sua posição modesta de panno do fundo theatral recebia apenas o pae e fallava pouco, — a Sr.<sup>a</sup> D. Aurora foi um instrumento de actriz-estrella para o espirito apparecido. Era inconcebivel como os espiritos fallavam de accordo com as ideias e a profissão dos mediuns! A D. Aurora deu para bater com os pés no soalho e para pronunciar phrases theatraes costumeiras no seu genero de vida:

— Ah! bem sei que me tens amor! Nesta

sala ha um homem que gosta muito de mim! Infiel! Ingrato! Não te amo mais.

— És um espirito perseguidor, então, dialogava o professor; é inutil teimar porque elle, elle, e accentuava o *elle*, tem muita resignação para vencer.

— Vence! vence porque é forte!

Quem? Os assistentes estavam intrigados. Quem era elle? E quem era ella? A medium, porém, cahira em silencio e quando menos se esperava deu um pulo da mesa e foi sentar-se onde estava antes, monologando com erros de grammatica pedaços do *Secretario dos Amantes* e da *Morgadinha*.

— Irmã! Irmã, que é isso?

— Creança! sabes tu lá o que é o amor?

O professor chamou logo outra medium para a continuação dos trabalhos scientificos. Era uma corpulenta mulata vestida de preto.

— Vem cá, irmã Augusta!

Augusta mulata sentou, estrebuchou — mas que facilidade mediunica! — e soltou uma enorme gargalhada.

— Gosto muito dos espiritos alegres, sentenciou Torterolli. Quem és?

— Sou...

— Elias, o photographo da rua da Carioca. Ah! elle era alegre.

— Dias, o grande feiticeiro, emendou a medium Augusta em voz de **trovão**.

Torterolli deante do feiticeiro invisivel não desconcertou.

— Ah ! sim ! Foi bom V. vir. Vou fazer-lhe um pedido. Preciso que afugente os espiritos perseguidores da rua da Lapa n.º..., da rua dos Arcos n.º... e da rua do Riachuelo n.º...

— Está satisfeita a sua vontade...

Augusta mulata levantou-se tropega, tomando o caminho da porta. Ia naturalmente livrar os tres conventilhos citados pelo eminente professor dos espiritos perseguidores. Mas foi despertada pela companheira Aurora que a agarrou, obrigando-a a sentar. Das mediuns que tinham feito a concentração inicial, só faltava a negra de carapinha. Torterolli chamou-a. A negra levantou-se, tremula, indecisa, deu alguns passos lentos e depois uma corridinha, sentando-se rapida junto á mesa para precipitadamente começar a gritar.

— Cala a bocca ! não gosto de hypocrisia... Tem no meio dessa gente um homem que quer matar o irmão Angelo Torterolli. Mas não conseguirão emquanto eu estiver aqui. Foi o anjo da guarda que me mandou !

— Não faz mal, irmã, fez Torterolli tomando o seu doce ar de anho do sacrificio. Perdôo o mal que me fazem, e toda a sua má intenção. Deus é grande para fazel-o bom, completamente regenerado.

— Mas não quero vêr patifarias ! retrucou

a medium. Esse homem que quer assassinar o nosso irmão Torterolli anda toda a noite *bataendo coxias*, e não veio aqui senão para namorar uma moça branca.

— Quem é você?

— Eu sou...

— Se você quizer fallar em alguma lingua estrangeira, pode fallar. Não faz mal não entendermos.

Em que lingua iria fallar a negra? Ah! em fim haveria um factó extraordinario...

— Quero, porque sou africano, disse a preta.

— Ah! eu logo vi! exclamou o mestre. E carinhoso: falle, irmão.

Em africano, em que lingua das muitas da Africa iria fallar a preta? O meu amigo sorria, e eu sabia apenas differencar algumas palavras do *eubá*. Mas com grande pasmo meu, a lingua estrangeira era essa fedorenta mixordia vinda das sanzalas, a adulteração horrida do portuguez pelos minas escravos.

— Louvado sioz christu... Está remejendo in vida di zente. Muié é boa cumo cumaré...

Deuses clementes! Era impossivel graphar aquelle puff carnavalesco de espaço, tantas as sandices e tantas as pulhices. O africano fallava de feitiços, em que era eximio. Quasi que receita ás cocottes. Por fim não se conteve. A negra ergue-se desvairada e cantou remexendo os quadris esta inaudita quadra:

*Todas as mulheres me querem  
E todas as moças bonitas  
Seu Pai João é bem bom  
E' feitiço das catitas!*

Eram nove horas da noite e a sessão do Centro terminava. Sahimos sem dizer palavra. Ha coisas tão desconcertantes, tão burlescas, que inibem as phrases. O meu amigo, porém, deu-me o braço e foi dizendo:

— Neste mundo não ha nem bondades perfectas nem maldades integraes. Na vida do mais puro ha sulcos, na vida do mais ordinario ha irradiações. Julgar em bloco é um crime. Viste a sessão do Torterolli. E' o baixo spiritismo dos conventilhos.

Não sei se elle ganha com isso. Mas se Torterolli, uma das figuras mais antigas do spiritismo, está assim agora, toda essa pulhice lhe deve ser compensada. E porquê? Porque seja para posar theatralmente a caridade, seja por sinceridade, Torterolli creou dois estabelecimentos para dormirem e comerem os desgraçados, um na rua do Espirito Santo, outro na rua do Senhor dos Passos, com o titulo de Pensão Cosmopolita.

Torterolli manda para a policia do 4.º districto cartões com os dizeres: «Vale agasalho para uma pessoa», e esses cartões valem mesmo. E' o seu lado bom, porque faz bem aos que a

---

desgraça desfez do conforto. E acredita: Torterolli faz sessões destas para cocottes de baixa roda; immoralisa a seita spirita, pandéga inconscientemente, mas ao mesmo tempo, quasi sem imputabilidade moral, pensa em regenerar a humanidade e tem um sonho que realisará: comprar uma casa para agasalhar os miseraveis!

Não ha ninguem bom de todo nem de todo mau.

Os spiritas dizem-no um obsedado e até apontam-no os seus companheiros como um acervo de perfidias. Mas ha na sua alma uma irradiação, porque, se de blusa falla de amorzinho ás fufias, leva tambem de blusa pão aos desgraçados...

E a vida, caro amigo, é feita assim de claros e de escuros...

— Principalmente no escuro, disse eu a rir.

Porque, infelizmente, eu conhecia um pouco o sentido duplo das hospedarias torterollicas, conhecia o pão de Santo Antonio, e o processo de angariar donativos do Apostolado da Caridade Secreta...

*Informações — Tudo é a influencia de espiritos bons ou maus — De como os mediuns interesseiros perdem pela avidez as qualidades que a principio tinham — A sessão do porão — O Sr. Carneiro da rua Visconde de Itaúna — O espirito que quer luz — A elevação comica dessa reunião.*

---

Mas a peregrinação continuou. O meu informante ria.

— Se quizeres andar um mez a visitar diariamente uma dezena de mediuns não chegas a visitar metade das casas de cura spirita que infestam a cidade. Os spiritas dizem que Socrates foi spirita e Platão tambem, posto que vagamente. Com esta opinião, assim vasta, quem se atira ao estudo das religiões e das sciencias occultas da nossa terra verifica nas baixas camadas a fusão de todas as feitiçarias, de todos os occultismos no spiritismo. O povo, meu caro, não pode nem quer differençar. Para as mulheres, que vão pedir amores, ou o alli-



vio das molestias, ou o bom humor do marido, tanto faz que seja um cartomante, um preto mina mandingueiro, uma rezadeira ou um medium. O principal é que as forças do mundo invisível venham prestar-se aos seus desejos e que se realice o milagre.

— O milagre, sempre o milagre!

— O milagre é sempre aquillo que a sciencia ainda não explicou ou que a sciencia não faz. O milagre, por onde se o queira encarar agora, pelo lado da ignorancia, pelo lado da indagação scientifica ou pela forma de crença religiosa — é o spiritismo, o mundo dos espiritos. Por isso, outro dia, eu ouvi, sem pestanejar, um medium honesto dizer que os negros feiticeiros eram mediuns inconscientes, que as cartomantes eram mediuns; emfim, que não havia absolutamente nada de anormal no mundo que não fosse obra dos espiritos, porque o medium é a tribuna dos espiritos.

— Ha-de concordar que as tribunas vistas por mim até hoje desmerecem os espiritos.

— Ha espiritos maus e bons; mas entre os mediuns exploradores, meu caro, alguns foram dotados de propriedades excellentes. Mas o spiritismo prohibe o lucro, o dinheiro. Desde que elles começam a receber dinheiro, começam a ser abandonados, a perder qualidades de vidençia, de audiçãõ, de cura e acabam na lamentavel exploraçãõ que tens visto — exploraçãõ incon-

sciente quanto possível porque a maioria está convencida e obcedada. Assim, o Perna de Pau é convencido, mas tanto dinheiro tem feito na venda de velas e na passagem de «coupons» para comprar hervas num botequim proximo, que a sua força desaparece na pantomima; assim o Ferraz, doente gravemente, — ex-carpinteiro, começa a se sentir sem o seu anjo da guarda; assim o Luiz confunde tudo...

Ha por ahi um livro de divulgação da doutrina que a benemerita Federação, e eu digo benemerita pela sua moral e a sua caridade, traduziu. Ha lá uns trechos sobre os mediuns interesseiros.

«Se os incredulos já são levados a suspeitar da boa fé dos mediuns em geral, muito peor seria se nelles vissem ahi um estimulante de interesse; com razão se pode suspeitar que o medium retribuido, que mais que tudo tem em vista ganhar o seu salario, bata com o pollegar quando o Espirito não lhe manda fazel-o.

Além de que o desinteresse absoluto é a maior garantia de sinceridade, e repugna á razão evocar por dinheiro os Espiritos das pessoas que nos são caras, suppondo que elles consintam nisso, o que é mais duvidoso; em todo o caso só se prestariam a isso os Espiritos da classe inferior, pouco escrupulosos a respeito de meios e que não merecem confiança alguma; e estes mesmos, muitas vezes, encontram um di-

vertimento maldoso em frustrar as combinações e os calculos do seu explorador.

A natureza da faculdade mediumnica se oppõe, pois, a que ella sirva de profissão, por causa da sua dependencia de uma vontade estranha á do medium, e por poder, no momento preciso, deixal-o em falta, salvo se elle a supprir pela astucia.

Admittindo porém mesmo uma inteira boa fé, desde que os phenomenos não se produzem como queremos, seria um puro acaso que, em sessão paga, se dêsse exactamente aquillo que desejavamos vêr para nos convenceremos».

— E d'ahi?

— Dahi nós irmos vêr mais um medium a que os espiritos não devem obedecer muito. E' um cidadão feliz que mora em casa propria, casa que lhe custou 60 contos. Vamos ao 299 da rua Visconde de Itauna, ao Carneiro.

A noite estava escura. Na estreita faixa de terreno que fica á direita do predio que as almas do outro mundo offereceram ao Sr. Carneiro, havia muita gente á espera da hora da sessão. A casa estava ainda totalmente fechada. Os crentes espalhados pelo terreno moviam-se como sombras e havia o cochicho habitual das conversas confidenciaes.

— Boa noite. Como vae? indagava uma sombra.

— A senhora não imagina como me tenho

— dado bem com o spiritismo. Antigamente o meu marido chegava em casa sempre atacado, mas felizmente desde que me apoderei de um lenço com que o meu primo Alberto enxugou o suor durante a concentração de um espirito protector — nunca mais houve nada que me atrapalhasse. O lenço é para mim uma reliquia sagrada!

— Vê tu a credence: o lenço, o suor, o espirito, o marido que chega tarde... segredame o guia. Esses com as suas baboseiras ainda são os melhores: são tolos, escorrem o cobre mas não adoecem e não ficam malucos. A sarabanda de hystericas e de possessos é mais grave.

Neste momento um rapaz moreno abriu a porta do porão e accendeu um bico de gaz collocado junto ao balaustre que fica ao centro. Entramos. No comprido porão pintado de cinza, um balaustre corre, da frente ao fundo. Solemne-mente avulta amarella a mesa dos trabalhos, e de frente para a mesa enfileiram-se cerca de vinte bancos escolares. Os olhos dão logo no tecto baixo que quasi esmaga os assistentes e numa pequena mesa a sustentar a salva de metal para as esportulas generosas...

A frequencia de crentes do invisivel e da perfeição do espirito através dos astros é toda composta de operarios, empregados do Gaz, mulheres creadas de servir, creanças desocupadas, filhas das estalagens das immediações. Ha pretos, ha italianos e hespanhoes, ha mulati-

nhas paramentadas como quem vae á missa, ha mesmo algumas senhoras decentes e velhas. Toda essa gente entra cautelosamente, sem fazer barulho, respeitando o recinto, e a gente vê pelas janellas pequenas, guarnecidas metade de venezianas metade de vidros opacos, as sombras vagas da rua.

— Vê o banco da frente ?

— Sim, occupado por quatro mulheres. Ha duas talvez menores de vinte annos, a morena clara e a negra. A negra parece hysterica. Está a estrebuchar.

— Oh ! essas associações em que se desenvolvem as qualidades mediumnicas são viveiros de hysteria. Então de raparigas menores de vinte annos, na época mais delicada da mulher, a colleccão é aterradora. Momentos ha que estas casas lembram a Salpêtrière no tempo do Charcot. E veja como a pequena morena, inundada em suor, começa tambem a ser possuida da crise...

Com effeito. A rapariga tinha estremeções, esgaseava o olhar, abria a bocca numa dolorosa contracção. E foi nessa occasião que um homem de cabellos pretos, rosto redondo, bigode bem tratado, approximou-se da mesa para dar principio á sessão. Era o Carneiro. Avaliou a sala com um olhar e interrogou uma das senhoras que estavam no banco da negrinha menor.

— Ha quanto tempo está esta moça assim ?

— Desde hoje ás 3 horas da tarde.

— Como se chama?

— Palmyra.

— Onde mora?

— Rua Visconde de Sapucahy.

A senhora que respondia era bonita, de face intelligente. Era quasi espantoso que assim tão calma deixasse a pobre negra mais de quatro horas naquelle estado á espera da cura do Sr. Carneiro. Mas já tinham arrastado a pobre para junto da mesa e o Sr. Carneiro segurava-a pelos pulsos. Iamos vêr mais uma vez a lucta com o espirito mau, o *bluff* da obcessão...

Mestre Carneiro segurou a negrinha pelo pulso e deu um berro exigindo a obediencia do espirito malevolo. Depois, tomou folego e continuou:

— Espirito caboclo, que se apoderou do instrumento de Palmyra, que se encarnou no corpo desta infeliz, incapaz de resistir á funesta tentação de Satan, attende, em nome de Deus Todo Poderoso ! foge inimigo perseguidor que venceu o leão da tribu de Judá e a raça de David !

Esta tirada pareceu exasperar os restos de crise da rapariga. Convulsionava-se, torcia as mãos, tinha a face congesta e gritava.

— Não quero lucta, cachorro ! Você é um grande sem-vergonha.

— Espirito caboclo, vae-te embora !

— Não vou ! gargolejava o tal caboclo na

garganta da preta jorrando a negativa num fluxo de phrases estercorarias. De repente, não se conteve mais. A preta ergueu-se, batendo com os pés, batendo com as mãos, cuspiu, atirou-se violentamente na mesa, balbuciando numa diluencia subita da voz: estou no escuro!

— Estás no escuro porque fazes o mal! sentenciou mestre Carneiro em tom cathedra-tico.

O espirito caboclo, deante desse ar, resolveu entrar em explicações.

— Não sou Satanaz, mas sim uma alma perdida. Ainda tenho salvação.

— Queres que ore por ti? indagou o bondoso Carneiro, que deve ter tempo para esses misteres.

— Sim, quero! rouquejou, pela garganta da preta, o espirito. Carneiro alisou o bigode. A pretinha, prostrada, parecia serenar.

— Meus irmãos, esses trabalhos foram extraordinarios, não fazem parte da sessão. Iniciemos os nossos trabalhos. Em nome de Deus está aberta a sessão. Convido as pessoas que soffrerem physicamente a aproximarem-se desta mesa em grupos de tres de cada vez.

Immediatamente levantaram-se de pontos diferentes do porão duas senhoras e um rapazola moreno. O spirita segurou uma das mulheres pela mão e disse, enquanto o resto da assembleia continuava impassivel, morna, sem en-

thusiasmo, como se estivesse olhando um quadro muito visto:

— Se tens fé atira com o espirito que tens sobre a cadeira, sem magoal-o.

A consultante hesitou.

— Tens um minuto para resolver! concedeu elle.

Houve um silencio.

— Não tens fé em Deus?

— Não! respondeu.

— Porquê?

— Porque nunca o vi!

— E porque nunca o viste?

— Porque estou no escuro! Quero luz, muita luz. Arranque-me da escuridão em que estou!

Era o mesmo espirito de maus bofes que continuava a querer luz! Mestre Carneiro voltou-se para a outra senhora e ordenou-lhe que desse volta á mesa. A senhora moveu-se de vagar. O medico do outro mundo não se conteve:

— Esse espirito não é muito forte. Mas se fosse, você corria mais que um automovel.

Uma porção dos assistentes achou que a comparação tinha espirito e correu pelo porão um riso abafado. Carneiro encavacou:

— Os Srs. assistentes estão pensando que o meu trabalho é alguma pantomima?! Pois se continuarem sem concentrar o pensamento em



Deus, não me responsabiliso pelo que possa acontecer.

A ameaça furiosa do medium emmudeceu de medo a assembleia. Carneiro alisou o bigode e continuou a palestra com as almas sem luz.

Deviam ser numerosas.

— Porque fazes soffrer esta irmã?

— Porque quero luz.

— Vaes tel-a. Mas não deves continuar a perseguir os vivos.

— Não, não! Para soffrer assim não quero perseguir mais ninguem.

— Quem faz, paga!

Era chegada a vez do moreno imberbe. Nós estavam em pleno espaço, conversando com o infinito.

De que se queixava o rapazola? Queixava-se — Deus misericordioso! — de que não podia atinar com o motivo que o fazia scismar nas casas onde se empregava. Sim, era isso. Mollemente, o moreno adolescente repetia:

— Não sei, eu me emprego num dia e logo no outro me dá vontade de sahir!

E naturalmente Carneiro ia acabar com aquillo, ia chamar a contas o impalpavel. Também foi tiro e queda! A resposta veio com uma facilidade de assombrar o telephone.

— Eu não o quero empregado! bradou o medium.

— Porquê?

— Porque quero luz, muita luz, luz, luz! Estou no escuro...

A sessão terminava naquella pilheria. Eu, entretanto, não perdia a pobre pequena morena, que continuava a suar e a concentrar-se. Acerquei-me do dono da casa de sessenta contos e dos espiritos no escuro.

— Irmão, e aquella menina não está tambem doente?

— Não está mais, passou. Eu explico. O espirito encarnado na Palmyra era tão forte que passava um pouco para as pessoas proximas... Boa noite. A paz seja comvosco.

E continuou tranquillamente, convencido talvez de todas as funebres parodias daquella noite.

*A casa da rua José Bernardino 20 — O povo que a frequenta — A D. Anna — Ou vaes ou morres — As sessões — Os espiritos do Senhor Morto, de Jesus Christo e de S. Jorge — A suggestão — Tropa de hystericas — Um casamento feito por S. Sebastião — Com a policia.*

---

— Viste a missa de defuntos dita pelo Lima de Cachamby quasi todos os dias da semana, sem que a policia o preocupe. Ha mais. Ha os casamentos.

— Palavra ?

— Quando se começa a peregrinar pela assustadora crendice desta cidade, a principal condição para resistir é achar tudo natural. As vezes, depois de ir a dez, a vinte centros chamados de spiritismos, depois de assistir á crise de quarenta, de cincoenta hystericas por noite, fico um instante pensando que é impossivel, que eu sou victima de uma horrivel illusão. Metade da cidade divertindo á noite em taes baboseiras

tragicas! E' crível? Mas pouco depois habituo-me. Ha a missa amarella do Lima em Cachamby? Lá estou eu calmo. Ha o casamento roxo da execravel Anninhas da rua José Bernardino? Lá estou eu assistindo como deante de um padre. Se a Constituição não prohibe que cada um reze a sua missa, porque vou eu desesperar?... Apenas, meu caro, do Lima só tenho assistido missas. E dessa mulher, a Anninhas, com o grotesco malandro do filho, ha coisas mais graves. O casamento não é o primeiro. Vaes vê-lo, eu apresento-te á féra e em oito dias de frequencia, crente, tens a historia do antro.

Com effeito. Voltámos lá. Era em meados de dezembro. Quando o meu informante apresentou-me, a sala tinha uma arvore de Natal e uma bandeja onde cada visitante era obrigado a deixar pelo menos dois tostões. Deixei cinco mil réis para que a megéra visse, e confessei-me um admirador da sua força sobre o invisível.

— Como sabe? interrogou ella quasi amavel.

— Por uma rapariga de que a senhora fez a cura.

— Ah! eu tenho feito tantas...

Ficámos frequentadores das sessões. Andavamos percorrendo as outras casas, mas não faltavamos ás recitas da D. Anninhas.

Era a nossa edificação e o nosso pasmo e mesmo a diversão nossa, como de muito rapaz

da Cidade Nova á cata de namoro e de coisas mais positivas. D. Anninhas queria uma licença para uma festa de pastorinhas no genero das do Dr. Mello Moraes, e havia pelos corredores, na sala abafada, em todas as dependencias do antro, meninas puberes, raparigas novas sem os respectivos maridos e até uma viuva sensacional e solida. As sessões realisam-se ás segundas e ás sextas. O pessoal vae cedo, principalmente o masculino, do namorico — typinhos de roupas apertadas, lencinho de seda preta e o ar irresistivel dos conquistadores de pouca exigencia. Antes de entrar, iamos de vagar, ouvindo as conversas. E as conversas eram realmente deliciosas.

— Vaes hoje lá?

— Vou.

— Eu não acredito na phalange dos espiritos atrazados; mas a Dodoca não falta!

— E'... Mas você, outro dia, teve medo do Senhor Morto!

— Qual! Baboseiras para embromar a velha.

— Quem arranja a licença para as pastorinhas?

— Sei lá! Se o delegado soubesse o que ella fez com a Idalina...

Mais adeante raparigas:

— Olha, aquella de outro dia, de olheiras, está rente que nem pão quente.

— Oh ! não venhas... O cabra é só pela viuva.  
E atraz, fechando o prestito, as matronas:

— Sua filha tem propriedades ?

— E'... A D. Anninhas diz que ella tem.  
Descobriu mesmo depois de lhe tirar o diabo da orelha esquerda.

— Foi com um balde de agua fria pela cabeça abaixo ?

— Não, foi com as hervas do feiticeiro que ella conhece. A gente paga tres mil réis...

A sessão começava. Anna, a presidente dessa sociedade de caridade, centralisava as attentões geraes. Alguns ficavam aos atracões no corredor. Mas a maioria estava alli dominada, presa, amarrada á attracção irresistivel da creatura: velhas, negras, mulatas, homens feitos, de barba na cara, e principalmente — ó deuses clementes — meninas dos treze aos dezanove annos, meninas em pleno viço da vida, desequilibrando os nervos, virando a hystericas, sob a suggestão macabra da creatura atroz. E o medium, pernostico e ignorante, para essa assembleia de hypnotisados, incapazes de reflectir, de pensar um segundo, recebia cynicamente coizas de dar vontade de sacudil-o pelas orelhas no carcere, para não illaquear os papalvos com tão deslavadas pantomimices.

Na primeira sessão chegara uma rapariga doente. A mãe segredou a molestia ao ouvido da presidente e esta, ouvindo o medico, derra-

mou-lhe na cabeça um balde de agua, com risco de deixal-a apenas morta. Não contentes com isso, a um velho que se dizia rheumatico deram uma esfrega para afugentar os diabos, com tanta força, que mais parecia uma sóva. O velho não pagára. Quando ainda não se contivera o riso, deante de taes barbaridades, feitas em plena cidade, numa casa de portas abertas, com o consentimento geral, o medium resolveu estrebuchar e bradar:

— A paz seja comvosco, irmãos...

— Quem sois?

— Nosso Senhor Jesus Christo!

Sim! textualmente, com estas palavras, Jesus, em espirito, vindo expressamente para dizer sandices á linda frequentadora portugueza, que já uma vez eu vira com os espiritos retirados dos melhores bocados do corpo.

E não foi só. Apareceu uma outra especie de Jesus na sessão seguinte. Esse Jesus intitulava-se, com a maior seriedade, o espirito do *Senhor Morto*. Ao vêr o medium cahir no chão, espichar o corpo, cruzar as mãos no peito e dizer «A paz seja comvosco», pensei que fosse uma excentricidade, a mais, do covil explorador. Mas, quando perguntaram ao corpo malandro quem era, e o medium respondeu: «Eu sou o espirito do Senhor Morto!», fiquei litteralmente varado. Que pensava toda aquella gente? De que massa eram compostos os cerebros do pes-

soal frequentador de taes reuniões? Parecia impossível que aquellas velhas, aquelles homens, aquellas raparigas de nucas suadas e contrações espasmodicas, acreditassem, chegassem a imaginar um espirito especial do Senhor Morto. Era a pelotiquice desenfreada jogralisando com a credence mais baixa e mais assustadoramente ignorante. Entretanto a desfaçatez da hypnotisadora e do seu medium amestrado ia além.

Chamado, o Senhor Morto ergueu-se e passou a ser Senhor Vivo para fazer um discurso, uma prédica solemne:

— Quem não cumprir as ordens da presidente desta santa casa não pode ser feliz. Tende atenção. Muito breve, mesmo muito breve, esta cidade será levada por uma grande revolução e pela fome.

— Que me diz, irmão?

— A verdade. A revolução está ahi pertinho. Eu *vejo ella*. E a fome ha-de vir, ha-de vir. Quem não cumprir as ordens da presidente desta santa sessão não pode ser feliz.

Na terceira sessão, *Christo* deixou-nos em paz; mas appareceu *S. Jorge*. Nesse dia a viuva sensacional não estava e a portuguezinha, no meio da manada de meninas possessas, arregalava os olhos, num extase de susto. *S. Jorge* devia impressional-a. De resto, impressionava a toda a gente, pela razão simples de que a



Anna presidente julgava todos os presentes doentes.

— Mas não tenho nada, D. Anna...

— Você está cheio de espiritos maus, que atrazam a sua vida. Vou dar-lhe umas ervas.

Herva ainda é bom. O costume é aspergir ou dar um banho, quasi, na victima dos espiritos. E foi exactamente nessa occasião que eu vi uma tosse qualquer, sem importancia, ser considerada «macaco na garganta».

— Sabe que tem você? indagou Anna.

— Eu? não, senhora.

— Pois, minha filha, você o que tem é macacos na garganta. Vamos tirar isso!

E com auxilio de passes complicados, a presidente mais o medium tiraram da garganta da mulher, pallida de medo, a groza de macacos invisiveis que lá lhe faziam cocegas.

A série de pilherias seria para fazer rir, se não tivesse o seu lado grave: a obsessão de uma porção de moças e a especie de escravidão em que a Anninhas mantém toda a redondeza, sem que se possa saber ao certo o justo motivo de tal horror. A tragica mulher sabe do casamento, dos namoros, das complicações amorosas de todas, manda-as buscar ás respectivas casas, intima as mães a entregal-as para as sessões, suggestiona-as a acceitar este ou aquelle homem. E' macabra. A algumas mulheres o meu amigo fallou.

— Sim, disse-nos uma dellas. Não ha duvida. Os senhores têm mais luzes do que nós. A mim sempre me pareceu que o Senhor Morto e S. Jorge eram uma mentira. Mas não posso resistir. A gente sem conhecimento é assim mesmo. D. Anninhas vem, chama a menina, conta historias, começa a dizer coisas que assustam; e uma pessoa não tem remedio: entrega sua filha.

— Para quê?

— Para as sessões. D. Anninhas fica damnada só de pensar que se pode tirar uma das suas mediuns.

Levados pela boa ou a fraca vontade da progenitora, fallámos á rapariga.

— Eu bem desconfiava, disse-nos ella, que o senhor não estava alli para bom fim!

Mas nós insistimos, mostrámos, concordando sempre com o seu pobre cerebro, que não havia hypothese, em nenhuma religião, de um espirito do Senhor Morto. Ao fim de uns tres dias, com presentinhos e carinhos, o meu companheiro propoz:

— Não vá mais á casa da D. Anninhas.

— Qual! Está brincando! Não posso. Isso é que não. O Seraphim...

— Quem é o Seraphim?

— E' o medium. O Seraphim nota e D. Anninhas vem ahi. Ella diz que toda a medium que não fôr trabalhar está sujeita a ser morta. Outro

dia, a Rosinha não foi, e ella disse á mãe: «Eu não me responsabiliso pelo que possa acontecer». Ah! ella pode! pode mesmo. Tenho medo!

Estava nervosa, tremia, parecia prestes a ter um ataque. Como essa, duas ou tres mais mostravam todos os phenomenos da suggestão, e, durante as sessões, enquanto a mulata receitava e fazia passes, enquanto o medium mostrava S. Sebastião, S. Jorge e outros guarnece-dores do reino do ceu ás cambalhotas na sala, nós assistiamos horrorisados, no meio da indifferença geral, á queda dessas creaturinhas ingenuas, suando, com as mãos geladas fazendo prodigios de concentraçãõ, para cahirem numa especie de delirio com esgares, contorsões, gritos agudos, transmudando aquelle grotesco centro de exploraçãõ numa visãõ sombria do Hospicio.

— O problema é muito grande, dizia o meu amigo. E' preciso um movimento geral da cidade para impedir os progressos desse delirio que ameaça devoral-a por inteiro.

Afinal, na quarta sessão, quando entrámos, uma das raparigas disse-nos:

— Se chega um pouco mais tarde, perdia o casamento.

Entrámos. A sala estava cheia. E, deante da mesa em que thronava a D. Anninhas, um par joven ouvia attentamente as baboseiras que a

terrível mulher dizia. Percebemos que a noiva se chamava Accacia. D. Anninhas parecia um padre. Mas o casamento era feito por um espirito. Concentrado o medium, appareceu S. Sebastião, e foi exactamente no momento em que conseguimos sentar que, amarrando a mão dos nubentes, Anninhas dizia, sob a responsabilidade de S. Sebastião:

— Eu vos caso em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. Amen!

Eu conhecia as crenças mais extravagantes e mais lugubres, percorrera uma infinidade de centros de horror com o cortejo de missas negras e de hystericas delirantes; mas, naquella acção sem pittoresco, sem côr especial, em que algumas dezenas de pessoas assistiam suggestionadas á contrafacção da missa e á immoralidade clamorante de um casamento em nome de S. Sebastião, fiquei impassivel, como que com uma subita inibição de comprehender, de vêr, de descrever.

O caso não era, afinal, mais de observação curiosa. Era, pura e simplesmente, um escandalo para a policia e para o estudo da medicina legal.

*Manuel de Souza Abalo — A pedra angular do  
baixo spiritismo — Visão de Goya — Uma  
sessão irresistivel — O processo das rimas  
— A passagem de S. Miguel — Os pregos  
do dito — A talha de agua — O folheto «Li-  
vro Divino» — A exploração pantomimeira.*

---

O velho predio de fachada pintada de verde, com a sacada corrida abrangendo as tres janellas abertas para a rua, fica bem em frente do fim da rua do Riachuelo e tem o n.º 146. Funciona ahi ha muitos annos — ha dez? ha quinze? ha talvez mais! — sob a direcção de Manuel de Souza Abalo. No pavimento terreo está installado um armazem de seccos e molhados, com a physionomia das mercearias de grande movimento. O trecho da rua Frei Caneca é alli sujo, poeirento e febril. Muita gente de tamancos, muitos pobres, muitos carregadores, uma alluvião de ociosos abeirando-se dos botequins, de mocinhos pelintras de roupa no fio em exercicio de namoro, de trabalhadores em

mangas de camisa a descansar da labuta do dia. A poeira é contínua e o barulho atordoador de carroças, bonds, apitos, toques de corneta do quartel proximo, gritos, exclamações cabelludas.

— Vamos vêr o Abalo. Quem não conhece o Abalo? Tem tido varias complicações com a policia e é, meu caro amigo, um typo digno de observação, porque é absolutamente convencido de toda a sorte de baboseiras que inventa. Abalo abandonou interesses, familia, tudo, para viver apenas do spiritismo. E' o grande sacerdote da gentalha. Certo, uma observação acurada de muitos annos dar-nos-ia uma lista copiosa de veronicas cuja entrada no hospicio Abalo apressou. Mas, se ha mais de quinze annos Abalo, nesta mesma casa, dá consultas, é natural que lhe acreditem algum poder curador.

— E cura mesmo?

— Uma das felicidades dos curandeiros spiritas é que uma leve cura de impressionavel, a simples auto-sugestão de uma série de hystericas, passa logo a prodigio, propagando de bocca em bocca o milagre, ao passo que os incurados não dizem nada, envergonham-se e perdem-se no *mare magnum* do charlatanismo. — Abalo cura? Sei lá! Abalo, meu caro, abala muita gente apenas e estraga definitivamente os nervos de uma porção de negras, já roídas pelos excessos do alcool. Por isso, esse homem é bem a pedra angular do baixo spiritismo.

— Entremos.

— Vae vêr que sessão curiosa.

No sombrio corredor um creoulo muito gordo, vestido bizarramente de dolman branco, destacava-se na claridade vaga de um bico de gaz meio apagado, levantando-se á passagem das pessoas desconhecidas. Era o porteiro. Mais ao fundo, onde a escada começa, um dos ultimos exemplares de negras minas estacionava com um taboleiro cheio de cocadas e pés de moleque. A lobrega escada gemia ao peso dos crentes, e, quando demos no alto, achámos uma sala escura, lugubre ante-camara, sem illuminação, onde, graças a uma restea de luz do corredor, era possivel destacar uma infinidade de coisas impressionantes.

Em redor de uma talha, negra pela acção do tempo e coberta por um tampo de madeira, movia-se mollemente a massa myrionyma dos crentes, querendo beber da agua — a agua a que attribuem, sem motivo de especie alguma, o poder da cura moral e physica. O unico utensilio de que se serviam para ingerir o liquido era um gorduroso caneco de folha de Flandres com o fundo furado pela ferrugem.

O soalho estava alagado, e todo aquelle pessoal, patinhando na agua sagrada, emborcando o caneco, chafurdava, suando e rescendendo mal, em plena crença das propriedades divinas da talha.

Uma creoula pançuda, reluzindo na escuridão os olhos brancos, quiz passar-me o caneco pingante e sujo. Recusei. A negra arregalou mais o branco olho e fulminou-me de alto a baixo, num gesto rancoroso.

Junto á parede, á esquerda, num comprido banco, sentava-se outra negra, essa tão magra, tão secca, tão dura, que parecia desentranhada de um sarcophago, mumia lendaria e tragica. Tinha a cabeça amarrada por um lenço sujo, fincava os pulsos no banco e olhava, olhava sinistramente o remelexo suarento da tropilha.

A tropilha crescia. A cada instante surgia mais uma cara, mais uma saia, mais uma face idiota. Ao centro, a mesa redonda, de marmore branco, estava cheia de chapéus de homem, porque não havia mais logar nos cabides. O papel de ramagens, coalhava-se de oleographias santas. E o cochicho da reunião, aquelle movimento de larvas na semi-escuridão, tinha qualquer coisa de fantastico e de diabolico.

— Que se irá passar aqui ?

— Vae vêr ataques de hysteria, começos de loucura e o notavel Abalo.

— Mas a agua ?...

— A agua é sagrada. Tem propriedades de Lourdes.

O meu amigo sorriu. Não lhe indaguei mais nada. Entrava, tragicamente amparada por duas mulheres, outra negra, mas esta de certo



o proprio Satanaz fulminado no momento de um esgare atroz. O rheumatismo torcera-lhe os braços, torcera-lhe as mãos, torcera-lhe os pés, dando-lhe ao pescoço um ar de quem recua. A carapinha enorme não fôra penteada havia tempo; a pelle, sobre os ossos, negra e polida, tinha reflexos de pedra do Vesuvio; e emulambada, mal cheirosa, abrindo as mandibulas, apertando os olhos, num rictus desconforme de dôr, a negra grunhia, rouquejava, salivava...

— E' uma possessa?

— Um caso de rheumatismo apenas.

Mas, depois da negra, o Abalo, gordo e grave como um hasan de synagoga turca, entrava. O silencio tombou.

— Vou fazer a prece para principiar a sessão, disse em voz pastosa. Quero que todos prestem attenção. *Vossemecês* estão ouvindo?

— Estamos, sim, senhor! responderam em còro os assistentes.

Sentámo-nos. Pela sala pairava agora um melancholico eclipse de luz enlividecida. As cadeiras estavam repletas de homens com roupas de operarios, mulheres, soldados de policia, bombeiros, creanças, gente de estalagem, mães com todos os filhos, inclusive os de mama. E a gente era de tal ordem, que a nossa presença incommodava, que os olhares se cravavam em nós. Um homem de suissas, vermelho e nervoso, exigiu que mudassemos de logar.

— Pela ordem, é do regulamento!

Levantámo-nos; e a negra pançuda, de novo olhando-me com rancor, fallou para uma italiana, parteira, curiosa — a D. Rosa.

— Eh! *madama*. Hoje não podemos ter uma boa sessão, por causa de um espirito mau, que nos vem tentar!

Manuel de Souza Abalo havia começado uma incomprehensivel prelecção com o carregado sotaque dos açoreanos. O pobre homem — perigoso ou inconsciente? — juntava palavras sem significação; e todos os olhos firmavam-se sobre a figura ridicula que se agitava junto á mesa enfeitada de flores artificiaes. A medium, chamada Paulina, era preta. Abalo gesticulava, de vez em quando dava punhadas violentas na mesa e era irresistivel, totalmente irresistivel.

— Os pregos de S. Miguel, berrava elle, que sirvam para abrir os ouvidos e desentupir os olhos dos que estão presentes nesta sessão. A gente, quando morre, tem uma ilha — a ilha dos Desesperados; depois... Estão me ouvindo? Prestem attenção!

E repetia as palavras, voltava ás phrases já ditas, desdizia-se. Afinal acabou a predica, ouvida somnolentemente pela manada crente, e, alisando o ventre com a mão espalmada, disse:

— Vão começar os trabalhos. Quem me vem consultar que se levante.

Uma porção de crentes levantou-se. Tudo

queria consulta. Abalo metteu os dedos na barba branca e, dirigindo-se a uma mulatinha:

— O' rapariga, vossemecê tem que ter uma entrevista commigo, amanhã, na ilha do Tribunal Divino.

— Nossa Senhora ! onde será essa ilha ?

— E' a fantasia do velho. Abalo creou uma verdadeira religião, propria para essa gentalha, e chama isso spiritismo. Nós assistimos, meu caro, a uma pandega sessão de *abalita*.

Depois da entrevista marcada na ilha do Tribunal, Abalo, entretanto, dignou-se interrogar-a.

— Que é que *vossemecê* tem ?

— *Seu* Abalo, estou com uma dôr de cabeça damnada.

— Está com uma dôr de cabeça damnada ? Não é nada. Passa. Gozou, parou, passou; não passou ?

A mulatinha estremeceu.

— Passou.

— De outra vez falle mais alto para todos ouvirem. Sabe porque estava *vossemecê* com a cabeça doendo, gemendo, temendo ? Por ter brigado com uma sua amiga, inimiga. Não é verdade ?

— *Alembro*, sim, senhor.

— Agora pede perdão. *Vossemecê* sabe ler, *rapariga* ?

— Não, senhor.

— Que pena! No entanto, você foi deputado, apurado em outra encarnação.

— Oh! o Abalo! No meio daquella engracadaissima pílheria da ilha do Tribunal Divino, do deputado, da dôr de cabeça, nós verificámos o seu instincto de *meneur de foules*, o seu inconsciente faro de suggestão.

Abalo, ignoranterrimo, procurava a suggestão dos degenerados rimando palavras, insistindo em asonancias, fazendo certas palavras persistirem com o auxilio de outras de igual terminação.

Daquella prosa toda, a enferma ficava com tres palavras: passou, tremendo, apurado. Não era nada, e era talvez tudo. Um psychiatra, com desejo de perder tempo naquelle covil, teria curiosas observações com o «processo das rimas» do Abalo.

Era essa uma das coisas do milagre, aliás logo falho.

— *Seu* Abalo, a mim dóe-me o pé.

— E a mim dóe-me o nariz. Qual dos dois é mais feliz? Passe para cá essa dôr do pé. Pé ante pé. Passou?

— Ainda não, senhor.

— Paulina. Porque aquella rapariga está com o pé doente?

A preta Paulina, que estava encarregada de ouvir o invisivel, replicou em voz abafada:

— Porque tem 73 namorados.

— Mas, *seu* Abalo, eu sou casada e tenho um filho, respondeu timidamente a consultante.

— Então, por você ser casada, não pode namorar?

— Não, senhor; commigo não ha disso.

— Esses reporters que andam pelo invisivel são mentirosos; mas o que vale é que eu os conheço. Fechem os olhos! Todos! Bom. Agora abram os olhos, para verem a passagem de S. Miguel. Um, dois, tres!

E deu um murro em cima da mesa, fazendo cahir o castiçal e apagar a vela.

— Viram-no passar?

— Sim, senhor! responderam em côro todos os presentes.

— Pois bem, agora vou terminar. Acho-me um pouco cansado, e é tarde. Tenho pressa; mas, como Napoleão, digo: devagar, que tenho pressa!

Recuou um pouco, sentado, para tirar da gaveta algumas brochurinhas, que foram espalhadas sobre a mesa.

— Temos aqui estes livros, que nos foram enviados pelo proprio Deus, em pessoa.

Quando o espirito acabou de declarar que as brochuras, impressas numa typographia da Cidade Nova, eram de tão alta origem, a turba tomou uma attitude de quem vae receber o Nosso Pae á hora. As brochurinhas eram o *Livro*

*Divino*, contendo rezas que as velhas ensinam às creanças.

— Quem adquiriu este livro e está arrependido, pode levantar a mão para o ar, que damos cinco mil réis por elle !

Ninguém teve o arrojo de obedecer ao convite. Abalo, então, tornou a passar a mão pela pança.

— Muito bem ! Não ha ninguem arrependido de ter feito, pela insignificante quantia de cinco tostões, a aquisição deste livro que nos livra dos maus espiritos. Se entre *vossemecês* houver alguém que, não o tendo, deseje possuil-o, basta levantar a mão para o ar, que o livro lá vae ter immediatamente !

Não era sessão spirita: era feira. Faltava apenas o cornetim. Mas nesse momento, no quartel proximo, os clarins começaram a tocar a recolher, e em differentes pontos da sala ergueram-se braços apontando o tecto, — um tojal de braços: braços nús, braços gordinhos de raparigas, braços de blusa, braços com divisas, braços velados pelas mangas das blusas caseiras, braços de mulheres queimados do sol e como que guardando um pouco do seu ouro, um braço de cavouqueiro cabelludo e potente, varios braços negros; e, naquella ancia da baboseira e da mais desfaçada credice, o braço torto, como um tojo cortado, da negra macabra...

---

E para todos os lados as brochuras voavam, impulsionadas pela Paulina, enquanto Manuel de Souza Abalo, a pedra angular da credence spirita, empinava o ventre, avaliando a féria de todo aquelle disparate na sala torva onde a luz enlivedecia em tons de eclipse.

O «Perna de Pau» — A cura pelas mãos, tratamento natural — Os sacerdotes medicos da antiguidade — Gestos que se repetem — Burlas — O alluvião de curandeiros — Pela reza — O caso da tísica — «Perna de Pau» ataca os outros collegas — O Codigo Penal da Vida Futura.

---

— Vaes vêr agora o explorador curandeiro, o medico-spirita, que considera todas as molestias maus espiritos e receita de accordo. Curandeiros! Mas o Rio tem pelo menos mais quatro vezes curandeiros que medicos! E todos são spiritas, meu amigo, todos curam guiados pelos espiritos invisiveis. Ha uma variedade infinita, desde os que pedem uma camisa do doente e fazem o diagnostico pelo suor, até os que se limitam superiormente a uma indicação de nome e de idade. E' admiravel a dureza, a inconsciencia com que essa gente decreta a morte ou resolve curar os innumerados fieis. Mas, entre o diagnosticador das camisas e o medium gra-



phico, ha dois fundamentaes: o das orações e o das mãos...

Iamos subindo vagarosamente a ladeira da rua Alfredo Reis. Era de manhã, pelas 8 horas. Amparada por duas amigas, uma pobre senhora tentava andar um pouco adeante. De vez em quando parava, parecia aspirar o ar com esforço, contrahia o rosto, dava mais alguns passos.

— E é exactamente a torpissima exploração que me faz indignar — eu que não me deixo embarçar nem pelos mais espertos mediuns. Os medicos spiritas da mão, podem realmente realisar milagres. Não duvido que o «Mão Santa» os tenha realisado. A primeira cura foi a cura pela imposição da mão. Nós conservamos o gesto.

Quando temos uma dôr de cabeça, uma pal-pitação, levamos logo a mão ao lugar doloroso.

E' o desejo da cura da parte doente pela parte sã da mesma natureza, a certeza de que está em nós mesmo o remedio. Essas ideias fizeram nascer a Magia chaldaica, esses obscuros sentimentos desenvolveram a noção de que outra mão sã agiria mais rapidamente. Dahi, ó delirio de orações com que os sacerdotes-medicos da antiguidade elevaram a psychurgia.

Não: para curar com a imposição da mão não precisa ser santo. Basta ser são e vibrar. E' seguir o Evangelho praticar a medicina natural...

— Mas então todos esses mediuns ?

— Um punhado de malandros ! Vaes vêr o ultimo descendente dos Essenianos: — o «Perna de Pau».

Nós tínhamos subido o pequeno morro á direita da rua Amazonas, na Piedade, e estávamos em frente á casa n.º 6, uma casa catita com labrequins e um ar alegre. A senhora da tosse já se assentára no banco, tossindo livida. E havia no comprido banco uma galeria de caras já meio chupadas pela cova, dessas caras de trapos que uma força occulta puxa para a destruição. Toda aquella galeria acreditava na cura de Manuel Teixeira, o «Perna de Pau».

— Mas porque acreditar assim ?

— Porque está no nosso sangue. O spiritismo tem sessenta annos de existencia. Começou em 1848, na America. Sete annos depois tinha só lá doze milhões de adeptos. Aqui, tem no maximo trinta e cinco annos. Todos são mais ou menos spiritas. Ha para os cientistas os grandes nomes, as pesquisas psychicas, ha para os crentes Deus agindo, ha para a turba-multa a herança. O spiritismo baixo é, em ultima analyse, o representante da magia medieva e da feitiçaria africana: quer o milagre.

A senhora doente começou a tossir. O corpo curvado, as mãos como garras, branca, muito branca, a tosse parecia arrebentar-lhe o peito. Os outros doentes olhavam-na sem dó. Os doen-

tes não têm dó. E do alto do morro descortina-se o scenario vivaz da vida em baixo: telhados denegridos, telhados vermelhos e novos, chapas de zinco acinzentadas, edificações pintadas de branco, azul; oca e escarlate, num polychromo espalho de cores por sobre o verde dos capinzaes, cortado por caminhos curvos, a galgar morros e descer montes, ora suavemente, ora numa precipitação de abysmo... Perto, o silvo das locomotivas, o rumor rolante das rodas rolando, vagon carregados de gente. A senhora parára de tossir, suada. As duas amigas consolavam-na.

— Minha Nossa Senhora da Piedade, tem pena de mim! Dá-me forças para que eu possa crear o meu filhinho!

Neste momento, abriu-se a porta do gabinete medico do «Perna de Pau». Foi como no theatro. A porta abriu-se: os pobres doentes atiraram-se para os tres degraus, uns subindo a custo, outros rapidos.

A infeliz senhora, foi preciso carregal-a para o gabinete quasi forrado de lithographias grosseiras, onde se accumulavam cadeiras velhas e ardia anciosa uma lamparina deante da imagem de Nosso Bom Jesus de Braga.

Manuel Teixeira não se fez esperar. Entrou sensacionalmente, batendo o toco que o completa. E' um animal gordo, baixo, corado, com os cabellos de leve nevados, na plethora dos

quarenta annos. Entrou, viu logo o lastimavel estado da senhora tísica. Sentou-se á escrevaniha, remexeu papeis e estampas, consultou um relógio, e, estendendo a perna de pau, orou:

Meu Deus, e meu Senhor, resplandeça, pois, a vossa paz, a vossa misericordia sobre mim e todos nós; assim como praticastes com Isaias tirando-lhe toda a aversão que tinha contra seu irmão Jacob, estendei, Senhor Jesus Christo, sobre mim, creatura vossa, o vosso braço e a vossa graça, e dignae-vos livrar-me de todos que me têm odio como livrastes Abrahão das mãos dos Chaldeus; seu filho Isaac, da consciencia do sacrificio; José, da tyrannia de seus irmãos; Noé, do diluvio universal; Loth, do incendio de Sodoma; Moysés e Arão, vossos servos, e ao povo de Israel, do poder de Pharaó e da escravidão do Egypto; David, das mãos de Saul e do gigante Golias; Suzana, do crime e testemunho falso; Judith, do soberbo e impuro Holofernes; Daniel, da cova dos leões; os tres mancebos Sidrath, Misach e Abdemago, da fornalha do fogo ardente; Jonas, do ventre da baleia; a filha da Cananéa, da vexação do demonio; Adão, da pena do inferno; Pedro, das ondas do mar, e Paulo das prisões dos carceres; assim, pois, amabilissimo Senhor Jesus Christo, Filho de Deus Vivo, attendei tambem a mim Manuel, creatura vossa, e vinde com presteza em meu soccorro, pela vossa Encarnação e nascimento; pela fome, pela sêde, pelo frio, pelo calor, pelos trabalhos e afflicções, pelas salivas e bofetadas, pelos açoutes e corão de espinhos; pelos cravos, fel e vinagre, e pela cruel morte que por nós padecestes; pela lança que traspassou vosso peito e pelas sete palavras que na cruz dissestes, em primeiro logar a Deus Padre omnipotente: «*Perdoae-lhes, Senhor, que*

*não sabem o que fazem.*» Depois ao bom ladrão, que estava comvosco crucificado: *«Digo-te na verdade que hoje estarás commigo no Paraizo»*. Depois ao Pai: *«Heli, Heli, lamma sabactnani?»* que vem a dizer: *«Meu Deus, meu Deus, porque me abandonastes?»*. Depois á Vossa Mãe: *Mulher, eis aqui o teu filho*. Depois ao discipulo: *«Eis aqui a tua mãe»* (mostrando que cuidaveis de vossos amigos).

Depois, livre dos inimigos, fez o signal da cruz, com os dedos meio curvos para os assistentes, e levantou-se. Nesse momento, naturalmente, porque naquelle ambiente tudo era natural, normal, commum — a senhora pendeu a cabeça. Era uma hemoptyse. Manuel Teixeira deitou-lhe um olhar de raiva, foi á porta, gritou:

— Maria! Maria! Traze uma bacia!

E voltou-se. Com a velha bacia de folha de Flandres entrava a pequena. Uma das amigas da senhora tomou-a. O sangue do segundo jacto espirrou no velho recepiente.

— Então, não se sente melhor? indagou o homem.

A senhora abanou a cabeça. Estava livida. Uma das companheiras respondeu:

— Tem passado muito mal as noites, *seu* Teixeira. Ardendo em febre. Nem pode dormir. E tossindo, tossindo como o senhor vê.

Teixeira, descendente dos essenianos, coçou a grenha mascula.

— E' o que acontece a quem não tem fé!

E furioso, batendo a perna: vocês pensam que eu sou explorador como aquelle creoulo da rua Elvira?

— Que creoulo, *seu Teixeira*?

— Não se façam de tolas! O do n.º 15.

— Não, senhor! Ella não se está tratando com elle.

— E' mentira sua. Tenho um espirito que me diz que ella está se tratando com outro. Esse nada entende do riscado!

Todos os doentes assistiam mudos á scena. O meu amigo dizia-me baixo:

— O creoulo é outro caso identico. Ha pelo menos duzentos Teixeiras de varias cores. Mas estes doentes que não vão senão mortos ao medico, para o attestado, têm uma confiança fluctuante em todos os curandeiros, dizendo a elles que os outros não prestam mas consultando-os ao mesmo tempo e embrulhando-se mais na duvida. E' preciso defender o cliente, como faz o Teixeira.

Com effeito. O Teixeira insistia:

— Ora! nada de lambanças! Então não é verdade que ella foi outro dia ao Engenho de Dentro, consultar o *Terroso*, da rua D. Eugenia?

— Ah! Foi, lá isso foi.

— Então? Pois fiquem sabendo que são todos uma cambada de exploradores que não entendem nada do negocio. Desafio em todo o suburbio, que haja alguem melhor do que eu.

Não tenho instrucção nenhuma, mas tenho o dom natural de curar, que Deus não dá a todos. Ainda não ha muitos dias curei uma rapariga que estava com o espirito de Pedro Alvares Cabral. Estava damnada.

Aposto que se tivessem chamado um medico, a pequena estava agora no hospicio. Mas, vamos lá. Responda ao que eu lhe vou perguntar. Quer ter fé em Deus e na minha pessoa?

— Quero! suspirou a senhora, escarrando mais sangue.

— Pois então eu curo. Venha cá.

Arrastaram a mulher até á mesinha. O curandeiro endireitou-se na cadeira, encarou-a bem e murmurou:

— «Pois eu Manuel, em vosso santissimo nome, ponho preceitos a esses espiritos do mal, para que desde hoje para o futuro não possam mais fazer morada no corpo de Augusta que lhe será fechada esta porta perpetuamente, assim como lhe é fechada a do reino dos spiritas puros. Amen».

Coitada da pobre D. Augusta! Os tuberculos continuariam a sua obra devastadora, apesar de todas as fechaduras do «Perna de Pau»! Fechada que foi, porém, Teixeira voltou-se para o grupo.

— Quem é agora?

Eu adeantei-me.

— De onde vem o Sr. ?

— De Bangú.

— Está doente ?

— Sim.

Uma desconfiança subita encrespou-lhe o sobr'olho. Esses senhores, por mais perto de Deus e dos espiritos, têm um franco horror das caras que reflectem. Teixeira porém dominou-se:

— Não costumo dar consultas a pessoas estranhas, mas como já está aqui... Estou ao dispor, notando-se que se o Sr. veio com o fim de prejudicar o dom de curar qualquer molestia que me foi dado por Deus, precisa saber o *Codigo Penal da Vida Futura*.

— Que diz o *Codigo* ?

— Diz, no artigo 9.º, o seguinte:

«Toda a falta commettida, ou todo o mal feito, é uma divida contrahida que deve ser indemnizada; se não o é em uma existencia, sel-o-ha na seguinte ou nas seguintes, porque todas as existencias são solidarias umas das outras. Aquelle que se põe quite na existencia actual não terá de pagar uma segunda vez».

— Não, pode estar tranquillo.

— Então vou cural-o.

Neste momento, porém, a creança que trouxera a bacia appareceu.

— Papai, a mulher está a deitar sangue outra vez !



— Vamos lá ! bradei.

E sahimos, emquanto o «Perna de Pau», bufando, sentado, fazia chegar-se outro doente.

Fóra, a tísica, amparada pelas companheiras, desmaiara. E foi naturalmente um trabalho para leval-a até uma botica a reanimar. Fazia um dia de verão loiro e lindo.

*O Ferraz do Andarahy — Um pessoal curioso —  
Porneia e pic-nic — D. Abilia Ferraz — As  
tres qualidades — A sala dos tapetes — O  
reles embuste — Espirito de Luthero e de  
Maria Amelia — Tudo se pergunta — O se-  
cretario dos amantes.*

O *tramway* corria vertiginosamente. De repente, num subito esforço que fez ranger o aço dos trilhos, estacou. Nenhum dos passageiros fizera o menor signal para que o motorneiro parasse, mas, mal parado estava ainda o *tramway*, começaram de saltar á pressa. Era um magote de gente: sujeitos de calça bombaixa, botinas de salto alto e pasta; raparigas da vida airada e de casaquinho de chita, hungaras com capas pretas de rendas, velhas de face macillenta, meninas com caras de aprendizas de costureiras e rapazes desses que a gente não sabe se são empregados ou se não fazem nada. Todo esse pessoal ria, gargalhava, suspirava gracinhas. E, nesse vozear de gallinheiro á espera

de milho, era um detonar de phrases do calão: — Antonho, espera ahi, ouve! Jesus, Maria, que vens fazer aqui, mulher? Qual! Pois tu não sabes? A Juliana Pente Roxo está com um *jobó* damnado pelo Zequinha! Esse mesmo! Coitado! está alli, está batendo o *trinta e um!* Ai, menino, aquillo é mesmo uma *zoia*... Tu vaes vê se o Juca cura a *mulambaria*? Qual! o Juca é um *rodellista*. Eu vou pró mode o Garnizé que vem pela mãe... Uf! muita gente, que calor! E' de pôr a gente *manicáca!*

No *tramway* já nós tinhamos tido aquelle aspecto malinal de meretrizes a passeio e de rufistas spiritas, com a cara empapuçada de somno e livida da orgia obrigatoria nas ruellas sordidas. Consultei o relógio. Eram dez e meia.

— Então o Juca?

— E' por esta rua, disse-me o guia. Juca Ferraz é milagroso, é milagroso em questões de fobós, de paixões, ou, em estylo corrente, de amores. As prostitutas, as fufias vêm quasi sempre aqui, ás sextas-feiras. E' uma reunião.

Como toda a gente tomara pela rua da Serra, nós tambem seguimos por esse caminho cheio de buracos e marginado de extensos capinzaes pouco cheirosos. O magote de gente ia como para um convescote, numa alegria estridente.

Algumas sujeitas réles com marcas de escrofulas e tatuagem nos braços corriam, agi-

tando o lencinho. Duas ou tres hungaras iam graves, com bichas de brilhantes e uns rapazinhos mais decentes ao lado. E pela estrada assim animada, como nas feiras estadoaes dos santos milagrosos, uma turba de doceiros, de vendedores ambulantes e de mendigos apregoava e rogava, á beira do capinzal:— Olha o doce de coco, olha o quindim! Uma esmola pelo amor de Deus! Quem quer ventarolas, duas quinhentos réis! Tende piedade de um pobre cego! Amendoim torrado! O pessoal passava despreocupado e só uma ou outra face pallida parava perto de um mendigo, remexia o bolso, dava uma esmola.

Afinal, chegámos á frente de um terreiro cercado de espinheiros verdejantes. Ao fundo vibrava o amarello da casa do Juca Ferraz, e pelo terreiro, na sombra das arvores, sob o toldo de folhas do arvoredor, um bando de ociosos, uma tropilha conhecida das delegacias espaçava-se deitada ou sentada: os azeiteiros da rua de S. Jorge com a cabeça sobre o casaco e as mangas arregaçadas; as perdidas da rua da Conceição, de galhinho de arruda atraz da orelha e signal postiço na face esquerda, gozando folgadoamente a calma desse *pic-nic* amoroso ás regiões do Além.

— Está a vêr? E' um aspecto inteiramente novo. Quando o Allan Kardec se lembraria que o seu spiritismo poderia dar nisso?

— Nem Allan Kardec nem aquelles senhores do salão de S. Christovão. Mas não ha aqui ninguem com cara de vir a enlouquecer.

Quantas! Basta a attenção mais contínua de um malandro a suggestional-as. Por enquanto, vêm todas saber como vão dos negocios, combinar o preço das saias passadas pelo sopro das boas almas, pedir aos espiritos que os amigos lhes sejam fieis ou fiquem bons de molestias más. Algumas vêm apenas porque é habito, para se encontrarem com os namorados. Olhe aquellas duas raparigas costureiras a conversar com aquelle sujeito gordo...

Não olhei. A cerca de dez metros da casa o terreno era atravessado por uma vala, cuja passagem é feita por uma fina taboa, e, para além, a casa de um amarello acinzentado, fechava-se carrancuda. Só havia uma porta aberta e esta tinha uma taboleta branca com os seguintes dizeres em caracteres negros:

**Sociedade Beneficente Espirita  
Filhas de Maria de Nazareth  
Fundada em Fevereiro de 1906**

— Então todas essas typas são filhas de Maria?

— Exactamente, filhas de Maria.

Encostámo-nos á parede, onde tres paus de bandeira apontavam o ceu. O meu sabio guia

interrogava á porta um individuo acaboclado, enfiado em uma blusa de brim pardo com botões pretos. Esse individuo fallava como quem explica sempre segredos extraordinarios.

— O irmão Joaquim José Ferraz ?

— O Ferraz está doente. Mas a senhora delle está e o substituirá. Queira ter a bondade de entrar.

Ao sahir da luz intensa do terreno, divisava-se um salão repleto de cadeiras, com a disposição das plateias dos clubs dramaticos. E nas cadeiras uma porção de mulheres, gordas, magras, rubicundas, anemicas, embrulhadas em chales, de vestido leve, de capa, mulheres perdidas e mulheres pobres com creanças ao collo ou creanças ao lado. Alguns dos petizes choravam e de vez em quando o choro das creanças era cortado pelas quintas de tosse de creaturas tuberculosas. Ninguem reparou na nossa entrada. As pessoas intimas entravam pelos fundos da casa, onde cantavam passaros. Pelas paredes da sala, semeado ao acaso, um punhado de representantes do ceu, santos graves oleographados; no tecto uma bola amarella, reluzente; ao canto, uma caixa pintada de vermelho com a seguinte inscripção: *Caixa dos donativos*.

— A caixa, meu amigo, o principal. Mestre Juca leva vida folgada com esta caixa.

— Mas creanças aqui ?

— Silencio. Ouçamos a sua representante.

Com effeito. Abilia Ferraz, a mulher do Juca, queimada pelo sol, de voz mordente, feia, mal ajambrada, parecia dominar aquelle povareu com um discurso curioso e obscurissimo.

— Meus irmãos, ha seis dias que não tenho um momento de socego nesta casa! Não peço grandezas nem dinheiro. Sómente quero tres coisas: coragem, força e resignação, porque a gente sem coragem não avança, sem força não atraca, sem resignação...

Não era possivel ouvil-a bem. Algumas «irmãs», suggestionadas pela voz sertaneja, iam-se sentando no estrado da mesa, **pulpito onde** discorria a sacerdotisa.

— Pois tenho tido todas as tres coisas, continuava ella: Ha seis dias que não durmo. Anositeço vestida e amanheço vestida como um soldado do corpo de bombeiros, que espera a todo o momento o telegramma de incendio. Por causa da doença do nosso irmão Joaquim José Ferraz tenho carregado uma cruz bastante pesada e por isso tenho resignação. Quando acabar d'aqui vou para a outra sala rezar tres missas que me foram confiadas: uma em favor do nosso irmão Joaquim José Ferraz, outra em nosso favor e ainda outra em favor dos nossos irmãos que andam no espaço, por cima dos astros. Meus irmãos devem auxiliar Joaquim José Ferraz, que se acha sem recursos no fundo de uma cama. O apparelho de Joa-

quim José Ferraz não pode funcionar. Agora, vou entregar o posto a um irmão de concentração perfeita, mas primeiro vou fazer a prece de abertura.

Todos levantaram-se. E Abilia Ferraz, de pé, pronunciou machinalmente uma série de disparates integralmente enigmaticos. Quando terminou, a plateia benzeu-se com respeito. Havia negras e mulatas somnolentas junto á mesa. Estava aberta a sessão.

Abilia Ferraz desceu pomposamente e enveredou acompanhada de algumas figuras para uma sala contigua.

O meu amigo murmurou:

— Venha vêr a sala das missas.

Acompanhamos a onda feita pela mulher soldado da fé. Nessa sala as cadeiras encostavam-se ás paredes e o soalho era forrado por seis tapetes diferentes, formando uma polychromia bizarra: tapetes com tigres, tapetes com aves pernaltas, tapetes com indios — todo um symbolismo complicado. As cadeiras estavam todas occupadas por gente que encommendara as missas para um agradavel serviço religioso. Um cabra de pastinhas encaracoladas, com a mão presa de uma cabocla a trescalar ether floral — ambos figuras conhecidas nas desordens da rua da Misericordia — dava a entender que especie de missas ia rezar a D. Abilia.

Mas na primeira sala, tendo já tomado assen-



to o homem da perfeita concentração, havia grande barulho. Um latagão de cara apalermada convulsionava-se batendo com os punhos cerrados sobre a escrevaninha.

Era o medium com o espirito mau e esse espirito era nada mais nada menos do que o espirito de Luthero em pessoa.

— Luthero !...

— E' uma phantasia, uma lamentavel comedia em que os pobres actores acabam meio convencidos. Ninguem aqui sabe quem foi Luthero. Queres vêr ?

O meu amigo aproximou-se da mesa, bradou:

— E sabes o mal que fizeste ao mundo, Luthero ?

— Hom... rugiu o medium...

— Não interrompa ! não interrompa ! fulminou o invocador. E' o espirito mau. Não posso ! Meus irmãos, suspendo a sessão. Vae-te com Deus, espirito de Luthero...

Sem mais esperar, Luthero sumiu-se do invisível, enquanto o meu amigo pedia desculpas. O invocador, então, olhando com insistencia para a caixa de donativos, fez o medium encarnar um espirito bom, um espirito chamado Maria Amelia. E começou a perguntar aos assistentes o que desejavam.

— Eu tenho uma dôr na perna esquerda que não me deixa ! disse uma velha que estava sentada.

— Porque não deixas a nossa irmã Joanna ficar socegada? indagou o invocador.

— Não! não! grunhiu o soberbo medium. Não posso deixal-a enquanto não pagar uma missa que prometeu ás almas.

— E' verdade, dona?

— E' sim, senhor.

— Estás buvindo, Maria Amelia? a dona confessa que é culpada. Vae-te embora. Não atormentes ninguem! O' dona, a senhora tem que pedir perdão. Peça perdão.

A pobre mulher gorda cahiu de joelhos, chorando.

— Perdôe!...

— Não perdôo! já disse! respondeu Maria Amelia.

— Perdôa, sim! Perdôa já, Maria Amelia, que ella paga a missa promettida!

Quando terminou a comedia com a pobre velha, seguiram-se as outras consultantes. Uma queria saber porque o marido chegava em casa sempre zangado; outra porque perdera todos os dias no «bicho», outra porque era infeliz com os amantes. A maioria ia talvez só por isso. E as perguntas choviam sobre a omnisciente e invisivel Maria Amelia. E' verdade que seu Gusmão casa com Dondoca? Quem foi que fez mal á pequena? José tem uma amante? E a tudo isso os secretarios de Juca Ferraz respondiam mandando para que elle receitasse, o Juca

spirita, o Juca curandeiro, que prediz o futuro, faz diagnostics, aconselha remedios e vive folgadamente. Cada consultante, acabada a entrevista com a Maria Amelia, embarafustava por uma porta e ia-se fornir de aguas para acabar com tudo. A sessão não terminava mais. O dia subia alto e o medium escorria suor.

Neste momento appareceu á porta um pobre sêr todo paralytico. Vinha amparado.

— Seu Ferraz?

— Está doente.

— Eu quero *seu* Ferraz. Foi coisa delle que me poz assim por causa da Joanna do Campinho. Elle é que me vae pôr bom.

— Mas não ha uma pessoa ahi na porta? bradou o invocador de Maria Amelia. Não ha?

— Não, senhor, respondeu um pequeno; o moço daqui foi buscar uma receita para *seu* Ferraz na pharmacia do Adolpho...

— Vê tu! bradou o meu amigo. Um sujeito que paralyza os outros e manda buscar remedios nas pharmacias. E entretanto esse Ferraz sabe com antecedencia pelos espiritos quando tem de ser visitado pela policia e já assegurou a um delegado, o Dr. Tourinho, que elle seria demittido um mez antes do facto...

Uma vez ainda, ao sahir da casa, olhámos a scena campesina em frente á mesma. Havia menos gente, mas os mancebos que lá descansavam, descansavam no regaço das senhoras.

E, correndo para tomar o bond, ainda ouviamos um par que se apartava num beijo, bem em frente á tenda secretaria dos amantes.

— Adeus ! Sexta, á mesma hora...

Era o spiritismo alcoviteiro, coitado ! e alcoviteiro inconsciente...

*Mulheres spiritas — As cartomantes e a theoria sobre as cartomantes — A exploração — Rezas — M.<sup>me</sup> Estrella e a Carmen — 127 cartomantes com casa — Somnambulas, videntes, curandeiras, criminosas, proxenetas — A sessão da Manuela — Spiritas ambulantes.*

---

— M.<sup>me</sup> Estrella ?

• Era na rua de S. Pedro n.º 173. O suggestivo nome de M.<sup>me</sup> Estrella, Miss Star, é o cartaz de uma senhora ingleza, de cabellos louros, cujas viagens têm sido tão numerosas como abundante é a sua idade. No topo da escada a pequenita de que indagámos chama uma dama loura de roupão côr de rosa. A dama lia um romance na sala, recostada na cadeira de balanço. Abandona-o, ergue-se. De novo indagámos:

— Miss Star ?

— Retirou-se para S. Paulo. Mas o negocio ficou por minha conta.

— O negocio ?...

Eu, entretanto, queria saber dos resultados de certo negocio tambem e precisava, como de pão para a bocca, da oração que a velha Star trouxe de Jerusalém.

A dama do roupão rosa, com um sotaque de voz paranáense, replica, cheia de scepticismo:

— Orações tenho ainda. Não sei se vieram de Jerusalem. Mas vendem-se muitas. Olhe, outro dia um official comprou oito, só de uma vez.

— E quanto custa?

— A oração 5\$000 e o breve 10\$000 réis. O breve é de seda, e quem compra o breve tem direito á oração.

— Então, M.<sup>me</sup> Estrella?

— Em S. Paulo...

Sahimos os dois, depois dessa palestra rapida com uma senhora loura, de roupão côr de rosa. O meu informante começára mal a correria ás spiritas cartomantes e, talvez por isso, precisava desenvolver a sua theoria sobre a cartomancia.

— Todas as cartomantes, mesmo quando não se importam com o spiritismo, são mediuns de primeira ordem, mediuns inconscientes, mas excellentes. Com as cartomantes, mesmo no Rio, eu entrei em pleno mysterio enlouquecedor do occultismo, com todos os seus phenomenos desvairantes, de dupla visão, de telepathia, de re-

trogradação successiva da memoria, e estive em contacto com mediuns videntes realmente magnificos. Não pode imaginar o numero de observações! Uma vez fui com um amigo a uma certa cartomante da rua Barão de S. Felix. O meu amigo ria. Ella interrompeu: — «O senhor não crê? Pois eu vou dizer-lhe já um facto da sua vida que para todos é segredo: o senhor é bigamo.»

— Safa!

— O meu amigo ficou livido, cahiu numa cadeira; e a cartomante continuou: — «A sua primeira mulher, só para fazer-lhe mal, voltará a incommodal-o. O senhor tem de fugir e encontrará auxilio na propria policia.» Era verdade a primeira parte: o meu amigo casara com uma furia, havia annos, e, abandonado por ella, domiciliara-se numa cidade do interior, não resistindo aos encantos de uma joven, com quem era felicissimo. E foi verdade a segunda, porque nós o salvámos...

— Mas essa senhora...

— Era extraordinaria. Conhecia os retratos das pessoas a que se referia, sem nunca as ter visto; curava doentes, de modo a maravilhar. Uma outra, chamada Dhalia, fazia mais: contava a vida da pessoa, os encontros que ella tivera, o modo por que ella estava vestida.

— Mas isso é commum. A *Corcundinha* por exemplo...

— E' cômum emquanto esses typos de observação se restringem na ambição e limitam a exteriorisação dos seus dotes ás cartas, como um apparatus de *mise-en-scène*. Logo, porém, que ha qualquer modificação, e a ganancia torna o caso profissão, as cartas demonstram a sua inanidade, e os bons espiritos abandonam o interprete, deixando-o ás vezes dominado por espiritos inferiores. Então ficamos na situação do perde-ganha. As cartomantes vão para a mesa, deitam as cartas e tudo é errado. Ha a pratica, o habito de encarar os clientes; mas a cubiça embota-lhes as faculdades do invisivel, e quando ellas dizem branco é que com certeza é preto. Dahi as rezas, os breves, as orações e a declaração (a que todas chegam) de spiritas, para maior lucro. Tudo é spiritismo!

Mas eu queria vêr, queria presenciar, como o santo desconfiado, todas essas baboseiras; e fomos dalli á casa da gorda Carmen, uma velha hespanhola, á rua D. Feliciano, n.º 149. Havia gente consultando, havia mulheres e homens á espera da opinião da Carmen! E a Carmen, gorda, velha, hespanhola, levou-nos para o quarto, indagou o que queriamos.

— Assistir a uma sessão.

— Só ás sextas. Mas os senhores podem levar uma oração para serem amados pelas mulheres, não perderem ao jogo, não serem mordidos por cão damnado, não perderem dinheiro



e não morrerem nem queimados nem afogados. E' uma oração ditada pelo nosso Anjo da Guarda.

E vendeu-nos um papelucho ignobil, pondo o dinheiro em baixo do colchão, porque nós estávamos no seu quarto de cama, mal arejado e pouco limpo. Dahi por deante, eu entrei propriamente num mundo que não era o do falso spiritismo: era uma chaga da cidade, era um turbilhão de vícios, de patifarias, de crimes, de sandices, de explorações á credulidade, sob a capa do Invisivel, evidentemente o unico grande criminoso impune desta atroz época de irreverencia e credulo scepticismo. Só cartomantes que me fallavam de spiritas e tinham casa, eu contei cento e vinte e sete. Havia somnambulas, havia videntes, havia curandeiras, havia as de dar fortuna, com receita exacta do espirito de Creso; havia as que luctavam contra o diabo. Todas essas mulheres viviam exclusivamente da credulidade de uma cidade capaz de ter gente bastante idiota para as consultar. E, se encontrava, em predios communs, mulheres dizendo sandices em frente de um baralho, se assistia a outras se torcerem, com palhaçadas, sob a influencia do Anjo Gabriel, vindo do Além especialmente para dizer coisas sem nexos, encontrei tambem spiritas encarregadas de fazer abortar em casinhas perto da estrada de ferro, encontrei spiritas proxenetas, e até casas de spiritismo rotulando hospedarias de quarto á hora.

— Venha para a sessão.

— Sim, senhora. Mas eu tencionava encontrar aqui uma irmã minha amiga.

— Então dou-lhe um quarto, e o senhor descança á vontade enquanto espera a irmã.

Muita gente ingenua lá estava, na sala, pedindo receitas para a cura de uma série de mazellas, fazendo inconscientemente a fachada honesta daquella calaçaria sem limites; e os quartos eram com desfaçatez alugados a 10\$000 réis.

Duas casas destas, pelo menos, eu vi em duas ruas commerciaes, com o oratorio e a religião mais evidente das directoras. E na segunda, como o meu informante começou a descrever o typo da irmã que esperava, a medium medianeira foi buscar á sala uma rapariga de dezeseite annos no maximo e indagou, com o olhar puro e uma voz angelical:

— Será esta, irmão ?...

Era o cumulo. A peregrinação pelas casas do milagre baixo dava-me a certeza de que pelo menos mil creaturas viviam a engodar a multidão, mas que o milagre — a manifestação superior de Deus, do Diabo ou dos Espiritos, fazendo a cura ou manifestando-se de modo acima do embuste — não existia absolutamente.

E tudo isso deixava-me prostrado, porque eu ia sempre com uma esperança: esperava an-

cioso nas sessões e contava, a todo instante, com um pouco de vontade invisível...

Para finalizar a desesperante passeata, o meu amigo levou-me á praça da Republica n.º 11, a uma dessas casas de pensão onde moram lóbregamente uma ou duas centenas de pessoas. Iamos vêr uma sessão nocturna da velha Manuela, outra hespanhola em contacto com os espiritos, nos fundos do predio.

Manuela occupa um commodo horrivel e quente, forrado de imagens religiosas. Como mobilia, um oratorio sobre a mesa de pinho, coberta de jornaes recortados, um lampeão de kerozene, cadeiras, um velho sofá. Abancando no antro, umas vinte pessoas, entre as quaes a esposa de um empregado da policia. Como tardava a chegada do medium, os consultantes palestravam. Ludovina, uma portugueza moradora na extincta estalagem da Cabeça de Porco, contava as evoluções de uma longa enfermidade.

— A senhora não imagina quanto gastei com a molestia. Só em quinze dias, em que estive em tratamento no «hospital das doutoras» da rua do Bispo, gastei mais de tresentos mil réis. Agora, felizmente, desde que principiei com o spiritismo, estou muito melhor.

— E ha quanto tempo principiou?

— Ha tres mezes.

A velha Manuela, ao vêr a nossa pergunta, ergueu-se:

— Se o senhor é da policia, não tenho medo, porque ha gente muito boa por mim. Os meus trabalhos não são segredo. O senhor talvez não acredite; mas já um delegado veio aqui assistir á sessão, disfarçado de bombeiro, e sahiu satisfeito.

— E como soube que o bombeiro era delegado?

— Foi o espirito de Antonio de Padua que me contou. Todos os meus vizinhos são perseguidos por espiritos maus, que pretendem denunciar-me á policia. Tenho feito uma porção de curas em pessoas desenganadas pelos medicos. Mas, como não faço de graça, têm raiva de mim. Olhe, não ha espirito recebido pelos aparelhos que trabalham aqui, que eu não tome nota num livro. E eu não sei ler nem escrever.

— São os espiritos que escrevem?

— Não; é o pequeno da vizinha.

E tira da prateleira um poeirento caderno azul, mostra-nos os garranchos que indicavam as visitas dos espiritos — cerca de duzentos. E encontrámos desolados, entre nomes sem significação, os de Floriano Peixoto, Prudente de Moraes, D. Pedro II, ao lado dos de Apulchro de Castro, Castro Urso, Galleguinho da Saude e S. Francisco de Assis.

— Deus! S. Francisco de Assis ao lado de Castro Urso!...

— Está ao lado dos perversos, explica a Manuela. E' um espirito muito atrasado, desencarnado ha mais de duzentos annos. Ah! eu aqui recebo gente! Já recebi até Affonso XII de Hespanha!

Nesse momento, porém, appareceu á porta um individuo de cavaignac, que dá pela alcunha de *Dr. Passos*.

Era o medium. Entrou sem tirar o chapéu, saudou:

— Boa noite a todos.

— Boa noite! responderam os assistentes.

O *Dr. Passos* atirou o chapéu, sentou-se num caixão que lhe foi buscar a Manuela e concentrou-se. Infelizmente o espirito que appareceu era um anonymo sem importancia. Eu via repetir, pela millessima vez, a pantomima da cura do Invisivel deante da dôr humana. Eram quasi dez horas quando a sessão terminou. A' sahida, Manuela chamou a Ludovina.

— Olha, quando voltar, traga dinheiro, porque estou atrasada da vida...

Arrastei o meu amigo.

— Não! Acabemos com as mediuns, acabemos com estas mulheres!

— Mas ainda não viste todas, ainda não viste as spiritas ambulantes!...

— Como assim?

— Sim, filho; ha, pelo menos, uma centena dellas: spiritas rezadeiras e receitistas, que an-

dam pelas ruas e vão a chamados em casas de familia; spiritas que dão opinião depois das conferencias medicas, spiritas fantasticas. Conheço a Jesuina, que tem uma reza dada por Ezequiel; a Carlinda, que usa um cestinho onde ha sempre arruda e agua benta; a Olegaria, respeitadissima, cujos chamados são sem conta; a Euphrosina dos Santos, que já deu volta (diz ella) a um paralytico, evocando o espirito de Carlos Magno; e até uma bahiana, a D. Anninha, que faz rezas, excommunga, traz os espiritos á discussão e se diz parenta de um eminente senador da Republica...

— Não, não vale a pena...

— Pois mando chamar amanhã a D. Anna, a vêr o que os espiritos dizem de ti.

E foi indo commigo pela praça da Republica, tão cheia de movimento e de espiritos.

*Nas fronteiras da feitiçaria — Mulheres spiritas  
— A confissão com o Anjo da Guarda — A  
Maria Homem e a Maria Mafalda — Como  
se fecha o corpo e como se cura rheumatis-  
mo — A parodia lugubre.*

---

Nós estávamos a meia legua de Sapopemba,  
no lugar denominado Buraco-Quente.

O meu precioso informante levara-me até  
aquelle fim da cidade para mostrar-me uma  
certa mulher spirita.

— E' preciso que vejas como toda a cidade  
está coalhada desta vil exploração, é preciso  
mostrar-te em todo o seu negror esse primeiro  
circulo obscuro da especulação spirita. A vida  
encarece, mas ha muita gente que vive sem tra-  
balhar graças á inconcebivel credulidade publi-  
ca. Hoje levo-te de Sapopemba ao Pedregulho,  
mostrando-te uma galeria de mulheres spiritas  
em plena fronteira da feitiçaria. Não é só o  
Carneiro a ganhar dinheiro e a comprar casas  
com passes de fantasia; não é só o Perna de

Pau, nem os cincoenta mediuns restantes que já vimos. Também as mulheres, também ellas exploram a credulidade e têm em torno da casa uma turba-multa de doentes e de hystericos pedindo o milagre.

— E quem mora aqui?

— A «Maria Homem», conhecida em toda a Prainha e na Cidade Nova como milagreira.

Do alpendre da venda onde estavamos, viamos em meio de um laranjal, um miseravel casebre coberto de sapé.

As paredes eram de barro entaipando bambú entrelaçado e o sol cahia do alto numa violencia de incendio.

— Mais espiritismo falso!

E' esta uma das causas que tem concorrido para o descredito da doutrina.

E' perfeitamente incomprehensivel que os mediuns de profissão não tenham a prevenção dos spiritas sinceros.

Na maioria dos centros spiritas dos Estados, a reputação dos mercenarios bastaria para que os excluíssem de todos os grupos serios, e onde para elles o officio não seria lucrativo, por causa do descredito de que se tornariam objecto, e da concorrência dos mediuns desinteressados que se encontram por toda a parte.

Para supprir, seja a faculdade que lhes falta seja a insufficiencia da clientela, ha falsos mediuns que accumulam, servindo-se das cartas,



da clara de ovo, do grão de café, etc., afim de contentar a todos os gostos, esperando por esse meio, na falta de Espiritos, attrahir os que ainda crêem nessas tolices.

O meu amigo repetia gravemente phrases de livros da propaganda. Sorri e acompanhei-o.

Um tronco de arvore servia de porteira. Afastamol-o. Um cachorro leproso, muito magro e muito triste, começou a latir dolorosamente.

Nessa occasião uma mulher de cabellos grisalhos appareceu á porta do casebre. Era a Maria Homem.

Fez-nos entrar entre humilde e desconfiada.

O interior da habitação era lamentavel: o chão de terra batida, as paredes de barro ostentando uma vistosa ornamentação de santos de papel, os portaes feitos de troncos d'arvore ericados de pregos e tudo denegrado, tudo enfumacado pela candeia de kerosene. Do tecto pendem chorando sobre aquella tristeza negros fios de palha. A um canto descança a esteira enrolada, mostrando as pontas vermelhas do cobertor, e sobre um giráo feito entre as duas paredes um amontoado de roupas velhas.

— E dizer que toda a vida a multidão procurou a felicidade nestas casas!

— Ah! meu caro, ellas explicam porque podem fazer o proximo feliz sem conseguir nem um modesto descanço!

Ao centro, uma lamparina sobre a mesa negra, ardia exhalando um cheiro suffocante, e nos dois compridos bancos proximos á mesa equilibrava-se mal uma dezena de clientes.

Maria Homem indicou-nos o banco e abriu immediatamente a sessão.

— Gloria aos homens de boa vontade, irmãos!

— Amen!

Nós olhavam os clientes: mulheres das redondezas que levavam creanças para serem rezadas do mau olhado, velhas com a espinhela cahida e erysipellas, creaturas querendo a paz do seu homem. Maria Homem além de resolver essas coisas graves, encarrega-se de, por intermedio dos espiritos benevolos, aconselhar o bom caminho aos homens, e de explicar a razão dos espiritos andarem na terra. O bando de mulheres ouvia-lhe as phrases incomprehensiveis e idiotas num extase somnolento; a nós invadiamos uma grande pena.

— Ha alguém que se queira confessar com o espirito do Anjo da Guarda?

— Eu, D. Maria, balbuciou uma velhinha na extremidade do primeiro banco.

Ambos sahiram para o terreiro, fechando a porta com cuidado, pelo lado de fóra. Atraz da porta havia uma vassoura virada, uma cruz feita de lettras num papel amarello com o seguinte distico: Estrella do Ceu, e uma ferradura

authentica e muito gasta. Os assistentes resolveram conversar. Uma hespanhola contou que a filha da Antonieta estava com o espirito mau e que botara pela bocca um prego de quasi um palmo.

— Isso não é nada, retrucou uma outra. A Luiza Carregal só num dia poz para fóra tres espiritos e todos tres damnados, o primeiro em fórmula de lagartixa, o segundo em fórmula de aranha e o terceiro tal qual uma mosca varegeira.

Que diria lá fóra a pobre velhinha, enquanto nós ouviamos aquellas extraordinarias revelações? Que peccado teria a septuagenaria para confessar a um anjo da guarda que está sempre a nos guardar? Maria Homem voltava.

— Os senhores são da cidade? Eu tenho muita gente da cidade que aqui vem...

— Não, senhora.

— Desejam alguma coisa?

— Eu, que ando agora com umas nevralgias...

— E' espirito mau, com certeza. Volte amanhã que eu tiro isso num instante.

Deixamos a pobre velha, os pobres clientes e deitamos a andar para apanhar o trem. Iamos á casa da Maria Mafalda, no Pedregulho, á rua Marietta n.º 1.

Maria Mafalda é outro genero. Para a sua casa sobe-se por uma escaldante escada de pedra. Ao alto, Mafalda espera os consultantes.

E' uma mulata vesga, typo nortista, baixa, com os cabellos em desalinho.

Na occasião em que subiamos a escadaria encontramos a velha já vista na casa do Ferraz. O curandeiro não lhe dera volta.

— Bom dia, D. Joanna, bradou a Mafalda. Só agora com o seu estado grave é que se lembrou de mim ?

— Não tinha quem me ensinasse o caminho...

— Entre e descance que já lhe fallo.

Metteu-se pelos fundos da casa. D. Joanna entrou para a sala. Nós acompanhamol-a. Havia muita gente já. Quasi todas as cadeiras estavam occupadas. E no consultorio sem limpeza adivinhava-se a confusão religiosa da proprietaria. Havia um oratorio côr de perola, e defronte do oratorio um enorme Santo Onofre, um gallo preto em cima de uma biblia de folhas douradas batia as azas, e pelas paredes uma mistura de folhinhas com reclames, de cartazes de cerveja e de caricaturas cortadas dos jornaes alastravam cores.

— Que foi fazer a curandeira ?

— Foi transformar-se.

Com effeito, minutos depois Mafalda surgiu de novo. Tinha os cabellos presos por uma colleccção bizarra de pentes de celluloide ornados de ouro falso. Um vestido de chita, muito limpo, moldava-lhe o corpo, e o seu sorriso mostrava uma fileira de dentes brancos com as gengivas

vermelhas da pasta dentifricia. Houve na sala uma abafada exclamação de contentamento. Muitos clientes ergueram-se em signal de respeito, curvando a cabeça sobre o peito.

— Deus seja connosco!

— Amen.

Mafalda rebolou até á mesa, sentou-se, abriu a Biblia, afastou uma garrafa d'agua turva com um galho de arruda por enfeite. O silencio era absoluto. Mafalda concentrou-se. Depois, gravemente, murmurou:

— Eu, Maria, como creatura de Deus, feita á sua semelhança e remida com o seu santissimo sangue, vos ponho preceito, demonio ou demonios, para que cesseis com os vossos delirios, para que estas creaturas não sejam jámais atormentadas com as vossas furias infernaes. Desdigo em nome de Deus, os males que os presentes possam ter, nos cabellos da cabeça, roupa do corpo, ou da cama, ou no calçado, ou em algodão, seda, linho, ou lã, ou em cabellos de christão, ou de mouro ou de herejes, ou em ossos de creatura humana, de aves ou de outro qualquer animal; ou em madeira ou em livros, ou em sepulturas de christãos ou em sepulturas de mouros, ou em fonte ou ponte, ou altar, ou rio, ou em casa, ou em paredes de cal, ou em campo, ou em logares solitarios, ou dentro das egrejas, ou repartimentos de rios, em casa feita de cêra ou marmore, ou em figu-

ras feitas de fazenda ou em sapó ou saramantiga, ou bicha, ou em bicho do mar ou do rio ou do lameiro, ou em comidas ou bebidas, ou em terra do pé esquerdo ou direito, ou em outra qualquer coisa que se possa fazer feitiços...

Depois desta brilhante tirada, habilmente decorada, Maria Mafalda entrou a curar.

— Quem é que tem dôr na perna esquerda, D. Luiza ?

— E' esta moça.

A velha D. Joanna approximou-se.

— Ha quanto tempo está doente ?

— Ha muitos annos.

— E o que lhe disseram nas casas em que você tem andado ?

— Na Santa Casa, o doutor disse que é reumatismo chronico. Mas eu não acredito. Nas outras casas disseram que é espirito mau e tambem uma promessa que eu não cumpri. Será, D. Maria ? Ai ! Não imagina o dinheirão que eu já gastei com as missas e com os homens que curam ! Parecem diabos agarrados á minha perna.

— Isso não é outra coisa senão terra de cemiterio que lhe jogaram em cima.

— Devéras ?

— Nunca me enganei. Você deve fechar o corpo para não entrar nenhum espirito mau durante o tratamento. Quer ?

— E' uma esperança, D. Maria. Quero !

Maria Mafalda foi á porta da alcova conligna, trouxe uma chave enferrujada, collocou-a sobre a Biblia, respingou com o galho de arruda a agua turva na velha rheumatica, e encostando-a ao peito da pobre velha, torceu-a como quem fecha uma porta, dizendo:

—«Levanto, quebro, abjuro e esconjuro todos os requerimentos, empates e obrigas que fizestes a este corpo. Desde já ficaes citados, notificados e obrigados, tu e os teus companheiros, para seguirdes o caminho que Jesus vos destinar, isso sem appellação nem aggravo, pelo poder de Deus Nosso Senhor Jesus Christo e de Maria Santissima e do Espirito Santo e as Tres Pessoas Divinas da Santissima Trindade, é que é um só Deus verdadeiro, em quem eu firmemente creio e por quem eu levanto pragas e raivas, vinganças e medos, odios e más vistas; quebro e abjuro todos os requerimentos, embargos, empates, preceitos e obrigas pelo poder do Santo Verbo Encarnado e pela virtude de Maria Santissima e de todos os santos e santas e anjos e cherubins e seraphins, creados por obra e graça do Espirito Santo. Amen.»

— Agora, minha boa irmã, vá descansada. Nada de muita consulta. Deixe os homens e essas malucas que andam por ahi a enganar. Eu é que curo, só eu. Segunda-feira você vem cá, ao meio dia, para o ajuste, ouviu? E sexta vae á egreja tirar com a mão esquerda agua

benta para pingar tres gottas na perna doente. Está aqui, está boa. Adeusinho. E voltando-se para outra:

— Quem é que tem uma dôr na barriga?

— Eu, chorou uma sujeita magra; foi um ponta-pé.

— Venha cá, que eu chamo o espirito.

Mas o meu amigo estava com a pilheria muito mais indignado do que eu, e foi preciso sahir antes da cura da barriga porque elle, apezar de sceptico, fallava de profanação da Biblia e da policia — como se a policia pudesse acabar com a crendice que julga medium spirita uma senhora esperta auxiliada pelo livro de São Cypriano...



*As pilherias dos mediuns — Anna e o seu filho  
— Intrigas — O diabo no corpo das velhas,  
das moças bonitas e das meninas, tirado  
de modo diverso — O truc do Manézinho  
— Chiquinho forneçedor de elegantes — O  
Dr. Americo — O Dr. Rocha — O Lima de  
Caxamby — A missa por alma de um de-  
funto — Caricatura do sacrificio divino.*

---

Viver com tal gente dentro em pouco nos enfronhou em intrigas e mysterios. Vistos todo o dia e toda a noite a ouvir sessões attentamente curvados, a caterva da exploração publica chamou-nos ao seu seio com carinho. Já não sahiamos ao findar a sessão, ficavamos conversando, aprendendo e, sempre que assim ficavamos, era para receber a denuncia de outras tendas, corlada de ironia e má vontade, porque os mediuns curandeiros da baixa classe degladiam-se numa rivalidade de lucros deploravel.

— Não conhece o Antenor? Um pantomimeiro! Pois ainda outro dia disse-me um cliente

que elle faz um circulo em cima da mesa e brada: — «Aqui espiritos!» para explicar aos fieis: «amarrei neste circulo dez mil espiritos.» E' escandaloso! E a Jesuina? Está tirando o diabo do corpo de uma rapariga já com seis mezes... Patifes!

Assim chegou ao nosso conhecimento que uma familia respeitavel da rua D. Feliciana fôra suggestionada, por certa preta da visinhança, a levar uma das filhas, de dezeseis annos, á casa da rua José Bernardino n.º 20.

— Para quê?

— Para afugentar o espirito maligno.

Já tínhamos visto uma infinidade de raparigas torcendo-se nas salas em crises de hysteria lamentaveis, e vinha-nos o medo de que a pobre rapariga viesse a cahir tambem num desses antros para a exploração da propria familia.

E o caso era, ao demais, inteiramente commum: a pequena apaixonara-se por um typo qualquer, que corria os botequins em mangas de camisa e chinelas sem meias. Assim iam os decididos a impedir o escandalo quando entrámos na casinha alegre da rua José Bernardino. O spiritismo é praticado ahi por uma cabocla de cabellos lisos e negros, tendo como medium o filho, um rapaz de 20 annos. Acabocla chama-se Anninhas. Na sala da frente havia algumas pessoas aguardando a consulta, e Anninhas fazia cruces com um galho de arruda molhada

em agua, sobre uma velha, dizendo o seguinte: — «Eu te rogo espirito, em nome do Deus Poderoso, que me declares porque andas a molestar o corpo de Lenora, pois eu te conjuro para que me digas o que pretendes do mundo corporal. Aqui está o protector que vae rogar ao Senhor por ti, para que sejas purificado no reino da Gloria. Amen.» Terminada que foi essa historia de mau estylo, Anna partiu para o interior da casa.

A um canto estava armado o oratorio em fórma de presepe, sobre o qual havia uma bandeja com dinheiro.

Entre as pessoas da sala, um moço imberbe de vez em quando tremia o corpo e revirava os olhos. Era o medium.

Ao cabo de certo tempo de choques nervosos, o moço ergueu-se da cadeira, deu tres voltas pela sala, crispando as mãos e murmurando machinalmente: «O senhor seja commigo e com todos nós presentes, para que tu, demonio, não possas jámais atormentar as creaturas do Senhor.

Fugi, fugi, partes contrarias que venceram o leão de Judá e a raça de David.»

Esta sandice, com erros de grammatica, foi ouvida assustadamente. Era o espirito que fallava! A velha approximou-se e beijou, a tremer, a mão do medium. Então este atirou-se á cabeça da consultante, fingiu arrancar furiosamente do

cachaço da velha qualquer cousa invisível, atirou-a á janella, voltou, recomeçou a faina, de novo foi á janella.

— Que está fazendo ?

— Está arrancando os espiritos da pobre velha.

O sujeito, depois desse trabalho, bateu com o pé trez vezes de rijo no soalho. A velha retirou-se. Estava já sem espiritos. Mas para substituil-a vinha uma flôr de vinte primaveras no maximo, uma dessas raparigas do povo, forte e sadia. Tinha a alliança, era casada e tambem se considerava perseguida pelos espiritos.

O joven medium, movido de certo pelo invisível, acertou que os espiritos não estavam no cachaço como na velha, mas nos seios e na face vellutinea. Tambem não arrancou—alisou, roçou a mão, puxou de vagarinho os espiritos felizes, de certo adormecidos naquelle aconchego. Era enervante e demorado.

Por fim apresentou-se uma pequena que, quando muito, podia ter dez annos. O medium não arrancou coisa nenhuma. Pediu agua e pingou sobre a cabeça da petiza trez vezes.

— Não ha mais ninguem que queira ser rezado ?

Ninguem respondeu. O medium deu uma volta rapida pela sala, estacou, abriu os braços, pareceu vir de outro mundo e calmamente cumprimentou a linda creatura da alliança. Estava

acabado. Foi ahi que o meu amigo o chamou e baixo :

— Meu rapaz, ha na rua D. Felicianá uma rapariga de dezesseis annos que a familia acredita com o diabo no corpo. O diabo, como você sabe, não se mette no corpo de ninguem. Em chegando aqui, você assegura,—ouviu?—você assegura em nome do espirito que ella nada tem a não ser a tolice de gostar de um rapaz indigno della. Se fizer doutro modo previno a policia; se concordar, peça á familia o que quizer e orce as despesas relativas a mim—porque eu tambem pago. Tome o meu cartão. E que a pequena não volte aqui. Seja terrivel.

O rapaz ficou sem uma palavra, olhando o nome. Nós sahimos. Mas esse processo era de facto impossivel de ser continuado. Logo depois ficámos sabendo que o Manésinho, outro malandro, fizera a paz de um casal, ganhando para «despachos» oito centos mil réis. E como? Apparecera primeiro a esposa e contara as luctas com o marido, dando nome, residencia e o resto; apparecera depois o marido, aliás um cidadão de cultura intellectual. De posse dos dous, Manésinho exigira quinhentos do esposo e tresentos da esposa para certas praticas, combinara as queixas, pregara meia duzia de pilherias á vontade commum e realisara o encantamento em nome do espirito de Ezequiel. Era um casal de clientes certo, fatal, até á morte — de clientes e de cren-

tes *spiritas*... Assim Chiquinho Machado, morador á rua João Caetano 123-B, frequentado por senhoras bem vestidas, habituado ao roçar das sedas. Como ir impedir que uma senhora da alta sociedade bem collocada vá dar dinheiro ao Chiquinho porque acredita em um sem numero de baboseiras e precisa cançar o enervamento da ociosidade? Impossivel! Assim um tal Dr. Americo, á rua Torres Homem, esquina da rua Sousa Franco, de que nos chegaram informações dizendo-o cego, curador, recebendo dadivas e curando ha longo tempo um caso de uremia cada vez peor. Ir contra o Dr. Americo, contra a pharmacia que no boulevard Villa Isabel lhe avia as receitas? Mas o Dr. Americo não tem culpa de que o vão procurar: o Dr. Americo está talvez convencido, e as pharmacias aviam receitas porque precisam viver. E assim, o Antenor, o conhecido espirita da rua Margarida Andrade, que tem soffrido perseguições do delegado do 20.º districto, mas que continua *quand-même* a dar sessões; e assim em Inhau-ma, proximo ao ponto dos bonds, o popular Candinho. E' a exploração suavissima. A mais um do exercito, o «Dr. Rocha», morador á rua Oliveira 12, quiz eu consultar sobre a minha molestia. A casa desse homem estava cheia, e era de dia, á hora do trabalho e de coisas sérias.

— Os senhores já estiveram aqui alguma vez?

— E' a primeira.

— Quem os mandou?

— Uma senhora de Sapopemba.

— Queiram ter a bondade de entrar pelos fundos.

Rocha recebe-nos evidentemente desconfiado. Offerece-nos cadeiras e logo em seguida:

— E' para o Sr. mesmo? Levante-se para ser examinado.

Ergui-me. O spirita faz uma serie de passes de prestidigitador.

— Se sentir alguma coisa que não seja natural, diga. Sente?

— Nada.

— O medium diz que sente.

Pegou de um lapis, asseverou-me ser impossivel revelar o diagnostico e receitou agua fluida e fé.

Acceitei. O curandeiro pegou de um maringue, encheu um copo de agua, collocou-lhe em cima um livro aberto e leu:

«Pelo poder de Deus, pelo poder de Jesus Christo, pelo poder do Divino Espirito Santo, pelo poder dos mensageiros do Senhor. pelo poder da Virgem sempre Virgem N. S. da Guia, e pelas palavras que se acham escriptas neste livro, esta agua torne-se em medicamento para todos os doentes que são crentes.»

Mais nada! Bastava isso e eu estaria curado! Mas como, pela visinhança, indagassemos se

Rocha recebia dinheiro pelas consultas — Rocha recebe só para o azeite com que illumina os santos — uma senhora assegurou-nos:

— Quer ficar bom? Bomzinho mesmo? Pois então vá ao Lima, de Caxamby. Elle diz-lhe uma missa e o irmão fica bom para outra.

Missa! Sim, havia um spirita tambem que falsificava, talvez ingenuamente, a missa! A fonte de todas as graças da egreja, aquella grande acção de que o velho Bossuet disse: — «o unico meio de acalmar Deus e de tornal-o propicio é continuamente offerecer-lhe a mesma Victima pela qual foi acalmado uma vez, de celebrar-lhe a memoria e de offertar-lhe justos louvores pela graça que nos deu dando-a», — tranquillizando Nosso Senhor em Caxamby, num casinhoto spirita! Deitámos para Caxamby, pensando num bluff, na fantasia da visinha do Rocha e fomos encontrar, na casa n.º 25 da rua de Caxamby, um homem franzino de rosto amorenado, apparentando uns cincoenta annos: era o Lima, o sacerdote.

— Desejam alguma coisa?

— Queremos saber se pode rezar uma missa amanhã, ás 10 horas.

Aquillo foi de chofre a vêr se o homem titubeava. Mas Lima estava grave e serio.

— Quanto?

— Os irmãos pagam o que podem. Nós, os spiritas, não fazemos preços ás coisas indis-



pensaveis a um irmão morto. Só pedimos a compra de uma vela para accender em intenção á pessoa morta.

Não era missa de cura, era missa de defuntos. Ficámos aprazados, e no outro dia já cedo lá estávamos. Havia gente que entrava, gente que sahia, alguns apenas consultantes, outros devotos da missa. Quando soaram as 10 horas, o pobre Lima surgiu na saleta, grave e solemne. Numa reverencia de padre catholico, curvou-se ligeiramente deante do oratorio em que ardia uma lamparina de azeite e accendeu a vela. Neste momento entrou uma rapariga que lhe enfiou pela cabeça uma opa de côr amarella desbotada. Todos esperavam immoveis o começo da cerimonia. Só o meu amigo me susurrava ao ouvido:

— Para os catholicos ahi tens uma missa do diabo. Não é outra coisa. A mysteriosa communhão, o admiravel commercio de vida e de amor que o homem entretém com Deus pelo santo sacrificio, deturpado. Mestre Lima aposa-se logo do centro com que se relacionam todos os actos do culto religioso e todas as manifestações da fé.

Lima, entretanto, curvara-se deante do oratorio envernizado e murmurava uma rapida oração. A maioria dos presentes estava sentada. A mocinha, que collocara a opa, era sacristã, acolytava a missa. O Lima pegara de um calix

de vidro ordinario e enchera-o de agua benta de uma garrafa negra ainda com o rotulo de cerveja. Depois ergueu o calix, resmungou, bebeu. Quando terminou, carregou sobre o botão de um tympano que estava sobre a mesa proxima, fazendo-o retinir demoradamente. Todos os presentes ergueram-se. Era o «Padre Nosso» geral. Acabara a missa.

— Nada de terrivel !

— Para nós, meu caro, a pilheria da missa, a opa amarella, todas essas coisas do pobre Lima dariam com elle numa fogueira ha cinco seculos. Nós assistimos a uma caricatura lamentavel em que até o Padre Nosso está transformado, porque nesses centros de baixa crendice ha pelo menos quarenta ou cincoenta formas de Padre Nossos. Mas o assombroso e o grave é que o povo abandona a egreja e vem metter-se nesta biboca de Caxamby para ouvir a missa do Lima.

— Um bom, um pobre homem, coitado...

Nós estavamos, porém, junto á mesa, vendo os fieis que saham. Na mesa havia tambem uma bandeja de metal. E nessa bandeja, tilintando, cahiam atiradas pelos crentes moedas de nickel, pratas novas, cobre. Era a féria. Então, para estar bem com todos, dobrámos uma nota e entre os nickeis deixamol-a cahir. Porque afinal o Lima tinha rezado uma missa por um amigo nosso e para muita gente que acreditava...

*Os mediuns repetem-se — Quantos ha? — O fim das visitas — Resumo — Todos recebem dinheiro — O spiritismo propaga-se assustadoramente — As causas aqui — Religião nova com os santos, o livro de S. Cypriano, a feitiçaria e os espiritos — Como os apanham — Crimes contra a moral, contra a religião, crimes puniveis pelo codigo — A proliferação da hysteria — Desillusão.*

A observação estava feita. Continuar seria repetir-me. Se o meu amigo quizesse, poderiamos levar mais de um anno a percorrer bibocas spiritas, mediuns magnetisadores, malandros, embusteiros, essa cohorte inacreditavel de inconsciencia, bandalheira e deshonestidade. Mas, com pequenas differenças, elles se reproduzem, até mesmo sem novidade. Eu vira os capitaes, aquelles que os spiritas sinceros chamam de obsedados. Os outros copiam, mais ou menos, porque não é mesmo preciso inventar: basta um oratorio, tres ou quatro sandices, tres ou quatro

passes, a agua e a ignorancia crente do povo que lá vae.

Quantas duzias de barracas de espiritos ha pela cidade? Ha pelo menos, ha no minimo uma dezena de centenas, incluindo as cartomantes, as videntes somnambulicas, os cynicos feiticeiros. Com excepção de uns dez mais espertos, todos, absolutamente todos, ignoram os rudimentos da doutrina spirita, fazem uma deslavada mistura de samos com espiritos, organisam uma côrte invisivel, a seu talante, e berram aos ouvidos dos incautos a esperanza da boa fortuna e da saude.

Não ha nenhum que não viva dessa nova profissão deshonesta, ou exigindo o dinheiro para o trabalho, ou estabelecendo cooperativas, no fundo — clubs de cura, com um premio muito menos certo que a roupa e os relogios, ou choramigando indirectamente com a bandeja para os nickeis. Alguns, os intelligentes, estão ricos, ridentes e felizes, como o Carneiro, proprietario, como o Breves. Outros, typos de degenerados, como o professor Torterolli, ou o «Perna de Pau», têm ganho fortunas, ganham e gastam-nas ainda sem saber o modo por que as gastam. A maioria vive na indigencia — a indigencia hereditaria dos typos que, atravez dos tempos, servem a protecção do invisivel á pobre humanidade. E a crença é tal, que a maioria já trabalha naturalmente, como se não fizesse nenhum mal.

Está claro que o phenomeno desses almo-creves do infinito, com a sua subita desproporcional apparição, é geral. Com tantos spiritas feiticeiros e curadores, temos menos gente dessa especie que Paris ou Londres. Para conhecer mesmo a exuberancia desses tortulhos em Londres basta consultar os pequenos annuncios dos jornaes specialistas, como a *Light*. Ha representantes do Mystério para todos os gostos, com horas certas para as consultas e os chamados, dias determinados para certos trabalhos, e até senhores accumuladores que annunciam: «medium e massagista». Os sociologos chamam isso gravemente: o descalabro do christianismo nos seus dois grandes ramos; enquanto outros, mais scepticos, chegam a perguntar: e ainda ha de pé uma philosophia?

As religiões desmoronam-se; as philosophias ruem numa confusão; e a massa ignorante, então, não tendo mais Deus, nem fé nas virtudes do christianismo, arranja outro protector, inventando toda a sorte de baboseiras e de espiritos.

Esta explicação pode servir para qualquer outro paiz, apesar de ser fácil demonstrar que a attracção do desconhecido, a necessidade de apalpar e de crêr no milagre, por mais absurdos que sejam os meios, sempre desvairou a massa, sempre sustentou o absurdo, sempre exigiu o factio maravilhoso.

Entre nós, o povo não tem desillusões, não

tem o cansaço dos scepticos, não sabe nada nem reflecte em questões de Fé.

E' quasi fetichista, é o maravilhado e o medroso. Por isso, nada mais curioso nesta cidade do que a Fé.

O temor de Deus continua; existiu sempre. A devoção dos santos continua; existiu sempre. Mas, ao lado do temor e da devoção, floriu a feitiçaria dos minas, a ideia primitiva de comprar o infinito e os bons officios das entidades mysteriosas á custa de dinheiro aos seus representantes.

Nas estalagens, nos casebres dos pobres, no ambiente das meretrizes, dos ladrões, dos azeiteiros, das rodas baixas, ou nas agglomerações pobres, é permittido impor, á vontade, as ideias mais estapafurdias, com o riso e o assentimento dessa pobre gente.

Mas, se qualquer de nós que, (na maioria dos casos, ficaríamos impunes commettendo até delictos contra a moral) tivéssemos a lembrança de dizer que Christo, por exemplo, não é filho de Deus, e que São Jorge é um boneco como outro qualquer, teríamos para sempre a antipathia dessa gente.

Essas ideias spiritas, porém, não têm cotação na falsificação do spiritismo. Para a população, para o povo (e eu refiro-me apenas á gente baixa) o spiritismo surgiu quando a feitiçaria acaba, a feitiçaria dos pretos minas; e é um

complemento agradável da propria religião. Os sacerdotes dessa amalgama, na totalidade exploradores, profissionaes, sabendo uns que exploram, convencidos outros do seu poder, da sua razão de ser, e inconscientes da propria crapulagem, arranjaram uma religião em que ficam Deus, Christo, as egrejas, os santos e o principio christão de que «irmãos, nós somos todos eguaes perante Deus e precisamos ser bons». E, conservado todo o fundamento catholico do povo, que não passa disso, com algumas orações para varios fins, abrem o evangelho dos pobres diabos, que é o «Livro de S. Cypriano», e ao mesmo tempo a porta dos espiritos.

O carroceiro, a lavadeira, a cozinheira, o vagabundo, analphabetos, tiveram de subito a certeza pela qual o mundo aspirava, desde o homem da caverna, a conversar com o espirito, internar as almas do outro mundo, recebê-las no seu corpo, fallar com os parentes, com o espirito do Senhor, de S. Jorge, do cavallo do mesmo, pedir a protecção delles para o amor e para o dinheiro.

Luctar contra semelhante força será o impossivel. Está no spiritismo assim constituido, ou que melhor nome tenha, uma aspiração realisada.

O Dr. Maxwell escreveu, ha cinco annos: «O spiritismo vae a seu tempo e corresponde

a uma necessidade geral. A extensão que toma esta doutrina é um dos mais curiosos phenomenos da época actual. Assistimos, ao que me parece, ao nascer de uma verdadeira religião, sem ceremonial ritual e sem clero, mas tendo assembleias e praticas. Acho um interesse extremo nessas praticas e tenho a impressão de assistir ao nascimento de um movimento religioso destinado a grandes coisas.»

Aqui ha distinctamente duas correntes: a da classe media e intellectual e a da classe baixa, para onde vão os mediuns desbriados, cahidos da consideração da gente honesta. E na classe baixa, na populaça, onde se reúnem todas as energias, todas as crenças e esse immenso reservatorio de ingenuidade que é o preservativo e a brancura da alma, mesmo nas maiores torpezas, essa obsedante credence toma as prisões, as estalagens, as casinhas modestas, as ruellas sordidas, as creaturas de cerebro de pedra e com o principio da honestidade, as creaturas que julgam um principio roubar ou matar. Deus está no seu logar, mais o oratorio e os santos. O espirito está ahi, á vontade da gente, e cura e salva a gente. E' preciso outra coisa? A transfusão dos espiritos, a certeza da vida eterna!

Nas camadas superiores, para onde já me levava o meu amigo, havia explicações, sciencia, phrases, a exhibição do livro, noções cada



vez mais precisas, a discussão sobre a incarnação; ou phrases como esta, que eu ouvi no centro do Dr. Marcos Trindade, a proposito de um amigo que morrera na vespera, phrase synthese de um estado da alma:

— Então, o nosso irmão Fulano partiu?

— E' verdade. Estava soffrendo o corpo do coração.

— E ainda não se manifestou?

— Ainda não.

Entre a gente ignorante eu assisti á passeata dos doentes por varios curadores spiritas, vi o chôro despedaçante das mulheres em furia, clamando: «Ai! o meu rico filhinho! Ai! o meu marido!» Vi o esquecimento do invisivel deante do irremediavel para dalli a dias sentil-as quebradas, maguadas, convulsionadas nas sessões spiritas, tendo a communicação como o supremo bem.

Mas o phenomeno do milagre é que absolutamente, numa longa permanencia nos centros spiritas de fancaria e de populaça, jámais encontrei. Não havia no meu sêr nem animosidade nem *parti-pris*; havia curiosidade. Assistia, sem pestanejar, ao fechamento do corpo, ás rezas, á expulsão dos espiritos maus, ás cambalhotas dos mediuns, á prosapia dos doutos espontaneos. Não fui uma vez só ás casas de sessão; fui varias vezes. Cheguei a acompanhar doentes com o diagnostico feito pelos medicos antes. Não assis-

ti a nenhuma cura, absolutamente nenhuma. Certo, algumas creaturas impressionaveis e hystericas podiam ter a illusão de cura, depois de uma scena pantafaçada do Abalo ou do Ferraz, coitado, bem mal agora. Mas era apenas a affirmação com as respostas provocadas:

— Então, está melhor?

— Um pouquinho.

— Qual pouquinho, qual nada! Muito melhor. O espirito que a acompanha diz ter a certeza de não ser desta. Cuspa. Cuspo branco sem catarrho! Muito melhor. Olhe, vou-lhe dar uma reza, uma agua; e, quando voltar, é para agradecermos a Deus... Francamente, nada? nem a pontada?

— A pontada parece...

— Respire. Dóe?

— Não, senhor.

— Então? que lhe dizia eu?

E de todos os mediuns dizedores de phrases incongruentes, que eu aliás stenographava, só um na rua Visconde da Gavea, carroceiro, encarnando, segundo o evocador, o espirito do marquez de Pombal, teve uma phrase que me deixou em duvida:

— Não insista. Eu resisti a um terremoto.

Em compensação na infinidade de centros, verifiquei crimes contra a religião como a missa do Lima em Cachamby; crimes contra a moral social, como o casamento da Anninhas da rua

José Bernardino; crimes previstos na lei, como a serie de experiencias, a dos mediuns, dos passes; crimes catalogados no codigo, como defloramentos e outros horrores em meninas em estado hypnotico, de alguns dos quaes a policia trata neste momento.

Os mediuns exploravam a credulidade, atando inconscientemente, arranjando amorinhos, suggestionando, perdendo, desequilibrando uma população inteira, arrastando um turbilhão de insania.

Mas nada mais doloroso para mim do que os tragicos, os tristes effeitos dessa bambochata nas simples e pobres raparigas de quatorze a vinte annos, nesse bando de moças, nessa quantidade de virgens que, com o consentimento materno, o consentimento da familia, sob a suggestão desses infames e o olhar concupiscente dos demais, passam as noites nessas reuniões, convencidas, puras, crentes, lamentaveis, fazendo esforços sobrehumanos de concentração para encarnarem o espirito e que rojam e se estorcem e se convulsionam em crises atrozes, ás duas, ás cinco, ás dez por noite, em cada uma das salas onde se installa uma colmeia de loucura e nevrose do baixo spiritismo.

Que fazer, porém?

A peregrinação pelo baixo spiritismo deixara-me uma impressionabilidade doentia, os impetos de colera de um neurasthenico quando

não o deixam vêr o que elle deseja. Era a desillusão, a desillusão e o receio de que me tivesse enganado, sem ir ao fundo das coisas, sem ter tido a felicidade de conseguir a prova do milagre da cura, do milagre da intervenção do invisivel no nosso mundo de dôr e de amargura, deante de milhares de milhares de pessoas que acreditavam, sem discorrer, sem vêr.

Mas — mesmo soffrendo o mal, mesmo victima desses exploradores terriveis da Fé, que espalhavam a hysteria, a loucura, o crime — a massa compacta na sua ignorancia, tinha a certeza, adivinhava os phenomenos, sentia essa qualquer coisa do além que todos nós procuramos — a prova, porque «já não basta crêr, é preciso saber»...

*Fala o Dr. Afranio Peixoto, director do Gabinete Medico-Legal — A formula de Renan Sciencia e Ignorancia — A credence e o mysterio — O spiritismo é caso de estudo — Os effeitos no Hospicio e no serviço medico-legal — O falso spiritismo substitue as Eumenidas e as Parcas — As meninas «boas médias» — Um depoimento doloroso — A pharmacia e a medicina spirita — O Dr. Afranio Peixoto acha urgente proteger a menoridade.*

---

Eu entrevira apenas os males do baixo spiritismo. A documentação das visitas não tinha a prova palpavel das victimas. Depois de dois mezes nesse delirio ambiente, podia-se dizer: — a credulidade publica chega ás raias do impossivel, a exploração é torpissima; não ha curas, tudo é palhaçada. Mas seria perigoso tomar um spirita falso e apontal-o sem a prova flagrante.

Isto fez-nos em primeiro logar appellar para

o director do Gabinete Medico Legal, um dos mais brilhantes talentos da actual geração.

A medicina legal é uma sciencia que vive dos conhecimentos de todas as outras sciencias. O spiritismo, as sciencias occultas têm actualmente um tão grande interesse, que são exactamente esses conhecimentos uma das bases para uma serie de causas de certos e determinados males.

O Sr. Dr. Afranio Peixoto recebeu-me no seu gabinete, onde se installa uma das mais modernas e completas bibliothecas de medicina legal e sciencias affins.

— Meu illustre amigo, estou num estado d'alma desagradavel. Fui percorrer os templos do baixo spiritismo a vêr se encontrava o phenomeno curioso, a prova palpavel de qualquer intervenção do invisivel. Encontrei apenas baboseira, tolice, exploração, castismo, crime. Que me poderá dizer do problema em geral, do problema que é apenas o balanço do milagre? A sua clinica, os seus conhecimentos, as observações do Hospicio — tudo isso deve tel-o feito capaz de me dar a sua opinião. Como encara V. o spiritismo que empolga actualmente quasi toda a população?

O Dr. Afranio Peixoto sorriu.

— Caro, lembra-se V. da formula com que Renan figurou o conhecimento do mundo, a razão universal?

+ $a$ , sendo  $a$  a nossa sciencia e infinita a nossa ignorancia. Ora, relativamente ao primeiro termo da addição,  $a=0$ .

Não é uma visão de sceptico desenganado, essa avaliação insignificante do que conhecemos; é, antes, uma razoavel comprehensão da nossa relatividade no meio dos phenomenos.

Esta formula do pensador coincide, aliás, admiravelmente, com a synthese experimental de Du Bois Raymond: *Ignoramus et ignorabimus*.

Tal profissão de fé começa por affirmar que não me figuro as divisões arbitrarías e artificiosas entre o que se diz *sciencia* e o que se chama *ignorancia*, não dando a este termo nenhuma accepção pejorativa. Chame-se, em vez, por qualquer de suas gradações, *empirismo*, *mysterio*, *incognoscivel*. Seria o mesmo e seria infinito.

Não comprehendo, tão pouco, as separações entre o natural e sobrenatural. Este deve apenas, provisoriamente, ser chamado de *sophisticado*, *mal interpretado*, *desconhecido*. Tudo perfeitamente natural, portanto.

No caso concreto, confesso-lhe que não percebo os motivos porque estudiosos e sabios fogem, em geral, desses problemas, como se ahi tudo fosse fraude e embuste. Ha, certo, uma dose immensa de credice, e superstição, de ingenuidade, de boa e má fé, de exploração, mas

a também de inconsciencia, que devem ser separados, cuidados, punidos e estudados, convenientemente.

A inconsciencia — pois tanto vale, na pratica, a sub-consciencia — tem aqui um significado tecnico, porta de entrada, talvez, do estudo psychologico dos verdadeiros phenomenos spiritas. Como V. sabe, os actos conscientes, ou de psychismo superior, e os actos automaticos, ou de psychismo inferior, explicam-se por gradação de accções e effeitos em um mesmo systema de neuronios, ou por dissociação polygonal em centros diversos.

Janet ou Grasset, a interpretação não importa, uma vez que a observação está feita. Actos automaticos são executados inconscientemente por pessoas, a quem elles são — de boa fé, ellas e outros o crêem — inteiramente estranhos, quando volvem á consciencia. Se o acto foi realisado, e ellas não o realisaram — estão absolutamente certas disso — a interpretação natural para os simples é que ahi está o mysterio.

O spiritismo é, por consequencia, apenas uma interpretação. Não é a unica, nem é certamente a verdadeira. Não garanto também pela outra. O caso é de estudo, simplesmente, e não de crença.

Era exactamente o que me fizera percorrer os antros do falso spiritismo e fazia-me ir agora



em estudo nas sessões dos spiritas honestos. O Dr. Afranio Peixoto continuou:

— Não tenho, porém, pratica alguma do spiritismo militante. Apenas lhe conheço os efeitos: no Hospicio, na clinica, na observação da vida, no serviço medico-legal, como alienista, medico perito.

Posso-lhe assegurar que elle substituiu, com a mesma importancia — as Eumenidas, Parcas, bons e maus deuses, espantalhos das edades antigas, — os demonios, almas damnadas, lycanthropos, risonhos da idade média, entre as causas de nervosidade e loucura da época presente.

— Santo Deus !

— Um passeio ao Hospicio lhe demonstrará isto, como já lhe deve ter ensinado a observação dos meios spiritas...

A clientela de debeis, degenerados, psychastenicos e hystericas, que o spiritismo attrahe, não lhe resiste á mediumnidade fraudulenta ou veridica, sempre mysteriosa para elles, sem os levar, as mais das vezes, ao Hospicio e ás casas de saude.

Outro resultado é o tributo pago pelas meninas e raparigas — *boas médias* — em attentados contra o pudor, á materialidade dos spiritas invocadores: V. encontrará disso exemplos no serviço Medico-Legal, a quem cabe o exame dessas consequencias.

Temos tido aqui para exames varios casos. E guardo, naturalmente, os depoimentos.

— E' capaz de mostrarmos ?

— Mostro-lhe um apenas, para satisfazer-lhe a curiosidade. A policia trata neste momento de um crime do spirita Bomfim. Os dados são confidenciaes. Não se publica o nome da rapariga.

Teve a bondade de mostrar-me o livro. Eu li horrorisado :

«— A... diz, que ha um anno travara sua familia relações com um spirita que nella reconheceu qualidades de bom medium, que deviam ser aproveitadas, no que ella e sua familia assentiram.

A casa deste spirita era frequentada por muita gente, meninas outras como ella, invocadoras de espiritos, soffrendo a acção dos passes.

Ha um mez, em outubro, foi á noite, com seu irmão, a casa do dito spirita, que, sob o pretexto de ser tarde, convidou-a e a seu irmão para jantarem, findo o qual enviou este a uma pharmacia para procurar um remedio que ella deveria usar, pois soffria de solitaria. Logo que o irmão partiu, o spirita fechou a porta e, voltando-se para ella, convidou-a para os passes costumados.

Após alguns passes e invocações, os olhos fechados, sem movimento nem vontade, quedou-se no banco e na posição em que se achava.

Sentiu vagamente que elle...»

E' impossivel, pelo vivissimo do depoimento, estampar o trecho em que A. conta o seu desvirginamento. Mas A. não sabia bem se o caso fôra isso e continúa:

«Scismada, embora não soubesse bem de tudo que lhe acontecera, *não quiz mais voltar a casa do spirita*, a despeito das instancias de sua mãe. Pouco depois appareceu-lhe um noivo que algo desconfiara e, sob a pressão do qual, confessou alguma coisa do que vae referido.»

Como este quantos casos haveria, deuses misericordiosos?

Mas o Dr. Afranio Peixoto fechara o livro.

— E quanto á medicina e á pharmacia spiritas?

— Direi apenas da medicina e da pharmacia spiritas: curam, como todas as medicinas e pharmacias. Lembro sómente um caso, em que, accidentes graves tendo sobrevindo á ingestão de um remedio spirita, a auctoridade, que tomara conhecimento do facto, ordenou uma pericia toxicologica. A chimica provou que se tratava de agua do pote. Como sempre, o que importa, para a cura ou para a morte, era antes o doente que o remedio.

Quando muito seria o caso do exercicio illegal da medicina, ou dos possiveis homicidios por omissão... O melhor será, porém, que os doentes se convençam por experiencia. Uma

intervenção faria propaganda therapeutica, o que não é licito ao Estado.

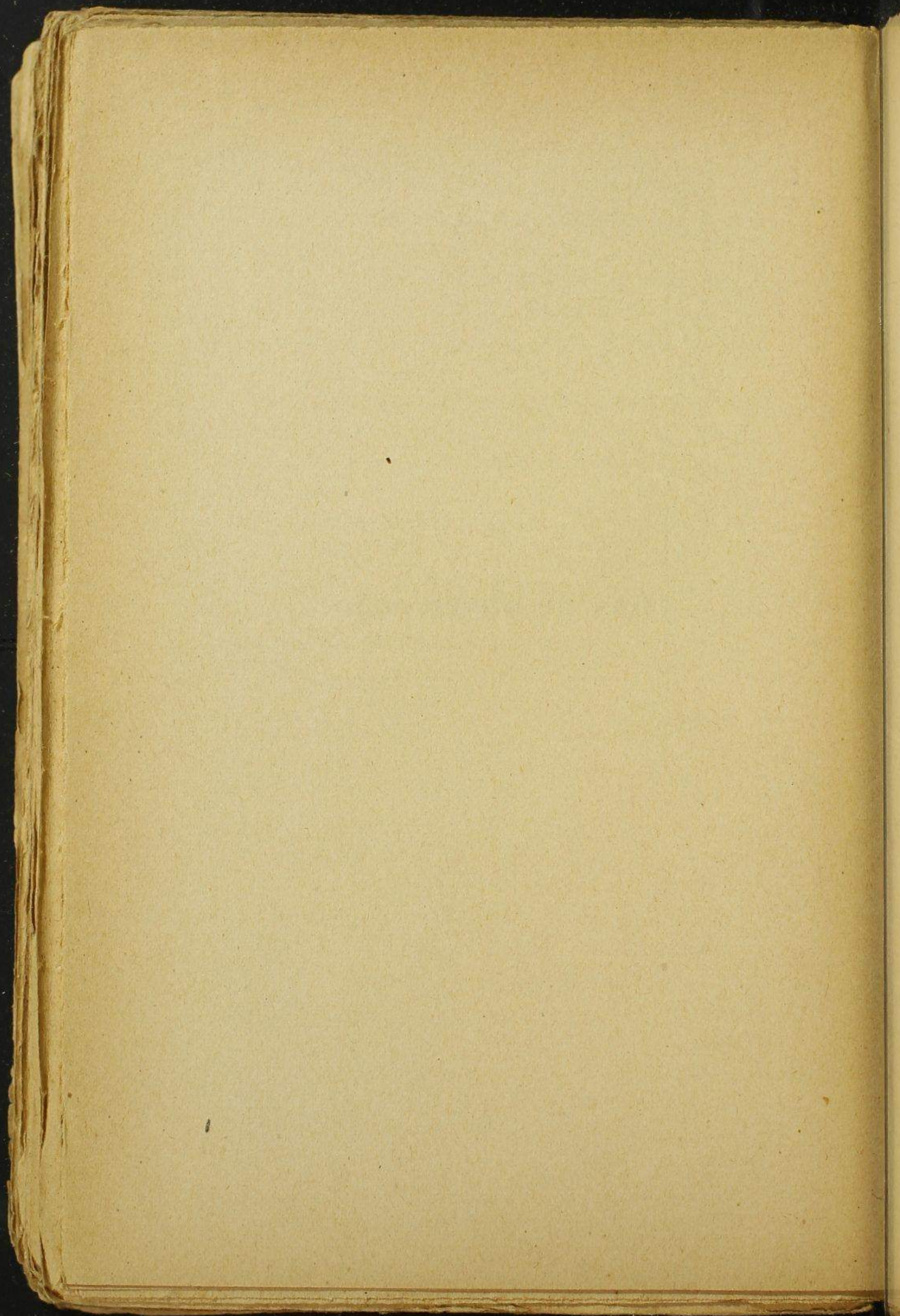
O mais urgente será proteger a infancia, a menoridade, os debeis, os doentes, os incautos, contra praticas que tantas vezes podem conduzir-os á prostituição e á loucura.

Para fazer psychologia experimental e observação clinica e social, com proveito, bastam estudiosos, medicos e jornalistas emancipados e intelligentes.

E com este cumprimento, o Dr. Afranio Peixoto despediu-se.

Eram as duas faces graves do que eu tinha observado, encaradas por um alto espirito e uma auctoridade incontestada.

**Dias de observação**



## A opinião de Miss Boston

POLICIA AMADORA

---

— E' então a senhora a mulher policia ?

— Exactamente. Miss Boston.

— Prazer em conhecer.

— A primeira detective universal, a unica no mundo, como todas as coisas notaveis nos Estados Unidos.

— De facto ?

— De facto ou sem elle.

Estavamos deante de uma senhora de sobre-cenho e buço ambos carregados. Vestia um *tailleur*, usava sapatos sem salto, d'homem, chapéu palhinhas d'homem e tinha uma voz grossa, d'homem, quando os homens têm voz grossa.

— E' admiravel como uma mulher...

— Não diga tolices.

— Perdão, eu digo palavras para dizer alguma coisa.

— Aposto que está pensando mal de mim?

— Oh! por quem é!

— Aposto que me acha ridícula?

— Eu? quem lhe disse.

— Aposto que preferia uma das odaliscas do harem Marchetti!

— Ora!

— Aposto que...

— Mas a senhora não é policia, a senhora é jogador.

— Aqui vem dar na mesma coisa. Devo dizer-lhe, porém, que estava apenas descobrindo os seus pensamentos occultos.

— Ah! estava descobrindo?... Esperta!

— Espertissima.

— Para as mulheres não ha segredos.

— Como, se ellas não os guardam?

— Não é isso. Não ha porque ellas os descobrem. A mulher é o agente de policia espontaneo como o ovo é o producto da esposa do gallo.

— Muito bem...

Miss Boston parou, reflectiu um pouco.

— Vamos, diga a verdade, não concorda commigo? A mulher agente secreto publicamente é mais uma conquista publica do feminismo. A mulher é apta para todas as profissões, desde a de carregador, profissão honesta, até á de



deputado, essa superfectação do vasio... Na maioria sempre as mulheres exerceram as profissões. Mas secretamente, para ajudar os maridos. Agora, porém, os esforços publicam-se. Temos a mulher litterata.

— Oh ! minha senhora...

— Quer vêr que prefere o litterato ?

— Nenhum dos dois, minha senhora; a litteratura é um veneno.

— Temos a mulher estheta.

— Ah !

— Prefere o estheta ?

— Não, não prefiro senão vêr-me livre de ambos.

— Temos a mulher medica, advogada, caixeira, telephonista, telegraphista, commerciante, operaria, millionaria, costureira, modista, gastadeira, philosopha, poeta, chiromante, irmã de caridade, temos a mulher em todas as profissões.

— Inclusive o natural exercicio da sua profissão...

— Só não tinhamos a mulher policia.

— E a America creou-a !

— Como creou o perigoso Nick-Carter.

— Sim, perigoso, principalmente para quem o lê e precisa não dormir.

— A policia é no fundo um sport como o foot-ball, a caça, o polo e o jogo infantil chamado brincar de esconder. A policia tem tres

partes: a primeira é a preventiva, isto é, o *foot-ball* moral, em que o principal é não deixar o bandido fazer um *goal*.

— A segunda?

— A segunda é intermediaria e participa do brincar de esconder. Trata-se de catrafilar o infame.

— Que infame?

— O criminoso.

— Ah! bem. E a terceira?

— E' a pesca, a caça. Ha peixes de rede e baleias que só a arpão.

— Muito engenhoso. Miss Boston tem ideias muito interessantes.

— Como você sabe, o mundo atravessa a nevrose do sport. Tudo é sport, aposta, *pari-mituel*, *matchs*. Em 1820 prender um gatuno era uma coisa sem graça. Hoje descobrir um crime e agarrar um horrendo criminoso denomina-se um *match*. Quem não entrará num *match*? Basta apparecer um cadaver.

— Minha senhora, a apparição de um cadaver é sempre para temer, principalmente quando é vivo.

— Não brinque. Basta apparecer um para que o espirito das turbas comece a fazer calculos e immediatamente algumas pessoas se proponham arrogantes a decifrar o enigma, dizendo ao bandido: «Matei-te! Prendo-te.»

— E' o que se pode chamar um *match* de xadrez vivo...

— Pois bem, diga-me: se as mulheres fazem a lucta romana, por que não fazer tambem a policia secreta? Depois não ha Sherlock, não ha Guechard, não ha Nick Carter com os recursos de uma mulher, com a labia e os effeitos de uma mulher. Basta vêr como as mulheres intelligentes descobrem a vida desses impenitentes criminosos que são os maridos. E' o instincto, o faro policial. Sardou era um grande policia.

— Sempre pensei que fosse dramaturgo.

— Era mais policia. Sardou expoz bem o genio espião das mulheres. Como era possivel pois que agora, no momento presente, em que todos são mais ou menos Sherlock Holmes ou Arsenios Lupins, Nick-Carters ou bandidos, que havendo mulheres ladras, envenenadoras, narcotisoras, não houvesse tambem uma grande mulher policia, isto é, a mulher que se serve dos meios dos ladrões e dos assassinos contra esses baixos delinquentes?

— Claro!

— Não é verdade?

— E miss Boston opéra só contra as mulheres?

— Não, seria uma especialidade; eu ficaria talvez denominada a parteira do crime. Mas prefiro operar em geral. Nos Estados Unidos, o meu paiz...

— *The greatest of world...*

— Exactamente, impuz-me. Estou dando cabo do Nick-Carter.

— E então para que veio para cá?

— Porque a leitura dos jornaes tentou-me. Não ha roubo de galhinha e rolo sem importancia que não desenvolva no Rio o sherlockismo. Eu li, li, li opiniões de homens argutos a respeito de casos simples. Só não li opiniões de mulheres. Ora, aqui, ha muitas senhoras que escrevem?

— Nem imagina. Então as que escrevem mal!...

— Como, indagava eu, será crível que as mulheres do Brazil não se mettam nisso? Eis a razão porque no Brazil não se descobrem os crimes! E convencida afinal desta verdade, precipitei-me.

— Então vem?...

— Desenvolver nas senhoras cariocas o sport, o quebra-cabeças da descoberta de crimes, o sherlockismo, o já agora bostonismo.

— Muito bem. E dá aulas?

— Como de jiu-jitsu e de box. Para mim, pelo methodo infallivel da deducção, não ha crime que não seja descoberto.

— Precisamente agora, como deve saber, a sociedade anda afflictta para saber se o carregador encontrado morto em Copacabana foi victima de um assassinato.

— Bem sei. Ha duas correntes de opinião.

— O suicidio e o assassinato.

— Ambos plausiveis.

— ?

— Sim, ambos logicos.

— ?

— A logica criminal, como todas as logicas...

— ?

— Veja a hypothese do assassinato. Para matar um homem nada como os grandes centros. Dá mais na vista um sujeito numa rua deserta do que na Avenida. O criminoso não matou na Avenida, mas com um golpe do facão poderia matar sem dar na vista. Bastava que o assassinado não gritasse.

— De modo que foi assassinato ?

— E' possivel.

— E o suicidio ?

— Todo homem pode querer morrer, mesmo sendo carregador. Ha de resto indicios vehementes: a compra da bacia, a compra do facão, o vinho para ter coragem, os sonhos.

— Sonhos aqui são doces.

— Ainda mais. Lembra-se de Shakespeare: morrer, dormir, sonhar talvez... Um carregador querendo sonhar, isto é, morrer, dormir, compra logo sonhos gastronomicos e bem doces. A hypothese do suicidio pode ser a verdade...

— Mas então...

— Eu tenho outra, entretanto.

— Qual ?

— O acaso. O carregador organisou com o seu temperado hypocondriaco...

— O carregador tinha isso?

— Mas está provado. Bastava observar-lhe as roupas, os tamancos, os pés sujos...

— Ah!

— O carregador resolveu fazer um piquenique comsigo mesmo: tomar um banho, (vêde a prova da bacia, do espelho, etc.) Para ter coragem tomou vinho do Porto e comeu sonhos. Em seguida mirou-se no espelho. Estava com a barba grande. Teve a ideia de escanhoar-se. Como, sem navalha? Tomou do facalhão. Era um primitivo. Tentou. Sahiram alguns cabellos. Decidiu-se. E raspava a cara quando encostou-se, falseou, porque estava na areia, e tão desastradamente que enterrou no seu proprio corpo...

— Hypocondriaco...

— A faca homicida. E' tambem uma hypothese. Qual a sua?

Então eu fiquei serio, e disse.

— A minha hypothese, miss Boston, é que não existe carregador. O carregador é uma illusão pesada. Existe um cadaver apenas. E deante de um cadaver, no solio lugubre da morte, o respeito impõe-se.

— Caramba! fez miss Boston em inglez, o senhor tem exactamente a opinião da policia official. Mas a policia official é apenas encar-

regada de prender. E nós vamos descobrir, apezar de tudo. Ande dahi.

— Onde vae?

— A parte alguma. O verdadeiro policia inventa. Inventemos. Ainda ha outras hypotheses. Imaginemos. Este carregador é a fantasia da semana. Tudo é possível. Inventemos! E Miss Boston resolutamente levou-me até o hotel onde almoçamos, pensando que todos os presentes logicamente podiam ser os assassinos do pobre homem das cestas...

Desde esse momento olho Miss Boston como talvez culpada. E Miss Boston já duas vezes perguntou se eu não costumo ir ao Leme.

Sherlock! Guechard! Nick-Carter, Miss Boston! Está tudo preso! Está tudo solto! Inventemos. Este mundo é um assalto...

## O dia de Judas Iskariote

---

Judas Iskariote saltou do comboio expresso precisamente ás oito da manhã. Apesar da hora matinal, em Jerusalem como no Rio, para o povo de Israel como para o povo mineiro, havia na estação uma porção de gente admiradora dos seus ultimos feitos, com medo dos proximos futuros, e vendo se ao seu lado poderá focinhar e refocillar nas minas d'ouro em que se multiplicaram os bemitos e celebrados trinta dinheiros. Quando a locomotiva silvou e abrandou a marcha em resfolegos de cansaço, um homem que não acreditava em civismo e por isto mesmo fôra até então considerado, bradou:

— Viva o Dr. Judas Iskariote !

Logo sujeitos importantissimos, d'alma de igual jaez, proromperam como figurantes de theatro barato:



— Viva o eminente Iskariote! Viva o imperterritito Dr. Judas!

E uma capoeiragem igual a Judas, menos a responsabilidade historica, que por alli se espalhava de Nagant embrulhado no lenço e gestos estupidamente atrevidos de mulatos relapsos, reberrou, num echo de furia:

— Vivôo sua excellencia! vivôo!

O illustre Iskariote ia saltar. O trem, porém, não parára ainda e um troço dos mais avisados bajuladores irrompera no vagon, effusivamente. Alguns desses membros já haviam descomposto em tempo o sympathico Judas. Agora, entretanto, a admiração era unisona — dentro e fóra, porque fóra, outros admiradores com o instincto do sacrificio ficavam para animar os capangas e a força fantasiada, com grandes vivas espontaneos.

— Viva o Dr. Judas!

— Viva S. Ex.<sup>a</sup> o Dr. Iskariote!

O eminente Dr. Judas estava commovido. A sua testa que lhe avançava o fugitivo olho de louça, a sua face cujas contracções zignomaticas moldavam um ritus que se não sabe se é riso, sorriso ou careta de estrangulação, as suas mãos curtas de milhafre, a bocca aberta como uma facada á moda gaucha nos tempos anteriores a Moysés — tudo indicavá a satisfação do poderoso homem.

— Oh! você tão cedo?

— Pois era lá possível deixar de vir ?

— E também eu...

Em torno todos os bajuladores dos patriarchas passados, do proprio tetrarcha, do irmão do tetrarcha, do tetrarcha-soter, o rastro do propheta José e de outros prophetas ainda mais pastranas e ainda mais torpemente obedecidos saudavam o grande mestre da vida — o eminente chefe Judas Iskariote. A propria estação parecia querer louval-o com o fragor dos carrinhos de bagagem e a partida barulhenta dos trens ainda não electrificados. Em varias grinaldas de folhagem destacava-se em papel dourado:

— Salvé, salvador da Patria...

Naturalmente, S. Ex.<sup>a</sup> foi conduzido ao landau, como uma imagem que mudam de nicho. Era de resto uma procissão que o levaria á casa naquelle mesmo landau, para o caso andor. E S. Ex.<sup>a</sup> puxado pelos cavallo e pela attenção de mais tres collegas de valor, seguiu como a cabeça de enorme serpente de carros, aos vivas roucos de alguns já avinhados admiradores e ao olhar admirador da turba. Judas Iskariote ia perfeitamente á vontade, consciente da sua força e da sua grandeza immortal — grandeza para baixo, mas tão colossal nessa inversão que era um assombro querer ao menos nella pensar ou fallar.

Os quatro sujeitos seus collegas e discipulos conversavam de coisas frivolas.

- Então que se tem feito ?  
— Trabalhado os dinheiros publicos.  
— Graças sejam dadas ao Todo Poderoso que os dinheiros estão em boas mãos.  
— E os phariseus ?  
— Ainda ha dessa gente em destaque ?  
— E' verdade, esquecia-me. Com o tempo e a mistura dos sangues, são todos mais ou menos phariseus...  
— Sim, senhor, que bella manifestação !  
— O povo sabe fazer justiça !  
— Apoiado !

Essa conversa de gente pouco lida e pouco sincera deleitava o proprio cocheiro, e Iskariote, coberto de poeira, imaginava um banho para tirar o sujo do corpo — enquanto um dos mais sabujos acompanhadores tornava a consideral-o admiravel. Estavam felizmente á porta do hotel, cujo proprietario com convicção era um dos seus sinceros admiradores. A custo o Dr. Iskariote saltou entre a capangada em delirio, a custo chegou a penetrar na sala baixa do hotel, onde até os bichos de cozinha surgiam a gritar vivas. E ahi, victima da sua estrondosa popularidade, como o soberano de todos os tempos nas relações humanas e principalmente nas relações politicas, Iskariote deu o exemplar contacto dos seus dedos ás mãos de quantos os vinham apertar com soffreguidão edificante. Ao meio dia ainda lhe apertavam a mão. Foi quando um dos

aulicos, cujos cuidados já o tinham levado a preparar a agua da banheira, deu o basta:

— Meus senhores, o nosso presado amigo Dr. Judas precisa refazer as forças. Tenhamos piedade.

— Eu quero um banho, fez carinhoso o doutor na trahição.

— Já está prompto. E V. Ex.<sup>a</sup> almoça?

— Eu almoço depois. Quero agora o banho, uma hora de repouso. Mais nada.

— Viva o Dr. Iskariote! Vivôo!

Foi a deixa. O grande homem subiu, despiu-se, metteu-se na banheira — o que de certo não fazia ha varios dias por falta de tempo — tomou tres ovos, uma feijoada, um copo de vinho e deitou-se. Deitou-se sem pensar enquanto em baixo a onda dos admiradores ia a deixar cartões, cartões, mais cartões. Em pouco tempo, havia duas mesas cheias. Depois o gerente do hotel foi buscar saccos. Como os saccos não bastassem um vendeiro defronte emprestou cinco urnas eleitoraes mandadas guardar lá desde novembro. E os cartões entraram como votos.

Entretanto, o Dr. Iskariote acordava, e preguiçosamente começava a preparar-se para o banquete com que ia solemnizar o nascimento de Jesus, quando bateram á porta. Era o creado.

Desculpe V. Ex.<sup>a</sup> Mas ha ahi um homem que deseja fallar-lhe.

— Deu o cartão ?

— Não tem. De resto não é bem um homem. Tem cara de vagabundo e roupas ainda peores.

— Então é esmola, não recebo.

— Não, meu senhor. A mim pareceu-me um disfarce. Estou que é da policia. V. Ex.<sup>a</sup> leu o Sherlock Holmes ?

— Ainda menos. Talvez seja algum assassino...

Quando o illustre Iskariote acabava de dizer taes palavras, por traz do creado, o vagabundo appareceu com uma certa dignidade.

— Sou eu, meu caro Judas.

O Dr. Judas olhou, mordeu o beijo de raiva, fez-se vermelho, e por fim contendo-se, para o creado, que admirava a scena:

— Pode retirar-se !

E mal a porta fechou-se, deu-lhe volta ao trinco, cruzou os braços e vociferou:

— Pois, você, ainda ?!

— Que se ha-de fazer, filho ? Preciso comer.

— Certo não me vem pedir dinheiro ?

— Não, posto que a milionessima parte do que lucraste commigo dêsse para sustentar metade do mundo um anno a fio.

— Deixa as finanças de parte. Não são o teu genero.

— São o teu, só teu.

— E nada de recriminações.

— Recriminações ?

— Estou farto de servir-te !

— A mim ?

— E com lealdade !

Dito isto, o Dr. Iskariote, enfiando a casaca, olhou com desprezo para o vagabundo.

— Vejam só que coisa ! Roto, sujo, sem pentear o cabelo, na espinha, com umas olheiras de viciado, as mellenas piolhentas. Qual ! Se é possível dar um geito em tal desmoronamento ! Pois você com as habilidades que tem, podia pelo menos fazer a escripta de alguma casa commercial...

O vagabundo sorriu docemente.

— Carissimo Iskariote, nós somos dois symbolos, e como todas as coisas humanas, levados pela sorte. Eu quiz o bem humano; tu trataste de ti e embrulhaste a mim proprio, que nesse tempo conseguira acreditar ter um poder sobrenatural. Era uma lição aquella celebre ceia realizada ha tanto tempo e dada por ti. Que tenho eu feito ? Creado ideaes, arranjado revoluções, logrado illusões e povoado os cemiterios, os manicomios e os hospitaes, porque gente ha que pensa em ser honrada, na vida honesta, na egualdade humana, na fraternidade universal. A minha obra, eu que sou o bem, só afinal tem feito um bando de tristes. Não consta que haja ricos e cheios de consideração os que seguem a minha doutrina. Tu, em compensação, tu, desde aquella noite em que não

te enforcaste na figueira, prosperaste, transformaste o orbe, retiraste a espinha dorsal do homem, emprestaste a juro os trinta dinheiros — estás milionario, chefe politico, futuro soberano, tudo, e em torno de ti só se pensa em fazer o que tu fizeste e fazes, para apanhar um pouco da tua sorte...

— Esses discursos vão-te mal. Deixa de meetings.

— Não é meeting. E' apenas para dizer-te que como symbolo fico mal e ninguem me acceta em qualquer emprego, por peor que seja. Iskariote pode ser tudo. Jesus só pode ser Jesus, um maluco de praça.

— Tu ainda não conheces o mundo, apesar daquella pretensão de salvador.

— Concordo, Judas.

— As coisas estão ruins. Sempre estiveram. Hoje estás convencido que quem tinha o senso pratico na ceia era eu?

— Convencidissimo.

— E que queres tu então?

O vagabundo levantou-se tristemente e tristemente olhou o Dr. Judas.

— Vinha vêr se me vendias outra vez. E' uma solução momentanea.

O Dr. Iskariote cóçou a cabeça. Via-se a vontade de servir.

— Mas vender-te agora? E' impossivel. Não ha quem te compre. És um valor sem cotação

no instante historico. Só se compra para ganhar. E comprando-te com vergonha, bondade, honra, pureza e todas as tolices que tu resumes, o sujeito arrisca-se a apanhar um grande azar. Depois...

— Depois ?

— Depois hoje as coisas mudaram. Os homens não são vendidos. Vendem-se. Vê se te hypothecas.

O Dr. Iskariote collocára o chapéu alto, o capote. O phone electrico annunciára que em baixo esperava um carro do palacio do soberano. Accendeu um cigarro, soprou o fumo, deu um piparote ao vagabundo.

— Onde vaes ?

— Vou jantar, filho, em tua honra. Hoje é dia do teu anniversario. Ninguem que se prése, deixa de festejar o teu natal. Vae na frente, anda. E nada de cumprimentos na rua. Respeito, hein ? Eu pertenco á sociedade conservadora.

— Dá-me ao menos esperanza...

— Nada. Contenta-te com a prova publica da minha attenção em jantar com outros em tua honra ! E marcha, anda. Nem parece que tens apenas 1910 annos.

E como o vagabundo sahisse mais pallido, o Dr. Judas Iskariote calçou a luva e mandou o carro approximar-se. Ia terminar o seu bello dia no interminavel e bello rosario de bellos dias da sua bella vida.



## O Secreta amador

Ha acontecimentos verdadeiramente inesperados. Não vae para muito, consegui estabelecer a lista dos pequenos horrores e das pequenas torpezas e das vilanias ignobeis e das delicadas infamias que formam, com outras excellentes qualidades, o character carioca, a physionomia cinematografica da cidade. Eu conhecia o mordedor, o explorador com o nome de jornalista, o vigarista elegante, o ladrão jogador sustentando mulheres caras e fallando de honra, uma infinidade de servicinhos rendosos e confessaveis que rendem desde as gordas maquinas das advogacias administrativas até as largas gorgetas dos conventilhos. Não só. Vira a melhor gente com varias caras, financeiros, damas do tom, altos politicos— porque todos nós temos varias caras: a cara de entrar no Lyrico,

a cara da manifestação, a cara de vêr o credor, a cara de mergulhar em certas portas...

Mas na galeria dos inoffensivos perigosos ainda não tinha encontrado frente a frente com uma dessas criaturas meio inúteis, meio ociosas e inteiramente idiotas, que se classificam sob o rotulo geral de «acompanhadores».

Ha varios generos: o acompanha-conquistador que se subdivide em fanfarrão ousado, em tímido, em cãosinho mimoso; o acompanha-serviçal, sujeito que não larga os conhecidos perguntando-lhes a opinião e carregando-lhes os embrulhos; o acompanha-curioso, o agente de policia amator, canalha solto e tão perigoso como um revólver ou um prato envenenado.

De acompanhas-curiosos ha varias prateleiras, isto é, varias classes, desde o furta-empadas elegante das confeitarias até o explorador-ladrão que nas eleições vira representativo da liberdade da urna, e nestes passeios aproveita a occasião para pedir dinheiro.

Entre os dois extremos, porém, quantos funcionarios, quantos homens de posição!

A um lente de escola importante que anda sempre com um passo de pachiderme ensinado apontam-me sempre:

- Lá vae Fulano acompanhando alguem.
- Com que fim?
- Para saber-lhe da vida.
- E com que lucro?

— Especulativo, pura mathematica de costumes.

— E depois de saber?

— Segue outro. Às vezes tem em mão cinco ou seis casos. Ha vinte annos que o conheço com taes qualidades inproveitadas pelo Conan Doyle e os nossos sempre maus chefes de policia...

Entretanto:

Tudo o que a Vida contem de grato  
De prazenteiro, de caricato  
De petulante, de provocante  
De extravagante, mirabolante,

parecia-me reservado, como que em mysterio augmentando, com a falta de ainda não ter enfrentado um acompanhador. Com effeito, ha quatro noites, na rua, modestamente a caminhar, eu senti, senti que era seguido... Sim, eu era seguido, seguido por um cavalheiro com papeis e jornaes debaixo do braço, oculos, ar serio, talvez sympathico. O cavalheiro vinha num bond. Vêr-me e despejar-se do tramway obra foi de um momento. Depois parou, farejou e começou a seguir-me.

Oh! facto memoravel! Eu seguia seguido. E' uma sensação muito complexa. Vinham-me ao cerebro todas as hypotheses agradaveis á minha vaidade, mesmo absurdas:

— E' com certeza um admirador timido, monologava eu, deitando para os vidros das montras illuminadas um olhar de esguelha a vêr se estava sympathico e se era sempre seguido. E' um poeta que quer que eu leia um poema... Oh! não! não! E' um autor dramatico entre Celestino e Da Rosa! Deuses que não seja!... Quem sabe se não é o enviado daquella linda creatura que no Castellões... Mas não! não! E' simplesmente o admirador... Vamos parar a vêr o que faz.

Parava, olhava uma vitrine. O cavalheiro a alguns passos parava, olhava uma vitrine tambem. Mas que sujeito! Acompanhar-me? com que fim? Porquê? Metti-me num bond que passava rapido. Respirei. O bond foi até ás Barcas. Ia saltar para tomar outro, quando vi o meu homem com os jornaes, os oculos, o ar sympathico. Viera no banco trazeiro! Apesar de estar com um vago medo — quem sabe se não seria um maluco, um assassino litterario, um sei lá? — corajosamente saltei e fingi um ar de quem passeia. Não ha nada menos parecido com o verdadeiro passeio do que um passeio de mentira. Toda gente repara, inclusive o passeante. Fui ao caes, dei na vista, deixei o caes, metti-me pelos jardins, e ahi não tive duvidas: o homem de oculos com os jornaes debaixo do braço, acompanhava-me. Apressei o passo, escondi-me por traz de um poste, vi-o

de nariz erguido, a farejar. E então deu-me uma grande raiva.

— Patife!

Em seguida tive uma ideia deductiva:

— Esse sujeito conhece-me. Acompanha-me como quem provoca ou é um imbecil.

Para livrar-me só ha um meio: vou eu seguir-o.

Rodei e surti-lhe á frente. Eram 10 horas. A aléa deserta, a viração serena, o ceu com lua... Que se iria passar?

O cavalheiro atrapalhou-se. Eu sorria implice. O cavalheiro começou a caminhar. Caminhei quasi junto a elle. O cavalheiro sentou num banco. Sentei-me voltado para elle, olhando-o serio, com a pupilla feroz. O cavalheiro desconcertado ergueu-se. Ergui-me. Seguiu. Segui. Parou. Parei. Foi até á calçada do jardim desarvorado. Fui até lá. Livido, a tremer elle voltou-se:

— Deseja alguma coisa?

— Desejo, desejo acompanhá-lo.

— Para quê?

— Para fazer o mesmo que você faz ha duas horas, pastrana! E' a minha vez. Preciso saber onde mora. Levo-o hoje á familia...

Esta maravilha de dialogo, ouviu-a apenas o Inverno, estatua de marmore, mas é em dialogo um dos mais verdadeiros. Foi tal qual. O homem não fez nada. Deixou cahir os jornaes, balbuciou:

— Está enganado ! está enganado !...

Aquella miseria de reacção deu-me de novo uma raiva, que raramente tenho pelas almas inferiores. Senti-me actor de um drama social.

— Infeliz !

E agarrando-o pela manga:

— Conheces-me perfeitamente; sabes o meu nome. Porque perderes o tempo a acompanhar idiotamente um homem que sabe a terra onde vive, sente a tua especie e, mesmo que tivesse de agir mal, não tinha que dar satisfações senão á sua propria pessoa ? Falla, imbecil ! falla !

Depois desta tirada, reconheci-me ridiculo. E' uma qualidade reconhecer a tempo o ridiculo. E com voz camarada:

— Quem te mandou acompanhar-me ?

— Oh ! senhor.

— Então foi espontaneo ?

— Senhor !

— Vamos, espontaneo ? Já agora não vale zangar. Renuncio a segui-o eu, mas quero uma compensação.

— Qual ?

— Diga você porque me segue ha duas horas.

— Não seguia...

— Ora ! Não é bonito negar. Só fallei depois de provas. Diga. Comprehende. Não lhe sei o nome, vejo-o mal á noite, não o comprometto.

Ao contrario. Você sabe o meu, conhece-me, já varias vezes me tem acompanhado...

— Não, foi a primeira...

— Então, porque foi? Pareci-lhe suspeito? O sujeito teve um arranco.

— Não: o senhor quer saber?

— Pois, claro.

— Acompanhei por acompanhar, para saber o que o senhor faz. E' maior do que a minha vontade essa curiosidade. Nem finjo. Acompanho irresistivelmente. Tenho que saber da vida de uma pessoa sem que ella desconfie.

As vezes conto. De outras nem fallo. Mas, uma pelo menos por dia, é minha. O senhor talvez me comprehenda. Não posso passar. Hoje acompanhei o senador Francisco Salles horas e horas. Afinal, elle entrou no Palace. Um senador mineiro fica até ao fim do espectáculo. Então, furioso tomei um bond. Quando o vi, não resisti. Este não me escapa! E saltei. Mas estava de mau sangue...

— Mas não escapar de quê, homem de Deus?

— De eu saber qualquer coisa. Eu sei a vida de uma porção de gente. O senhor não imagina o que é este Rio de Janeiro.

— E o que ganha com isso?

— Eu? Eu nada...

— Então, porque não se faz *secreta*?

— Tenho uma posição, cavalheiro.

Olhei-o. Era irrevogavel — o acompanhador.

E' uma especie, meus senhores, que só existe no Brazil e em Portugal. Lembrei-me que numa noite de neve, estando eu á espera de alguem, á porta da caixa da Porte Saint Martin em Paris, passára um sujeitinho de guarda-chuva, que ao dar commigo parou adeante, espiando. Eu estava alegre. Fui até ao individuo e disse em portuguez, olhando a rampa do boulevard:

— De guarda-chuva e espiando a gente só mesmo guanabara !

O sujeito escafedera-se. Era mesmo. Até lá !... Este era outro exemplo. Que fazer ?

— Vá com Deus, homemzinho...

— Devo dizer que não lhe quero mal...

— Sim... sim, obrigado.

— Sou até um seu admirador. E com tristeza: só acompanho gente importante !

— Mas não se metta mais commigo, porque o levo á delegacia. Seja feliz.

E deixei-o. Ha acontecimentos verdadeiramente inesperados. Quantas molestias, quantas infamias de doentes causam-nos raiva em vez de piedade ! Esse secreta amator, soldado de um batalhão numeroso, não merece o dó de todos nós, os que aqui não são assim, porque têm mais que fazer ?



## Gente ás janellas

---

No carro que lentamente nos levava pelas ruas da cidade, o estrangeiro, verdadeiramente espantado e admirado com a maravilha urbana, a Beira Mar, a Central, as grandes construcções, a actividade febril das ruas commerciaes, o porto, o caes, e mesmo o Pão de Assucar, voltou-se, e disse-me de repente:

— Depois, vê-se bem que é uma cidade como nenhuma outra.

— Ah! sim, tem a característica pessoal.

— E', espera sempre a passagem do prestito.

— Que prestito?

— Não sei; mas deve ser um prestito ou uma procissão.

— Ora esta! porquê?

— Porque está toda a gente sempre á ja-

nella e ás portas, dando conta do que se passa na rua...

Olhei o estrangeiro desconfiado da sua ironia. Se eu fosse inglez, não comprehenderia que se fallasse com ironia da minha terra. Se fosse japonez, tambem não. Mas sou latino-americano, descendente de portuguezes e brasileiros, o que quer dizer que tenho quatro motivos para pensar sempre que fazem troça de uma supposta inferioridade do meu paiz, porque reuno a sensibilidade americana e latina, a maior portugueza e ainda a maior brasileira...

Mas o estrangeiro era, como se diz na nossa lingua, um *gentleman*, ou um perfeito homem, e eu vi apenas, que, tendo visto bem, elle desejava explicações.

— Ah ! sim, notou este nosso defeito ?

— Defeito ! fez elle. Mas então não esperam nada ?

— Meu caro, não esperam, isto é, esperam e não esperam. E' uma historia comprida. Quer que lh'a conte ?

— Ia pedir-lhe...

Accendi o charuto, recalquei o patriotismo, e como certos santos que, com a confissão de males graves pensam ganhar o parceiro, fallei:

— Realmente, V. observou muito bem. Temos varios costumes originaes. Esse é um. Estamos sempre á janella, apezar de não esperarmos o prestito.

— Não esperam ?

— Não, nem mesmo quando elle vem. Somos bastante despreocupados para tal. E a janella é talvez um symbolo dessa despreocupação, dessa «rêverie», e desse mau costume.

O estrangeiro olhou-me com cara de quem não comprehendia. Nem eu, quanto mais elle ! Apenas eu era orador e diplomata. Quando não se sabe o que dizer, amontoam-se substantivos, alguns em linguas estrangeiras. Faz sempre effeito...

— Rêverie ? Mau costume ? repetiu o homem succumbido.

— Sim. O carioca vive á janella. Você tem razão. Não é uma certa classe; são todas as classes. Já em tempos tive vontade de escrever um livro notavel sobre o «logar da janella na civilisação carioca», e então passei a cidade com a preocupação da janella. E' de assustar. Ha um bairro elegante, o unico em que ha menos gente ás janellas. Mesmo assim, em 30 por cento das casas nas ruas mais caras, mais cheias de *villas* em amplos parques, haverá desde manhã cedo gente ás janellas. Na mediania burguesia desse mesmo bairro: casas de commerciantes, de empregados publicos, de militares, vive-se á janella. Nos outros bairros, em qualquer é o mesmo, ou antes, é peor. Pela manhã, ao acordar, o dono da casa, a senhora, os filhos, os creados, os aggregados, só têm uma

vontade: a janella. Para quê? Nem elles mesmos sabem. Passar de bond pelas ruas da Cidade Nova desde as sete horas da manhã é ter a certeza de vêr uma dupla galeria de caras estremunhadas, homens em mangas de camisa ou pyjama, creanças, senhoras. Os homens lêem o jornal. As mulheres olham a rua; os meninos espiam, cospem para baixo, soltam papagaios. Passe você ás nove horas. A animação é maior. Passe ao meio dia. Parece que vem vindó não um simples batalhão, mas logo uma brigada. Passe ás tres da tarde, ás sete da noite, ás nove, ás dez, está tudo sempre cheio. Durante muito tempo preocupei-me. Qual o motivo dessa doença tão mal vista no e pelo estrangeiro? Que faz tanta gente debruçada na rua Bomjardim, como na rua General Polydoro ou no canal do Mangue? Até hoje ignoro a causa secreta. Mas vi ser á janella que o Rio vive.

A' janella brincam as creanças, á janella compram-se coisas, á janella espera-se o namorado, á janella namora-se, salta-se, ama-se, come-se, veste-se, e dá-se conta da vida alheia, e não se faz nada. Principalmente não se faz nada. Catão vivia para dar na vista dentro de uma casa de vidro. A influencia positivista foi tão grande entre nós que muito antes de Raymundo Mendes e Miguel Lemos, já a cidade vivia ás claras e para outrem á janella. Dahi a razão porque sabem uns das vidas dos outros.

Os que sahem são vistos. Os que estão em casa também. Bem oitenta por cento feminino passa o maior do seu tempo olhando a rua da janella. E os homens, logo que estão em casa, atiram-se á janella. Olhe V., sempre pensei que cocheiros e carroceiros gostassem pouco de estar de janella. E' um engano. Passe V. á noite pelas proximidades de companhias de carroças e veja nas casas assobradadas de alugar commodos quanta gente espera o prestito...

— Curioso, fez o estrangeiro. Sabe que a principio fiquei um pouco atrapalhado?

— Pensou que estava em Marselha...

— E'...

— Ah! essas também. Mas agora, para não confundir, quasi sempre vêm para a rua.

— Teria vontade de perguntar a uma dessas pessoas o que a interessa tanto.

— Nada. Não saberia dizer. Tenho uma vizinha, que positivamente acabou irritando-me.

A mulher estava sempre á janella. Ia eu tomar a barca de Petropolis pela manhã, e a mulherzinha á janella. Vinha pela madrugada de um desses clubs de jogo onde a gente se aborrece, e a mulhersinha á janella. Voltava a casa, em horas de actividade, e ella, fatal, parada á janella. Um dia não me contive: indaguei a razão desse gosto excessivo. E ella, afflicta: «Então eu sou janelleira? Verdade! Não reparei. Mas também que se ha-de fazer?»

— Janelleira ?

— E' um termo essencialmente nosso, que significa, adulterando a antiga e insolente significação, uma pessoa que gosta de estar á janella...

— Afinal, como tudo na vida é convenção...

— Não ha duvida, para uma pessoa de fóra este nosso habito presta-se a subentendidos mais ou menos fortes.

— Pois não é ?

— E'. Póde-se glosar de varias maneiras. V. ainda ha bem pouco achou que era um povo que esperava um prestito ou a procissão.

— Oh ! sem querer, sem intenção.

— Outros perversos podem dizer que espera outra coisa. Entretanto, caro observador, é apenas uma gente que espera sem maldade a vida dos outros. Quer exemplos ?

— Com prazer.

— Olhe aquella casa assobradada. Tres jovens á janella, um gato, um petiz, o cachorro. Passa um bond. Ellas cumprimentam. O petiz salta a correr. Aposto que o pequeno diz: mamãe, passou ahi o namorado de Cota. — E' mentira, diz Cota, quem passou foi D. Mariquinhas. — Por signal que ia com o Dr. Alipio, acrescenta a mais velha. — Menina, fallando assim de uma senhora casada... Não acabará a censora porque a que ficou á janella fez um gesto nervoso para dentro: venham vêr, depressa, depressa... Quem passa ?...

— Sei lá, fez o estrangeiro.

— Você diria: é o rei que vae á caça. Pois não, senhor. E' uma senhora que ellas nunca viram, de que ignoram o nome, mas que examinam com o ar do Augusto Rosa na *Santa Inquisição*.

— Francamente..

— Conheço o meu povo. Está vendo aquella moça paramentada, numa janella, emquanto a velha em outra parece á espera de alguém para mandar ao armazem? E' a que se mostra, a que vem á janella para ser vista, a romantica. Ha grande variedade no genero, até a da litterata: menina que abre o volume quando passa o bond.

— Com effeito.

— Espere; um par na casa pegado. Estão sós á janella. Aquelles, tendo que optar entre serem vistos pela gente de casa e vistos pelos transeuntes, escolheram os ultimos. Beijam-se, apertam-se. Olhe que as janellas poderiam contar coisas.

— Como se perde tempo.

— Só? Nesse caso, por exemplo, perde-se talvez mais...

— Mas alli tem uma senhora edosa, attentamente olhando. Já não vê; já nada no mundo a pode interessar. Está alli por estar, porque vendo muita gente é que melhor se isola uma pessoa. Olha, não vê, e está á janella, sempre á janella, porque a janella é a escapula do lar

sem delle sahir, é o conducto da rua sem os seus perigos, é o oculo de alcance para a vida alheia, é a facilidade, a economia, o namoro, o amor, o relaxamento, o fundamental relaxamento... Afinal tambem um pouco de sonho, de ideal latente. Somos engraçados. A janella é a abertura para o imprevisto. Vivemos na abertura. E, no fundo, quer saber?

— Claro.

— No fundo é mesmo o que pensava você.

— Como?

— Ha tanta gente á janella, porque, realmente, sem o saber, um instincto vago lhes diz que vem ahi o prestito ou a procissão. Apenas não sabem qual é o prestito. Não saber, e ficar, e não vêr, e continuar, é o que se chama esperança. Nós somos o povo mais cheio de esperança da terra — porque vivemos á janella.

E, depois de assim desculpar e philosophar, reclinei-me no carro, não sem uma certa raiva de uma janella em que dez pessoas olhavam para nós como para bichos ferozes...



## A revolução dos «Films»

Ao sahir de uma igreja, onde a visitação não era excessiva, e antes pelo contrario deixava pela nave grandes claros, disse-me um velho frequentador de festas populares:

— Agora já não é nas igrejas a semana santa.

— Onde é então?

— Nos cinematographos. Vá vêr. Os «films» de arte realisaram uma completa transformação nos costumes. Ha vinte annos, a semana santa não era uma coisa séria como a de Sevilha, mas evidentemente havia uma nota de fé característica, com a grande concorrência ás igrejas, aquelle sinistro ennegrecer da cidade, toda ella de fato preto, envolta em crepes, enrodiçada em trajes lutulentos. As crises religiosas trazem crises de sensualidade. Estudar as festas

da semana santa em todo mundo atravez da historia, é notar, mesmo nos extases hespanhoes da edade média, esse appetite de instinctos accrescido na ideia fixa da morte do homem-Deus e no mysterio da paixão. Esses appetites foram aqui a accentuar-se cada vez mais. Nos ultimos tempos a concorrência aos templos continuava grande, mas que se via?

— A fé...

— A fé! Sim, não ha duvida; tudo é fé. Mas a quinta e a sexta da Paixão tornaram-se uma espera anciosa e palpitante. As turbas foram aos templos, mas os crimes contra Deus e contra a lei multiplicaram-se. Dariam um volume as annotações das anomalias, dos desvairamentos, das taras psychicas, dos desesperos sexuaes destas duas noites. A paixão virou em festa, o desdobramento da missa do Gallo. Já não se faz questão de preto. Já os namorados aproveitam esses dias de folga para passear as meninas vestidas de branco de igreja em igreja. Ha ladrões a roubar carteiras. Kleptomanas delirantes de joelhos, navalhando bolsos de saias, extases amorosos na tristeza da morte salvadora... Era a transformação. O cinematographo acaba de fazer a grande revolução. Venha vê-los. E' Christo em espectaculo.

Então tristemente começamos a peregrinação pelos novos templos, onde agora se faz a Paixão. A maioria annunciava quasi toda a historia de

Christo, com fitas que levavam mais de uma hora. Outros ainda davam na mesma sessão o «Beijo de Judas». Na Avenida, era impossivel entrar em qualquer casa-cinema. Havia uma multidão suarenta e febril até ao meio da rua disputando logar e avançando lentamente contra uma onda de gente feliz que sahia. O movimento era de tal suggestão, que quem passava, parava, olhava e instintivamente incorporava-se ao exercito invasor, limpando a cara lustrosa do suor, dando empurrões, querendo entrar, querendo vêr. Outr'ora era assim nas egrejas, na de São Francisco, nã Cathedral, ás 9 da noite da quinta-feira...

Como aqui ha em cada canto um cinematographo, tive a curiosidade de vêr se os outros faziam tão grandes receitas. E admirei. Para a Paixão tinham aberto outros e mesmo no vastissimo Lyrico, no nosso maior theatro, naquelle Colyseu de madeira povoado de uma multidão rumorejante e negra. Ahi o povo não se acotovelava á porta, mas nas sahidias. Nos salões do largo do Rocio, da rua Visconde do Rio Branco, era uma verdadeira revolução. Os «chasseurs» reclamistas, a especie agaloada de derwiches urrantes dessas casas, que em Paris usam chapeu alto e casaca e aqui têm bonet e fardeta, não se esguelavam, bracejavam para conter o povareu, murmurando: — «E' impossivel mais gente. A lotação está completa para

a sessão que vae começar!» No Rio Branco, estridentemente illuminado, era tanta a gente á porta, que os tramways electricos viam-se forçados a diminuir a marcha, soando os tympanos, tatalando as campainhas para avisar o pessoal que agglomerava sobre os trilhos. Um sujeito mesmo que estava quasi dentro da sala de espera e de repente se viu empurrado para fóra, pela vaga movediça do povo, ergueu a bengala e ia provocando um rolo, que poz meninas tremulas, no braço dos namorados, alarmou matronas, incitou os homens. Em pequenas salas, com ares de serem arrançadas apenas para a semana, salas inconfortaveis e mal á vontade, o apinhamento de visitantes era o mesmo. Já alguns philocinemas, desses frequentadores acerrimos, que, a fundo, conhecem concorrencias, casas e fitas, diziam no meio da rua: — «Qual! Se este está assim cheio, imaginem na Avenida ou nos conhecidos!» E esperavam resignados uma possibilidade, a brecha para entrar, vêr um pouco no forno da plateia, o film da Paixão sufficientemente trepidante.

Ameaçava chuva, porém. O saboreador da semana-santa vinha precavidamente com uma câpa de borracha, e esperava, á primeira queda dagua, o afastamento do publico — que é o unico publico do mundo com um medo inconfundivel á chuva. A chuva annunciou-se entretanto. A multidão continuou a engrossar deante de cada

casa-cinema. A chuva cahiu pesada. Abriram-se as quisilentas negruras dos guardas-chuva, e homens, e damas, e crianças e rapazes continuavam a esperar a sua vez, incapazes de voltar para casa, sem vêr num panno branco impalpavel e mudo, a Paixão, o desenrolar das tristes scenas por que passou Christo na doce ideia de regenerar um mundo cada vez peor. E era uma scena curiosa e inedita na cidade: as ruas e as praças meio escuras com a luz em desmaio nos combustores; as fachadas dos cinematographos com illuminações violentas e polychromas, cartazes dependurados, e sob a luz dos arcos voltaicos, sob os cordões dagua da chuva cada vez mais forte, aquella multidão de guardas-chuva e fato negro, firme, esperando...

Conseguimos entrar num de classe inferior, e isso porque a onda nos forçava. Ficamos de pé, encostados á parede, tal a quantidade de gente que lá havia. A Paixão, com um scenario escripto por um dramaturgo e chronista parisiense, era animada por conhecidos artistas da Comedia Franceza. Eu vi apenas a preocupação do gesto estylisado de Lambert Fils e as pretenciosas attitudes permanentes de atrida soffredor do urrante mas alli, felizmente mudo, Munetto Sully. As caras, aquellas centenas de caras na sombra, a tréva pallida das salas de cinema, arfavam de religiosidade, de emoção, e quando a luz de novo se fez, ao fim do marty-

rio de Christo, na claridade havia olhos de mulheres molhados de lagrimas e faces empastadas de homens cheios de emoção...

A' sahida continuava a chover. Era quasi uma tempestade. Resolvi recolher e passei por uma igreja. Estava integralmente vasia. Só um negralhão alcoolico á porta esperava quem tivesse troco para uma pequena cedula que pretendia distribuir pelos pobres. E o relativo abandono dos templos pelos cinematographos, a patente revolução realisada pelos «films» na característica urbana de uma nacionalidade, fez-me pensar.

E' um mal o cinematographo para a fé? E' uma exploração de vendilhão a desses «managers», alguns de ultima hora? E' escandalo profano divertir o povo quando elle se devia entregar á amarga meditação? Não! Cem vezes não! Tudo no mundo obedece a uma occulta harmonia, e a uma intenção progressiva mas conservadora. Os deuses são coisa muito séria, os deuses são pensamentos dos homens corporificados, são ideias symbolos; são permanentes suggestões. A ideia emenda a natureza, o deus melhora o homem que o inventou. Os deuses não morrem. Ha mais deuses no espaço, atravez da historia, nas lendas dos povos, que ha homens na terra. Nenhum delles morreu. A memoria de alguns esquece-os: muitos combatemos; a maioria é ignorada ou pouco sabida pelo

mundo. Mas deante de um deus qualquer, seja egypcio ou grego, babilonico ou indú, viking ou africano, o homem sente fatalmente qualquer coisa de superior á humanidade, á sua especie, porque é a ideia eterna a explicar o sentimento e a emendar o incomprehensivel.

Deante de Hermés ou de Pallas-Athene, nós sentimos que Hermés e Pallas Athene não morreram, porque são a ideia da suave belleza e da suprema sabedoria; deante de Osiris, que não tem mais um só crente, nós veneramos a ideia capaz de conter longamente e aperfeiçoar raças desaparecidas. Deante de Christo — por quem tanto se combateu, matou e guerreou, nós o louvamos como o suggestionador da belleza da bondade, porque fosse elle um simples arrua-ceiro, não tivesse elle existido, graças ao accumulo de ideias sãs de que o fizeram portador, elle emendou integralmente a natureza e o homem, dando-lhes o que até então não tinham.

Deus-Christo e terno não ha motivo para a fé mesmo immensa perder-se em dôr. Os mais crentes sabem que elle vae reviver, quebrando o tumulto, depois dos passos da tragedia. Mas para que Christo tenha crentes em mutidão, para que não venha a povoar museus solitaria-mente como Hermés ou Zéus, Phtat ou Osiris — é preciso manter viva e latente a suggestão, fazer vêr a mesma ideia de diversas maneiras. As turbas ignoram as religiões, acreditam por

instincto, modificam-se por impulsos. A solemnidade das egrejas cada vez mais estreita ia estendendo na ignorancia geral uma nevoa de esquecimento. A maioria dos catholicos que visitavam as egrejas, se ignora, por completo, a significação daquelles actos, não sabe as mais das vezes nem mesmo a simples lenda christã. O cinematographo apossa-se da sciencia, do theatro, da arte, da religião, junta verdades positivas e illusões para crear o bem maravilhoso da mentira e fixa de novo a multidão, fixa-a suggestionada, fixa-a pelo espectaculo, fixa-a pela recordação, dá-lhe qualidades de visão retrospectiva, fal-a vêr, e crêr, celestemente removida ao momento da tortura, ao lado do Deus-Homem, humano na tela mais ainda irreal porque apenas sombra na luz do «écran».

E é um mal para a religião? Não. E' um bem. Na egreja, o espectaculo é sempre o mesmo: triste de apparencia, mas obrigando o povo a pensar, a trabalhar o cerebro, para se commover. Tres partes e meia dos visitantes não se commovem, antes se entregam a um passeio de excitação sensual. No cinematographo, logo, immediatamente, a multidão se sente presa ao factó visível, a multidão vê a agonia, a multidão soffre a tremenda injustiça, e chora, e freme, e melhora. A suggestão eleva-a. Melhor do que visitar vinte egrejas, sem fé, entre gente sem fé tambem, é assistir a uma dessas sessões,



ingenuamente crente. Sahe-se renascido com o exemplo, sahe-se com a bondade — esse sentimento lyrico que decahe — muito mais augmentado. Nesta semana os cinematographos fizeram obra muito maior para a egreja do que o padre Maria com as suas conferencias.

Certo, o cinematographo pode e é aproveitado não só para o desenvolvimento de conhecimentos scientificos, para o alargamento de noções sérias, como para excitar o riso e a depravação. Mas os proprios apaixonados dos «films», esses grandes educadores sem palavras, talvez não se lembrem que na crise ganhadora dos empresarios-cinemas a servir a sêde de real illusão da cidade, o cinematographo, simples applicação da electricidade, industria scientifica para as divulgações uteis, vinha, servo pressuroso da Fé, fazer na sua indiferença, mais viva a chama da Crença, mais ardente a Religião, um pouco melhor — pelo menos no momento — os homens a quem os deuses sempre bem fizeram...

## Como se faz o gaz

IMPRESSÕES DE UMA VISITA MUNDANA

---

Já tínhamos atravessado os escriptorios, os contadores, os reguladores, a installação das machinas, as cocheiras em ruina, a sala dos utensilios, o deposito de materiaes com uma variedade infinita de lampeões, bicos, canos, balanças. Estava um dia de inverno. As pancadas de chuva succediam-se desoladoramente. Para o meio dia o sol desembuçara-se um pouco, mas logo, depois de um bocejo, voltára ao algodão madido das nuvens.

Estavamos quatro: M.<sup>me</sup> Córa Assumpção, M.<sup>lle</sup> Argemira da Costa, que assigna as suas telas com o pseudonymo de Venanzil, o barão Belfort e eu. Fôra uma extravagancia de M.<sup>me</sup> Córa Assumpção. Uma bella tarde resolvera

vêr como se faz o gaz da illuminação e eu, incumbido de arranjar a permissão da visita, só para hontem a conseguira. Felizmente a pintora Venanzil, que estava no salão de musica com Belfort, aprovára a ideia, imaginando logo «um nocturno em prata e negro», alguns carvões de Goya e outras impressões estheticas. M.<sup>me</sup> Assumpção foi vestir o seu waterproof e dez minutos depois vogavamos os quatro no «landulet» de Assumpção, maravilha de «carrosserie» e de velocidade.

E estavamos alli, na escuridão suja do edificio do gaz, a atravessar salas, onde as machinas trabalhavam e cavalheiros escovados, de dolman branco, lentamente se moviam. M.<sup>me</sup> Córa tinha uma curiosidade assustada. Parou mesmo dois segundos deante do photometro a vêr que a chamma do gaz se elevava a 22°, azul e direita. Depois, todos quatro seguimos o engenheiro fleugmatico que nos dava informações. E a visita continuou entre duas montanhas de negro cocke, que pareciam escurecer o horizonte pardacento. De vez em quando o engenheiro parava, e dizia sem olhar as damas:

— A distillação de 1.000 kgs. de carvão de pedra, dá em quatro horas a densidade de 270 metros cubicos.

A explicação cahia num absoluto silencio. M.<sup>he</sup> Argemira, o notavel Venanzil do proximo salão, batia o pé de impaciencia, M.<sup>me</sup> Córa

estava pallida, e o barão Belfort não escondera por duas vezes um bocejo insolente.

Eu, que evidentemente sou romantico, olhava, por cima de toda aquella armação de ferro, a caixa de agua, o relógio monumental e por traz um renque de palmeiras rendilhando as nuvens do ceu. E foi assim, nessa attitude embevecida que segui o grupo, costeei as montanhas de carvão, para entrar na secção dos concertos, uma enorme officina de ferreiro, que nos apparecia atordoadora.

Homens corriam com o ferro em braza, outros erguiam alto maças brutas de ferro polido para descarregal-as no ferro igneo. Não se ouvia a voz de ninguem. Era apenas a descarga, o barulho, o trovão perpetuo. Os operarios tiravam o chapéu á nossa passagem, o engenheiro correspondia com o ar protector de um senhor de Engenho.

— Mas ensurdece isso! bradou a espirital Venanzil.

— Com effeito, concordou M.<sup>me</sup> Córa ainda mais pallida.

— Vamos entrar nas salas mais tranquillias! disse o engenheiro arrastando-nos.

E, subitamente, fez-se para nós de novo um silencio como acolchoado. Percorriamos as machinas de condensação, os apparelhos geradores, os extractores ou aspiradores. Havia, em baixo, no solo, depositos de pixe; grandes canos

perdiam-se no tecto, furavam a terra; cylindros de ferro enchiam com a sua enormidade o centro do hall; e as machinas tinham movimentos macios, azeitados e lentos. O engenheiro, com uma feroz inexorabilidade, levando a serio aquella frivola partida mundana, que o viera atrapalhar, dizia numa voz de professor:

— O gaz compõe-se de bicarbonato de hydrogenio, propylenio, vapor de benzol, hydrogenio, protocarbureto de hydrogenio, oxydo de carbono, acido carbonico, azoto e oxygenio. A unidade de comparação para determinar o poder da illuminação é a vela de parafina de 20 millimetros de diametro, perfeitamente cylindrica e de uma altura tal que seis velas pesem 500 grammas. A duração da distillação comporta quatro horas. A carga de uma retorta é de 75 a 200 kilogrammas de carvão, e a duração das retortas de terra refractaria, glassé, é no interior de 2 e meio annos, sendo que nos geradores dura o duplo.

M.<sup>me</sup> Córa ouvia aquillo sem querer comprehender. A menina Argemira olhava aquellas machinas sem lhes achar esthetica. O barão olhava os depositos de pixe, imaginando de certo uma grande infamia, e eu, impassivel, aturava o engenheiro feroz.

— Fabricado o gaz, continuava elle, faz-se a condensação nos condensadores pela differença de temperatura entre o apparelho condensador e

o meio ambiente. O resfriamento é interior, com uma corrente de agua. Os condensadores são anulares, tendo um cylindro interior de 600 a 1.000 m.m. de diametro. Ha ainda os condensadores lavadores, columnas de coke, onde se completa a condensação, pois separam-se ahi do gaz os ultimos traços de ammoniaco.

Aqui estão elles: são cylindros verticaes de ferro fundido e estão logo depois dos aspiradores rotativos.

— Admiravel! Admiravel!

Francamente, eu não achava isso, mas era preciso pagar o trabalho ao homem, e como se fosse elle o revelador de tudo aquillo, eu fingia uma attenção enorme, murmurando: — admiravel! com a vaga esperanza de vê-lo acabar.

Inquisitorialmente, o engenheiro continuava entretanto.

— O apparelho de depuração é de ferro fundido, a cobertura tambem de folhas de ferro fundido, egual á das caldeiras e reunida a curva por uma junta hydraulica que a garante da fuga do gaz. Para impedir o deslocamento da cobertura pela pressão, fixa-se a curva por pistons. Todas estas machinas trabalham chronometricamente. Em cada canto do estabelecimento ha um braço que dá o seu esforço e em cada sala um apparelho indifferente annota esse esforço.

Nós, porém, já não o ouviamos. O barão Belfort dera corpo á sua ideia satanica.

— Estão a vêr vocês nos subsolos desses hangars todo esse pixe ?

Com effeito, havia deposito de pixe nos subsolos e a cada passo via-se o negro oleo de pixe com as suas pustulas amarellas e a sua escamosidade brilhante.

— Pois imaginem que se deita fogo a isto ! Teremos um incendio neroneano, um incendio da illuminação da cidade...

A ideia apavorou as senhoras, e o engenheiro, sorrindo com evidente desprezo, concluiu:

— *Eh bien ! Je vais vous montrer les fourneaux !*

Os fornos ! Os fornos onde se gera toda a luz de milhares de bicos da *urbs*, os fornos donde surge a claridade para um milhão de sêres ! Sahimos, nervosos, a vêl-os. E, ao vêl-os, o nosso estado de alma mudou. Eu me encontrei pensando que as grandes fabricas são o modelo da maravilha perpetua. A regularidade, a acção condensada do homem, do fogo e do ferro, sob a direcção de tres ou quatro cerebros, o equilibrio da distribuição dessa acção, tomam para um simples curioso impressionavel a proporção de uma allucinante apotheose, em que a harmonia esmagasse os sêres numa poderosa rêde de ferros.

Trilhos estreitos, rails de aço escurecido riscavam o chão negro em todos os sentidos, cru-

zando-se, fazendo curvas, estendendo linhas parallellas pelos meandros do carvão. Uma quantidade de vagons, caçambas de ferro em fórma de concha sobre quatro rodas corriam com um rolar de trovoada, empurradas por dois homens. Pás de aço raspavam o chão, erguiam grossos pedregulhos negros, enchiam as caçambas. Homens suarentos, sem expressão, mechanicos, retesando os braços herculeos, moviam as pás.

Quando uma caçamba partia para mergulhar na treva do pavilhão, uma outra estacava, presa pelas mãos vigorosas dos conductores. Os braços alçavam-se, as pás luziam com o minério, havia o rumor do pedregulho no ferro, e o vagonete partia, logo substituido por outro. Do ponto em que nos achavamos, viam-se, no escurecer da noite, os morros pontilhando-se de luz tremula, e os pavilhões, os *hangars*, as chaminés, o corpo medonho do gazometro, numa vaga apparição de pesadello, dominados pela luz do relogio da torre do edificio.

— Quantos trabalhadores ?

— Ha uma turma de noite e outra de dia. Nas duas podemos ter 400.

O serviço é, porém, dividido. Ha os que põem o carvão no vagonete, os conductores, os que removem os fornos, os que levam as brazas á *pomme d'arrosoir*. Cada um tem o seu serviço. Não renovar os fornos. Querem vêr ?

Ouvia-se em todo o espaço um clamor de



«sentido»! Entramos, suffocados de calor. Ha duas salas de fornos e de cada lado quatro linhas de retortas. A totalidade tem as bocças fechadas com tampos de ferro, e defronte de cada tampo, numa fileira, tres homens suados e ageis á espera. Reina uma quasi completa escuridão. O chão está coberto de pó de carvão. Para o tecto nada se vê. E, a cada instante, vagonetes rolam de pancada a carga, deslisam outra vez, empurrados por figuras extranhas.

Damos num canto, onde um grupo de trabalhadores sujos, mastiga vorazmente pedaços de pão, enquanto o mais moço, apaga bocados de materia molle e ardente. Estão todos suados. A pintora Venanzil tem um brilho curioso no olhar, M.<sup>me</sup> Córa parece tremula.

Ao meio do rolar confuso dos vagonetes das descargas do carvão, repercute de repente um grito de commando, e na extremidade opposta uma bocca de fogo rubro escancara-se resplendorosamente.

— Começamos, susurra-me o engenheiro.

Não o ouço. Precipito-me tropeçando nos *rails*. A fornalha vomita agora catadupas de pedras em chammas, torrentes de sangue em labaredas furiosas. Um homem membrudo com um grande gancho de ferro revolve-lhe lá dentro a guela, irrita-a, puxa rapido as brazas que cahem na curva de um carro de ferro. E' impossivel porém continuar a observal-os.

Dos outros lados, ao tinido rapido dos ferros, outras boccas abrem, outros olhos levantam as palpebras, movendo as retinas phantasticas, outras valvulas se escancaram.

De todos os cantos a treva accende em reverberos ardentes, o incendio estende-se, alastra, rebenta os tampos dos fornos, golpha de todas as cavidades. Os operarios puxam a lava com raiva, de frente para os buracos escancarados, vê-se apenas no interior uma placa alaranjada com toques rubros — a atmosphaera de mil graus que forja a luz. Os carvões arrastados pelos ganchos cahem riscando pannos de fogo e um dos empregados atira-lhes logo baldes de agua, que espalha pelo espaço a vertiguem estonteante de placas de chammas e de fumaça.

Isso quasi ao mesmo tempo, no primeiro, no ultimo, no segundo, no sexto, desordenadamente. E' bello como um sonho, como a evocação extranha de uma caverna de diabos.

Os operarios enchem rapidos as calhas de carvão, agarram-nas os tres e abarrotam as bocarras em braza, tapando-as logo. Carrinhos de mão riscam o chão cheio de brasas amortecidas e de fumaça. Cá fóra, á beira do pavilhão, a *pomme d'arrosoir*, um enorme chuveiro de mollas, irriga o pedregulho ardente nos carrinhos enfileirados: homens suados, agoniados, com a face abrasada, mergulham os pés na agua aplacadora e a fumaceira desprende-se

dos carvões, espessa, enchendo tudo em derredor de nuvens suffocantes.

— Está acabado ?

— Venha vêr do outro lado.

Acompanhamol-o. É foi então que a minha imaginação vacillou deante dessa grande apothose de fogo, deante do delirio de todas aquellas brasas.

O *hall* inteiro reverberava.

A incandescencia de todos os fornos abertos queimava-o totalmente num fulgor de forja. De espaço a espaço o fogo jorrava em explosões de pedrarias e de metaes, os ferros rangiam, os ganchos arrastavam montões apocalypticos de enxofre liquido, no chão pedaços de alcatrão se apostemavam de luz, e no meio dessa cratera de fumo, de lava, de furia em ebulição, um bando de homens corria sem vêr, encostando a cara á chamma e olhando sem vêr na ancia interminavel de acabar...

— Tudo isso, fez concluindo o engenheiro, para dar a V. tranquillamente o modesto e facil bico de gaz !

E sahimos do oceano ardente, emquanto por todos os lados os vagonetes, os carrinhos corriam, e as boccas ferozes fechavam-se para abrir quinze minutos depois, como os olhos em sangue de uma porção de cyclopes damnados.

Tambem — ao voltarmos ao *landaulet*, M.<sup>me</sup> Córa Assumpção teve um deliquio e a deliciosa

Argemira, cahindo nas almofadas, segurou com tal furia a mão de Belfort, que este não poude deixar de dizer:

— Minhas senhoras, não queiram nunca vêr o quanto custa o nosso conforto ao resto da humanidade. As senhoras vieram com medo. A verdade apavora. Eu vim com o desejo de queimar a illuminação... Nunca mais!

E cahiu na almofada, enquanto as senhoras e eu olhavamo na vertigem do automovel, a candelaria dos lampeões tão simples, tão modestos, em que se exteriorisava o inferno donde sahiramos...

## Reflexões importantes

---

Quem chega ao Rio, a primeira coisa que encontra é o desanimo dos elegantes. Esta terra, apesar do calor, o grande inimigo das modas superfinas e das attitudes estyladas, é estranhamente elegante. Para não falar das damas, encantadores sêres receptivos, que se adaptam sempre ao delicado e ao gentil com facilidade de assombro, um cavalheiro ganha alguns dinheiros, cumprimenta tres ou quatro diplomatas, compra uns quatro magazines, e eil-o *homme du monde* resolvido a aprehender nas cincadas á pragmatica o que lhe faltou de meditação nos tratados da baroneza de Staffe e de outros escrevinhadores dedicados. Uma das elegancias adquiridas de chofre é o desanimo.

— Ah! meu querido, que horror! Não ha nada! No Rio não vinga uma só coisa chic.

E' desanimador. Nós procuramos sustentar, fazemos esforços. Mas é literalmente impossível.

— E então ?

— Resta-nos o supremo refugio, dizem os elegantes fazendo beicinho, a nossa Petropolis. Ainda lá ha um meio, as familias reúnem-se, toma-se chá, joga-se o bridge, vae-se á Buisson, á Cascatinha. Depois os diplomatas são amaveis.

— E as casas elegantes não quebram ?

— Não quebram porque não ha. Mas aqui, em compensação, estalam por falta de concorrência, de auxilio, de gente. Vê tu. O Mourisco foi-se. O *grill-room* da Lentz agonisa...

E os elegantes tiram o lençinho do punho e limpam a fronte pallida e perlada de suor — o suor do sacrificio inutil.

Eu propriamente desconfio um pouco da elegancia de Petropolis. Desconfio da elegancia da formosa cidadezinha de verão, como desconfio e com provas do delicioso clima de Petropolis. Os diplomatas que apparecem de roupas de brim e perneiras acompanhadas de um cachorrão para jantar com senhoras não são modelos de Londres e as legações installadas em quartos d'hotel chegam a não ser concebiveis em algumas cidades europeias. Quanto ás diversões — fóra o fallar mal da vida alheia — os veranistas têm sempre um ar tão fatigado, que é para desconfiar da alegria desses passeios

classicos onde classicamente se repetem os mesmos *flirts* e as mesmas scenas com outras pessoas apenas.

Mas a queda das taes casas elegantissimas do Rio, os estabelecimentos do goso publico que em todo o mundo representam o grau de civilisação das cidades, preocupa-me tão seriamente como as candidaturas presidenciaes a um politico profissional.

Porque, e é irrevogavel, cahem sempre e fecham sempre os taes estabelecimentos, pomposamente reclamados e com tanto esforço sustentados pelos elegantes?

Será por uma evidente falta de gosto do nosso publico? Será porque o carioca resolveu não sahir dessa exterioridade desagradavel dos nossos botequins, dos nossos restaurants?

Certo ninguem quer transplantar para uma terra moça como o Rio, terra de homens apressados mesmo quando nada têm que fazer, terra de homens de negocio quasi sempre á procura do negocio, os halls dos hoteis de Londres ou de Paris, os *grill-rooms* da cidade Luz, os chás da rua de Rivoli ou da place Vendôme. Certo não se pode conceber numa cidade que tem menos de seculo de vida autonoma e que só entrou no caminho do conforto, para muitos elegantes, depois do governo de Rodrigues Alves, a adopção brusca de civilisações muitas vezes seculares como as das cidades da Europa.

Mas o carioca, um typo intelligente preferirá por gosto um hotel com areia no soalho e os garçons sem linha, a um ambiente elegante onde seja attentiosamente servido? Mas o carioca, orgulhoso da Beira-Mar agora até mais que do fatal Pão de Assucar, preferirá entrar num café, onde os servidores despejam liquidos nas calças dos freguezes urrando:

— Olha a rodella á esquerda, paga terceiro ao fundo!

A um estabelecimento servido attentiosa e silenciosamente por garçons delicados?

Não, positivamente não! O caso é outro, o problema é muito mais complexo e depois de madura reflexão, eu estou com os cariocas, como no fundo estão os elegantes, grupo restricto e paradoxal.

Em primeiro lugar, nós não tivemos um desses estabelecimentos, representativos de uma cidade aos olhos do estrangeiro, de facto confortavel, simples e modestamente confortavel — o que para os barbaros snobs é sempre elegancia. Nós temos casas de dormida, casas de pasto, casas onde se bebe. Falta a linha, falta a correccão, faltam directores e pessoal apto a dar uma impressão agradavel — porque tudo é intimo, familiar, e Maria-vae-com-as-outras. Um cidadão abre um hotel, um restaurant ou um café, e as difficuldades para obter o conforto são tantas, que quando as conhece, aban-



dona-o pela rotina. E vêm as chicaras, os creados, o systema do pagamento aos garçon, os cardapios, tudo exactamente egual aos anteriores. Em dez annos, nós conseguimos apenas que esses estabelecimentos fizessem guarnições arte-nova, que dois apenas tiveram um logar proprio para guardar os chapeus, e que, um unico dêsse no lavabo que fica ao fundo, toalhas limpas para enxugar as mãos! Mais nada. Se o freguez der ao garçon gorgetas fabulosas, é tratado com a mesma despreocupação normal — porque a vida é facil, e o garçon *s'en fiche*, o que podemos traduzir por *está-se ninando*. Se o freguez digno de consideração foi propor qualquer modificação para melhor ao proprietario, o proprietario sorri e não concebe a necessidade da reforma.

Para quê, se sempre foi assim? Para quê, se o publico bebe sempre o café com os taes berros desagradaveis, *cafagestaes*? Para quê, se o negocio marcha?

Um dono desses estabelecimentos que conhecer a organização interna de casas congêneres em qualquer cidade da Europa, ao saber que os proprietarios para fazer face á concorrência inventam pelo menos uma novidade por semana, mudam os serviços e os garçons pelo menos duas vezes por anno e trazem os *garçons*, que lhe pagam o logar diariamente, debaixo de multas para que o *garçon* (quatro ou cinco para

cada mesa) saiba prender com gentilezas a freguezia — porá as mãos na cabeça. E, á menor novidade, logo exacerbado dirá:

— Nada de cavallarias altas!

Mas com tudo isso — oh! verdade! — come-se, bebe-se, ás vezes até razoavelmente, pagando um preço que o Riche teria receio de cobrar mas muito menos que a fortuna particular de qualquer modesto proprietario.

Monta-se, porém, o supra sumo da elegancia: o Mourisco, o *grill-room* da Sr.<sup>a</sup> Lentz, esforçada dama que decididamente tem direito á consideração da elegancia. O povo vae ao Mourisco. O pavilhão é bello, a illuminação feerica. Toda a graça moira daquella arte irreal arde na polychromia dos vitraes accezos. Está-se num alcacer de Hespanha. Entretanto, o homem viajado sente logo uma porção de falhas, desde a musica até ás pequenas variações do ambiente. Entretanto o homem que não viajou, encontra um *chasseur* mas vê tambem os mesmos *garçons*, a comida servida com demora, o tempo perdido e no fim uma conta que é tiro de canhão-revólver na sua algibeira. Diz:

— A comida é peor; o serviço é o mesmo. Tem mais pose e é muito mais caro. Quando volta, já o *chasseur* desapareceu, os maus *garçons* perderam-se na sombra, tudo custa mais caro e é peor, emquanto os jornaes affirmam a maravilha — porque os jornalistas, homens de

sonhos, criam fantasias para se illudirem illudindo os outros. Mezes depois nem com dinheiro, nem levando a Caixa de Conversão na algibeira, é possível obter uma ceia. O gerente vem dizer que, não contando com a freguezia, não mandou buscar nem pão na padaria fronteira. E' a elegancia. Antes os outros, com os creados pedindo na cosinha, alto, um bom bife em manteiga.

Vem o *grill-room*. Só esse nome a mais no calculo internacional dos chronistas mundanos! A sociedade chic revira os olhos. E todo o mundo sabe que M.<sup>me</sup> Lentz teve uma lucta com os *garçons* para obrigar-os a raspar o bigode; e a sociedade commenta o encanto da sala; e os intimos murmuram que vem chegando da Europa uma grelha de prata. Vejam só! Uma grelha de prata!... Entra-se no *grill-room*. Como devia ter suado M.<sup>me</sup> Lentz para ensinar áquella gente um pouco de linha! Ha um *chasseur* que se levanta quando entra alguem, primeiro assombro neste paiz em que o *chasseur* devia começar por ficar damnado com o ter de levantar-se. Ha um porteiro que exige os nossos chapéus, segundo assombro numa terra onde a profissão é nova. Ha creados de casaca na sala lindamente ornada, com uma *caissière*, cuja elegancia mostra o seu trato de mundo fino — terceiro, quarto e quinto assombro. Mas ahi os assombros param. Os *garçons*, menos o bi-

gode mais a casaca, são os mesmos, lerdos e desagradáveis. Se um homem vae tomar chá, começa a se desagradar preferindo menos luxo e brioches menos duros; se vae almoçar acaba á tarde. Para concluir, como a uma lista de assombros agradáveis é sempre possível accrescentar um amargo — vem a conta tremenda. O resumo das sensações é pessimo. E eu hei-de lembrar um sujeito pouco engraçado que certa vez disputando com o *garçon*, porque pagára menos pela mesma coisa um dia antes, parodiou em furia a phrase da opera, e sahiu berrando: — La conta é mobile...

Oh! o mal é grave mas não têm razão os elegantes. Se os estabelecimentos chics fecham é porque são peor servidos e arrombadoramente caros. Ha um problema a resolver para que haja casas desse genero no Rio frequentadas pelo publico. E' collocar nos ambientes ideados e realisados pelos rapazes que tentaram o Mou-risco e a senhora que realisou o *Grill-room*, a gente que não faz reformas mas pensa em alimentar para ganhar dinheiro. Naturalmente não teriamos na Avenida, o *hall* do Elyseu-Hotel nem o do Wandolf. Para adoptarmos taes coisas, precisamos viver mais vinte annos. Mas teriamos casas chics sem attestado de obito ao nascer e poderiamos mostrar aos estrangeiros uma linda cidade moderna, coisas mais agradáveis que os comedoiros com areia no soalho

e os botequins com os caixeiros a gritar aquelle typico e crispante:

— Olha terceira á esquerda, paga direita ao fundo !

## Os grandes hotéis

O PROBLEMA É A FALTA DE HOTEIS OU A FALTA DE GENTE?

---

Naturalmente mal disposto com as pessimas accommodações do Hotel White, o presidente da Republica resolveu um problema que vinha a encher de preocupações o espirito nacional, vae para alguns annos. O presidente da Republica resolveu a questão dos grandes hotéis. E de um momento para outro, o Rio que como suprasumo de conforto e elegancia tinha os «Estrangeiros» e o «Avenida», ficou para ter breve duas ou tres grandes casas como o Carlton, o Chattam, o Majestic, e porque não? o Astoria.

Pelos nomes dos contractantes vê-se que a coisa deve ser absolutamente séria e que o inglez proponente trará de Londres o seu pessoal. De repente haverá no Rio esses grandes «caravan-

serails» internacionaes de luxo e conforto, onde se encontram desde os principes exóticos com «apartements» excepcionaes a 5.000 francos por semana até os homens de letras afamados e os cavalheiros de industria mais considerados! Não faltará nada ao Rio para ser a grande cidade! Não será Paris ainda, não será Londres. Mas será o Cairo, com o luxo e o vicio e a linha que os inglezes levaram á cidade egypcia... Eu, entretanto, desconfio um pouco do exito desses hoteis. Estou a vê-los construidos, inaugurados, reclamados pelo nosso jornalismo saltitante e, dentro de alguns mezes, fechados.

O Brazil é um paiz que desconhece o conforto, o requinte, a elegancia, a exterioridade protocolar da vida. Nesta immensidade de leguas quadradas só ha um Estado com alguns exemplos desse conhecimento de civilisação: S. Paulo; só ha uma cidade que vive em parte com o desejo de saber viver com uma certa linha: S. Paulo. E' esta a verdade no seu melhor aspecto, a verdade sem gotta de lisonja. No resto do Brasil, um homem forçado por exemplo a viver em hoteis, fica em alguns mezes incapaz de pensar, de agir, de ser alguém. E' ruim de mais, é pessimo de mais, é espantoso.

No Rio de Janeiro gasta-se dinheiro enormemente, sem saber como. O Rio é, além de cafageste, pernostico. O pernostico é a carica-

tura comica do ignorante. Em coisas de conforto esta cidade nada sabe e acha que está muito bem, que não ha melhor. Os hoteis são uma grande pandega. No Hotel dos Estrangeiros, os aposentos de luxo, uns quartos do primeiro andar mobilados com o gosto das familias burguezotas, sem sala de banho, sem o menor conforto — estão sempre desalugados. Os aposentos que dão resultado têm um tão summario mobiliario que o Malborough de Paris, a 7 francos, espantaria o Silva proprietario dos Estrangeiros. Os banheiros são sempre muito distantes e até hoje não ha agua quente encanada! No Avenida esse primitivo espectaculo repete-se. Quando lá esteve Carlos Botelho com a sua faustosa maneira de viver, transformou os quartos num «appartement» magnifico, ainda assim sem sala de banho. Depois da passagem meteorica de Botelho, voltaram as coisas ao limite antigo.

Pensei a principio que todo o mal dos nossos hoteis — dos nossos hoteis e dos nossos restaurants — era devido exclusivamente á ignorancia dos proprietarios. Que diabo! Esses homens faziam-se proprietarios de hoteis como seriam amanhã mestres de obras, ou bicheiros. Tinham o espirito estreito, a ignorancia. Dahi os «garçons» vindos da Galiza assim como os cosinheiros; dahi a invariabilidade dos «menus», dahi o desconhecimento do conforto, dahi a exaspe-



rante falta de elegancia geral. Farto de dormir mal, de ter pessimos creados, de estragar o estomago e o humor, cheguei a fazer um secreto inquerito para arrazar esses horrores. E foi nesse inquerito que colleccionando as listas dos principaes hoteis do Rio num certo dia eu vi que invariavelmente todos, «todos» davam a mesma coisa; e foi nesse mesmo inquerito ao paladar carioca que aterrorisado eu tive o documento de que annos e annos os hoteis fazem os mesmos pratos, sem variar, executados por bichos de cosinha que estão para o chefe de qualquer grande hotel de Londres ou de Paris como o Fonseca Moreira pode estar para Shakespeare.

Mas os proprietarios mostraram-me com um sorriso desolado e uma porção de provas practicas e financeiras que tinha de ser assim mesmo, porque o publico não corresponderia e porque nesta cidade as difficuldades são innumeradas para a mais insignificante tentativa. O proprietario do Avenida, tão modesto que parecia pedir desculpas, dizia:

— Eu faço o que posso. O Sr. pensa que não sei como são os grandes hoteis lá fóra? Eu sei. Tenho aqui photographias, plantas, descrições. Para ter um serviço que vagamente se assemelhe, é preciso pessoal habilitado. Onde encontrá-lo?

— Mandava vir. Bastava mandar vir de S.

Paulo. Hoje, em todas as grandes capitaes e nos hoteis mais chics, os «garçons» são italianos.

— Sim. Podia mandar vir. Elles pedem contractos de cantor lyrico e apezar dos contractos chegam cá e as gorgetas são tão pequenas que preferem voltar. Já alguns collegas meus têm tentado a experiencia. Os que temos...

— São curiosos, não profissionaes.

— São curiosos, mas os melhores. Não é possivel que um rapaz servidor de casa de pasto conheça o ritual do serviço de um duque. Mas os hoteis poderiam mandar vir o seu pessoal e montar quartos com um luxo perfeito se houvesse publico que correspondesse com as despesas.

Haverá quem pague 50\$000 réis por um quarto? As diarias passando de 12\$000 e 15\$000 assustam.

A população em transito é do interior, considera caro o que é realmente caro, mas não pagaria as sommas que um grande hotel exige.

O proprietario de um restaurant, que é incontestavelmente o melhor do Rio, e que, apezar disso, é em installação inferior a qualquer estabelecimento do Duval em Paris, mostrava-me a mesma impossibilidade.

— Tenho aqui menus, minutas, cardapios listas que alguns freguezes amigos me enviam da Europa e de Buenos Aires. Veja este de Buenos Aires, repare só no numero de «entradas». E'

uma vergonha para nós. Mas fazer tal coisa aqui, seria quebrar como quebrou o Petropolis. Diz que o «menu» é sempre o mesmo. E'. O freguez não pede, não quer outra coisa. Diz que não tenho «cave», que a minha collecção de vinhos é deploravel. De accordo. Mas o hom freguez em média gasta 5\$000 réis, relativamente muito para um cavalheiro que só em comida dispende no fim do mez 300\$000 com o prato, mas muito pouco para um dono de restaurant dar caças, pratos novos. Como é possível ter uma adega superfina se só se gasta Clarette e Pomar portuguez, se é difficil vêr sahir meia duzia de garrafas de champagne por semana?

Era perfeitamente justo. Quanto á linha da gente que passa pelos hoteis num tempo em que vivi num dos melhores, havia cavalheiros passeando de pyjama e em chinelas pelos corredores, creanças manhosas no salão de jantar e grupos de rapazes e moçoilas que brincavam de subir e descer no ascensor a noite inteira até desarranjal-o. E como esse hotel possuia tambem um automovel — um automovel que na «carrosserie» tinha varios signaes para fazer parar o motorista, toquei em vão uma noite todos os botões. O motorista disse-me:

— Os freguezes tocavam nos botões só por brincadeira. Era um desespero tal, que tivemos de arrancar as communicações...

Os selvagens e as creanças não fazem outra coisa, quando têm em mãos um objecto curioso pela primeira vez...

Ora, precisamente, um hotel como o Carlton e o Savoy deve ter a mesma pompa.

Haverá quem pague como no Chattam 125 francos por dia, por um «appartement»? Haverá quem tenha uma diaria nunca menor de 50\$000 réis? No magnifico hall do Savoy, as senhoras jantam em grande toilette e os homens de casa. Nunca um jantar nos novos grandes hotéis do Rio pode ficar por menos de 30\$000 réis. Num dos restaurants de luxo só o sentar á mesa custa 2 fr., o «couvert». Em outros, como no Café de Paris, na Albaye, tomar a mesa é *sentar á mesa e custa 2 fr., o «couvert» modestissimo*. Jantar no velho Durand, no Chattam, em qualquer grande restaurant não fica por menos de trinta francos.

Estou a vêr a erupção de uma familia com creanças no «hall» do futuro hotel do Convento da Ajuda e o creado prohibindo expressamente a entrada dos petizes.

— São meus filhos! gritará o pae.

— Que partes! dirá a mamã. Como se as creanças não tenham educação!

E quando no nosso Carlton o creado impedir a entrada no restaurant, á noite, de um cavalheiro em casaco sacco?

— Homem, você sabe com quem está fallando? Eu sou o coronel Jonjoca, deputado!

Mas é provavel que as creanças e os Jonjocas entrem; é provavel que não seja a mesma coisa. E' provavel mesmo que não haja musica, os «tziganos,» cujos maestros fazem em certos «restaurants» do velho mundo, em média, mil francos de gorgetas por mez. E' provavel que á sahida o hospede não encontre formados os quatro garçons que o serviram á mesa: o «sommelier,» o «maitre-hotel,» os dois garçons, os quatro que o serviram no quarto, e ainda mais o «chasseur» á espera da gorgeta. Certo o que não é absolutamente possivel é que esses restaurants fiquem cheios com os preços que devem ter, sim! porque é impossivel montar o Carlton com os preços do Familiar Caboclo!...

Entretanto eu encontrei um dos contractantes de um dos Carlton futuros: o distincto architecto Sr. Morales de los Rios. O distincto architecto deu-me informações. Vae ser tal qual, no luxo das installações, das decorações, na excellencia das cosinhas, na magnificencia da adega.

— Mas vocês quebram.

— Longe vá o agouro.

— Se não ha publico, população fluctuante para hotéis dessa natureza?

— Não ha?

— Claro que não.

— E' como no Egypto. Fazemos os hotéis, e depois creamos a população fluctuante. Uma

vergonha é vir o Bryan e não haver um grande hotel.

Quando elles existirem os estrangeiros virão...

E' uma esperança. Eu, comtudo, duvido muito — porque antes delles chegarem é preciso sustentar quasi vazia a pompa não vista aqui ainda de um grande restaurant que a Argentina e o Uruguay já têm ás meias duzias. E' que nós somos simples, é que nós gostamos de conforto, é que nós somos o exemplar dos costumes simples — um pouco de tutú, um pouco de farofa, uma feijoada, vinho Clarette, mau quarto, leite mau e a paz do ceu.:. O resto é pedantismo.

E seja tudo pelo amor de Deus e dos hoteleiros que se assim têm feito até hoje é simplesmente por não ter freguezia capaz de pagar o luxo e o conforto encontraveis no resto do mundo...

## A apparencia da riqueza

---

Como ha muito tempo não tivesse o prazer de vêr aquelle caro amigo, o industrial famoso, que nos assombrava com uma vida de gastos excessivos, foi com alegria que o encontrei hontem, modestamente, num bond da Tijuca:

— Ninguem mais o vê! Desappareceu! Nem nos theatros! Nem em Petropolis!

— De facto.

— Que é isso?

— Nada...

— Francamente?

O grande industrial teve um sorriso agradavel.

— Francamente. Não frequento mais esses logares, porque não preciso mais.

— Não precisa? fiz attonito.

— Eu explico. Tenho presentemente uma

fortuna solida, em acções, em seguros, titulos de renda, em bens immoveis. Quando tinha camarote no Lyrico, a mulher com uma vertigem de toilettes, tres carros, dois automoveis, duas casas, estava a fazer a minha fortuna. Era preciso apparentar. Hoje é inutil. Já tenho.

— Então ?...

— Então, meu caro, tire as conclusões que quizer. A apparencia da riqueza é necessaria á formação da riqueza.

E' possivel que a phrase desse homem, cujo esforço fôra de certo grande, não passasse de um paradoxo, ou de uma mentira explicativa. Mas de facto, para quem occupar na vida a commoda posição de espectador, é uma grande verdade essa, da necessidade de apparentar a riqueza. O dinheiro é o valor que compra as felicidades geraes. O dinheiro não dá vida a um morto querido, não faz o amor sincero, não consegue a saude. Mas consegue tudo o mais, absolutamente tudo o mais: posição, honrarias, gloria, fama, amizades, sociedade, e até depois da morte, um enterro concorrido. A' proporção que a sociedade caminhou, o valor do dinheiro foi a augmentar. Hoje, não ha mais, nem modestos, nem sonhadores — ha gente que quer dinheiro, que aspira ao dinheiro, que faz questão do dinheiro. Outr'ora poderia haver um Watt ou um Papin descobrindo a machina a vapor, sem pensar no metal circulante. Hoje



ha Edison, millionario e ha Latham, indo dar vôos á America, por duzentos mil francos, como qualquer tenor. Outr'ora Horacio gabava Mece-nas por umas esmolas, e Racine vivia de pensões de um protector, que o fez morrer de desgosto, só por não olhar uma vez para elle. Hoje, d'Annunzio e Rostand vendem por fortunas as obras antes de conhecidas do publico e os escriptores fazem varios volumes por anno. A preocupação unica é o dinheiro, o delicioso dinheiro, o grande democrata, o notavel socialista, o tremendo anarchista, o nivelador das raças, dos talentos, dos esforços.

— Quem é aquelle sujeito ?

— Um grande espirito, pouco pratico. Met-teu-se em especulações pouco felizes. Está sem vintem, coitado ! Afastemo-nos. E' cacete.

— E aquelle senhor ?

— Um antigo criminoso. Já regenerado. Oh! homem de grandes meritos. Tem uma grande fortuna. Excellente relação. Dá licença que o vá cumprimentar.

— Homem, não sejas egoista! apresenta-me!

Estas coisas, que, escriptas, tomam o ar de recriminações romanticas, sempre existiram. Mas foram crescendo, foram num avanço tão estranho que chegaram hoje a um estado de exaggeração. Admira-se o homem que conseguiu ganhar dinheiro, seja por que meio fôr. Apenas. E admira-se do mesmo modo, pelo mesmo mo-

tivo transparente: o dinheiro: Nas terras velhas, de antiga civilização, como nas terras novas, onde a caça ao dinheiro é uma especie de febre de 40° constante. Todas as ideias que nós, por pretensão, erigimos em principios um pouco incommodos de moral, desaparecem, obnubilam-se. O maior reclamo para um cavalheiro, é dizer que elle, mesmo illicitamente, mas sem ter ido parar á cadeia, ganhou em poucos dias uma grande fortuna. A admiração é immediata, as mãos estendem-se, a confiança é cega, é absoluta.

— Que cabra intelligente !

O auctor da victoria de Samothracea, Newton **em** pessoa, Balzac, em carne e osso, menos sensacionaes seriam ao lado do cidadão «qui a fait un coup» de quinhentos contos. A doença do dinheiro é tão geral, que o seu effeito deve ser notado nos collegios primarios, nas escolas, nas academias, onde não ha mais propriamente nem creanças nem desejos de pura gloria, mas a vontade de ganhar dinheiro, accentuada não só nos que acabam os cursos, como nos que em meio os abandonam, impotentes para soffrear o appetite violento de começar a ganhar logo dinheiro, para guardar ou para gastar, mas dinheiro, a sêde do dinheiro, geral, commum, no sangue de toda a gente, absolutamente dominadora.

O estado morbido, é conhecido por uma

porção de symptomas que seriam alarmantes, desde o augmento da prostituição e da criminalidade, até ao dominio das ideias geraes, a hesitação, a descrença, a desconfiança, ao scepticismo mordaz, ao individualismo erigido em maximo principio philosophico. E' possivel sustentar uma ideia, mesmo a extravagancia de que a lua vae ser substituida por um outro satellite em fórma de tartaruga, sem que não se insinue que se está trabalhando por conta? E' possivel ter uma opinião, sem que desconfiem e affirmem que essa opinião é um interesse de dinheiro, com esperanças ou contrariado? Para cada um, nós somos não bem uns patifes, mas pelo menos semi-patifes refinados, a que é preciso não evitar, mas combater por uma concorrencia mais intelligente, que é a de cada um.

Para uma sociedade em taes condições, uma bolsa generalisada, faz-se necessaria a illusão do jogo dos titulos para a movimentação dos dinheiros. Sacrifica-se a grossa somma hoje, pelo poder discrecionario ámanhã, ataca-se o dinheiro de reclamo aqui, para ganhar mais além. Tudo é dinheiro, e tudo é mais ou menos apparencia, o convencional da riqueza para adquiril-a de facto. Ha grandes ambições incontentaveis, ha perdularios pastranas apezar da sua immensa sorte, que morrem nesse jogo de alta e baixa do valor do dinheiro. Ha outros que recuam a tempo, satisfeitos, tendo adquirido

a estabilidade no meio termo. Mas a apparencia do dinheiro, é realmente a grande mola de fazer dinheiro. A economia, é a unica sciencia social definitiva. A um philosopho devia ser interessante estudar a sociedade occidental neste periodo, e principalmente a sarabanda das republicas americanas, este principio estonteante de civilisação de arrasta-coiros gentlemen e de apaches de casaca. A apparencia de maior fortuna surge em traços insignificantes, em traços intimos, desde a mulher que se arrebica para pedir um «bom» emprego para o marido, desde o sujeito que toma um automovel e leva luvas, para implorar do ministro um logar. Em cem individuos, noventa e nove vivem acima das suas posses, mesmo sendo modestos, forçados pelo aguilhão do dinheiro, num galope de animaes batidos, entre o prestamista a juro, a combinação ambigua, o negocio estafante, os processos mais approximados de um processo criminal possivel. Um inquerito pelas classes modestas, modestissimas, mostraria a despeza para além da receita conhecida, quasi sempre, e de modo reduzido o que em desproporcional escala se faz no grande meio. O dinheiro chama dinheiro. A apparencia de dinheiro, tambem chama dinheiro. Não se offerece um negocio de contos de réis, a um pobre diabo, mas é sempre possivel combinar com um cavalheiro que fuma havanas, veste bem, tem o desembaraço, o ne-

cessario desembaraço, a presença de espirito, que os românticos chamariam cynismo pratico, desembaraço que só a certeza de parecer ter contos de réis, dá a quem vae tratar de ganhar contos de réis.

Um cavalheiro, que ao sentir a falta de numerario, restringisse as suas despezas, abandonasse o theatro, onde apparece com calma, a sociedade, o club, logares onde tem de gastar dinheiro, em vez de empregar o dinheiro dos amigos, dos prestamistas, qualquer dinheiro — arriscar-se-ia a afundar. O homem que fica á tona, fazendo gracinhas na boia alheia, tem nesse mar encapellado de interesses esfaimados, mil occasiões de se pôr em condições navegaveis, não só com o auxilio dos mais humildes, para a intervenção entre os seus eguaes, como pelos proprios eguaes crentes no seu valor apparente. Organisa-se a coisa como uma maçonaria especial, onde é prohibido pôr as insignias no prégo, sem decahir de grau. O resto é o pavor do Supremo Architecto, que é o Dinheiro, e as apparencias, as convenções, a apparencia geral de fortuna, que lança os calotes, desenvolve o commercio, faz o progresso allucinante, torna a intelligencia de uma lucidez morbida, torna os cerebros mesmo dos menos intelligentes, como portadores de um bicho perfurante e manhoso que é o instincto da negociata, de cavar, de cavar o dinheiro.

Voltei-me para o homem que resolvera não apparentar mais, depois de ter dinheiro.

— Não ha duvida. O meu amigo tem razão.

— Mas você dirá no fundo, que modernamente eu sou um pobre diabo, que me contentei.

— Oh ! não.

— E' o que tem o dever de pensar.

— Neste caso...

— Mas eu explico tambem. Porque esta cidade é tão lugubrememente neurasthenica ?

— Ora esta ! E' verdade...

— Porque só pensando em illudir para ter mais dinheiro, nós vivemos numa indizivel agonia intima, augmentada pela necessidade de apparentar calma. E' uma tristeza que só acaba no carnaval, quando se põe mascara e as ruas viram em porneias publicas. A apparencia do dinheiro é a causa de muita coisa. Mas é tambem a razão desse exasperante estado de nervos, amargo e horrendo. E eu fugi, meu amigo, á apparencia de ter dinheiro, tambem para vêr se consigo viver fóra de um pesadello e com os nervos no seu logar.

## Para passar o verão

CARTA ECONOMICA

---

Caro amigo. — Exactamente. Acabou o inverno e estamos na imminencia de uma outra estação dispendiosa: o verão. Não ha duvida alguma. Foi embora a companhia lyrica, que é o definitivo accorde das diversões da «season», já nos chegam da Europa as noticias do que as grandes actrizes fizeram por cá, Franck Brown levantou o vôo com as suas princezas e as suas intelligentissimas phocas, e até já se discute nos jornaes a velha e decantada arte municipal. E' o fim do inverno

Felizmente, os deuses inventaram mais tres estações e o Tempo de accôrdo com a Futilidade e os Costureiros têm sempre que renovar. Ao chegar hontem á casa sob um temporal violento e com um frio intenso—(é o verão! o curioso

verão !)—encontrei a tua carta e ao mesmo tempo a certeza fundamental da renovação do Tempo de accôrdo com os Costureiros e a Futilidade.

Que vem a ser o verão, meu amigo? Que quer dizer inverno, excellente camarada?

Um homem vulgar, vurgarmente habituado a repetir compendios, dar-te-ia a velha definição de toda a gente sabida. Para nós, porém, civilizados, aristocratas da sensação, os phenomenos da natureza são sempre pretextos para o desenvolvimento perfeito das leis sociaes e pessoas, os vidros pelos quaes olhamos os nossos pares, os espelhos nos quaes agradavelmente nos miramos.

O inverno para o commum é uma estação do anno, fria, acompanhada de chuvas, cerrações, que no nosso hemispherio vai de junho a vinte e dois de setembro.

Para um homem social é outra cousa: é a estação-mostruario, é a exposição allucinante, é o certamen imprevisito das cousas menos previstas rodando uma sarabanda de excessos em torno de um espigão central que se domina Capital.

A nossa sociedade não tem classes e consequentemente não tem peias á sua ambição de apparecer. A nossa capital não tem o divertimento e a arte estaveis e por consequencia recebe todos os exploradores e todos os cabotinos, com a paixão e o excesso com que Roma recebeu



certos dançarinos. As grandes fortunas são em tão pequeno numero que até causa dó ; a gente a fingir mais, muito mais do que ganha—sem conta. De modo que em torno da hypothese do Capital, cavallam cabotinos, empresarios, managers, modistas, costureiros, joalheiros, donos de cocheira, e ao mesmo tempo correm cidadãos bem collocados fingindo calma com os bolsos cheios de contas e damas admiráveis, cujas joias estão ás vezes em mão do judeu prestamista.

Inverno. A esta palavra passam-te lá pela cabeça a chuva, o frio e a grippe ? Não, querido camarada. Passam-te ideias mais interessantes: encommendas ao alfaiate, o meio de arranjar convites para os bailes, que são sempre a probabilidade da ceia gratis, a complicação da cadeira no Lyrico para todas as companhias, a verba beneficios—(porque é feio mostrar ao estrangeiro que se não tem dinheiro)— para os artistas sem conta da opereta, os namoros com certas damas levianas, os *raouts* de uma casa capaz de sacrificar os credores ao *chic* de uma festa d'apparencia, os *five-o-clocks* e os *bridge* de mais outras. A natureza, a vil natureza não nos vem á memoria nem como scenario. Um jornal que se referisse ao inverno para falar dessa coisa romantica, só toleravel no tempo do marquez de Chateaubriand, seria apedrejado.

E o jornal, meu caro, é decerto o estalão dos

povos — p̄hrase conselheiral e grave que te peço repetir na primeira occasião.

Hoje, ao ouvir o trisyllabo — (não sei se a Academia assim o julga) — inverno, pensa-se logo nos hotéis cheios, na Camara cheia, nos theatros cheios, na cidade cheia, nos corações cheios de esperanças, ás vezes realizadas como as das ultimas conferencias literarias, e, com a preamar total, com a enchente geral, — no soluço murcho das algibeiras vasias.

Mas a sociedade tem obrigações, a sociedade é um monstro principalmente suggestionador. Desde que nós nos mettemos a temer esse animal, feito de pequenas podridões acobertaveis e de muitissimas *canalleries* passaveis, o animal permite-se tomar-nos satisfações, metter-se com a nossa vida intima, trocar opiniões sobre a côr das nossas gravatas, e exigir, sob pena do *declassement*, sob pena do rotulo de *declassé* (á franceza porque a *haute gomme* ignora o portuguez) que se continue a fazer prodigios financeiros para conservar o seu logar.

O desclassificado é o sem vintem. A sociedade elastica permite o rapineiro habil, o antigo carregador de carrinho, o valdevinos que se transformou em dandy — com tanto que haja chelpa (permittle que traduza assim o termo *galette* muito empregado pela rapaziada que esteve em Paris). Um genio sem nickel ao lado de um «cavador» com a carteira bem recheiada,

é fatalmente desprezado. Que fazer, meu paciente amigo? Qual de nós quererá descer assim, não ser mais photographado nas *garden-parties*, vêr todos os credores antigos cahirem com o instinto da carniça sobre a nossa carcaça agonizante?

Ora, a sociedade inventou que no verão é preciso sahir, deixar a cidade, partir para as praias, as estações d'agua e para o campo. E' preciso partir? Partamos!

E' o que nós vamos fazer em dezembro, eu, o meu visinho, coitado! tão cheio de dividas e de filhos! e tu, que és de certo um infallivel da Moda.

Para onde? indagarás. Sim, para onde? Caxambú? A roça real? A insupportavel e poeirenta Theresopolis, perseguida pelos «russi-nhos» e pelos temporaes, quando lhe falta a poeira? Ai, não! Tu não serias carioca, o que internacionalmente equivale a ser pelo menos bordelez, eu não seria carioca e o meu visinho (que é hungaro de origem e nascido na Arabia, segundo informações do copeiro) não seria tambem carioca, se todos tres nos arriscassemos á roça aspera e á infamia de Theresopolis! Não. Só veraneiam nesses logares os simples em começo de ascensão social.

A gente fina do Rio de Janeiro só pode veraneiar em logares que estejam a duas horas do Rio, e em que haja luz electrica. Por consequen-

cia, ou veraneia em Petropolis, ou no proprio Rio, alli perto na Tijuca, ou mais alli em Copacabana e no Leme. Pode-se veraneiar mesmo em casa. A questão é de habilidade.

Em primeiro lugar, ao encontrar pessoas das nossas relações, falamos do calor, e a esta quente palavra, limpando o suor da testa, indagamos:

— E' verdade, para onde vae este anno? As pessoas das nossas relações aproveitam a occasião e lançam por nosso intermedio a sua circular. Mas o mundo está cheio de compensações e a sociedade pode bem ser uma associação compensadora de corrilhos e de phantasias. Aproveitamos tambem, e lançamos a nossa:

— Pois eu vou para Petropolis.

E' bonito. Faz effeito.

Em seguida, gravemente, vamos informar os pacientes fornecedores da nossa optima instalação economica, mandando fazer um terno de palha de seda e concertar os de brim «que são tão fresquinhos», encommendando um par de sapatos brancos aos dois ou tres sapateiros menos incommodos.

— Onde passa o verão?

— Em Petropolis.

— Tambem para lá vae o conselheiro Alcantara. Mandou fazer dez fatos leves.

E' mentira. E' fundamentalmente mentira. Nós acreditamos, entretanto.

A noticia da nossa «fugida á estação calmosa» já corre. Os amigos indagam:

— Então, quando partes?

Neste momento um homem verdadeiramente intelligente firma os seus creditos.

A questão não é ser, é parecer. Os jornaes já têm uma secção em que se dá a noticia das pessoas que subiram e o hotel em que estão hospedadas. Espera-se uma grande festa lá em cima, economisa-se um pouco, e parte-se á tarde, na barca dos «Diarios», levando uma pequena valise com a casaca e o terno branco. No dia seguinte, os jornaes dão que nós subimos, e nós ficamos no hotel, dormindo, porque chove torrencialmente. A' noite, á festa, de casaca, num carro que lá é barato, e os jornaes repetem, já se vê que por nosso pedido, o nome do novo veranista.

Dois dias depois descemos, pela barca da manhã, a dos «Diarios».

— Então desces?

— Um dia apenas. Chamado urgente.

Saltamos na Prainha com o ar apressado. A' primeira pessoa conhecida, grandes exclamações, um ar veranista, *high-life*.

— E' verdade, em Petropolis. Faz calor, não ha duvida, de dia. Mas que noites, meu amigo, que deliciosas noites! Escreva-me para o Hotel da Europa.

E' quanto basta. Com quatro viagens eguaes

consegue-se ter passado o verão em Petropolis, quando, ao contrario, se passou com economia e em fralda na intimidade do lar, cá de baixo. Para os veranistas lá, estamos preocupados numa obra; para os invejosos de cá, mergulhamos nas delicias da elegancia petropolitana, e como na viagem dos «Diarios» sempre se contam anedotas e factos escandalosos, glozamos as narrativas e estamos senhores dos acontecimentos.

E' este, excellente amigo, o meio admiravel de obedecer á sociedade, falsificando a estação de verão. Eu podia dar-lhe o conselho de ir para Copacabana e vir de mala por ahi todo o santo dia, ou de estagnar na humida Tijuca. Mas esses sitios são simples arrabaldes. Eu podia dizer-lhe: vá mesmo para Petropolis e seja «Diario» realmente, isto é, um sujeito deploravel, que paga assignaturas á Leopoldina Railway, acorda ás cinco, despenca para o Rio, corre, esfalfa-se, embarca, trepa a montanha, janta ás nove da noite, deita estrompado para acordar no dia seguinte, outra vez ás cinco e recommear o tormento atroz.

Mas era querer-te mal, e eu sou amigo.

Depois, quasi todos fazem mais ou menos, como tive o prazer de contar, e eu estou convencido de que não ha «Diarios» senão semanaes, ou talvez mensaes...

Toma, pois, o conselho, segue os exemplos

---

e verás que a dispendiosa estação a começar é ainda a mais barata — porque ha sol, e ao sol, na civilização, todas as coisas passam despercebidas...

## Fardas

---

O philosopho extremamente contemporaneo e extremamente urbano, de que sou com prazer amigo, passára uma noite agitada a terminár a sua admiravel brochura sobre a influencia da velocidade. Um philosopho considerado por um homem normal sob o ponto de vista da utilidade positiva é rasoavelmente suprimivel. Julgado porém como commentador amavel dos progressos da especie, torna-se um sêr de consulta muito interessante. O philosopho meu amigo é alegre, é elegante, é cynico, é mundano e quer, como toda a gente, ser rico. Era, pois, com immenso prazer que o ouvia na sua pequena casa de jantar em estylo hollandez, depois de gozar certo prato do almoço realmente esplendido: um peixe



magro de menos de palmo com o nome curioso de fogoche grelhado.

— Fogoche?

— Este fogoche, caro discipulo, aqui servido na mesa do philosopho, é uma tremenda prova da influencia da velocidade na concorrencia dos peixes ao estomago humano.

— Como assim?

— Estava eu ha tempos em Paris — a verdadeira terra da verdadeira philosophia — quando Eduardo VII offereceu na embaixada da Inglaterra um almoço em cujo cardapio apparecia o fogoche grelhado. Ninguem sabia que vinha a ser fogoche. No dia seguinte o fogoche entrava em circulação. Os *mâitre-hotels* dos grandes restaurantes tinham com vexame respondido a varios freguezes não possuirem fogoche de especie alguma e num boulevard exterior originara-se um conflicto porque um sujeito chamara a outro: *espèce de fogoche*. Fiquei intrigadissimo. Só mezes depois em Vienna, abrindo a lista de um hotel encontrei de novo fogoche. Era isto. Então soube ser um peixe especial do lago Lemán, e para demonstrar como a velocidade reduz o mundo, dei ordem ao meu correspondente em Hamburgo para mandar-me uma vez por mez fogoches. Faço por um preço modico o que os romanos fariam com grandes despezas, e em tempo diminuto o que elles levavam mezes a realizar.

- O mestre é um homem perfeito !
- Questão de não perder tempo. Sou apenas um philosopho moderno, e na minha qualidade de philosopho só tenho uma grande magua.
- A decadencia da philosophia ?
- Qual !
- O excesso de admiradores ?
- Não !
- O desprazer de não estar ainda para nascer ?
- Maior que este !
- Francamente...
- Queres saber ?
- Anceio.
- Pois é simples e enorme. A minha grande magua é não haver ainda uma farda para os philosophos.
- Larguei o garfo, esqueci o fogoche, firmei bem os olhos no elegante philosopho e desatei desabaladamente a rir.
- Sempre o homem da actualidade ! Sempre interessante ! Que ironia !
- Mas não ha tal. Falo muito sériamente. E' horrivel não haver uma farda para os philosophos.
- Aqui ?
- Aqui e em outros paizes.
- Aqui ha tão poucos philosophos.
- Haveria sempre honorarios, as glorias nacionaes decretadas philosophos.

— Mas o mestre brinca !

— Absolutamente, meu caro discipulo. Que comprehende você por farda? A farda é um ideal generalizado, é o signal de classe, de apoio de bando social, de distincção. O homem é um animal que gosta fundamentalmente da farda. Desde que o mundo é mundo. O cinto de folhas do nosso veneravel ancestral Adão, cujo nome hoje conhecemos ser por inteiro — Adão do Nascimento, foi o primeiro uniforme da especie. Desde então o progresso tem sido o desdobramento e a multiplicidade das fardas: a principio uniformes de povos, depois uniformes de classes. Um philosopho austero poderia tirar da moda o principio de que ella exprime tambem na alma da mulher a obediencia a variação do typo de uniformes.

— A mulher ?

— Sim, porque de facto ellas usam as modas decretadas com uma presteza e uma passividade maior que os nossos batalhões mudam de uniforme com tanta versatilidade como ellas mudam de vestido.

— Mas caro mestre, francamente, atordoame.

— Não vejo motivo. E' preciso ir buscar os sentimentos na sua origem. O homem gosta da farda porque o distingue e porque o apoia na lucta pela vida. Cada profissão quer uma farda e tem acabado por possuil-a. Depois do

uniforme dos povos que os destacam uns dos outros e os unem pelo fato, encontra-se na historia o esforço ás vezes inconsciente para a especialisação pelo uniforme. Um livro de endu- mendaria é precioso para a prova do que arrisco. As antigas civilizações conseguiram a distincção das classes pelas roupas: conheciam-se os reis, os philosophos, os generaes, os lacaios, os fi- dalgos, os burguezes — pela fatiota. Depois da Revolução, deu-se a desastrosa egualdade ex- terna e só realmente ficaram de pé os uniformes das classes armadas e o uniforme do operario, vulgar e lyricamente conhecido pela blusa do operario.

— Ah ! a blusa do operario !

— E' typica. O meu caro discipulo encontra a blusa do operario tão intangivel como o dol- man do soldado. E os operarios batem no peito dizendo: a blusa do operario ! como os generaes gritam: esta farda ! O sentimento é no fundo o mesmo: ambos consideram-se de classes su- periores de que o pobre paisano depende. E que faz o pobre paisano ? Inventam distinctivos, fardas para destacar visivelmente as classes em que se divide. Os advogados conservaram a toga, a béca; os medicos tambem; os academi- cos inventaram uma farda cheia de dourados, os meninos de todos os collegios andam far- dados, e alguns além do collegio ou da escola superior, são tambem voluntarios especiaes, o

que é uma farda a mais. Positivamente, procurando bem, não se encontra um homem que na democracia do casaco sacco não almeje ou não tenha uma farda. E eu tremo só de pensar o que seria o Brasil, que calamidades não nos estariam reservadas, se não se tivesse inventado a Guarda Nacional...

— Realmente. E' uma salvação.

— A obsessão do uniforme foi além dos homens. Agora as senhoras também o desejam. As professoras da Escola Normal já escolheram o seu; as raparigas empregadas no commercio têm um imposto pelas donas dos magazines. E o povo não acha ridiculo, vae vêr, sente mais facil o seu conhecimento e secretamente cada um dos que o constitue deseja ser de um desses batalhões.

— Batalhões?...

— Para estar de accôrdo com a época, com o estado geral, meu caro discipulo. O Brasil é um paiz que descende de tres raças amantes de penachos de gala: o indio, o preto e o branco.

— Todas as raças emfim...

— Mais ou menos. As creanças ainda em fralda brincam de soldado e amam as commendas e os chapeus armados, mesmo de papel. Não temos commendas nossas. Entramos pela farda. Imagino o Brasil quando as aspirações de todos os seus filhos forem realizadas. Todos terão fardas. Haverá grandes exercitos: o dos

operarios, o dos empregados publicos, divididos em innumeraveis batalhões, e mais completos do que os do exercito actual, com postos e fardas para cada posto. Haverá o fardão para cada classe superior. O piquete de ministros arvorará um uniforme scintillante, a brigada da Academia de Letras rebrilhará; as mulheres definitivamente tomarão uniforme, os meninos, desde o berço, já terão a sua fardinha, e todos terão além disso um uniforme extra: o da Guarda Nacional.

— Deve ser lindo.

— Principalmente nos dias de festa, ao sol. Nem um chapéu de côco, nem um frack, nem um paizano. Todos fardados, marchando. «Quem é aquelle?» perguntará o conhecido Turot já nessa época resolvido a nos descobrir de novo. — «Aquelle é o general administrador dos Correios». — «E aquelle?» — «E' o cabo do batalhão do Desvio». E «aquelle mais?» «Tenente do enorme batalhão dos caçadores de arame alheio...»

Vae ser esplendido.

— Se os uniformes forem todos bonitos.

— Serão.

— Ora!

— E' que o meu caro discipulo não conta com a emulação. Cada batalhão fará o possivel para superar os outros. Vae ser a época dos bordadores a ouro.

— A idade do ouro.

— Como se dizia antigamente, quando o ouro era escasso.

Só por isso não haverá a farda do philosopho. Essa é a minha grande magua. E por mais que procure no sonho do futuro quasi não lhe acho logar.

— Os philosophos são timidos.

— Não é isso.

— Então?

— E' que não haverá por cá philosophos nem honorarios.

O creado servia outro prato. Nós riamos. O autor da philosophia da velocidade ficou serio, de repente:

— Resto eu, entretanto, continuou. Eu sou uma especie do fogaço grelhado do banquete de Eduardo. Um bello dia servem-me. Ha grande pasmo. As fardas riem. Um com mais sorte encontra a especie. Graças á rapidez dos transportes, a sociedade terá de importação varios fogaços, quero dizer: philosophos. Talvez assim os philosophos possam retomar no futuro já fardados o seu logar de explicadores dos erros humanos. E já então, realmente necessarios.

— Porquê?

— Porque terão de se explicar a si proprios e de explicar nos termos graves do uniforme o meio de não acabarem grelhados como os fogaços do lago Lemman...

Era uma hora da tarde. Ouvimos um toque de corneta.

— Que será?

— E' um batalhão escolar da vizinhança que toca a reunir para escolher o novo uniforme.

E, com voracidade, o extraordinario homem atacou a febra de veado com molho de Madeira, que no prato esfriava.



**Fim do anno**



## Fim do anno

---

*L'Univers me confond et je ne puis songer  
Que cette horloge existe et n'ait point d'horloger.*

Os versos são de Voltaire e dizem a grande duvida deante do Universo. O universo confunde, e relógio, é impossivel que exista sem que antes do relógio tenha vindo para fazel-o um relojoeiro. Mas é tambem certo, tambem positivo que esse relojoeiro deu ultimamente para ter a nevrose da hora e por infiltrar em todos os povos o curioso, o vertiginoso desejo de apressar o tempo, de vencer, de acabar, de liquidar, de findar as horas. A época é de records. Ha records de tudo — em terra, no mar, no ar, em carro, em automovel, a cavallo, no polo, no equador, em monoplano, de todas as coisas e mais algumas até mesmo o record do analphá-

betismo que em politica vemos sendo agora corrido mesmo por alguns jockeys que sabem ler e até discursar de mais. E' o simples prazer do record? Não. E' um derivativo á miseria geral; a nevrose da hora.

Certo, o relógio continua a dividir a hora em sessenta minutos, cada um dos quaes tem sessenta segundos com a machina regular sem atrazo e sem adeantamento. Mas a todo o mundo parece que as horas são pequenas, que as horas diminuíram? Não! Ninguem tem tempo para nada, mas só se pensa na lentidão, na incrível, na fantastica lentidão da hora. Não ha quem não sinta a satisfação do dia que acabou, da hora que passou.

— Boa noite.

— Bom dia, meu caro. Já passa de meia noite.

— Com effeito! Já passou mais um dia, já daquelle estamos livres, já passou, já vivemos. E' uma ancia, é uma especie de delirio tranquillo, — passar, viver depressa, exgotar o tempo infinito.

Outros povos — outras gentes fazem o record, sentem a nevrose com menos entusiasmo e menos exhibição. Nós que entretanto somos considerados grandes indolentes, temos a molestia do tempo paroxismada. Quando acaba o dia, graças a Deus porque vem outro: quando acaba a semana, vamos ter o domingo e acabar

depressa a outra que vem. O fim do mez é um allivio geral mesmo para quem não precisa de dinheiro e não é empregado publico — essa figura de estranha dedicação á Administração, que nenhum poeta ainda glorificou, pela simples razão de que quasi todos os funcionarios têm o lenitivo de serem poetas... A mania de acabar é levada a um ponto tal que mesmo as senhoras, até as **senhoras**, inexoravelmente festejam todos os annos o seu anniversario natalicio, esquecendo o rudimentar sentimento de «coquetterie» que é o de ser sempre de apparencia moça! E os meninos de doze querem ter dezoito e os velhos, com solemnidade exclamam:

— Alto lá, que quando você nasceu já eu cá estava!

Esse curioso estado d'alma geral é todo o preparo para a grande festa annual do fim das horas, para essa inconsciente e desabrida corrida á Esperança da noite de S. Sylvestre, tão ardente, tão furiosa que os poetas poderiam comparal-a a certas festas da Phenicia e da Grecia dionysiaca e que nós, sem tempo para erudições, seccamente chamamos a inicial do Carnaval.

O Rio, molle, sceptico e triste, com a tristeza de um homem que usa guarda-chuva e veste de preto — o Rio inteiro perde a sensação de equilibrio na semana que vae de Natal a S. Sylvestre.

Já não se trata de dias, de semanas, de mezes, trata-se de um anno inteiro devorado, engulido, morto. Matronas de antigos tempos que nunca deixam o lar, sahem de casa; meninas dos tempos de agora que quasi nunca estão senão a passeio, precipitam o deambular e o «flirt» em corrida e em vertigem. Não ha chuva nem bom tempo que impeça o movimento febril, um movimento, uma febre que se communicam aos objectos, ás coisas, ao ar, ás machinas de tracção, aos elementos. Está tudo contente, estão todos anciosos, das creanças aos velhos, os que têm responsabilidade, os que dão responsabilidade, os que não a têm e não a dão. Vão fechar o anno, vão receber o outro anno, o que vem. Por um pouco mais bateriam no soalho gritando como nos theatros:

— Está na hora !

E quando chega finalmente a hora é o paroxismo, o supremo delirio para recahir no trem-trem habitual de esperar o dia proximo, a semana proxima, o mez adeante. Para quem passou a grande semana do Rio em outros paizes, nada como esses dias para demonstrar a nossa raça nova, sem tradições, aspirando o futuro, querendo o amanhã violentamente. Em qualquer outro paiz assiste-se á passagem do anno, aqui atira-se com essa illusão de medida do velho Kronos para traz e passa-se adeante já com o desejo de fazer o mesmo ao que vem...

Insensivelmente os mais indifferentes vão-se possuindo da nevrose especial e eu sinto que sahi sob uma chuva alagadora ás onze da noite de S. Sylvestre, por não poder ficar mais em casa, por ter ganas de fazer um escandalo, de ser tambem um dos Deibler do Anno. A Avenida, todas as outras avenidas e praças resplandeciam sob a chuva, de luzes electricas, de fogos de bengala. Era um grito unico feito de milhares, de mil rumores e gritos, toques de corneta, toques de tambor, buzinar de automoveis, bandas de musica, phonographos, pianos, orchestras, vozes, risos, o pandemonio.

Que faria toda essa gente, a tal ponto nervosa, que insistia nos barulhos e nos gritos, quasi epilepticamente?

Esperava o Novo Anno! E havia cordões fantasiados, e havia prestitos, e assaltos de bonds, e a polychromia faiscante das noites de carnaval, sob a chuva em que passam e riscam a retina todas as côres do espectro num fundo que ora é como o verso de Mallarmé

“Cet unanime blanc conflit  
D'une guirlande avec la même,”

ora se faz como no verso de Beaudelaire

“Le charme inattendu d'un bijou rose et noire.

Com um pouco mais havia a piada e o trotte, enquanto os carros rodavam a toda para os clubs de prazer, e em grupos discutiam, não em dormir, mas em qual prazer continuar a noite. Tomei um bond que ia a passo — a coisa unica que andava de vagar, onde havia muita gente, e de repente ouvi como uma chicotada nos meus nervos:

— Meia noite !

Voltei-me. Era num grupo, á porta de certo botequim, da rua da Assembleia.

— Meia noite !

Era em outra porta, outra voz. Consultei o relógio. Faltavam dois minutos, dois minutos apenas, no meu relógio, para a meia noite. Nenhum relógio está certo na convenção de medir o tempo. Não terminava anno nenhum senão o que convencionamos commercialmente terminar. Mesmo esse acabaria em diversos momentos para cada pessoa, fiada no seu relógio, sempre o mais complacente amigo ! Mas pouco importava que assim fosse ! Ao passo que o bond ia avançando, as mesmas palavras soavam:

— Meia noite !

— Meia noite !

Quando chegámos á praça 15 de Novembro, subitamente na tréva molhada pelo temporal onde passeava gente, ouviu-se um formidavel barulho. Eram os vapores, eram barcas, eram



as lanchas no mar silvando doidamente, eram as fabricas, eram os estabelecimentos de todos os pontos da cidade tocando a rebate, sinos grandes, sinos pequenos, estridulos toques de campainha electrica, e no meio dessa furia de sons, homens freneticos, mulheres freneticas, creanças freneticas, gritando, imitando vozes de bichos, berrando, cacarejando e rindo perdidamente, radiantes como os precusores da esperança...

Para que não dizer? Fiquei com medo, com medo nessa confiança no amanhã sempre obscuro. Porque dividir o tempo para desprezar o passado e contar muito com o que virá? No dia seguinte essa gente recommearia a faina sem pensar no excesso anterior? O anno novo existia desde que tanta gente nelle acreditava, não como uma repetição. Mas traria a fortuna, o prazer, a satisfação, ou o horror, ou a molestia ou a morte. Imprudente é o homem que folheia um calendario sem pensar que os seus olhos pousam talvez no seu ultimo mez, no seu ultimo dia. Não é aquelle que olha uma hora sem pensar que talvez a mesma hora seja a sua ultima dentro em pouco... Eu teria vontade de voltar atraz, de apanhar de novo a flôr da adolescência e os carinhos que jámeis voltam, de repetir, de repetir indefinidamente o mesmo beijo na mesma face, o mesmo gesto para as mesmas pessoas e finir-me assim, sem mais

odios, sem mais amizades de que se duvida, com a illusão de ter sido eterno na vida breve...

Como toda essa gente presa á esperanza gritava dionysicamente pelas ruas o prazer de acabar para ir adeante, sem receios, sem temores, sem pensar? O homem que reflecte é como a flecha de Zenon... Para que reflectir nessas tristes coisas? Os annos passam com dores e felicidades, muito mais dores, e assim se succederão emquanto os vemos e depois que em um delles se nos cerram os olhos. A causa da alegria é a mesma da tristeza: a illusão. Tudo é illusão.

E para o maior bem é a illusão que impetuosamente arrasta este Rio para o amanhã, nestas festas de anno bom (talvez hoje já um pouco velho) porque nesse impeto á espera do melhor que ha-de vir, nós somos melhores, mais generosos, menos vis e mais sinceros.

Voltaire disse:

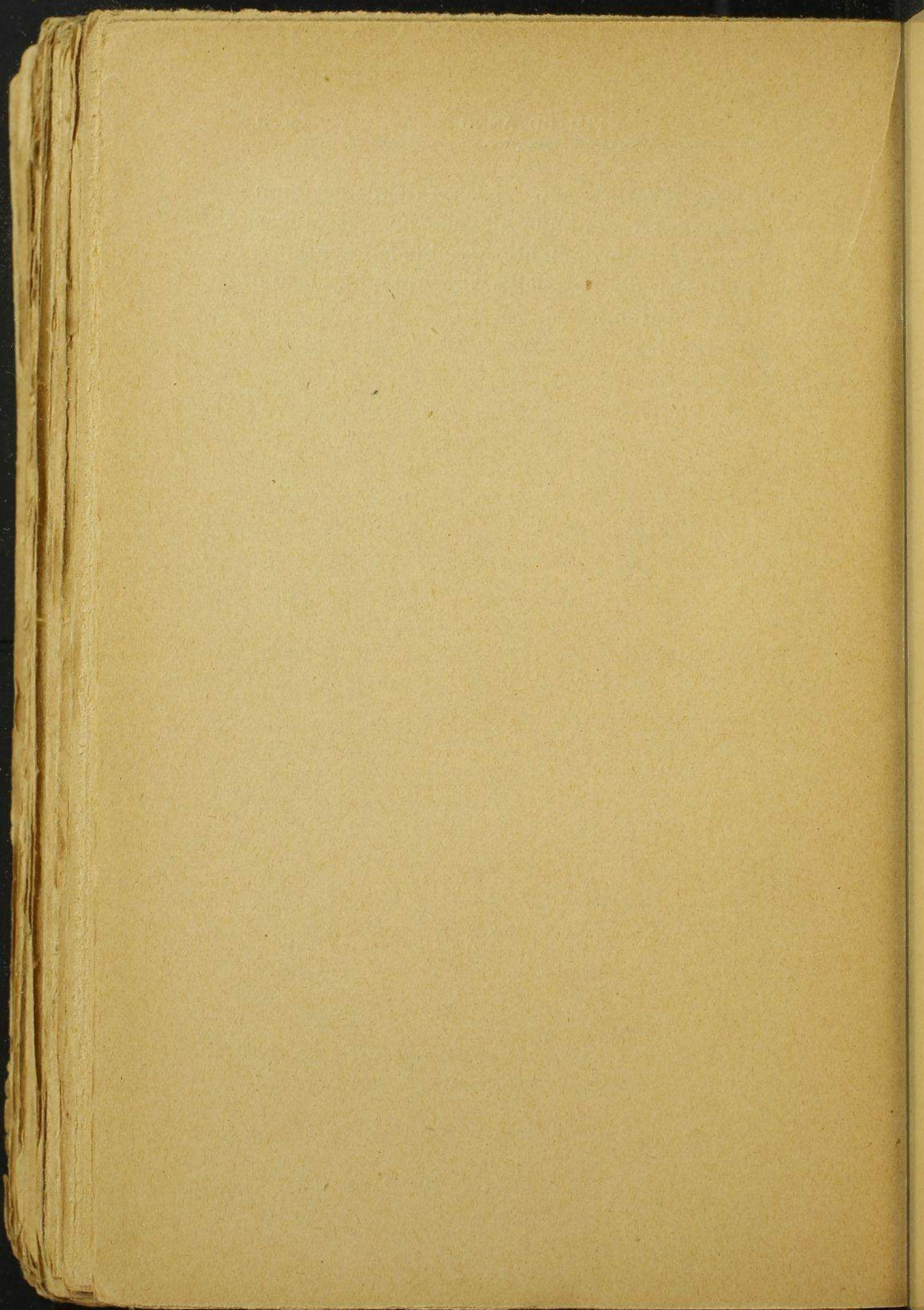
*“L’Univers me confond et je ne puis songer  
Que cette horloge existe et n’ait point d’horloger.”*

Pena é que o relojoeiro não fizesse no grande relogio um eterno anno bom. Seria afinal aborrecido, mas moralmente agradavel, porque de

---

certo não haveria certos receios delicados num momento de tão confiada alegria, nem creaturas para pensar amargamente quando a Esperança é a mascara do «espectro do Amanhã a que chamam Destino.»

FIM



INDICE

INDEX

## INDICE

---

	Pag.
<i>O que ensinam os dias...</i>	
O que ensinam os dias... . . . . .	11
<i>Dias de fantasia:</i>	
O avesso da vida . . . . .	21
O leão do Mercado . . . . .	30
O presidente ideal. . . . .	39
Chegada de um estrangeiro ao Rio . . . . .	49
As palavras do elephante amestrado . . . . .	58
As delicias do poder . . . . .	67
Entrevista . . . . .	75
A correspondencia de Plinio o Joven . . . . .	84
A Grande Letra . . . . .	98
A reportagem de S. Pedro . . . . .	101
<i>Dias de milagre:</i>	
O Jubileu de Congonhas — A caminho . . . . .	113
Da estação ao Santuario. . . . .	123
Os 7 passos. . . . .	132
Milagres e promessas . . . . .	141
Os mendigos . . . . .	150
A feira . . . . .	159

	Pag.
<i>Dias de burla:</i>	
Os Exploradores do Espiritismo . . . . .	171 a 314
<i>Dias de observação:</i>	
A opinião de Miss Boston . . . . .	317
O dia de Judas Iskariote . . . . .	326
O Secreta amador. . . . .	335
Gente ás janellas . . . . .	343
A revolução dos "Films". . . . .	351
Como se faz o gaz . . . . .	360
Reflexões importantes . . . . .	371
Os grandes Hoteis. . . . .	380
A apparencia da riqueza. . . . .	389
Para passar o verão . . . . .	397
Fardas . . . . .	406
<i>O Fim do Anno:</i>	
O Fim do Anno . . . . .	417



11  
14  
17  
18  
25  
26  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47

8069



# Libraria Charbon

De LELLO & IRMÃO

\* \* RUA DAS CARMELOTAS, 144 — PORTO \* \*

## COELHO NETTO

Esphynges, .. .. .	600
Sertão, .. .. .	600
Agua de Juventa, .. .. .	700
A Bico de penna, .. .. .	700
Romanceiro .. .. .	500
Jardim das Oliveiras .. .. .	500
Fabulario .. .. .	500
Miragem, romance, 1 vol. ..	600
Theatro, vol. I .. .. .	800
Theatro, vol. II. .. .. .	400
Quebranto (theatro), 4.º vol.	500
Apologos .. .. .	500
Mysterio do Natal .. .. .	500
Inverno em flor .. .. .	700
O Morto .. .. .	600
Banzo .. .. .	no preço
Rel negro .. .. .	»

## VICENTE DE CARVALHO

Poemas e Canções .. .. .	600
Versos da Mocidade, .. .. .	600

## JOÃO GRAVE

Os famintos .. .. .	500
A eterna mentira .. .. .	600
O ultimo fauno, .. .. .	500
O Passado .. .. .	500
Gente pobre, .. .. .	600

## ABEL BOTELHO

### Pathologia Social:

I — O Barão de Lavos, romance, 3.ª edição, 1 vol.	800
II — O Livro d'Alda, romance, 1 vol. .. .. .	800
III — Amanhã, romance do proletariado, 1 vol. .. .. .	1\$000
IV — Fatal dilemma, 1 vol.	800
V — Prospero Fortuna, 1 v.	1\$000

Sem remedio, romance, 1 v.	500
Os Lazaros, romance, 1 vol	700
Mulheres da Beira, 1 vol. ..	700
Idyllio triste, romance, .. ..	no preço

## MATHEUS DE ALBUQUERQUE

Visionario, .. .. .	500
---------------------	-----

## THEOPHILO BRAGA

Visão dos Tempos, 4 vol. . .	2\$400
------------------------------	--------

### Alma Portuguesa

Viriatho .. .. .	600
Frel Gil de Santarem, .. ..	600
Os Doze de Inglaterra, .. ..	500
Gomes Freire .. .. .	600

### Historia da Litteratura Portuguesa

Introducção e Theoria da Historia da Litteratura portugueza, 1 vol. .. .. .	700
Bernardim Ribeiro e o Bucolismo, 1 vol. .. .. .	700
Gil Vicente e as Origens do Theatro nacional, 1 vol.	800
Eschola de Gil Vicente e o desenvolvimento do Theatro nacional, 1 vol. .. ..	800
Sá de Miranda e a Eschola italiana, 1 vol. .. .. .	700
Camões — Vida e Epoca, 1 grosso vol. .. .. .	1\$200
— Obra (Bibliographia camoniana) .. .. .	1\$200
Camões e o Sentimento nacional, 1 vol. .. .. .	600
A Arcadia lusitana, 1 vol.	1\$000
Filinto e os Dissidentes da Arcadia, 1 vol. .. .. .	1\$200
Bocage, sua vida e Epoca litteraria, 1 vol. .. .. .	1\$000
Garrett e o Romantismo, 1 vol. .. .. .	800
Garrett e os Dramas romanticos, 1 vol. .. .. .	1\$200
As modernas Ideias na Litteratura portugueza, 2 v.	1\$500
Recapitulacão da Historia da litteratura, I vol., Edda de Média .. .. .	800
Renascença .. .. .	no preço
—	
Patria portugueza .. .. .	600
Lendas Christãs .. .. .	700
Systema de sociologia .. .. .	1\$500
Cançoneiro portuguez da Vaticana, edição critica, .. ..	5\$000